



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL**

PEDRO PAULO DA SILVA MARTINS

**MÁQUINAS PARADAS E PÉS À OBRA: FUTEBOL E LAZER FABRIL EM
FORTALEZA (1949-1965)**

FORTALEZA

2017

PEDRO PAULO DA SILVA MARTINS

MÁQUINAS PARADAS E PÉS À OBRA: FUTEBOL E LAZER FABRIL EM
FORTALEZA (1949-1965)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.
Área de Concentração: História Social.

Orientador: Prof. Dr. Frederico de Castro Neves.

FORTALEZA

2017

Dados Internacionais de Catalogação Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M345m Martins, Pedro Paulo da Silva.
MÁQUINAS PARADAS E PÉS À OBRA: FUTEBOL E LAZER FABRIL EM FORTALEZA (1949-1965) / Pedro Paulo da Silva Martins. – 2017.
159 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós- Graduação em História, Fortaleza, 2017.
Orientação: Prof. Dr. Frederico de Castro Neves.

1. Futebol Fabril. 2. Fortaleza(CE) - 1949-1965 . 3. Profissionalização. 4. Lazer Proletário. I. Título.

CDD 900

PEDRO PAULO DA SILVA MARTINS

MÁQUINAS PARADAS E PÉS À OBRA: FUTEBOL E LAZER FABRIL EM
FORTALEZA (1949-1965)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em História.
Área de Concentração: História Social.

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Frederico de Castro Neves (Orientador)
Universidade Federal do Ceará – UFC

Profa. Dra. Lídia Noêmia Silva dos Santos
Universidade Estadual do Ceará – UECE

Profa. Dra. Simoni Lahud Guedes
Universidade Federal Fluminense – UFF

Prof. Dr. Jailson Pereira da Silva (Suplente)
Universidade Federal do Ceará – UFC

A meu pai (em memória), pois quando o
espelho é bom ninguém jamais morreu.

AGRADECIMENTOS

Meu agradecimento primeiro vai para Francisca Fátima, minha querida mãe. Obrigado pelo amor incondicional e orações devotadas aos meus anseios e desejos. Aquela sua frase: “não se preocupe, vou rezar por você”, sempre me encheu de confiança e coragem.

Agradeço a minha companheira de todos os momentos, que ao longo do processo de escrita se tornou minha esposa, Natalha Pinheiro. Para você que esteve comigo nessa longa caminhada acadêmica desde antes da graduação e sempre foi meu ombro amigo nos momentos de dúvidas e angústias, meu muito obrigado!

Agradeço a minhas lindas sobrinhas e sobrinho, com os quais mais aprendi do que ensinei; minha cunhada, Haryella; minha irmã, Rejane; e meu irmão, Bosco Júnior, este que me iniciou nas emoções que vem das arquibancadas.

Minha gratidão aos meus amigos de uma vida: Duddu, Denis, Jackson e Terceiro. Muita coisa se aprende e se compartilha entre dribles e pontapés nos campinhos de terra da vida.

Meus agradecimentos também vão para meus colegas da pós-graduação, em especial à Clarissa Franco, a Renan Silva, a Manuelle Araújo, a Jormana Araújo e a Raul Kenedy. Também estendo minha gratidão Daniel Alencar e Lucas Assis, fundamentais para os primeiros passos dessa pesquisa.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de pesquisa.

Muito deste trabalho se deve pelas orientações e apontamentos do professor Frederico de Castro Neves. Muito obrigado pela paciência e dedicação prestadas desde a época da graduação em que discutamos textos e possibilidades no “Grupo de Estudo História e Memória do Futebol”. Suas aulas e orientações me ajudaram no crescimento acadêmico e no amadurecimento como ser humano. Aproveito para agradecer aos companheiros do grupo de estudos: Vicente Maia, João Vianey e Sávyo Enrico. Obrigado pelas tardes de muito aprendizado.

Sou grato aos professores que contribuíram de alguma maneira com meu trabalho. Aos professores das disciplinas do curso de Mestrado em História Social – João Ernani, Régis Lopes e Meize Regina –, aos professores que estiveram presentes na minha qualificação – Jailson Pereira e Lídia Noêmia – e ao professor Gilmar de Carvalho.

Não poderia de deixar de agradecer aqueles que me ajudaram no trabalho de campo. Portanto, meus agradecimentos vão para “seu Manu”, bibliotecário do SESI; Paula,

bibliotecária do Museu da Indústria; Eugênio e Emanuel, pesquisadores do futebol cearense; e aos funcionários da Associação Cearense de Imprensa e da Biblioteca Pública Menezes Pimentel. Estendo meus agradecimentos aos ex-craques da bola que me concederam entrevistas – Edmar, Viana, “Zé do Mário” e “Zé Gerardo”.

Muito obrigado!

“Por que sem ela ninguém joga. Comecei na Fábrica Bangu, trabalhando, trabalhando, até que encontrei minha amiga. E fui muito feliz com ela”.

(Domingos da Guia. Depoimento dado a Roberto Mora. In: Futebol ao sol e à sombra).

RESUMO

Por meio das práticas esportivas e de lazer, podemos apreender diversas significações sociais e culturais de uma determinada sociedade. Esta premissa também se confirma no que se refere aos estudos históricos inerentes ao mundo do trabalho, uma vez que o mesmo pode ser estudado para além das relações de produção. A presente pesquisa tem por objeto de estudo o clube de futebol Usina Ceará Atlético Clube – equipe formada, inicialmente, apenas por trabalhadores da fábrica Siqueira Gurgel, que se situava no bairro do Otávio Bonfim e trabalhava basicamente com o beneficiamento do algodão e óleos. Por meio deste, objetivamos perceber como se dava a prática do futebol que se inicia dentro das fábricas e como essa prática reverbera dentro do mundo do trabalho. O recorte temporal de nosso trabalho compreende os anos entre 1949 e 1965, período de existência do clube pesquisado. Concomitante ao objetivo principal, este trabalho tem por objetivo examinar: como os equipamentos de lazer construídos pela fábrica Siqueira Gurgel constituíam-se em espaços institucionalizados de distinção do lazer entre seus frequentadores; como se deu o processo de profissionalização do futebol praticado entre os clubes inseridos nos quadros da Federação Cearense de Desportos (FCD); e analisar a prática do futebol desenvolvido no circuito interfábricas, agora sob a tutela do Serviço Social da Indústria (SESI).

Palavras-Chave: Futebol Fabril, Fortaleza(CE) - 1949-1965, Profissionalização, Lazer Proletário.

ABSTRACT

Through leisure and sportive practices, one could grasp several social and cultural meanings in a given society. This assumption is also valid in historical studies about labour world, once this can be studied beyond production relations. This research aims to study the football club Usina Ceará Atlético Clube – squad initially consisted only by workers from Siqueira Gurgel factory, that was placed at Otávio Bonfim neighborhood and worked mainly processing cotton and oils. Through this we have as a goal perceive how the football practice that started at the factory happened and how this affects workers life. The temporal framing of our study comprise the years between 1949 and 1965, existing period of the researched club. Flowing alongside the main goal, this study aims to examine how leisure equipments built by Siqueira Gurgel were institutionalized areas of leisure distinction between its visitors, how the professionalization process happened to football clubs members of Federação Cearense de Desportos (FCD), and to analyze the football practice developed at the inter-factory circuit under Serviço Social da Indústria (SESI) supervision.

Key words: Factory Football; Fortaleza; Professionalization; Workers Leisure.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Equipe do Usina Ceará, campeã da Divisão Secundária da FCD	34
Figura 2- Ônibus e delegação do Usina Ceará em excursão na Paraíba, em 1956.....	37
Figura 3 - Torcedores do CSC após vitória contra Usina pelo campeonato de 1955	39
Figura 4- Doze equipes de futebol de fábricas da cidade de Fortaleza perfiladas como parte da cerimônia de abertura do II Campeonato das Indústrias de Fortaleza	125
Figura 5- Tabela de classificação do Campeonato Cearense de Futebol do ano de 1955 publicada nas páginas esportivas do jornal “O Povo”	139
Figura 6- Elenco e escudo do Usina Ceará em 1952	146
Figura 7- Elenco e escudo do Usina Ceará em fins da década de 1950.....	146

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADC (Associação Desportiva Cearense)

ACD (Associação dos Cronistas Desportivos)

APCDEC (Associação Profissional dos Cronistas Desportivos do Ceará)

CBD (Confederação Brasileira de Desportos)

CSC (Ceará Sporting Club)

CLT (Consolidação das Leis do Trabalho)

Cr\$ (Cruzeiros)

ECT (Empresa de Correios e Telégrafos)

FAC (Ferroviário Atlético Clube)

FCD (Federação Cearense de Desportos)

FCF (Federação Cearense de Futebol)

FEC (Fortaleza Esporte Clube)

FIFA (Fédération Internationale de Football Association)

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)

ICASA (Indústria e Comércio de Algodão)

INSS (Instituto Nacional do Seguro Social)

RVC (Rede de Viação Cearense)

SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial)

SESI (Serviço Social da Indústria)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	ENGRENAGENS DO LAZER: RELAÇÕES ENTRE DESPORTO E A FÁBRICA SIQUEIRA GURGEL.....	25
2.1	A Fabricação de um clube fabril: surgimento do Usina Ceará Atlético Clube.	25
2.2	O processo de profissionalização do “clube proletário”.	41
2.3	O lazer distinto: o clube social do Usina Ceará e a Cancha Proletária.	54
3	PROFISSIONAIS NO GRAMADO E NO CHÃO DA FÁBRICA.....	68
3.1	O processo de profissionalização no futebol cearense entre as décadas de 1950 e 1960.....	68
3.2	Particularidades de clubes fabris na dinâmica do profissionalismo.....	83
3.3	Operário-jogador entre dominações e resistências	97
4	FUTEBOL PROLETÁRIO EM FORTALEZA: ENTRE O CAMPEONATO DAS INDÚSTRIAS E CAMPEONATO CEARENSE.....	111
4.1	O Serviço Social da Indústria e os programas de desporto e lazer em Fortaleza.	111
4.2	O Campeonato das Indústrias de Fortaleza e a sociabilidade operária.	121
4.3	A experiência de um “clube proletário” entre os profissionais.....	133
5	CONCLUSÃO	149
	REFERÊNCIAS	153
	BIBLIOGRAFIA.....	156

1 INTRODUÇÃO

Ao empreender uma pesquisa, o pesquisador precisa se identificar e gostar daquilo que se propõe a investigar. No caso do *métier* historiográfico essa condição é indispensável, uma vez que a construção do conhecimento histórico reside no problema, na dúvida e no questionamento. Portanto, ter afinidade com o tema pesquisado é fundamental para ir buscar as respostas das questões levantadas.

Um dos assuntos que mais me traz lembranças, mesmo que nem sempre boas, é o futebol. Desde as primeiras idas aos estádios, passando pelos campeonatos interestaduais disputados na adolescência, até os “rachas” semanais de hoje em dia, esse esporte está presente no meu fazer-se.

E foi a afinidade que tenho pelo futebol que me motivou a empreender pesquisa histórica acerca desse esporte. Pesquisa esta que vê o esporte bretão fora do lugar comum que é reservado a ele na grande mídia, pois acredito que a designação do futebol como prática social está para além de um mero joguete de dominação das majorias por uma elite minoritária.

Não quero com isso dizer que o futebol, principalmente nos circuitos profissionais dos campeonatos federados nacionais ou mundiais, não seja utilizado como uma ferramenta de influência social. Realmente, essa relação existe e é bem feita com seus fetiches e outras representações. Mas engessar o jogo de futebol a essa única e exclusiva característica é, no mínimo, subestimar o poder de agência do povo.

Durante muito tempo, o desporto, como objeto da produção de conhecimento, foi deixado de lado pelos cientistas sociais. Entendido como uma coisa vulgar, uma atividade orientada para o prazer, que envolve corpo mais do que mente e sem valor econômico, o desporto não é considerado como um assunto que levante problemas sociológicos tão importantes como os problemas de ordem política e econômica (ELIAS; DUNNING, 1992).

No entanto, essas ideias passam a ser revistas, tendo em vista que o estudo das práticas esportivas, para além de sua cultura física, apresenta problemáticas sociais que merecem ser estudadas também por pesquisadores das Ciências Humanas. Desta forma, a noção investigativa que norteia este trabalho se baseia nas tensões sociais que vêm à tona quando estudamos o desporto e o lazer como espaços de atuação de sujeitos históricos que interagem permeados de interesses conflitantes.

Na pesquisa histórica, o recorte temporal apresenta-se como um fator de ponderação, uma vez que o tempo é uma das variáveis essenciais entre as que integram a

definição de realidade histórica (ARÓSTEGUI, 2006). A questão da temporalidade é importante porque precisamos situar o fato estudado em seu contexto histórico para não incorrer em anacronismos.

Ao estudarmos as práticas de futebol fabril em Fortaleza, é de extrema importância que haja uma correta delimitação temporal para não deixarmos ecos desse tema em outra temporalidade serem sentidos em nossa pesquisa¹. Portanto, nosso recorte temporal se dará entre os anos de 1949 e 1965, anos que compreendem a existência do nosso objeto de estudo pesquisado: o clube de futebol Usina Ceará Atlético Clube.

Equipe de início fabril, uma vez que é composta por operários da fábrica Siqueira Gurgel & Cia. Ltda², o Usina Ceará, começa suas atividades disputando partidas amadoras pelos certames interfábricas da cidade. Num curto período de tempo o Usina ingressa nos quadros da Federação Cearense de Desportos³ (FCD) (1951), conquista o Campeonato da Segunda Divisão de Futebol promovido pela FCD (1952), obtendo o direito de jogar na elite do quadro da FCD – o Campeonato Cearense da Primeira Divisão -, o que acontece entre os anos de 1953 e 1965.

A constituição de equipes de futebol oriundas de fábricas foi bastante comum no processo de popularização desse esporte na primeira metade do século XX na cidade de Fortaleza⁴. Mas, por questões organizacionais, poucas foram as que conseguiram obter vida longa e quem sabe participar do seleto grupo das equipes que compunham o primeiro escalão do futebol cearense. Assim sendo, a equipe do Usina Ceará guarda na sua constituição características fabris num momento em que o futebol se tornava cada vez mais inserido num processo de profissionalização.

Ao tomarmos a equipe do Usina Ceará como objeto de estudo, pretendemos perceber como se dava a prática do futebol que se inicia dentro das fábricas durante o período pesquisado e como essa prática reverberava dentro do mundo do trabalho.

¹ A temática do futebol fabril em Fortaleza já foi estudada pelo historiador Rodrigo Pinto (2007). Pioneiro nos estudos sobre futebol na historiografia do nosso estado e de grande valia para a produção de nossa pesquisa, o trabalho de Rodrigo – “Do passeio público à ferrovia: o futebol proletário em Fortaleza (1904 – 1945)” – irá tratar do processo de formação de clubes operários dentro de um contexto de popularização do futebol que ainda se dava entre as camadas mais abastadas da sociedade local. Por mais que o futebol fabril seja a temática central, o recorte temporal de sua pesquisa o permite lançar questões que não cabem mais na historicidade de nossa pesquisa, como o processo de apropriação que os menos abastados faziam de uma atividade esportiva circunscrita aos filhos das elites da cidade, os *sportmens*.

² Situada na zona leste da cidade – mais precisamente no Bairro Otávio Bonfim, hoje chamado de Farias Brito – a Siqueira Gurgel atuava no ramo têxtil e no beneficiamento de oleaginosas.

³ A FCD era a federação no estado que era subsidiada à Confederação Brasileira de Desporto (CBD), principal instituição do desporto nacional. Era a responsável pela organização do circuito do futebol profissional.

⁴ Iremos detalhar o contexto dessas equipes no tópico 4.1 desta dissertação.

Neste trabalho, buscamos dar importância às experiências de vida dos trabalhadores para além do chão da fábrica e dos aspectos relativos à produção. É importante lembrar que os processos de urbanização e industrialização da cidade de Fortaleza tomam impulso a partir da década de 1950, período de nosso recorte temporal, e para os trabalhadores urbanos as transformações provocadas por esses processos serão sentidas em diversos segmentos sociais, inclusive nas formas de lazer.

A formação de times de futebol nos bairros e locais de trabalho para disputarem campeonatos ou “peladas” nos fins de semana constituem experiências de lazer da classe trabalhadora⁵. Seja torcendo ou jogando, os operários transformam os campos e estádios de futebol em espaços de sociabilidade durante os amistosos ou campeonatos. Campeonatos estes que, no recorte temporal de nossa pesquisa, passam a ser organizados pela Seção de Recreação e Educação Social do Serviço Social das Indústrias – SESI-CE. Portanto, compreender o futebol como uma ferramenta agregadora de classe, principalmente a classe trabalhadora, constitui outro objetivo de nossa pesquisa.

A relação existente entre o futebol e o mundo do trabalho não é uniforme, ela nos surge por meio de diversas nuances. Empresários e empregados se relacionam com o futebol de maneiras diferentes e, não raras as vezes, conflitantes. Assim, outro objetivo de nossa dissertação é entender quais intenções os donos de fábricas tinham em fomentar e patrocinar a prática do futebol entre seus funcionários, além de analisar o modo como os trabalhadores se apropriavam do futebol que partia de dentro das fábricas.

Como nosso objeto de pesquisa estava inserido nos quadros da FCD e contava com jogadores profissionais de futebol em seu plantel, é nosso interesse compreender o processo de profissionalização dos jogadores de futebol em Fortaleza durante as décadas de 1950-60, uma vez que desde 1939 tal profissão era regulamentada, mas, mesmo assim, durante o período estudado ainda não está bem definido o que era ser um “profissional da bola”.

O fato por si só não será histórico. Cabe ao historiador dotá-lo de significância a partir de suas especificidades históricas e suas relações com os demais segmentos sociais em que está inserido. Para tanto, é indispensável ao historiador ter contato com as fontes históricas acerca do objeto pesquisado. Mas apenas descobrir e catalogar tais fontes não é o

⁵ Essas características podem ser vistas na Inglaterra já a muito industrializada em inícios do século XX. De acordo com Eric Hobsbawn: “(...) o operário era segregado pela divergência de estilos de vida, do “que os operários fazem”, daquilo que as outras classes faziam. Desta forma, parece claro que à medida que o futebol ganhou apoio das massas, tornou-se cada vez mais uma atividade proletária, tanto para jogadores quanto para torcedores. (Hobsbawn, 1987, p. 288-9).

bastante para a construção do conhecimento histórico. É preciso que o historiador interrogue as evidências para dar significado às ações dos homens no passado (NEVES, 2003). Para haver uma correta interrogação das fontes é preciso que saibamos tratar com tipos de documentos históricos diferentes e analisá-los nas suas particularidades de tipo e de linguagem.

Antes de apresentar as fontes históricas que utilizamos neste trabalho, cabe aqui deixarmos um reclame sobre o descaso com que é tratada a memória do futebol cearense, principalmente no que se refere à instituição regulamentadora do futebol profissional no estado. Nenhum documento referente ao período de nosso recorte temporal foi encontrado nas dependências da FCF (Federação Cearense de Futebol), o que não nos permitiu ter acesso às fontes institucionais. Para suprir a falta desses documentos, nos valem de diversos tipos de fontes históricas.

Durante o período histórico pesquisado os jornais da capital darão maior ênfase às suas páginas esportivas. Segundo o historiador e jornalista cearense Geraldo Nobre, entre os anos de 1950 e 1959, o jornalismo cearense deu maior importância aos acontecimentos esportivos para obter maior vendagem de jornais (NOBRE, 2006, p.154). É aí que o futebol começa a ganhar importância nos periódicos da capital. Não que o futebol já não tivesse espaço dentro dos jornais, mas percebe-se maior apelo ao esporte nas páginas esportivas. As matérias sobre esporte ficam maiores e melhores, além de ganhar espaço de divulgação em páginas específicas dos jornais. Assim, os jornais que utilizaremos como fontes desta pesquisa são: “Correio do Ceará”, “Gazeta de Notícias”, “O Democrata”, “O Estado”, “O Povo”, “Tribuna do Ceará” e “Unitário”.

Outra fonte periódica que utilizaremos aqui consiste nas revistas esportivas que circularam em Fortaleza entre as décadas de 1940 e 1960. Revistas dos mais variados segmentos podem permitir ao historiador recuperar parte do universo mental do período pesquisado. A revista como documento histórico traz ao pesquisador, de forma lúdica, uma gama de possibilidades de interpretação, uma vez que por meio de texto, imagens e técnica de escrita, para uma leitura mais amena, é possível ter noção do quadro histórico do recorte temporal em questão (MARTINS, 2008).

Num trabalho historiográfico que tem um clube de futebol como objeto de pesquisa é interessante ter as revistas esportivas que circularam durante o recorte temporal e

espacial da pesquisa como fontes. Para tanto foram selecionadas duas revistas de circulação na cidade de Fortaleza – “Cancha” e “O Crack” – além da revista carioca “Sport Ilustrado”⁶.

Acreditamos que a escrita memorialística de cronistas, principalmente os que trabalharam no meio esportivo durante o recorte histórico pesquisado, constitui uma boa possibilidade de apreendermos algumas significações do mundo futebolístico, para além de sua prática esportiva.

É importante frisar que os livros de memorialistas selecionados não tratam do futebol apenas em seu âmbito esportivo. Eles abordam aspectos relativos ao cotidiano futebolístico e urbano de Fortaleza em suas práticas e espaços, além das dimensões culturais dos atletas. As obras memorialísticas compreendidas aqui como fontes para o desenvolvimento de nossa pesquisa são as seguintes: “Futebol cearense: retalhos históricos” (2007), do jornalista esportivo Alfredo Sampaio; “Presepadas no mundo da bola” (2003) e “Futebol cearense: um século de história” (2002), de Alberto Damasceno, que fora colunista esportivo do jornal “Correio do Ceará”, treinador e presidente do América Futebol Clube, empresário de jogadores cearenses e dirigentes do Ceará Sporting Club.

Além dos “memorialistas da bola”, a escrita memorialística de Vicente de Paula Moraes, foi de grande contribuição. Em seu livro “Anos dourados em Otávio Bonfim”, conseguimos apreender aspectos do cotidiano do bairro e a relação deste com a fábrica Siqueira Gurgel e o futebol⁷.

A disposição de fontes orais nesta pesquisa vem da necessidade de obtermos ampliação de perspectivas acerca dos indivíduos que atuaram no contexto histórico estudado, mas não deixaram registros acessíveis aos pesquisadores, a saber: jogadores amadores, trabalhadores da fábrica Siqueira Gurgel, atletas profissionais e jogadores de equipes fabris que atuavam pelo Campeonato das Indústrias de Fortaleza⁸. Assim, a História Oral nos surge como uma possibilidade de dar voz a esses indivíduos. Segundo o historiador Hilário Franco Júnior, “é preciso entrevistar dirigentes, jogadores e torcedores da velha guarda que possuem

⁶ As revistas “Cancha” e “O Crack”, estão em arquivo pessoal do autor em formato JPEG. Já a “Sport Ilustrado” foi encontrada no sítio da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

⁷ O futebol no bairro Otávio Bonfim tinha vida intensa. Além do Usina Ceará, o bairro contava com diversas equipes amadoras durante as décadas de 1950 e 1960.

⁸ Hobsbawm também aponta para a história oral como uma forma de dar voz aos trabalhadores e obtermos informações sobre seu modo de vida. “Mais uma vez, é importante recuperar o que pudermos sobre o modo como os trabalhadores pobres viviam, agiam e pensavam, e, na medida em que agora está se produzindo uma grande quantidade de ‘história oral’ ou mesmo de memórias (como as publicadas pela History Workshop) realmente escritas por homens e mulheres da classe trabalhadora, há uma importante ampliação de nossa perspectiva” (HOBBSAWM, 1987, p.23).

informações não registradas em outro lugar, recorrendo para tanto a técnica da História Oral” (FRANCO JÚNIOR, 2014, p. 382).

Não queremos com isso dizer que tais indivíduos não sejam capazes de “escrever” sobre si mesmos. Apenas ressaltar as dificuldades que existem em obter evidências dos grupos anteriormente citados em espaços públicos de pesquisa e até mesmo nos periódicos da época. Assim, a História Oral será, além de uma metodologia de pesquisa, uma constituição de fontes, que possibilitará a ampliação da interpretação do passado (ALBERTI, 2011).

Assim como a escrita memorialística, as entrevistas precisam de certo cuidado em seu trato como fonte histórica. Entendendo que as entrevistas podem não revelar verdadeiramente aquilo que ocorreu no passado, tendo em vista as subjetividades do entrevistado, ela é apenas uma fonte e, como tal, deve passar por todo o processo de análise, interpretação e problematização para ter valor na produção de conhecimento histórico.

Para o desenvolvimento deste trabalho, nos valem de sete entrevistas, a saber: três entrevistas com senhor José Viana de Melo, que fora trabalhador da fábrica Siqueira Gurgel e jogador do Usina Ceará durante os anos de 1952 e 1961; uma entrevista com Edmar Gurgel Coelho, que foi atleta aspirante da equipe do Usina Ceará e trabalhador da Siqueira Gurgel; uma entrevista com José Gerado da Cruz, atleta do Usina Ceará e do Ceará Sporting Club; uma entrevista com o senhor José Alves de Souza, que disputou edições do Campeonato das Indústrias de Fortaleza pela fábrica Usina Parangaba, além de ter jogado no quadro principal do Ferroviário entre os anos de 1964 e 1966; e uma entrevista com o industriário e ex-sócio da Siqueira Gurgel, senhor Eduardo Gurgel⁹.

Para alcançarmos os objetivos propostos nesta pesquisa trabalhamos com largo aporte teórico que se aproximam do trato com futebol, desporto ou lazer dentro das Ciências Humanas. Na área da historiografia dialogamos com Bárbara Weinstein (2000), Caio Lucas Moraes Pinheiro (2013), Denise Bernuzzi Sant’Anna (1994), E. J. Hobsbawm (1987), Flávio de Campos (2014), Hilário Franco Júnior (2007; 2014), Leonardo Soares dos Santos (2014), Marcos Guterman (2010) e Rodrigo Pinto (2000). Na área da sociologia nos apropriaremos das ideias de Fátima Antunes (1994), Joffre Dumazedier (1973), Norbert Elias; Eric Dunning (1992), Richard Giullianoti (2002) e Waldenyr Caldas (1994). Entre as obras da antropologia nos valem dos escritos de Anatol Rosenfeld (1993), Arlei Sander Damo (2014), José Sérgio Leite Lopes (2004), Roberto DaMatta (2006) e Simoni Lahud Guedes (1982). Já na área da

⁹ As entrevistas realizadas com ex-jogadores – Edmar Gurgel Coelho, José Alves de Souza, José Gerado da Cruz e José Viana de Melo – foram concedidas para esta dissertação. Já a entrevista com Eduardo Gurgel está disponível no acervo do Núcleo de Documentação Cultural da Universidade Federal do Ceará (NUDOC).

geografia, Fernando da Costa Ferreira (2005) e Gilmar Mascarenhas (2002), nos deram aporte.

Permeando os capítulos, teremos o estabelecimento de relações entre futebol, questões relativas aos mundos do trabalho e a associação dessas questões com o processo de urbanização e industrialização da cidade de Fortaleza. Para a divisão de nosso trabalho foram estabelecidos três capítulos que serão subdivididos em três tópicos cada.

No primeiro capítulo, “Engrenagens do lazer: relações entre desporto e a fábrica Siqueira Gurgel”, analisaremos a fábrica Siqueira Gurgel como uma instituição fomentadora das práticas do desporto e do lazer para seus operários e a comunidade que habitava em seus entornos. Neste capítulo, daremos ênfase aos interesses e iniciativas que os dirigentes da fábrica dão ao desporto. Para tanto, dividimos este capítulo em três tópicos.

No primeiro tópico, “A fabricação de um clube fabril: surgimento do Usina Ceará Atlético Clube”, compreenderemos o Usina Ceará a partir da sua relação com o financiamento patronal e como essa dependência reverberava nas relações de trabalho da fábrica no decorrer de sua existência. Objetivamos perceber como a iniciativa de montar uma equipe de futebol com operários da Siqueira Gurgel serviria como ferramenta que disciplina o tempo livre dos empregados, uma vez que, no primeiro momento, a equipe seria formada apenas por operários-jogadores.

No segundo tópico, “O processo de profissionalização do ‘clube proletário’”, discutiremos sobre o processo de profissionalização ao qual a “equipe proletária” passou no decorrer da década de 1950 e início da década de 1960. Analisaremos quais os benefícios materiais e/ou simbólicos existem para a Siqueira Gurgel & Cia Ltda. manter um clube de futebol na primeira divisão do Campeonato Cearense de Futebol. Tal análise se dará articulada com os desempenhos econômicos que a fábrica obteve durante nosso recorte temporal. Se examinarmos o Usina Ceará de maneira institucional, atrelado aos financiamentos que a fábrica Siqueira Gurgel fazia em seu plantel, podemos perceber como o desempenho do time no campeonato está relacionado ao faturamento da fábrica. Faturamento este que vinha do beneficiamento de oleaginosas, especialmente da oiticica.

Já no último tópico do primeiro capítulo, “O lazer distinto: o clube social do Usina Ceará e a ‘Cancha Proletária’”, analisaremos os espaços destinados ao lazer e entretenimento dos habitantes do bairro Otávio Bonfim – Clube Social do Usina Ceará e o Estádio Teófilo Gurgel – erigidos nas dependências da fábrica Siqueira Gurgel. Perceberemos qual papel que cada equipamento desses terá em relação à comunidade do bairro, bem como sua relação com os outros equipamentos de lazer da cidade. Além de analisar como esses

espaços eram distintivos no que tange aos seus freqüentadores. Concomitante a esses objetivos, iremos observar como o processo de industrialização provocado pela instalação da fábrica Siqueira Gurgel vai modificando o bairro Otávio Bonfim durante a década de 1950.

O segundo capítulo desta dissertação, “Profissionais no gramado e no chão da fábrica”, versa sobre as questões pertinentes aos jogadores de futebol inseridos no processo de profissionalização dos clubes federados à FCD (Federação Cearense de Desportos) durante as décadas de 1950 e 1960. A partir da análise das fontes, percebemos que entre esses desportistas, no que se refere às questões contratuais, não existia uma uniformidade. Essa questão traz à tona interesses conflitantes existentes entre os sujeitos que compunham esse sistema social. Nos valendo dos escritos do historiador espanhol Júlio Aróstegui (2006), constatamos o cuidado que o historiador deve ter em perceber os subsistemas que existem num mesmo sistema social¹⁰.

O sistema social, certamente, não é uma realidade efetiva, ontológica, mas deve sim ser entendida como um instrumento de análise do funcionamento de uma entidade complexa, dentro da qual, por sua vez, podem ser detectados muitos *sistemas*, ou *subsistemas* (ARÓSTEGUI, 2006, p.270).

Segundo Aróstegui, ao aproximarmos nosso campo de observação do objeto pesquisado, aparecerão focos variados de abordagem, o que ele chamou de “subsistemas”. Entendendo a prática do futebol inserido no processo de profissionalização, do qual passava os quadros da FCD como um sistema social, devemos ficar atentos aos subsistemas que surgem ao aproximarmos nosso campo de observação: profissionais, amadores, operários-jogadores, dirigentes e especialistas que atuavam no futebol fora dos gramados. No entanto, mais interessante do que perceber esses subsistemas, é entender como eles se relacionam.

A utilização de entrevistas como fonte foi fundamental para a produção deste capítulo, uma vez que podemos dar voz a indivíduos que, muitas vezes, são esquecidos pelas fontes escritas. Principalmente nas comemorações e conquistas, são lembrados os feitos dos clubes, mas são esquecidos os indivíduos que compuseram o time. Muitas vezes, os louros são creditados aos dirigentes da equipe e não aos jogadores¹¹.

¹⁰ Para Aróstegui, a ideia de sistema social é fundamentada nas relações globais que definam a sociedade. A sociedade, por sua vez, pode ser entendida como um processo que se configura através da ação do sujeito em confrontação com as estruturas. É impossível se trabalhar a estrutura social sem incluir o sujeito e sua ação.

¹¹ Como exemplo, elencamos a matéria publicada em página inteira na revista “Crack”, escrita pelo cronista Alfredo Sampaio, em homenagem ao décimo primeiro aniversário do Usina Ceará Atlético Clube. A matéria é disposta em duas colunas, sendo a segunda dedicada, exclusivamente, para os feitos dos empresários da Siqueira Gurgel em âmbito esportivo. Interessante é perceber que no alto da segunda coluna encontra-se uma fotografia dos “mentores do Usina Ceará, orgulho do desporto alencariniano” (termos usados na matéria). No momento de se

Os depoimentos de ex-jogadores de futebol, que estiveram inseridos no contexto do desenvolvimento do profissionalismo da década de 1950 e 1960, nos ajudam a perceber esses indivíduos como agentes históricos que se valem do seu talento em campo como ferramenta de agência perante dirigentes e patrões. Principalmente no que tange ao operário-jogador. Inserido no contexto fabril, esses sujeitos históricos deixaram poucas evidências. Para isto, nos valem dos escritos de Alessandro Portelli (1997), ao tratar da importância da história oral nos estudos das classes operárias:

A história oral não reside onde as classes operárias falam por si próprias. A afirmação contrária, naturalmente, não seria infundada: o relato de uma greve nas palavras e memórias de trabalhadores, ao invés daqueles da polícia e da (sempre inamistosa) imprensa, obviamente ajuda (embora não automaticamente) a equilibrar a distorção implícita naquelas fontes. Fontes orais são condição necessária (não suficiente) para a história das classes não hegemônicas, elas são menos necessárias (embora de nenhum modo inúteis) para a história das classes dominantes, que têm tido controle sobre a escrita e deixam atrás de si um registro escrito muito mais abundante (PORTELLI, 1997, p. 37).

Assim, aqueles que estiveram presentes no contexto do futebol fabril em meio ao processo de profissionalização em Fortaleza e que não puderam deixar registros nos meios institucionais foram ouvidos a partir dos interesses e conflitos em que estavam inseridos, ajudando a pensar esses sujeitos com mais poder de agência do que as fontes hemerográficas nos fazem pensar.

Este capítulo está dividido em três tópicos que nos ajudarão a discorrer sobre essas questões.

No tópico inicial, “O processo de profissionalização no futebol cearense entre as décadas de 1950 e 1960”, analisaremos a dinâmica profissional inserida no contexto de uma incipiente espetacularização do futebol praticado entre os clubes filiados à FCD. Nesta dinâmica estão inseridos: a formação de instituições regulamentadoras, o surgimento de especialidades profissionais que trabalham com o futebol fora dos gramados, além dos contratos firmados entre clube e jogador.

No tópico seguinte, “Particularidades de clubes fabris na dinâmica do profissionalismo”, verificaremos as especificidades dos clubes fabris que estão inseridos no processo de profissionalização pelo qual a FCD passa durante as décadas de 1950 e 1960.

No último tópico deste capítulo, “Operário-jogador entre dominações e resistências”, abordaremos o operário-jogador (trabalhador da fábrica que jogava pela equipe

representar em imagem a equipe de futebol Usina Ceará Atlético Clube, foi escolhida pelos redatores da revista uma fotografia dos dirigentes e não dos jogadores (**Crack**, Fortaleza, set. 1961).

de futebol da mesma) inserido no desenvolvimento profissional dos quadros da FCD. Mas, para além dessa questão, apresentaremos como o futebol poderia se revelar como uma forma de resistência cotidiana dentro da fábrica para o operário que participava do quadro principal do Usina Ceará, além dos conflitos enfrentados por eles com a profissionalização do clube.

No terceiro capítulo, “Futebol proletário em Fortaleza: entre o Campeonato das Indústrias e Campeonato Cearense”, analisaremos os aspectos inerentes ao futebol que parte de dentro das fábricas de Fortaleza durante a década de 1950 no âmbito amador e suas particularidades no cenário profissional.

A partir de 1952, o futebol praticado por operários em Fortaleza passou por um processo de institucionalização e normatização encabeçado pelo Serviço Social da Indústria (SESI). Essa dinâmica guarda relação com a criação do próprio SESI (1948) e a pretensão de novos rumos para as relações de trabalho, visando um melhoramento produtivo do operariado, por parte dos grandes empresários da indústria do país, pós-Segunda Guerra Mundial.

Em “O Serviço Social da Indústria e os programas de desporto e lazer em Fortaleza” discorreremos acerca do processo de implementação do SESI em Fortaleza, bem como a sua relação com a cidade. Daremos ênfase aos programas desenvolvidos pelos dirigentes do SESI-CE voltados para o atendimento do operariado fora dos muros das fábricas, com destaque para o papel que o desporto terá nesse contexto.

Já em “O Campeonato das Indústrias de Fortaleza e a sociabilidade operária” dissertaremos sobre como a prática esportiva do futebol se apresenta como uma ferramenta de sociabilidade da classe trabalhadora por meio dos campeonatos de futebol organizados pelo SESI-CE. Partindo da hipótese de que tais torneios poderiam ter sido pensados com a intenção de afastar os trabalhadores industriais das possíveis transgressões praticadas durante o tempo fora das fábricas, o Campeonato das Indústrias de Fortaleza seria uma tentativa do empresariado de constituir um espaço de lazer institucionalizado que seja regado, disciplinado e que eduque seus empregados pelo esporte. Não podemos entender a classe trabalhadora como uma tábula rasa, que nela será inscrito aquilo que bem desejam os patrões e a classe dominante. Como atores de suas próprias histórias, os trabalhadores, ao aderirem a essa política de investimento patronal, também se apropriavam desse esquema de lazer institucionalizado com interesses outros que não os do patronato.

No último tópico do terceiro capítulo, “A experiência de um ‘clube proletário’ entre os profissionais”, perceberemos como o futebol apresenta-se num âmbito de disputa simbólica entre classes, principalmente no cenário profissional. A divulgação do futebol fabril da cidade nas páginas esportivas dos periódicos não estava apenas nos locais destinados à

divulgação dos Campeonatos das Indústrias de Fortaleza. Devido ao Usina Ceará Atlético Clube, os “proletários” ganham lugar nas matérias destinadas aos clubes profissionais que disputavam o Campeonato Cearense de Futebol organizado pela Federação Cearense de Desportos (FCD). Destarte, por meio da análise das páginas esportivas dos jornais e os depoimentos de ex-jogadores da época pesquisada, podemos perceber como a experiência proletária era sentida entre clubes da elite da FCD.

2 ENGRENAGENS DO LAZER: RELAÇÕES ENTRE DESPORTO E A FÁBRICA SIQUEIRA GURGEL.

2.1 A Fabricação de um clube fabril: surgimento do Usina Ceará Atlético Clube.

A partir da década de 1950, a capital cearense irá passar por transformações consideráveis no que se refere à urbanização. Somente nos anos compreendidos nessa década, a população urbana fortalezense dará um salto de 270.169 para 514.818 habitantes (IBGE, 2010). O aumento da população urbana irá ser apropriado como mão de obra no setor industrial que quanto mais se consolidava, mais transformava os espaços para atender as demandas da dinâmica capitalista. Para além da malha urbana, essas transformações também serão sentidas nos comportamentos e nas formas de sociabilidade da população¹² (PONTES, 2005). Dentro desse contexto, o futebol se apresenta como uma alternativa de lazer acessível para a classe trabalhadora.

É importante perceber que há uma relação direta entre cultura urbana, industrialização e futebol. Segundo o historiador Eric Hobsbawm, o futebol que parte de dentro das fábricas separa a prática esportiva das suas origens elitistas e torna o futebol um esporte das massas (HOBSBAMW, 1987).

Percebemos que tal processo também ocorre na cidade de Fortaleza por meio dos trabalhadores e da montagem de equipes gestadas entre indivíduos que compartilhavam dos mesmos ofícios, como: caixeiros, ferroviários, gráficos, motoristas e trabalhadores do cais do porto¹³. No entanto, a formação de clubes de futebol oriundos de trabalhadores não se finda nas primeiras décadas do século XX. Em 01 de setembro de 1949, surge, por meio do interesse de dirigentes operários da fábrica de beneficiamento de óleo e algodão Siqueira Gurgel & Cia. Ltda., situada no bairro Otávio Bonfim¹⁴, a equipe de futebol Usina Ceará Atlético Clube.

¹² Ruas alargadas e asfaltadas, substituição de bondes por ônibus como alternativa de transporte público, aumento do número de edificações e prédios comerciais são exemplos de como o processo de urbanização será sentido em Fortaleza (JUCÁ, 2000). Outros exemplos dessas transformações estruturais se apresentam nos equipamentos urbanos destinados à sociabilidade. Durante os anos 50, a elite de Fortaleza passa a desfrutar de restaurantes, bares, boites, sorveterias, clubes sociais e cinemas cada vez mais sofisticados (SANTOS, 2011, p.22).

¹³ Trataremos melhor sobre os times de futebol que tiveram sua origem por meio de categorias de trabalhadores na primeira metade do século XX na cidade de Fortaleza no tópico 4.1 desta dissertação.

¹⁴ Oficialmente chamado de Farias Brito, o bairro conhecido por Otávio Bonfim é chamado dessa maneira devido à estação de trem inaugurada no bairro em 1922. Inicialmente chamada de Estação do Matadouro, devido à proximidade com o abatedouro de gado, essa estação ganha a denominação de Estação de Otávio Bonfim, em homenagem a um engenheiro da Rede de Viação Cearense (RVC). Em seu livro de memórias sobre o bairro em questão, o memorialista Vicente de Moraes, ex-morador do Otávio Bonfim, mostra uma possibilidade para a

Nos primeiros anos de sua existência, o Usina Ceará, também chamado pela imprensa de “clube proletário”, irá participar de partidas e campeonatos realizados no âmbito das disputas interfábricas da cidade de Fortaleza. Em 1951, um dos dirigentes da fábrica Siqueira Gurgel, o doutor Jociê Orsine, toma a iniciativa de federar a equipe de futebol de sua fábrica para participar da segunda divisão do campeonato cearense de futebol.

O jornalista e memorialista da bola Alfredo Sampaio escreveu desta forma para a revista “O Crack”:

E o Usina Ceará também já tem sua história. Corria o ano de 1951, quando ele tinha apenas dois anos. Numa das sessões do Departamento da Segunda Divisão, na sede do Ceará, à Rua Senador Pompeu, o Dr. Jociê Orsine Cavalcante solicitava a inscrição para o Usina Ceará participar do certame secundário daquele ano. As inscrições já estavam encerradas, mas o presidente Wladyr da Justa Teixeira, em caráter excepcional, considerou o Usina inscrito. Tratava-se de uma nova agremiação, de funcionários da firma Siqueira Gurgel & Cia. Ltda. clube que bem poderia ter um futuro brilhante (**O Crack**, Fortaleza, set. 1961).

“O Usina Ceará vai festejar a conquista do título de campeão” (**O Povo**, Fortaleza, 12 jan. 1952). Assim estampava o jornal “O Povo” em sua página esportiva, convidando a quem pudesse interessar, para a participação da festa em homenagem aos craques que conquistaram o acesso para a primeira divisão do futebol cearense em 1952¹⁵. Um grande feito, se levarmos em consideração que o Usina foi o único clube formado na sua grande maioria por operário que consegue o acesso à divisão principal da FCD durante a década de 1950¹⁶. Trabalhavam como mecânicos, contínuos, tecelões, marceneiros, torneiros mecânicos, dentre outros ofícios, e alternavam sua jornada de trabalho entre o chão da fábrica e os gramados.

Ao analisarmos com maior cuidado as tensões sociais gestadas na relação entre esporte e mundo do trabalho, perceberemos que, provavelmente, tais conflitos estão para além da mera prática esportiva. Por meio de inúmeras formas de controle do tempo e da produção do operário durante o expediente de trabalho, o empregador irá ter certo controle do corpo de seu funcionário. Tal controle é necessário para que este empregado seja sempre uma peça em

diferença entre a denominação popular e oficial do bairro. “Por que se convencionou chamar Otávio Bonfim, se o verdadeiro nome do bairro é Farias Brito? Acredito, particularmente, que o surgimento desse nome deva-se ao simples fato da estação ferroviária ter a denominação de Estação de Otávio Bonfim. Nessa época, viajava-se muito para o interior utilizando-se o trem, gerando assim a duplicidade de nomes. Jamais nos acostumamos a dizer: ‘Fulano mora no bairro Farias Brito’. Mesmo hoje, dizemos: ‘Fulano mora em Otávio Bonfim’.” (MORAES, 1998, p.17). As informações iniciais desta nota estão disponíveis em: http://www.estacoesferroviarias.com.br/ce_crato/otavio.htm. Data de acesso: 10 de fevereiro de 2017.

¹⁵ Importante lembrar que os campeonatos começavam em um ano e só terminavam no outro. Assim, o acesso conquistado pelo Usina teve início no ano de 1951.

¹⁶ Antes do Usina Ceará, o último time formado apenas por trabalhadores de uma empresa a integrar a elite da FCD foi o Tramway Sport Club, equipe composta por empregados da Tramway Light Co., em 1941.

pleno funcionamento nas engrenagens capitalistas. Ter um operário disciplinado também geraria uma boa imagem para a aquela fábrica que conseguia manter seu empregado sempre “na linha” – seja na linha de produção ou na linha da obediência.

Com a Siqueira Gurgel não era diferente. Os dirigentes da fábrica se preocupavam com a imagem que seus operários poderiam ter diante da sociedade. Dessa maneira, em visita feita à fábrica, a jornalista Adísia Sá relatava como se dava o funcionamento da fábrica Siqueira Gurgel:

Pois bem: ontem fui à Usina Ceará, de Siqueira Gurgel. Sabia que esta firma existia, que era sólido o seu conceito e digno de respeito o seu patrimônio moral e financeiro. (...) Embora não entrasse na fábrica, propriamente dita, ficando apenas no escritório ou parte comercial, tive uma visão do que ali seja: celeiro de trabalho, colmeia de operários conscientes, escola de patriotismo (**Gazeta de Notícias**, Fortaleza, 20 nov. 1959).

Por mais que a matéria ganhe tons de uma publicidade institucional da fábrica – a Siqueira Gurgel era uma das anunciantes e patrocinadoras do “Gazeta de Notícias” – podemos perceber a relação entre disciplina operária e publicidade positiva para a fábrica. Ter um celeiro de trabalhadores significa ter um estoque de profissionais modelados a partir da disciplina interna da fábrica. Tal celeiro irá abastecer a sociedade de cidadãos obedientes às ordens e restrições do Estado. É de grande valia para a reputação de uma empresa que seus funcionários tenham essa imagem moldada entre os muros da fábrica. Mas, e no tempo livre? Como controlar o tempo que o trabalhador opera fora da fábrica?

Para os patrões era preciso disciplinar corpo e mente do trabalhador em seu tempo livre para que este não venha a se transformar num tempo devotado ao alcoolismo ou às libertinagens, que causariam prejuízo ao empresário, pois um trabalhador indisciplinado não renderia tanto quanto um “civilizado”.

Pensando nessa questão, a historiadora Denise Sant’Anna irá usar alguns termos que Foucault utilizou em “Vigiar e punir” para diferenciar ócio e lazer:

E para que o lazer se tornasse um corretivo potente no combate e no tratamento do ócio, no conhecimento e nas avaliações dos usos do tempo livre, foi preciso transformá-lo numa disciplina: ou seja, numa relação de *docilidade-utilidade*, fabricando corpos exercitados, *dóceis*, aumentando suas forças (*em termos econômicos de utilidade*) e diminuindo essas mesmas forças (*em termos políticos de obediência*) (SANT’ANNA, 1994, p.p 54-55).

De acordo com a autora, o tempo livre poderá transformar-se em lazer ou ócio. Para ela, o lazer é encarado como uma forma disciplinada de aproveitar o tempo livre. Já o

ócio representava um perigo social. Claro que os patrões dedicariam suas energias para tentar disciplinar o tempo livre de seus empregados. E a instituição de modalidades de lazer era uma forma eficiente de lograr êxito nessa empreitada.

Em entrevista gravada pelo NUDOC-UFC (Núcleo de Documentação Cultural – Universidade Federal do Ceará) o industrial Eduardo Gurgel, um dos sócios da fábrica Siqueira Gurgel & Cia Ltda. e presidente de honra do Usina Ceará Atlético Clube (**O Crack**, Fortaleza, ago. 1961), afirma que um dos encargos sociais que a fábrica oferecia aos operários era o clube de futebol. “Tinha uma vila operária. Tinha escola, tinha um clube – o Usina Ceará – que foi vice-campeão, aqui em Fortaleza, de futebol”. (GURGEL, Fortaleza, 1984).

De acordo com o sociólogo francês Joffre Dumazedier, as atividades voltadas para o lazer podem oferecer aos membros da sociedade industrial possibilidade de informação, formação desinteressada e participação social de boa vontade (DUMAZEDIER, 1973, p.107). Assim, a criação de uma equipe de futebol formada por operários da fábrica seria uma ótima opção para afastar seus trabalhadores do ócio degenerativo que poderia surgir no tempo livre. Sendo o futebol um esporte cheio de regras e punições para aqueles que as descumprirem, há aqueles que acreditam que ele seja um esporte disciplinador que educa pelo lazer. O antropólogo Roberto DaMatta nos ajuda a pensar sobre essa perspectiva.

Acima de tudo, porém, o futebol obriga respeito por suas regras, essas normas simples não podem mudar durante a partida e devem valer para todos, regras que institucionalizam, agenciam e legitimam o campo do esporte como um domínio especial e autônomo da vida social (DAMATTA, 2006, p.139).

Um exemplo de como o futebol poderia ser um instrumento que disciplina corpo e comportamento do trabalhador, no contexto do desporto desenvolvido pela Siqueira Gurgel, é o caso do operário-jogador José Viana de Melo¹⁷, mais conhecido no “mundo da bola” como Viana do Usina. Em entrevista, senhor Viana deixa transparecer como o futebol afastaria os jogadores do ócio degenerativo. Ao ser perguntado o que despertou o interesse de se tornar jogador de futebol ele nos responde:

Rapaz, era meu sonho mesmo, desde criança, era ser um jogador profissional. Por isso que até hoje tô sendo beneficiado por isso. Porque eu abandonei os vícios. Eu soube logo quando eu era pequeno que quem queria jogar bola não podia fumar e nem beber, porque atrapalhava. Então eu queimei logo. Por isso que eu era muito forte quando era novo. Até no treinamento, a turma se admirava (...). Antigamente, quando tinha jogo, era véspera de jogo de prorrogação, a gente treinava 120 minutos. Aí, tinha colega que se admirava muito, porque eles cansavam. Quando

¹⁷ José Viana de Melo, 84 anos, foi zagueiro do Usina Ceará e tecelão da fábrica Siqueira Gurgel entre os anos de 1952 e 1961.

passa do normal, 90 minutos, o sujeito sente logo. E eles notavam que eu não sentia nada. Passava direto. Mas por quê? Eu era sadio né! (MELO, Fortaleza, 18 mai. 2015).

Senhor Viana se enquadra naquilo que Fátima Antunes considera um operário-jogador (ANTUNES, 1994) - operário que jogava no clube de futebol da fábrica a qual era empregado¹⁸. Nosso entrevistado trabalhou na tecelagem da fábrica Siqueira Gurgel e foi zagueiro do Usina Ceará durante os anos de 1952-1961. Percebemos na fala do senhor Viana que para ser um jogador de futebol era preciso se afastar da bebida alcoólica e do cigarro, práticas degenerativas das capacidades físicas efetuadas no tempo livre do trabalhador.

Mas, analisando as entrelinhas de seu depoimento, conseguimos enxergar que tal comportamento se estendia da prática esportiva para o mundo do trabalho, uma vez que um corpo em boas condições e distante de vícios teria muito mais eficiência na produção fabril do que aqueles que despendiam seu tempo livre com atividades licenciosas, como a embriaguez, os jogos de azar e a libertinagem.

Antes de ingressar efetivamente entre os clubes da elite da FCD, os dirigentes do Usina Ceará Atlético Clube contratam Popó, ex-treinador da tradicional equipe do Ferroviário e um “símbolo do futebol cearense”. Tal elogio foi atribuído pelas letras de Arnolfo Fontenele (1952) do jornal “Unitário”. Para este jornalista, a relevância de Popó no “pebolismo alencarino” deve-se ao fato de que o novo treinador do Usina, na época em que era jogador de futebol, era “habilidoso, valente, disciplinado e sem vícios de qualquer espécie” (**Unitário**, Fortaleza, 17 ago. 1952). Tais atributos seriam ideais para o comandante de uma equipe composta por operários-jogadores, uma vez que as características de Popó, na época em que era jogador, seriam repassadas para os atletas do Usina como forma de filosofia e composição tática de jogo. Habilidade e disciplina deveriam ser traços da personalidade desses atletas. Acontece que, numa espécie de pedagogia do futebol, tais predicados se estenderiam dos gramados para o chão da fábrica, tendo um papel fundamental na formação de trabalhadores longe do ócio degenerativo e os mantendo em plenas condições físicas e produtivas.

A concepção pedagógica trazida pelo futebol para o mundo do trabalho vai para além da questão do cuidado com a saúde. Para estar inserido nessa dinâmica esportiva era preciso que os trabalhadores também tivessem algumas noções em campo, que se bem aplicadas na prática esportiva seriam de grande valia no exercício de suas funções dentro da fábrica, como: trabalho em equipe, especialização individual e obediência às ordens de um

¹⁸ Sobre o operário-jogador e as relações por ele tecida entre trabalho e esporte, dedicaremos o tópico 3.3 deste trabalho.

indivíduo superior hierarquicamente – dentro da fábrica essa figura personificava-se no mestre ou fiscal, já nos gramados era o técnico quem assumia essa função.

Assim como no cotidiano fabril, o trabalho dentro das quatro linhas deveria ser desempenhado em equipe pelos operários/atletas, onde cada um terá atribuições pré-determinadas pela sua função/posição. Cada posição numa equipe de futebol pressupõe um conjunto específico de habilidades e atributos. O goleiro deve possuir uma estatura elevada, reflexo e concentração; o zagueiro deve possuir força física, estatura e bom senso de colocação; os jogadores que constroem as jogadas como laterais e meios de campo devem ser habilidosos e inteligentes; e o atacante deve reunir velocidade, força física e precisão (MASCARENHAS, 2002). Se tomarmos os atributos físicos e habilidades dos atletas em campo veremos que essas mesmas habilidades serão importantes para a realização de funções específicas na fábrica.

Em entrevista, o senhor Edmar Gurgel Coelho¹⁹, ex-funcionário da Siqueira Gurgel e ex-jogador do Usina Ceará entre os anos de 1955 e 1959, nos conta sobre o zagueiro e tecelão Viana de Melo.

Eu até citei pra você o caso do Viana que era um center-half. O Viana era um sujeito forte. Ele passava o dia todinho fazendo rede. Aquele onde ele fica em cima de duas tábuas, perna direita, perna esquerda, (fazendo pá, pá), e a mão aqui puxando a corda do lado direito e do lado esquerdo. Cadenciando pra fazer a rede (COELHO, Fortaleza, 24 out. 2015).

A partir do depoimento do senhor Edmar Gurgel, podemos perceber que os atributos físicos de um operário-jogador contribuem para atender as necessidades específicas indispensáveis para o bom desempenho nos gramados e no chão da fábrica. O trabalho numa máquina de fiar não exige muito da habilidade técnica do trabalhador e limita suas possibilidades criativas, assim como a posição ocupada pelo “zagueiro proletário” no clube, uma vez que movimentos repetitivos e ordenados dão a tônica de seu ofício na fábrica ou no campo de futebol. Na matéria sobre o título do Segundo Turno do Campeonato Cearense de Futebol de 1957 conquistado pelo Usina, o jornal “Correio do Ceará” enfatiza que Viana é um jogador de poucos recursos e joga muito pesado (**Correio do Ceará**, Fortaleza, 07 out. 1957). Os operários-jogadores imprimiam ao jogo o estatuto e a dignidade do trabalho (ANTUNES, 1994 p. 108).

Assim, as primeiras contratações de jogadores feitas pelos dirigentes da fábrica Siqueira Gurgel para compor o plantel do Usina Ceará, antes de se profissionalizar, levavam

¹⁹ Senhor Edmar Gurgel Coelho foi ex-jogador do time de aspirantes do Usina Ceará, chegando a atuar algumas vezes no quadro principal da equipe do Usina Ceará, durante os anos de 1955 a 1959, além de ter trabalhado na fábrica Siqueira Gurgel, de início como contínuo e chegando até chefe de almoxarifado.

em consideração as competências que esse atleta deveria ter na equipe e na fábrica. “A pessoa, quando ia jogar no Usina, era quando descobria que tinha um mecânico bom, jogava bola. Aí, eles iam atrás. Ofereciam o emprego. O jogador que jogava no Usina tinha que ser classificado. Tinha que juntar as duas função” (MELO, Fortaleza, 18 mai. 2015).

De acordo com Alfredo Sampaio, Viana estava no time que participou do primeiro campeonato cearense disputado pelo “clube proletário”. “Sua primeira equipe principal que disputou o campeonato oficial era integrada por: Adir, Franciné, Viana, Lobinho, Dodô, Pereira, Caiçara e outros que me fogem a memória” (**O Crack**, Fortaleza, set. 1961). Viana nos fala sobre os operários-jogadores que compunham a equipe do Usina, alguns deles correspondem aos citados na fonte supracitada.

O movimento na fábrica era grande. Tinha uma oficina mecânica muito grande, que lá onde trabalhava a maior parte dos jogadores. Trabalhavam na oficina, eram mecânicos. Franciné, Lobinho, Caiçara, tudo era mecânico. O Hugo era da oficina mecânica de motor de carro (MELO, Fortaleza, 18 mai. 2015).

Articulando a matéria escrita por Alfredo Sampaio e o depoimento de nosso entrevistado, podemos aferir que, não só ele, mas a maioria dos jogadores do início da “equipe proletária” alternavam sua rotina de trabalho entre a fábrica e os gramados²⁰. Por conta disso, provavelmente, advêm a alcunha atribuída ao Usina de “equipe proletária”.

É importante entender que, após a inserção de uma equipe de futebol na federação esportiva de um estado, a prática esportiva, por parte de jogadores e dirigentes será ressignificada. Nem só de jogadores sobreviverá o plantel que se propõe profissional. É necessário que esse grupo tenha melhores condições de trabalho, como: campos com dimensões adequadas para a realização de treinamentos, profissionais preparados para a capacitação dos atletas, uniformes, chuteiras, um capital extra para pagar salários e premiações, além da própria taxa de filiação à Federação.

O processo de profissionalização do Usina Ceará será melhor desenvolvido no próximo tópico. Neste momento iremos trabalhar os motivos e aspirações que irão mover a fábrica Siqueira Gurgel a empreender projeto de tornar profissional um clube de fábrica. Quais serão os intentos que levarão os dirigentes fabris a investir na manutenção de um clube de futebol nos quadros da Primeira Divisão do futebol cearense?

O Usina Ceará, que tem sua criação em 1949, foi fundado num momento em que a fábrica Siqueira Gurgel apresentava vultoso crescimento econômico, tendo em vista sua

²⁰ Não podemos garantir que a totalidade de jogadores das primeiras formações do Usina Ceará fossem compostas por operários-jogadores porque não tivemos acesso aos documentos iniciais do clube.

inserção entre as fábricas que participavam da política agroexportadora de abastecimento do mercado norte-americano de óleos vegetais. Assim fala a socióloga Maria Iselda Almeida sobre a solidificação do setor de beneficiamento de óleos no estado do Ceará em fins da década de 1940:

A formação do setor industrial produtor do óleo de oiticica, por exemplo, se deve basicamente a duas ordens de fatores extremamente singulares: Primeiro, o fato do produto ser composto por propriedades químicas que lhe conferem singularidade colocando o Ceará na qualidade de estado produtor exclusivo. Segundo, a conquista do mercado internacional abastecendo com exclusividade o mercado americano quando este se encontrou impossibilitado de importar o óleo de “tung” durante a vigência do Segundo Conflito Mundial. A ampliação da capacidade produtiva da indústria, conjugada a conquista de novos mercados externos, além de outros fatores, asseguraram a permanência e o fortalecimento do capital industrial (ALMEIDA, 1989, p. 169).

Além da questão da exportação para o mercado americano, outro fator elencado como tendo importância para a solidificação no setor econômico do beneficiamento de oleaginosas no Ceará, setor em que em que a fábrica Siqueira Gurgel também se insere, tem a ver com questões naturais que favorecem o Estado do Ceará na sua exploração.

Após seu acesso à Primeira Divisão do Campeonato Cearense de Futebol, em 1952, o Usina Ceará amarga um singelo quinto lugar no campeonato de 1953. Os campeonatos de 1954 e 1955 também não foram bem sucedidos²¹.

Coincidência ou não, esses anos foram de seca e crise na produção de algodão no estado do Ceará. A fonte de renda que mantinha o clube enfrentou três anos de forte crise econômica. Não só a Siqueira Gurgel, mas todas as fábricas entraram em clima de contenção de gastos. Os anos iniciais da década de 1950 foram de crise na produção algodoeira.

O fato é que, atravessando dificuldades gerais oriundas do impacto de violento surto inflacionário no País caracterizado pela alta generalizada e constante dos preços de todos os materiais básicos de consumo e serviço, agravadas pela crise de produção consequente de três anos de estiagem (1952/1953/1954), tanto industrial como sertanejos são obrigados a suportar os sacrifícios que lhe forem impostos. Do lado dos industriais esgotam-se as reservas enfraquecendo o potencial econômico; do lado dos agricultores as perdas são incalculáveis (ALMEIDA, 1989, p. 153).

Interessante perceber que, mesmo enfrentando grave crise, os empresários da Siqueira Gurgel não acabaram com o “clube proletário”.

Já na década de 1950 o futebol alcança uma popularidade bastante significativa no Brasil. Públicos de aficionados cada vez maiores nas partidas decisivas, construções de praças

²¹ Em 1954 o clube termina em oitavo lugar – última posição. Já em 1955, amarga novamente o quinto lugar.

esportivas e associação de novos clubes às federações estaduais de desporto por todo o país são exemplos de como esse esporte ganhava adeptos de diferentes maneiras. Na cidade de Fortaleza a popularidade desse esporte também será sentida nesse momento.

Após entrevistar, Rivadavia Corrêa Meyer, que foi presidente da Confederação Brasileira de Desporto (CBD) entre os anos de 1943 e 1955, o jornalista Barbosa Filho transcreve a entrevista em matéria no periódico “Correio do Ceará”. Rivadavia expõe seu interesse em fazer com que a cidade de Fortaleza, por possuir grande apelo futebolístico, torne-se uma das cidades sede da Copa do Mundo de Futebol que seria realizada no Brasil em 1950. A partir desta matéria podemos inferir o grande apelo popular que o futebol tinha em Fortaleza já em 1950. Como exemplo, foi ressaltado pelo próprio presidente da CBD que numa “partida interestadual, às vésperas de um carnaval, conseguiu-se a renda de impressionantes Cr\$ 117.000 (cento e dezessete mil cruzeiros) no Estádio Presidente Vargas” (**Correio do Ceará**, Fortaleza, 28 abr. 1950).

Essa popularidade também será sentida no campo hemerográfico. A década de 1950 é de extrema importância no que concerne à modificação dos formatos dos jornais no Brasil. Pensando na vendagem de periódicos, os impressos têm sua formatação e layouts modificados para dar ênfase a assuntos relativos à cultura popular (ZICMAN, 1985). E os esportes, principalmente o futebol, têm forte apelo e interesse do povo. Sendo assim, com o passar dos anos, as páginas esportivas dos periódicos ficaram melhores elaboradas e com mais espaço nos jornais. Além disso, revistas especializadas em futebol irão circular pelas principais capitais brasileiras.

Em junho de 1952, ano que o Usina conquista seu acesso à Primeira Divisão do Campeonato Cearense de Futebol, a equipe da fábrica Siqueira Gurgel ganha destaque numa página inteira da revista carioca, “Esporte Ilustrado”. “Um grande clube em formação” é o título da matéria do correspondente Índio do Jaguaribe. Sob os auspícios de uma equipe que pode se tornar “pioneira no Ceará”, o jornalista enaltece o trabalho que é “mantido e dirigido” pelos desportistas que trabalham na Usina Ceará (**Esporte Ilustrado**, Rio de Janeiro, 26 jun. 1952). Em primeiro plano e ocupando boa parte da página, encontra-se uma fotografia de quatorze jogadores, provavelmente todos operários da Siqueira Gurgel, devidamente uniformizados e dispostos numa tentativa de imitar a posição mais tradicional de se fotografar equipes profissionais de futebol, atletas em pé e outros de cócoras. Pela maneira como estão dispostos – uns olhando para câmera, outros para o chão, a forma desalinhada como se organizam – percebe-se que pouca prática eles teriam com a fotografia coletiva de um time de futebol.



FIGURA 1: Equipe do Usina Ceará, campeã da Divisão Secundária da FCD (**Esporte Ilustrado**, Rio de Janeiro, 26 jun. 1952).

Usina Ceará era a denominação social da fábrica Siqueira Gurgel desde 1924, ano em que se associariam as firmas Teófilo Gurgel Valente, A. D. Siqueira & Filho, Philomeno Gomes & Cia. e Proença & Cia (ALMAEIDA, 1989, p. 49). Sendo assim, o clube com o nome de Usina Ceará teria uma aceitação popular maior do que se fosse usado o Siqueira Gurgel, razão social da firma. Nas décadas de 1950 e 1960 as equipes profissionais não estampavam em suas camisas as logomarcas de seus patrocinadores como se faz hoje. Ter um clube de futebol que exibisse o nome de sua empresa revelava uma maneira de divulgar a fábrica e seus produtos (ANTUNES, 1994, p.106).

Além das páginas esportivas dos jornais, que passam a ter matérias esportivas cada vez melhores postadas, periódicos especializados em futebol irão começar a circular pela cidade, tendo “O Sport”, jornal esportivo que passa a ser rodado em 1923, como pioneiro (NOBRE, 2006, p.180). Contemporânea à existência do Usina Ceará temos as revistas “O Crack” e “Cancha”. Tais revistas trabalham com ferramentas de vendagem que atraíam o leitor a ser um colecionador. Pôsteres de equipes campeãs, entrevistas com jogadores dos clubes da primeira divisão da cidade, espaço de interação com leitores – onde estes poderiam mandar cartas e pedir matérias, capas, esclarecimento de dúvidas sobre o clube do coração etc. – e passatempos esportivos – contavam com cruzadinhas, testes esportivos de múltipla escolha, adivinhações etc. – davam o tom desses periódicos.

O setor publicitário irá ver nessa prática esportiva e nas reelaborações feitas por aqueles que se atraíam pelo futebol um campo fértil para a vendagem de suas mercadorias. Clichês publicitários são comuns nas páginas esportivas dessas revistas especializadas. A própria fábrica Siqueira Gurgel lançava promoções de seus produtos²² nas páginas esportivas dos jornais, bem como nas revistas esportivas que circulavam na capital cearense entre 1950 e 1960.

AGORA VAI CORRER DINHEIRO A RODO!

O Sabão Pavão está distribuindo brindes que variam de 50 a três mil cruzeiros – em qualquer barra de sabão pavão poderá ser encontrado um pequeno tubo de metal com os vales brindes de 50 a três mil cruzeiros (**Canha**, Fortaleza, set. 1949).

A fonte acima citada trata de uma publicidade encontrada na “Canha”, revista esportiva difundida em Fortaleza entre as décadas de 1930 e 1950. Trata-se da divulgação de uma promoção feita pela fábrica Siqueira Gurgel do seu principal produto, o Sabão Pavão. Justamente no ano da fundação do Usina Ceará a empresa vê nas publicações esportivas um espaço prolífico para divulgar seus produtos.

Percebemos aqui como o futebol está imbricado com o mundo industrial, sendo difícil separar sua expansão e popularização da dinâmica capitalista. Como exemplo dessa conexão, citemos alguns fatos ocorridos no ano de 1955.

Devido aos fatores climáticos favoráveis, houve um aumento da oferta de matéria-prima vindas do sertão para as fábricas na capital. A RVC (Rede de Viação Cearense), mergulhada em crise, não dá conta de realizar o transporte de tão grande volume. Os industriários irão solicitar aos órgãos competentes a liberação do preço da torta²³ transportada em caminhão. Fazia-se necessária a utilização do setor rodoviário para complementação da demanda, para que as fábricas não parassem suas atividades por falta de matéria-prima (ALMEIDA, 1989, p. 158).

A prática de substituição do transporte ferroviário pelo rodoviário já se dá antes mesmo do período desenvolvimentista do governo de Juscelino Kubitschek. Sobre o papel

²² Dentre os produtos de maior destaque da fábrica Siqueira Gurgel que circularam durante nosso recorte temporal temos: o Sabonete Singel, o Óleo de Gordura Cariri, o Óleo Comestível Pajeú e o Sabão Pavão. Os dois últimos ainda hoje estão presentes no imaginário dos fortalezenses. O Óleo Pajeú, devido a sua embalagem que continha uma menina negra de tranças, ainda hoje é sinônimo de brincadeiras de cunho racista. Já o Sabão Pavão, ainda hoje fabricado, manteve seu nome devido ao valor afetivo no mercado. Tais produtos eram anunciados por meio da mídia impressa e rádio.

²³ Conhecemos por torta o subproduto da extração do óleo contido no grão do algodão. A torta de algodão pode ser utilizada como fertilizante, na alimentação animal e na fabricação de farinhas alimentícias. Informação disponível em: www.icofort.com.br/noticias/torta-e-efarelo-de-algodao. Data de acesso: 17 de fevereiro de 2017.

preponderante assumido pelas vias de circulação no Brasil em fins da década de 1940 e na década de 1950, a geógrafa Ana Fani Alessandri nos conta que:

Mas, se até a década de 50 a indústria se localizava, quase que exclusivamente ao longo das ferrovias, já no fim da década de 40 as rodovias começam a substituí-las como fator de atração. Tal comportamento reforçou a relação intrínseca e inseparável entre processo de produção e de circulação (CARLOS, 1992, p.48).

As estradas, que são componentes essenciais das redes de relações capitalistas, também irão contribuir para a expansão da prática futebolística. Se num primeiro momento esse esporte aporta no Brasil trazido por marinheiros britânicos, tendo sua popularização entre os operários de cidade industriais, tendo as ferrovias como elementos fundamentais para sua difusão²⁴, na segunda metade do século XX, as rodovias que partem dos pólos urbanos para os centros interioranos produtores de matéria-prima irão servir para a ampliação da prática do futebol.

As temporadas, excursões realizadas pelas equipes da primeira divisão para o interior com o objetivo de disputar partidas amistosas ou campeonatos com as equipes locais, antes possibilitadas pelas estradas de ferro, passam a ser realizadas com maior frequência devido as rodovias, um dos componentes primordiais das redes de relações criadas para a manutenção das relações capitalistas.

No caso do Usina Ceará, o futebol inserido nas redes de relações capitalistas vai para além disso. As temporadas realizadas pela “equipe proletária” servem como uma oportunidade de divulgação não só do esporte, mas da marca Usina Ceará e de seus produtos. O intento institucional de se valer do futebol com fins econômicos fica claro na fala do senhor Viana. Ao ser questionado sobre os motivos que levavam os dirigentes da Siqueira Gurgel a empreender tarefa de manter uma equipe no quadro principal dos clubes cearenses de futebol, nosso entrevistado nos revela:

Era a propaganda. Propaganda comercial. A gente viajava pra fazer propaganda do material. Levava sabonete pra distribuir, levava tudo pra fazer a propaganda (...). A Siqueira Gurgel tomava de conta desse comércio todinho. Tinha muito carro distribuindo mercadoria, sabão e óleo. Eles vendiam muito no comércio aqui. E tinha por fora também. Eles tinham uma filial em Sobral. Nós só vivia jogando lá. Tinha uma fábrica em Sobral que tinha um time de futebol, que era o Guarany. O

²⁴ As ferrovias têm grande importância para a expansão e consolidação do futebol não só no Brasil, como em diversos países. De acordo com Leonardo Santos, a massificação do futebol só foi possível devido aos meios de transporte – ferroviários, marítimos e fluviais – que trabalhadores ingleses que estavam a trabalho em terras estrangeiras puderam difundir esse esporte durante seus momentos de lazer. Soares aponta algumas cidades que se tornaram “centros futebolísticos” devido às ferrovias, a saber: Avellaneda, Campos dos Goytacazes, Córdoba, Madrid, Bauru, Santa Bárbara, Coritiba, Cali, Guadalajara, Turim, Genk, Saint Etienne, Eindhoven etc. (SANTOS, 2014, p.2).

Guarany era de fábrica e era amigo, ele lá com seu Eduardo. Tanto eles vinham jogar aqui como nós ia jogar em Sobral (MELO, Fortaleza, 18 mai. 2015).

Segundo Viana, durante as temporadas realizadas para disputar torneios ou partidas amistosas, junto com os jogadores iam funcionários da fábrica responsáveis por fazer divulgação dos produtos que eram produzidos a partir do beneficiamento de óleo, como: Sabão Pavão, Sabonete Singel, Óleo de Cozinha Pajeú, Glicerina, entre outros. Além disso, o clube ainda recebia para poder jogar em outros municípios. Em 1958 – Usina era o atual vice-campeão do campeonato, ou seja, o segundo melhor time do Estado – a equipe da fábrica Siqueira Gurgel recebera convite para ir a Sobral realizar temporada de duas partidas amistosas contra o Ferroviário no fim de semana. O clube sobralense oferecia ao Usina a importância de Cr\$ 13.000 (Treze mil Cruzeiros) e estada para uma delegação de vinte pessoas (**Tribuna do Ceará**, Fortaleza, 04 fev. 1958).

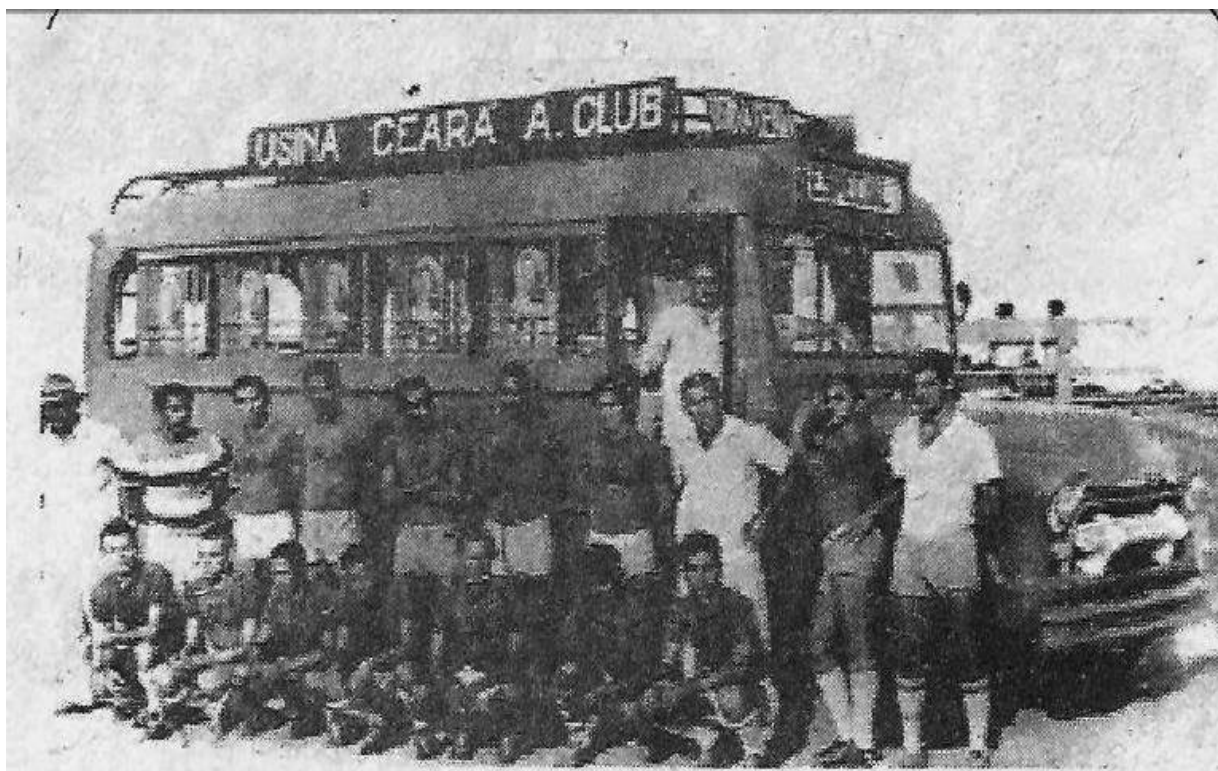


FIGURA 2: Ônibus e delegação do Usina Ceará em excursão na Paraíba, em 1956. Fotografia fornecida por Nonato Holanda à coluna “Recordando” escrita pelo jornalista Tom Barros no “Diário do Nordeste”.

Percebemos que o clube de futebol dava certa rentabilidade econômica para a fábrica Siqueira Gurgel, seja a partir de ganhos diretos como é o caso do valor ofertado pelos adversários interioranos, seja por meio da divulgação e propaganda dos produtos da fábrica.

Sabemos que nas relações humanas nem tudo gira em torno da questão econômica. E atribuir à manutenção de um clube de futebol por uma empresa considerando apenas o viés financeiro é uma visão deveras simplista.

Além da questão econômica, o clube de futebol mantido por uma fábrica serve como uma espécie de cartão de visitas. O prestígio de uma empresa podia ser favorecido pelo futebol. Assim, a imagem que o clube passava em campo reverberava para a empresa e sua organização (ANTUNES, 1994, p.106).

Sendo assim, seria importante que o Usina Ceará tivesse um desempenho em campo que fosse favorável a imagem da Siqueira Gurgel perante a sociedade. Havia uma preocupação em manter a disciplina e a organização da equipe em campo, tendo em vista que seus atletas também são operários da firma. Dessa forma, um desempenho desleal, traiçoeiro ou até mesmo violento desses operários-jogadores em campo seria prejudicial não só para a equipe de futebol, mas para a própria fábrica, uma vez que tais características poderiam ser atribuídas à empresa, aos funcionários e aos produtos.

Tal intento revela-se ao retomarmos a fala do “zagueiro proletário” do Usina Ceará e tecelão da Siqueira Gurgel, Viana de Melo:

A gente jogava duro. Agora, jogava na bola, não é como hoje que a gente vê. Uma coisa que eu tenho nojo num jogador é tacar a mão no olho do outro, tacar o braço no outro, derrubar. Eu acho uma covardia viu. Vamo dividir a bola na força. Quem ganhar ganhou. Como eu fazia com o Moésio. Jogava o Usina com o Fortaleza, era as barruada um com o outro. Moésio era forte e eu também. Quando nós ia dividir a bola saia todo mundo do mei. Quem se levantasse primeiro levantava o outro. E tem uma coisa, ganhou a bola, podia ir. Não ia cutucar o outro por trás, puxar o pé. Isso era covardia, no nosso tempo isso era covardia. Não tinha esse expediente, não (MELO, Fortaleza, 18 mai. 2015).

Jogo e trabalho, que aparentemente apresentam-se contraditórios, nesse caso se complementam. O lazer constitui um fato social de alta importância, condicionado evidentemente pelo tipo de trabalho que por sua vez exerce sua influência sobre ele. Ambos formam um todo (DUMAZEDIER, 1973, p. 110).

Percebe-se que, num time que tem origens fabris, há virilidade na forma de se portar durante uma partida de futebol. Mas há uma disciplina ordenada de tentar jogar duro, mas jogar limpo; de usar a força física, mas sem ser violento e de ser esperto, mas sem ser desonesto. Podemos depreender daquilo que o senhor Viana nos fala que o discurso presente no mundo do trabalho avultava-se para os gramados, pois quando esses operários-jogadores despiam-se de seu papel no campo eram essas as qualidades que os dirigentes da fábrica esperariam dos seus operários: um trabalhador forte, capaz de desempenhar bem suas tarefas e

em tempo hábil; disciplinado, que atenda as ordens sem contestação; e honesto, que possa ser confiável em todos os momentos.

Para que a reputação da empresa esteja associada a uma imagem vencedora, é preciso que sua equipe desempenhe boas partidas e obtenha vitórias no gramado. Se o desempenho da “equipe fabril” vai mal em campo, esse resultado terá uma repercussão negativa para a imagem da fábrica e de seus produtos.

Verificamos essas relações entre a fábrica Siqueira Gurgel, seus produtos e o “clube proletário”, ao analisarmos uma partida válida pelo segundo turno do Campeonato Cearense de Futebol de 1955 entre Ceará Sporting Club (CSC) e Usina Ceará. Tais equipes se enfrentariam para disputar a primeira colocação do turno. O “clube proletário” perde pelo placar de 1 x 0, deixando a liderança para a equipe do CSC. No dia seguinte a partida, o jornal “O Povo” trazia em sua página esportiva matéria que dava um grande destaque ao confronto. Intitulada “Não Resistiu o Usina ao impacto do Ceará e foi aliado da liderança”, além de quatro fotografias capturadas por Pedro Brasil. Uma destas, merece atenção especial.

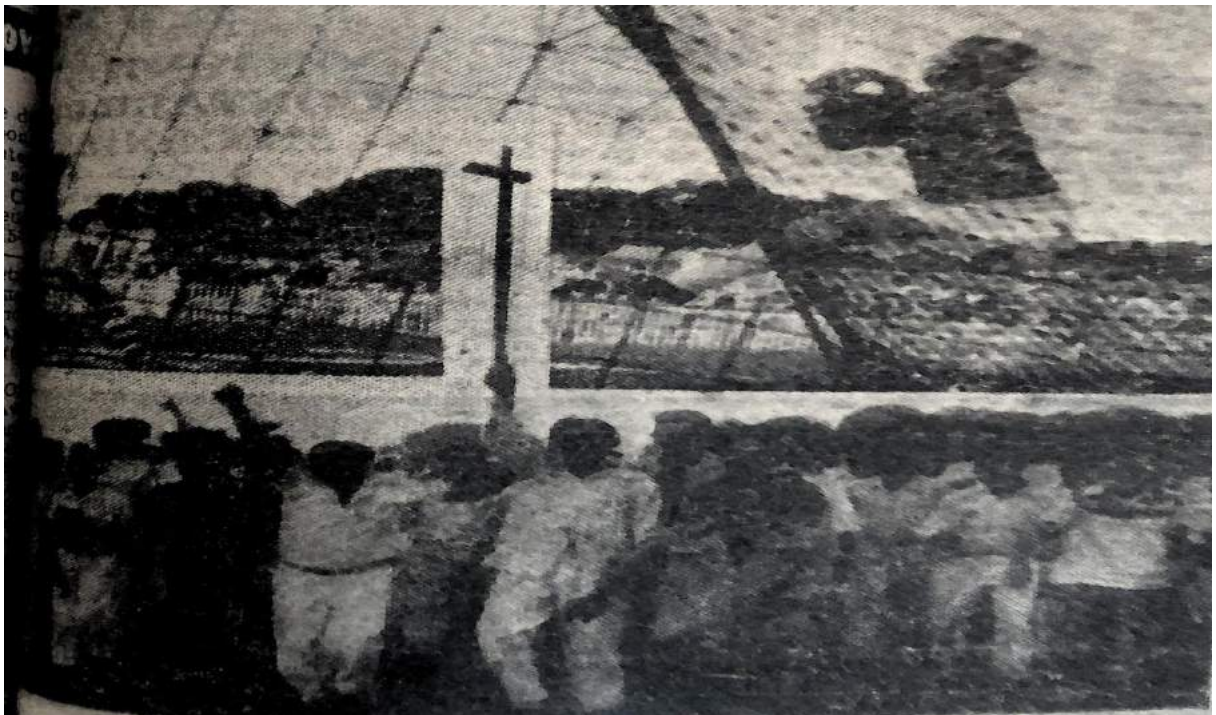


FIGURA 3: Nesta imagem temos dois clichês. Acima vemos Ivan, goleiro do CSC, realizando uma defesa. Abaixo vemos torcedores do CSC após vitória contra Usina pelo campeonato de 1955. (*O Povo*, Fortaleza, 19 dez. 1955).

Na imagem acima vemos um grupo de torcedores do CSC após a partida. Um deles empunha uma vara com uma barra de sabão marmorizado em sua ponta, provavelmente uma barra de Sabão Pavão. A foto trazia a seguinte mensagem em sua legenda: “Humorismo

do torcedor. Uma vara com uma barra de sabão na extremidade para significar que desta vez o Usina não lavou nada. A alegria dos torcedores do Ceará pela vitória foi grande, após o jogo”.

Não é só o jogo que cria a torcida, mas a torcida também cria o jogo (DAMO, 2014, p. 34). Torcedores também se apropriam do jogo criando redes de sociabilidade com as quais se identificam ou ignoram. A prática de achincalhar com o adversário derrotado é bastante comum entre os aficionados pelo futebol. Como forma de zombar da equipe do Usina, a torcida rival usa um produto que é símbolo da fábrica Siqueira Gurgel, com fins de menosprezar e diminuir o “clube proletário”, que tinha em sua formação operários que, provavelmente, trabalhavam na produção do próprio Sabão Pavão, justamente o produto da empresa que era mais propagandeado nas páginas esportivas dos jornais e das revistas especializadas em futebol. Este produto, agora, estava sendo apropriado pelos adversários para depreciar a “equipe proletária”.

De acordo com a socióloga Fátima Antunes, o clube fabril carregava consigo o nome e as cores da fábrica e, no limite, divulgava seus produtos. Os industriais percebem no futebol praticado pelos operários um veículo publicitário (ANTUNES, 1994, p. 106). Assim, não seria interessante para os dirigentes da fábrica ter esse tipo de associação negativa entre seus produtos e sua equipe de futebol. Portanto, se os dirigentes da Siqueira Gurgel iriam continuar com a difícil empreitada de manter um clube nos quadros da primeira divisão do futebol cearense, seria necessário um maior investimento que desencadeasse numa profissionalização do clube para que este viesse a se tornar um marketing positivo de sua empresa²⁵.

²⁵ O termo marketing positivo foi usado por José Leite Lopes ao analisar a relação estabelecida entre a fábrica Companhia Progresso Industrial do Brasil e seu clube de futebol Bangu Athletic Club, na cidade do Rio de Janeiro, no início do século XX. Leite Lopes afirma que o Bangu logo ganha mais popularidade do que a própria fábrica, servindo de publicidade para esta. “Em breve o time do Bangu era mais conhecido que a fábrica e fazia para ela um *marketing* positivo”. (LEITE LOPES, 2004, p.130).

2.2 O processo de profissionalização do “clube proletário”.

Quando a “equipe proletária” passa da Segunda para a Primeira Divisão do Campeonato Cearense de Futebol, algumas transformações serão sentidas nos espaços de visibilidade da equipe. Agora o Usina teria a garantia de maior frequência de atividade, uma vez que seguiria o calendário do campeonato e não mais a dinâmica incerta de marcar jogos amistosos em seu estádio durante os fins de semana. O espaço onde ocorrerão suas disputas também não será o mesmo, já que a maioria das partidas disputadas pelo campeonato federado transcorria na principal praça esportiva da cidade, o Estádio Presidente Vargas. Além disso, a equipe da Siqueira Gurgel deixava de ser aquela que disputava as partidas preliminares, tornando-se uma das protagonistas a pelear na partida principal. Por último, o espaço destinado a ela nas páginas esportivas dos periódicos deixam de ser as colunas reservadas aos embates suburbanos, muitas vezes intituladas “Esporte Menor”, e passa a ser as colunas e matérias esportivas principais, especialmente quando estavam desempenhando um bom campeonato.

Essa maior visibilidade que a “equipe proletária” ganhará ao ingressar no quadro principal da FCD, fará com que maiores gastos sejam dispendidos pela sua instituição financiadora. Para obter relevância nos meios sociais que eram permeados pelo futebol profissional e no status positivo proporcionado pela publicidade que o esporte mais popular do país traria, a fábrica Siqueira Gurgel atuará como um verdadeiro mecenas do clube industrial.

No decorrer da década de 1950, percebemos que há o intento dos dirigentes da fábrica em tornar o Usina Ceará numa equipe grande do futebol cearense. Ser grande, num primeiro momento, significaria montar equipes competitivas que fizessem frente aos clubes mais tradicionais da capital até então: Fortaleza, Ferroviário e Ceará. O pontapé inicial para esse objetivo seria a profissionalização do clube. Para tanto, a aquisição de jogadores profissionais era imprescindível. Além de qualificar o “clube proletário” em campo também ajudaria na popularização do Usina.

Os torcedores constituem parte fundamental na composição do futebol como prática social. Torcer para um clube estabelece uma identidade própria para cada torcedor (FRANCO JÚNIOR, 2007). No caso dos torcedores do Usina, tal identidade girava em torno das particularidades operárias e da espacialidade geográfica em que seus torcedores estavam

inseridos. De acordo com o “memorialista da bola” Alberto Damasceno²⁶, o Usina tinha sua torcida composta, principalmente, de funcionários da Siqueira Gurgel, e pessoas que moravam no Morro do Ouro²⁷, nas cercanias do estádio fabril (DAMASCENO, 2003, p.199).

A declaração de Alberto Damasceno pode ser fundamentada a partir de uma entrevista coletada pela revista “O Crack” onde o cronista João Serra, do jornal “O Estado”, se declara torcedor do Usina, pelo local de residência e pelo parentesco com a família dona do clube:

Desde 1954 quando me transferi para esta capital que resido no Otávio Bonfim, motivo porque sempre senti grande simpatia pelo ‘clube proletário’. Também a afinidade e parentesco com a família Gurgel vieram aumentar essa simpatia. Respeitando minha condição de cronista, declaro: ‘torço sempre pelo Usina (O Crack, Fortaleza set. 1961).

Para um clube que pretende profissionalizar-se e tornar-se um dos grandes da capital, ter uma torcida composta apenas por funcionários de uma fábrica e moradores do bairro onde ficava a sede do clube, por mais que fossem numerosos na localidade, não seria o ideal.

Passados os primeiros anos da década de 1950, os quais foram marcados por problemas de ordem climática que atrapalharam o faturamento das indústrias de óleo no Ceará, percebe-se que há um investimento financeiro significativo da fábrica Siqueira Gurgel em seu clube de futebol referente a contratações de atletas profissionais. Em matéria do dia 17 de março de 1959 o jornal “Gazeta de Notícias” anuncia um amistoso entre Usina e Gentilândia. Essa partida é noticiada com tons de atratividade para o leitor, uma vez que “tal amistoso levará um bom número de desportistas ao ‘Getúlio Vargas’”, pois era o Usina a equipe que mais despertava o interesse do aficionado, em se tratando de amistosos, pois tinha um plantel novo e composto de atletas de primeira linha (**Gazeta de Notícias**, Fortaleza, 17 mar. 1959).

Ao falar que o Usina era a equipe que mais despertava o interesse do aficionado, em se tratando de amistosos, podemos perceber que a “equipe proletária”, ao investir na

²⁶ Alberto Damasceno vive e participa do futebol cearense desde fins da década de 1950; foi colunista esportivo do jornal “Correio do Ceará”, treinador e presidente do América Futebol Clube, empresário de jogadores cearenses e dirigente do Ceará Sporting Club.

²⁷ De acordo com o historiador Gisafran Mota Jucá, o Morro do Ouro se enquadrava entre os bairros carentes e que estão situados nas proximidades de zonas industriais da cidade. “Apesar de pequenos, na década de 1930, os bairros pobres cada vez mais se tornavam visíveis, sobretudo acompanhando ferrovias e, na zona oeste, próxima aos trilhos, foram sendo instaladas indústrias. De 1930 a 1950, além das favelas do Pirambu e do Mucuripe, havia o cercado do Zé Padre, o Lagamar, o Morro do Ouro, situado entre o açude João Lopes e o atual Monte Castelo (...).” (JUCÁ, 200, p.48).

contratação de atletas profissionais e de boa qualidade iria atrair a atenção de outros torcedores, para além do bairro Otávio Bonfim e suas cercanias. O público que se fazia presente no Estádio Presidente Vargas era de “desportistas”. Ou seja, aqueles que gostavam de bom futebol e iam mais para ver os atletas do que acompanhar o clube em si. Contratar jogadores de renome seria uma forma de atrair esses “desportistas” que admiravam o futebol bem jogado.

Há, entre os dirigentes da Siqueira Gurgel, a intenção de profissionalizar seu clube de futebol. Para que isso venha a ocorrer, é interessante que o clube reduza o número de operários-jogadores e passe a contar com uma maioria de profissionais em seus quadros, uma vez que, como veremos a diante, em fins da década de 1950, os jogadores profissionais superaram os operários-jogadores. Sobre o processo de profissionalização do Usina, Edmar Gurgel nos conta que:

À proporção que a equipe foi desenvolvendo e passou a participar da Primeira Divisão é claro que ela se viu na obrigação de contratar profissionais. Aí, substituindo aqueles... Porque quando contratava alguém, esse jogador certamente porque já vinha com uma melhor qualidade física e técnica do que aqueles que eram operários da Siqueira Gurgel (COELHO, Fortaleza, 24 out. 2015).

A substituição “daqueles”, os quais fala o senhor Edmar, tratam-se dos operários-jogadores. Para ter um bom desempenho no campeonato do quadro principal da Federação, os dirigentes do Usina teriam que substituí-los por profissionais, tendo em vista as dificuldades que seriam encontradas ao enfrentar equipes tradicionais montadas por atletas que já encaravam a prática esportiva do futebol como uma profissão. Mas o processo de sobreposição não se dá por inteiro, as substituições irão acontecer de maneira pontual, já que, até o início da década de 1960, o Usina irá mesclar em seu elenco, atletas profissionais e operários-jogadores. Senhor Edmar nos revela considerações importantes acerca desse processo:

Aí, eu me prendo mais ao tempo da Segunda Divisão para a Primeira, até um determinado tempo em que eu participava dos jogos. A partir, digamos, dos dois últimos anos é que se tornou profissional e todos os jogadores passaram a ser profissionais. Não era mais aquele jogador que era empregado da Siqueira Gurgel, que trabalhava lá numa fiação ou numa saboaria, ou na glicerina fazendo sabonete ou óleo que jogava não. Aí já passou a todos ser profissionais. (COELHO, Fortaleza, 24 out. 2015).

Os dirigentes da “equipe proletária” foram fazendo contratações pontuais para as posições que achavam necessárias, deixando no elenco os operários-jogadores que mais se

destacavam. Estes faziam parte, principalmente, da defesa. Aqueles que não interessavam mais iam sendo substituídos por profissionais. Portanto, os profissionais irão dividir espaços no clube com operários-jogadores até início da década de 1960, próximo à data do fim do clube, que se dá em 1965. Nesse momento, as contratações já não mais seguiam àquelas feitas no início do clube. Quando se estabeleciam como critérios de contratação o atleta ser bom jogador e bom operário. Agora, a aquisição de um bom talento independia de seu ofício além dos gramados²⁸.

Pensando ainda na questão do crescimento da equipe e aumento do número de torcedores, tomemos a matéria escrita pelo jornalista do “Gazeta de Notícias”, César Coelho, em sua coluna “Ao correr da bola”, em que publica a 10 de maio de 1961 reportagem intitulada “USINA CRESCE MUITO”. Tal crescimento é atribuído ao grande investimento feito pelos dirigentes do Usina Ceará. Uma das formas do “clube proletário” crescer seria por meio da contratação de grandes nomes, ou seja, pelo investimento em material humano. Para o jornalista, esse crescimento também irá se dá no campo de sua torcida.

“Viram senhores? O negócio é gastar dinheiro, ter gosto com o clube para acabar com a história de time pequeno. O Usina do jeito que está, até torcida vai ganhando a cada jogo, tirando gente até mesmo do milionário de torcida, o Ceará Sporting” (**Gazeta de Notícias**, Fortaleza, 10 mai. 1961).

Pensando em atrair torcedores para o Usina, os dirigentes do clube passam a investir em contratações de jogadores profissionais conhecidos no futebol cearense e em alguns estados do Nordeste, como Maranhão, Paraíba, Pernambuco ou Rio Grande do Norte. Tal prática assemelha-se a realizada por grandes clubes da região sul e sudeste – Flamengo, São Paulo e Grêmio – na década de 1940. Segundo o antropólogo José Sérgio Leite Lopes, a estratégia de contratar jogadores famosos e próximos ao fim da carreira de outras equipes, mesmo que rivais, por mais que já não rendam tanto em campo, servia para que a simpatia que os aficionados tinham pelos atletas passasse para o clube que os contratavam.

O fato de o Flamengo contratar jogadores como Fausto, Domingos da Guia e Leônidas da Silva contribuiu para que esse clube, que antes tinha uma política amadorística, se fosse tornando o mais popular da cidade. (...) A grande popularidade de Domingos e Leônidas, aumentada com a volta da seleção que disputou a Copa do Mundo de 1938, passou para o Flamengo (LEITE LOPES, 2004, p.144).

²⁸ As relações entre jogadores profissionais e os dirigentes do clube e da fábrica serão melhores contempladas no decorrer do segundo capítulo desta dissertação.

Como exemplo dessa dinâmica nacional em que o clube da Siqueira Gurgel se inseria, podemos citar a contratação do atleta Luís Veras. No ano de 1956, o Usina Ceará, sob os auspícios do presidente Otacílio Amaral, contrata o experiente volante pernambucano Luís Veras. Tendo já atuado pelo Sport Clube Recife, Veras tem sua popularidade no futebol cearense pelas boas atuações e o título de 1954 conquistado pelo Fortaleza Esporte Clube. No alto de seus trinta e cinco anos, idade considerada avançada para jogadores profissionais, Veras vai para o Usina Ceará já no fim de sua carreira, mas carrega consigo sua popularidade para a “equipe proletária” (**O Crack**, Fortaleza, set. 1961).

Ao ser indagado sobre a constituição da torcida do Usina, o zagueiro Viana nos revela que a torcida vai aumentando à medida que a equipe passa a disputar títulos. Isso irá ocorrer com a chegada de profissionais ao clube.

Também foi no ano que ele (Usina) formou o time melhor. Foi quando o Veras saiu do Fortaleza e foi para o Usina. Veras e o Novíssimo, que era ponta esquerda. Era do Fortaleza também e foi para o Usina. Aí o time formou. O Veras trouxe um amigo dele, que era maranhense, Ananias, um meia esquerda bom. Aí pronto. Ajeitaram o time lá na frente, atrás tava já feita. (...) Daí pra frente, cinquenta e oito, o time já foi melhor. Já tinha assistência melhor, começou a ter renda melhor. Foi vice campeão, né! (MELO, Fortaleza, 18 mai. 2015)

Além de levar a simpatia dos aficionados pelo bom futebol para o “clube proletário”, a contratação de um jogador de renome, como no caso de Veras, servia para divulgar a equipe para outros atletas profissionais que, porventura, tivessem receios em ingressar no plantel de uma equipe fabril. Podemos dizer que, pelo seu histórico e importância no futebol local, esse atleta cria redes que contribuem para a integração do “clube proletário” no âmbito do profissionalismo.

Veras também trabalhará fora dos gramados para a Siqueira Gurgel. Atuando como uma espécie de embaixador do Usina Ceará, ele irá a Pernambuco em busca de novos jogadores profissionais. Por já ter atuado no futebol pernambucano, Veras possui contatos com valores desconhecidos do futebol cearense, mas que possuem notoriedade em Recife. Em matéria do “Tribuna do Ceará”, esse episódio teve destaque sob o título: “Ordem de embarque para Miro e Valter”.

A diretoria do Usina Ceará, cabografou ao médio Veras, que se encontra no Recife, comunicando que enviou passagens pela Panair do Brasil, para que os dois jogadores por ele conseguidos, venham a Fortaleza, a fim de serem submetidos a testes no quadro da Siqueira Gurgel. Como é de conhecimento público, Veras foi a Terceira Cidade do Brasil, como emissário do azulino, em busca de reforços para o seu quadro, para a temporada do corrente ano (**Tribuna do Ceará**, Fortaleza, fev. 1958).

Trazer atletas de um estado com tradição no futebol nacional, ainda mais da “Terceira Cidade do Brasil” à época, como destaca a matéria, significava dar importância especial ao Usina Ceará entre as equipes que disputavam o Campeonato Cearense de Futebol, além de dar notoriedade à fábrica Siqueira Gurgel, pois transmitia a ideia de prosperidade nos negócios desenvolvidos pela fábrica, já que buscar atletas profissionais do futebol pernambucano significaria empreitada bastante onerosa com deslocamento, que nesse caso fora feito de avião – meio de transporte mais dispendioso –, altos salários e luvas, um valor adicional pago no início do contrato²⁹.

No caso de Walter, o salário seria de Cr\$ 4.000 (quatro mil cruzeiros) mensais e Cr\$ 10.000 (dez mil cruzeiros) de luvas³⁰ (**Tribuna do Ceará**, Fortaleza, fev. 1958). Importante lembrar que o salário mínimo estabelecido para a cidade de Fortaleza era de Cr\$ 2.500 (dois mil e quinhentos cruzeiros) à época (IBGE, 1963). Ou seja, para a contratação desse profissional, os dirigentes da Siqueira Gurgel pagariam mensalmente Cr\$ 1500 (mil e quinhentos cruzeiros) a mais do valor do salário mínimo, além de oferecer quatro salários mínimos como adiantamento de contrato³¹.

Portanto, um dos fatores que contribuem para o acréscimo de aficionados da “equipe proletária” e aumento do grau de importância do Usina Ceará no cenário esportivo cearense se dá por meio da contratação de atletas que desempenhavam boas performances em outros clubes. Como visto acima, tais atletas vinham por um valor elevado, se comparado com os gastos que a Siqueira Gurgel tinha na manutenção de trabalhadores da fábrica como jogadores de seu time.

Anatol Rosenfeld, se aventurando na escrita sobre o futebol brasileiro nos meados do século XX, aponta para os investimentos necessários aos clubes que iam se tornando populares a partir das redes desenvolvidas pelo futebol.

Quanto maiores eram as multidões que aderiam ao futebol, tanto mais a popularidade e a importância de um clube dependiam do desempenho de suas equipes de futebol. Estas tornavam-se vitrines dos clubes, que, como instituições

²⁹ Trabalharemos melhor a questão dos valores e contratações de atletas no capítulo 2 desta dissertação.

³⁰ Chama-se “luvas” o valor adiantado que um clube paga a um atleta como forma de firmar um possível contrato.

³¹ Apenas dois anos antes dessa contratação, em 1956, foi ano de aumento do valor do salário mínimo. A mesma instituição que pagaria 37,5% a mais do valor do novo vencimento mensalmente e 400% para firmar contrato com um jogador profissional, se negava a dar o reajuste para seus operários, o que obriga a cerca de duzentos trabalhadores da Siqueira Gurgel entrarem em greve porque seus patrões não quiseram pagar o novo salário (JUCÁ, 2000, p. 60). Talvez, os altos proventos gastos com os jogadores profissionais e o descaso para com os verdadeiros proletários da Siqueira Gurgel, tenham dado um ânimo de indignação para aqueles que aderiam à greve.

sociais e em geral esportivas, concentravam interesses cada vez maiores (ROSENFELD, 1993, p.84).

Os fatores apontados por Rosenfeld para a popularidade e importância de um clube, também são estendidos para a fábrica a qual era dona e patrocinadora. O Usina seria uma “vitrine ambulante” da Siqueira Gurgel, que deveria deixar impressões visuais e simbólicas positivas no que tange à questão esportiva para os espectadores. Tais impressões seriam apropriadas nas acepções comerciais pela fábrica. Para que esta vitrine se apresentasse da maneira mais consumível pelos aficionados, seria importante que o clube investisse em material humano para exibir um melhor desempenho.

A maior aplicação de capitais na “equipe proletária” por parte de sua patrocinadora, no decorrer da década de 1950, só foi possível pela penetração de seus produtos no mercado local com menor preço e melhor qualidade (ALMEIDA, 1989, p. 171). A Siqueira Gurgel & Cia. Ltda., a partir de 1953, dá início em terras cearenses a fabricação de óleos comestíveis de algodão, de soja e composto de algodão e soja. O pioneirismo na fabricação de óleos comestíveis no estado confere à fábrica do bairro de Otávio Bonfim lucros consideráveis.

O óleo Pajeú conquistou espaço próprio nas prateleiras dos estabelecimentos comerciais de todo o estado atravessando décadas e conquistando sempre maior número de consumidores cuja preferência, além da qualidade, quase sempre se fundamentava no menor preço do produto quando comparado aos demais óleos de algodão e soja importados do Centro-Sul (ALMEIDA, 1989, p. 143).

Além do óleo Pajeú, o óleo de gordura Cariri, de 1954, e o sabonete Singel, de 1956, irão conferir vantagem à Siqueira Gurgel entre as fábricas que trabalhavam com o beneficiamento de óleos no Ceará.

Os esforços demandados pela fábrica Siqueira Gurgel em profissionalizar sua equipe de futebol começam a dar resultados em campo. O Usina Ceará conquista a segunda colocação nos Campeonatos Cearense de Futebol em 1956 e 1957, perdendo os títulos para o Ceará Sporting Club.

Mesmo contando com jogadores profissionais de renome no futebol cearense e atletas vindos de clubes de fora do estado em seus quadros, situação bem diferente do seu início no cenário das disputas interfábricas, outras condições seriam necessárias para a inserção da “equipe proletária” no profissionalismo. Apenas a intenção dos dirigentes e referências passadas por jogadores não bastariam para que atletas profissionais se estabelecessem num clube de futebol. Seriam necessários ganhos e condições materiais para que, cada vez mais, atletas profissionais exibissem seus talentos pelo campo de Otávio

Bonfim. Para tanto, tornava-se imprescindível que o clube da Siqueira Gurgel estivesse integrado no processo de profissionalização o qual passava o futebol naquele momento no Brasil.

Em meados da década de 1950, durante a gestão de João Havelange à frente da CBD (Confederação Brasileira de Desporto), a organização do futebol brasileiro estava passando por transformações que seriam decisivas. Ao assumir a presidência da CBD em 1956 o novo presidente passa a dar ares empresariais e técnicos no futebol nacional, principalmente, na seleção brasileira de futebol. Para a Copa do Mundo de 1958, a ser disputada na Suécia, Havelange dota de profissionais especializados a comitiva que seguiria para o continente europeu junto com os atletas, principalmente na área da saúde. Além de treinador, médico, massagista e roupeiro, foram incorporados na comitiva da CBD um preparador físico, um psicólogo e um dentista (GUTERMAN, 2010).

Essas transformações passam a ser sentidas no Usina após o mandato do senhor Otacílio do Amaral como presidente do clube. No fim do ano de 1955, o Usina Ceará Atlético Clube manda para o jornal “O Povo”, um ofício circular anunciando a composição de sua nova diretoria. Como presidente de honra consta o senhor Eduardo Gurgel, um dos sócios-proprietários da Siqueira Gurgel, e como presidente do clube Otacílio Medeiros do Amaral (**O Povo**, Fortaleza, 13 dez. 1955). Durante o período em que o senhor Amaral esteve à frente da direção técnica do “clube proletário”, o Usina irá ganhar maiores investimentos da fábrica e conquistar seus resultados mais expressivos – vice-campeão em 1956, 1957, 1961 e 1962.

“Usina não é o mais caro, mas é o melhor time de todos”. Assim anuncia a chamada da entrevista do diretor do clube da Siqueira Gurgel, senhor Otacílio do Amaral, publicada pelo “Gazeta de Notícias” em 05 de abril de 1961³². Nessa entrevista, Otacílio conta que foi gasto muito na montagem de um bom elenco para a disputa do campeonato daquele ano. César Coelho, jornalista que escreveu a matéria, chama o Usina de “vedete” do campeonato que está em disputa. Ou seja, devido aos grandes investimentos, o Usina seria a grande atração do campeonato.

Otacílio continua sua entrevista falando que a diretoria gastou o necessário para montar o melhor quadro do futebol do estado. Os esforços são para a conquista do

³² Podemos perceber que essa matéria dá tons de promoção para a equipe do Usina Ceará. Mas esse tipo de reportagem não era exclusiva do “clube proletário”. Outras matérias com dirigentes, técnicos ou jogadores de clubes que disputam o Campeonato Cearense de Futebol foram feitas pelo “Gazeta de Notícias” nesse sentido. Neste mesmo ano de 1961, além da já referida matéria com o dirigente do Usina, temos outros exemplos, como: “Ceará pretende mudar para melhor – o ano novo poderá trazer reabilitação” (**Gazeta de Notícias**, Fortaleza, 06 jan. 1961); “Ferroviário vai entrar pra valer este ano” (**Gazeta de Notícias**, Fortaleza, 07 abr. 1961); “Tri-Campeonato e Copa do Brasil são metas de Otoni Diniz – Entrevista do Presidente do Fortaleza à Reportagem do GN” (**Gazeta de Notícias**, Fortaleza, 01 mar. 1961).

campeonato cearense que ainda não haviam conquistado, por mais que já tivessem chegado próximos. “Por duas vezes estivemos em cima do título e perdemos pelo cúmulo do azar” (**Gazeta de Notícias**, Fortaleza, 05 abr. 1961).

O senhor Amaral enfatiza na entrevista que o Usina tem um dos melhores departamentos médicos do futebol cearense. Ele destaca, ainda, que o departamento médico terá papel atuante para a conquista dos objetivos do clube, destacando que os jogadores serão obrigados a receber o tratamento de que dispõem.

O Departamento Médico do Usina Ceará, um dos departamentos melhor aparelhado do clube, passará a ser um fato de agora em diante, pois os jogadores serão obrigados a receberem o tratamento de que dispõem, como aplicação de injeções de vitamina e outros tipos de medicamentos que estão armazenados em nossa farmácia, sem que os atletas tenham a lembrança de o procurarem, o que resulta é claro, em prejuízo para o próprio clube, que com todo material necessário à disposição não pode fazer um serviço perfeito na parte médica. Na campanha que vai começar, os jogadores serão obrigados a comparecerem ao ambulatório, para que sejam tratados como autênticos profissionais que tem a responsabilidade de dar ao Usina um título que a muito procuramos (**Gazeta de Notícias**, Fortaleza, 05 abr. 1961).

Pela fala do senhor Otacílio do Amaral, podemos perceber sua intenção em colocar a “equipe proletária” no hall dos clubes profissionais e integrado à modernização do futebol que já se desenrolava desde meados da década de 1950, já que departamentos médicos bem aparelhados já se davam de fato nos grandes clubes a nível nacional³³.

Para além das questões esportivas, podemos pensar o departamento médico citado na matéria como do clube relacionado ao mundo do trabalho. Tais ações praticadas no campo da medicina esportiva seria uma extensão do que era desenvolvido entre os muros da fábrica, uma vez que para obter melhores rendimentos no desenvolvimento laboral dos jogadores era utilizado o ambulatório da própria firma. De acordo com o “zagueiro proletário” José Viana de Melo, o departamento médico do Usina Ceará era composto pelo médico Edmar Fujita e pelo enfermeiro Milton Rocha (MELO, Fortaleza, 14 jan. 2016).

Para o presidente Otacílio do Amaral, ter um departamento médico qualificado seria um elemento fundamental para que um clube de futebol e seus atletas fossem considerados profissionais. Além de cuidar de contusões e machucados, que são frequentes nas partidas de futebol, outra função do departamento médico, para tratar seus atletas como “autênticos profissionais”, consistia na aplicação de injeções de vitamina e outros medicamentos.

³³ O Fluminense Football Club, tradicional equipe carioca, já em 1952, contava com três médicos, 1 enfermeiro e quatro massagistas em seu Departamento Médico (ROSENFELD, 1993, p. 90).

Tinha aminose e vitamina B1. Doutor Fujita não deixava faltar. A gente tinha que tomar vitamina B1 por causa dos músculo, pra não dar distensão. Era muito difícil um jogador do Usina ter distensão, porque tomava vitamina B1. Doutor Fujita, se ele fosse vivo eu não teria pegado a diabetes. Minha má sorte foi o doutor Fujita ter morrido cedo (MELO, Fortaleza, 14 jan. 2016).

Depreendemos da fala do senhor Viana que tais medicamentos injetáveis garantiam um bom desempenho muscular dentro do campo e lhe garantiam vitalidade fora dele. Se pensarmos a relação da medicina esportiva desenvolvida dentro de um time fabril, onde o ambulatório do clube localizava-se dentro da própria fábrica, veremos a medicina esportiva sendo desenvolvida num espaço onde o intuito é aperfeiçoar corpos para o trabalho fabril, já que para obter um melhor rendimento no desenvolvimento laboral do operário, em relação a maior produção em menor tempo possível, era necessário que este se encontrasse em boas condições de saúde. Condições estas que nem sempre eram possíveis, quando se tratava de um operário-jogador. Por se tratar de um esporte de contato físico, é comum que alguns jogadores saiam lesionados das partidas, o que os prejudicariam no bom desenvolvimento de seu ofício na fábrica.

O processo inverso também acontece, tendo em vista que a insalubridade do ambiente industrial também adoecia aqueles que lá se inseriam. Viana nos revela que o setor da tecelagem onde trabalhava na fábrica Siqueira Gurgel, atrapalhava seu desempenho não só como operário, mas como jogador.

Tinha um problema nas amígdalas, por causa da poeira da firma, da tecelagem da fábrica. Eu trabalhava desde menino e peguei essa poeira. Dava muito trabalho ao doutor Fujita. Bastava eu gripar, tinha logo febre. Aí, doutor Fujita, foi no tempo que apareceu a penicilina, mandava aplicar logo a penicilina pra mim num perder o jogo. Teve um tempo que o Usina só tinha doze, treze jogador. Não tinha quem substituísse (MELO, Fortaleza, 14 jan. 2016).

Ao tomarmos a relação entre tempo e produção, podemos traçar um paralelo entre o trabalho que era desenvolvido na fábrica e o trabalho desenvolvido nos gramados, pois ambos têm tempos delimitados e terá êxito aquele que mais produzir contra o cronômetro. Para isso, é necessário que tanto o operário, quanto o jogador esteja em plenas condições de saúde para desempenhar com presteza suas atividades e funções. Assim, diferente do que Otacílio Amaral conta à imprensa, o departamento médico do Usina seria um equipamento que atenderia mais os anseios dos dirigentes da fábrica, do que dos próprios jogadores, uma vez que mantinha operários e jogadores a/em disposição para enfrentar seus ofícios, além de servir como um atrativo para outros atletas profissionais.

Fruto da profissionalização que passa a ser adotada dentro do clube, diferente dos primeiros anos da década de 1950, o Usina Ceará agora apresenta bons desempenhos no Campeonato Cearense de Futebol, figurando sempre nas primeiras posições, e almejando o título. Ao ser questionado sobre as diferenças existentes entre o clube da Siqueira Gurgel e as equipes mais tradicionais da capital, Fortaleza, Ferroviário e Ceará, o ex-jogador, trabalhador da fábrica e morador do bairro Otávio Bonfim, Edmar Gurgel, nos fala:

Porque quando o Usina começou, vindo da segunda divisão, era tido como um time de subúrbio de Otávio Bonfim, um time fabril e que foi galgando o seu espaço. É tanto que no final os jogos do Usina já passaram a ser considerados clássicos. “Hoje Usina contra Fortaleza, Ceará contra Usina, contra Ferrim”. Já no final (COELHO, Fortaleza, 24 out. 2015)!

Ao acompanhar a trajetória de uma equipe gestada entre operários para disputar partidas amistosas e campeonatos interfábricas e que passa a participar do principal campeonato da Federação Cearense de Desportos, senhor Edmar – mesmo que não tenha participado efetivamente dessa transformação, pois o profissionalismo não permitiu – mostra orgulho em contar e ter participado da história do clube fabril e de bairro que conseguiu fazer frente aos grandes clubes de futebol do Estado. Para ele, tal reconhecimento se materializava nas páginas esportivas dos jornais ao anunciarem os jogos do Usina como clássicos.

Em matéria publicada no ano de 1961, o jornal “Gazeta de Notícias” anuncia que “O certame da cidade terá à tarde de domingo a realização do grande clássico entre as equipes do Usina Ceará x Ceará Sporting Club”. Tal embate agora é tratado como clássico, uma vez que “a peleja que a muito vem despertando o público aficionado local pela importância que representa para atual disputa do campeonato de 1961 em seu primeiro turno” (**Gazeta de Notícias**, Fortaleza, 10 mai. 1961).

A matéria segue mostrando que o Usina é um dos favoritos para a conquista do campeonato pelo que foi investido. Interessante perceber que o tratam como sendo de um diretor da fábrica: “O Ceará, por sua vez, mesmo sem ostentar a colocação do quadro de Otacílio Amaral (...)” (**Gazeta de Notícias**, Fortaleza, 10 mai. 1961). O quadro de Otacílio do Amaral no caso seria o Usina Ceará. Percebemos que o clube é personificado na figura de um dirigente da fábrica. Tal associação mostra-se como uma espécie de mecenato formulada por parte da imprensa.

Proporcional ao investimento feito pela fábrica em seu clube de futebol é o controle que ela irá exercer sobre o mesmo. Uma dessas formas de controle se materializa na concentração de jogadores antes das partidas em alojamentos construídos pelos clubes. Por

mais que essa medida tivesse, e ainda tem, sua validade questionada, esta imposição seguia a tendência estabelecida entre os grandes clubes nacionais.

Mais um equipamento, que incluiria os "proletários" no hall do profissionalismo, seria inaugurado pelos seus dirigentes em 1961. Tratava-se do Alojamento José Gurgel Valente. O periódico "Gazeta de Notícias" irá dar notoriedade a essa inauguração. A matéria se inicia falando da boa fase pela qual passa a equipe do Usina e da importância que será ter um bom desempenho na partida, que decidiria a liderança do campeonato daquele ano, contra o Ceará. A matéria segue afirmando que os "dirigentes proletários estão no firme propósito de proporcionar aos jogadores usinenses todo conforto necessário a uma conduta firme diante dos alvinegros". Para tanto os dirigentes irão apressar a inauguração dos novos alojamentos José Gurgel Valente. Tal inauguração contaria com uma solenidade às autoridades presentes – serviço de profuso coquetel. Só após, se iniciariam a concentração dos craques (**Gazeta de Notícias**, Fortaleza, 10 mai. 1961).

Senhor Viana nos conta como era esse alojamento que servia de concentração para os jogadores:

Rapaz, era uma casa grande que era dos avós do seu Eduardo. Ela vivia fechada lá no canto da fábrica. Aí, seu Amaral foi quem arrumou essa casa pra fazer o alojamento para os jogador e pra concentração. Aí, quando ele arranhou a casa, mandou limpar (...). Pra véspera de jogo. Naquele tempo tinha muito jogador que bebia muito. Principalmente aqueles que bebia era que ficava confinado de quinta feira depois do treino até o dia do jogo (MELO, Fortaleza, 14 jan. 2016).

A inauguração de um alojamento para as concentrações dos jogadores do Usina Ceará antes das partidas é anunciada na imprensa com o "propósito de proporcionar aos jogadores usinenses todo conforto" necessário antes das partidas. De acordo com a visão institucional, o alojamento serviria para tranquilizar corpos e mentes dos atletas, tendo em vista um bom desempenho nas partidas do campeonato. Na verdade, tal iniciativa tinha o propósito de controlar e disciplinar os corpos dos atletas que viessem a comprometer, por conta de atividades deturpadas, o bom desempenho da equipe durante a partida³⁴.

³⁴ O fato de um jogador permanecer concentrado às vésperas do jogo não quer dizer que ele vá ter um bom rendimento em campo. Assim como o contrário também não é garantido, uma vez que atletas que não são adeptos à concentração e conseguem burlar o controle e a disciplina do clube, muitas vezes conseguem ser decisivos em campo. O ex-técnico do Botafogo durante a década de 1950, João Saldanha, era crítico das concentrações. Em seu livro de memórias ele nos conta um pouco sobre como era esse ambiente num clube de expressão nacional. "Não vejo vantagem alguma nas concentrações. No máximo um dia. Só para juntar o bloco na véspera do jogo. A concentração demorada só serve para enervar a todos e conduz uma vida ociosa" (SALDANHA, 1980, p. 58).

Para montar os equipamentos esportivos que enquadrariam o Usina Ceará entre as equipes profissionais os “dirigentes proletários” se valem das edificações que já pertenciam à fábrica ou que se encontravam abandonadas. Tais equipamentos, juntamente com a contratação de atletas profissionais, para além dos ganhos materiais e econômicos, trariam para o Usina Ceará e sua fábrica patrocinadora ganhos simbólicos de reconhecimento social. Patrocinar, pertencer, torcer e jogar pelo Usina Ceará Atlético Clube, depois das ações profissionalizantes, não teriam mais o mesmo significado dos anos iniciais de time de fábrica. Relações de pertencimento vão sendo gestadas no decorrer da existência do clube. Afora jogadores e dirigentes, um clube se personifica em seus torcedores. No caso de um clube fabril, como dito anteriormente, essa torcida era composta, basicamente, por operários e seus familiares, além da comunidade residente no bairro Otávio Bonfim.

Isto posto, veremos como esses sujeitos irão estabelecer relações com os equipamentos esportivos e de lazer que a fábrica oferecia para a comunidade.

2.3 O lazer distinto: o clube social do Usina Ceará e a Cancha Proletária.

Quando falamos em lazer logo nos vem à mente atividades lúdicas desenvolvidas individualmente ou integradas num coletivo com interesses afins. Se pensarmos no lazer inserido nas sociedades cujo processo de industrialização e urbanização estão bem consolidados, essa noção nos chega, cada vez mais, associada ao tempo do não-trabalho, uma vez que, teoricamente, seria o tempo dedicado pelo indivíduo à prática de atividades sem interesses materiais. É importante deixar claro que quando fazemos a relação entre lazer e não-trabalho, não estamos depreciando o lazer. Entendemos que este se apresenta como elemento central da cultura dos trabalhadores e com grande relevância, além da esfera do trabalho, nas esferas familiar e política (DUZAMEDIER, 1973).

Por se tratar de um assunto tão dinâmico, o lazer tomará formas distintas de acordo com lugar e contexto histórico em que é praticado. Por isso, devemos ter o cuidado em dotá-lo de historicidade. Ao estudar as práticas de lazer concebidas na cidade de Fortaleza durante as décadas de 1950 e 1960, devemos lembrar das transformações às quais a capital cearense passava por conta da expansão capitalista e o crescimento urbano.

O processo de industrialização sofrido pela cidade de Fortaleza provoca uma profunda divisão social e espacial do trabalho implicando mudanças na vida dos sujeitos sensíveis a essa transformação. Aglomeração da população e a urbanização produzem mudanças significativas na vida dos sujeitos inseridos nessa dinâmica. “O individualismo tende a crescer nas cidades; os laços entre os habitantes se enfraquecem. Todos estão vinculados e ligados à massa humana, amorfa e desintegrada” (CARLOS, 1992, p. 46).

As práticas de lazer desaceleram essa desintegração e individualismo proporcionados pela dinâmica industrial. Entendemos que essas práticas despertam formas de sociabilidade que são experimentadas em conjunto. Tais experiências contribuem para a formação de laços entre aqueles que pertencem a um grupo social e que possuem interesses semelhantes. Seja no entretenimento mais “vigiado” propiciado pela criação de clubes – cineclubes, clubes sociais ou clubes esportivos –, seja nas distrações em que populares se arranjam de maneira mais independente nos subúrbios da cidade organizando partidas de futebol nos campos de várzea, por exemplo. Quando tratamos de um entretenimento vigiado, estamos querendo dizer que essas formas se dão de maneira institucional e praticada sob determinadas regras de controle, já que suas reuniões são realizadas sob normas estatutárias, registradas em atas, em dias específicos e existe uma dificuldade maior de um indivíduo proveniente de outro grupo social inserir-se nesses clubes. Além do mais, os eventos e

reuniões desses clubes têm espaço garantido nas páginas esportivas ou sociais dos jornais da cidade, enquanto os lazeres populares são silenciados, limitando-se a meras notas de informação sobre o futebol praticado nos bairros suburbanos.

Numa realidade capitalista o lazer, tal como as demais funções urbanas, ocorre de maneira diferenciada, atendendo aos anseios dos diversos grupos sociais que criam ou se apropriam de espaços públicos ou privados da maneira como melhor lhes convém, ou no caso dos menos favorecidos, da maneira que lhes é possível (PONTES, 2005, p.p. 101-102).

De acordo com Albertina Pontes, ao tratar dos clubes sociais na cidade de Fortaleza entre as décadas de 1950 e 1970, o lazer tem espaços determinados para sua prática e são bem definidos pelos grupos sociais que os integram. Dificilmente veremos um operário, um pedreiro ou mesmo um desempregado, que joga futebol nos campos suburbanos frequentando as dependências de um clube social para participar de suas atividades de entretenimento.

No bairro de Otávio Bonfim, local em que a fábrica Siqueira Gurgel exercia grande influência, também serão construídos espaços de sociabilidade para a população, operários da fábrica e comunidade do entorno. Tais equipamentos, que também serão espaços distintivos do lazer, constituem-se num clube social e num estádio de futebol. Tais equipamentos foram construídos por iniciativa dos dirigentes da fábrica Siqueira Gurgel nos terrenos próprios da empresa.

Quando pensamos na iniciativa de se construir um clube social e, principalmente, um estádio de futebol, como os erigidos no bairro Otávio Bonfim, nos incorre a grande extensão territorial demandada para essa empreitada. A construção desses equipamentos está intrinsecamente associada ao processo de transformação do espaço, ocasionado pela industrialização e urbanização, ao qual o bairro de Otávio Bonfim, chamado inicialmente de Matadouro, irá passar com a chegada do que viria a ser a fábrica Siqueira Gurgel.

O desenvolvimento gradativo de aquisição de terras no Otávio Bonfim por parte da Siqueira Gurgel, remonta ao ano de 1919, quando o empresário do ramo de beneficiamento de algodão e fundador da Usina Gurgel, o senhor Teófilo Gurgel Valente transfere sua fábrica do centro da cidade para o bairro em questão. Tal transferência se dá na medida em que o espaço de sua fábrica não atendia à demanda e à diversificação de produção. Com a impossibilidade de expansão das dependências fabris no próprio centro, Teófilo Gurgel instala sua empresa no bairro Otávio Bonfim. A transferência para esse bairro não se dá de maneira aleatória, uma vez que requisitos básicos deveriam ser satisfeitos.

Para a instalação da nova fábrica, Teófilo Gurgel Valente escolheu o bairro do Matadouro, então Otávio Bonfim. Distante do centro da cidade, este bairro era pouco povoado; sua maior população era composta por rebanhos bovinos que pastavam livremente nos campos e caminhavam pelas poucas ruas existentes, estreitas e sem pavimentação. Mesmo assim o bairro respondia duas exigências básicas de Valente. Primeiro, dada a distância do centro e do pouco povoamento da área as terras ainda não estavam em processo de especulação o que lhe garantiu a aquisição de grandes extensões de terra por um custo mínimo. Segundo, Toda aquela área contava com os benefícios da estrada de ferro. A Usina Gurgel foi construída às margens daquela estrada onde permanece até os dias atuais (ALMEIDA, 1989, p.p.58-89).

Para que uma unidade produtiva possa funcionar a plenos pulmões, algumas demandas devem ser atendidas. No caso da Usina Gurgel, futura Siqueira Gurgel & Cia, Ltda., a proximidade com a ferrovia, que era a rede que interligava as relações e dependências capitalistas à época, e a aquisição de extensos territórios, por um preço que ainda não teria sido alcançado pela especulação imobiliária, foram os fatores decisivos para a escolha do bairro Otávio Bonfim. Verificamos que ainda na década de 1950, a grande extensão de terras conseguidas por Teófilo Gurgel se encontra consolidada.

Rapaz, era muito grande ali, viu. Era tão grande ali que o trem entrava lá dentro pra deixar mercadoria. O trem do Otávio Bonfim tinha um ramal quando ele trazia caroço de algodão do sertão pra fazer óleo. Ele entrava, tinha um portão grande. Ele entrava e ia deixar lá dentro da fábrica, o trilho. E ao redor era a casa dos operário. Construída pela firma. Aquilo ali, olha, do Monte Castelo até, assim... Da Duque de Caxias, pra Bezerra de Menezes, dali do Mercado São Sebastião até o Monte Castelo era tudo da Siqueira Gurgel, era dos Gurgel (MELO, Fortaleza, 18 mai. 2015).

O relato acima foi feito pelo senhor Viana ao nos responder como era o entorno da fábrica em que trabalhou como tecelão durante a década de 1950. Ao cruzarmos as informações contidas no trabalho de Maria Iselda Almeida com a narrativa de nosso entrevistado, podemos inferir a importância que a fábrica Siqueira Gurgel teve no processo de transformação do espaço daquele bairro. Assim sendo, foi a aquisição de vastos territórios na localidade que possibilitou o Usina Ceará ter o seu estádio de futebol e seu clube social, além do prédio que servia de alojamento para as concentrações dos jogadores e da vila operária destinada aos trabalhadores da fábrica.

Os equipamentos de lazer erigidos nos entornos da fábrica não ficaram de fora da dinâmica de distinção que lhes é característica. Tanto o clube social quanto o estádio de futebol, tinham papéis bem definidos na acomodação dos sujeitos que estavam inseridos na dinâmica social que se estabelecia entre equipamentos de lazer da fábrica, comunidade do

bairro e desporto. Aqui, não limitaremos ao futebol, uma vez que outros esportes passam a ser praticados com a construção da quadra de esportes no Clube Social do Usina Ceará.

O industrial e ex-sócio da Siqueira Gurgel, senhor Eduardo Gurgel, em entrevista gravada pelo NUDOC-UFC (Núcleo de Documentação Cultural da Universidade Federal do Ceará), ao ser questionado sobre os encargos sociais que a fábrica oferecia aos operários fala a respeito da vila operária, da escola, do time e termina falando do estádio de futebol. “O terreno onde hoje é a Crasa³⁵. Ali era nosso. Ali era nosso campo. Tinha o campo, tinha arquibancada. Era uma coisa meio rústica, ‘nera’. Mas o pessoal treinava lá” (GURGEL, Fortaleza, 1984).

Ao arrolar os encargos sociais que a fábrica destinava aos empregados, senhor Eduardo Gurgel não lista o Clube Social do Usina Ceará. Perceberemos que entre os equipamentos de lazer oferecidos à comunidade e aos trabalhadores do bairro, este não estava aberto à participação dos operários.

Ao falar em clube social em meados do século XX, imaginamos locais de glamour e elegância destinados a poucos. Assim, ter um espaço para a realização de encontros festivos e práticas desportivas como esse, seria uma espécie de distinção para patrocinadores e seus frequentadores. Tal expediente inseria-se num momento em que os clubes sociais estavam, cada vez mais, presentes nas práticas de sociabilidade da cidade de Fortaleza das décadas de 1940 e 1950. “As festas promovidas pelos clubes e associações serviam de ocasião à exibição do luxo e prestígio adquiridos pelos envolvidos nas comemorações. Só que a forma de usufruir o lazer limitava-se aos mais favorecidos” (JUCÁ, 2000, p.150).

O clube do Usina está inserido num momento em que inúmeras agremiações ligadas aos vários setores da classe média, com maior ou menor poder aquisitivo, também queriam usufruir dessa forma de associação e lazer (PONTES, 2005). Seu clube estava enquadrado entre os ditos suburbanos, aqueles que não tinham tanto destaque quanto os chamados “clubes elegantes” – Clube dos Diários, Ideal Clube, o Náutico Atlético Clube, Iate Clube, entre outros – mas tinha grande representatividade entre os indivíduos do bairro Otávio Bonfim e redondezas.

Por mais que o clube do Usina Ceará estivesse enquadrado entre os suburbanos, havia uma seleção entre aqueles que almejavam integrar seus quadros. Sobre a dinâmica deste equipamento, senhor Edmar Gurgel, ex-trabalhador da fábrica, nos responde:

³⁵ Crasa é uma concessionária de veículos que está situada no bairro Farias Brito, entre na interseção das avenidas José Jatahy e Duque de Caxias. Tal terreno fica nas proximidades do terreno da antiga fábrica Siqueira Gurgel.

(...) os operários, devido as suas condições financeiras, pouco frequentava. Só os empregados mais graduados, de escritório, os de venda, os chefes de seções. Os que frequentavam eram os que tinham melhores condições financeiras. O operário em si, era pouco. Quem mais frequentava era o pessoal do bairro. Congregava muito assim, o pessoal da Paróquia da Nossa Senhora das Dores, todo aquele pessoal da vizinhança frequentava lá (COELHO, Fortaleza, 24 out. 2015).

Percebemos na fala de senhor Edmar que o clube social era um espaço de distinção naquele microcosmo. Os operários, por não poderem contribuir com as taxas associativas mensais, não participavam dos eventos realizados nas dependências do clube. Apenas os funcionários que tinham um melhor cargo – consequentemente, um melhor salário – na fábrica, como os que trabalhavam no escritório, os vendedores e os chefes de seção, tinham as condições materiais necessárias de integrar esse espaço privado de lazer.

Além de estar integrado entre os clubes suburbanos, o clube do Usina Ceará também se enquadrava entre aqueles oriundos de times de futebol, como o Maguari, o América e o Gentilândia – equipes de futebol que tinham seus clubes sociais. Esses três com maior expressão social do que a agremiação da Siqueira Gurgel. Entre as atividades de lazer desenvolvidas nesses clubes, os esportes tinham grande destaque.

Além dos quadros de futebol (quatro categorias), o clube de Otávio Bonfim mantém equipes de futebol de salão e voleibol (masculino e feminino). Instalado em confortável sede, à Avenida Bezerra de Menezes 78, o clube conta com uma quadra para esportes (ilegível) onde sempre se realizam grandes noitadas. Sua parte social também é muito ativa e seus associados se reúnem semanalmente em animadas tertúlias dançantes (**O Crack**, Fortaleza, set. 1961).

Esse depoimento foi extraído de uma matéria da revista esportiva “O Crack” sobre o aniversário de onze anos do Usina Ceará, onde o jornalista Alfredo Sampaio homenageia os feitos do “clube proletário” em tão curto período de existência. Entre esses feitos está o clube social do Usina. Um equipamento do clube que merece destaque é a quadra, uma vez que este mesmo local é apropriado de formas diferentes, tornando-se espaço para as “animadas tertúlias dançantes”, além de se tornar espaço para a prática do futebol de salão e do voleibol.

Os esportes praticados nas dependências dos clubes sociais consistiam naqueles que se adéquam aos ares modernizantes à época e que remetiam aos padrões da cultura estadunidense, como o voleibol e o basquetebol, além do tênis, tradicional esporte britânico. O futebol, que à época de nosso recorte temporal já se constituía num esporte popular e que em nada se associava com aspectos modernos e distintivos na sua prática amadora, foi adaptado para ser praticado em quadras na modalidade de futebol de salão. Portanto, os

esportes também se apresentam como uma prática distintiva entre seus praticantes e fomentadores.

Da matéria da revista “O Crack” intitulada “Usina Ceará quer brilhar no vôlei feminino”, extraímos esse excerto para trabalhar as relações existentes entre esporte, fábrica e o clube social.

Contando com apoio imprescindível da alta direção da firma e a dedicação de seus diretores, onde pontificam no amadorismo, José Alcy e Otacílio do Amaral, o Usina Ceará marcha firme em busca de outra meta: “real destaque no vôlei feminino”. Sem exceção, semanalmente, são realizados todos os treinos programados por Silva e, aos domingos, antecedendo as matinais, as apresentações para seus associados. A coleção de lindos troféus e taças, é a maior recompensa ao idealismo dos que fazem o querido clube de Otávio Bonfim, uma contribuição prestimosa para o progresso daquele populoso bairro (**O Crack**, Fortaleza, ago. 1961).

O vôlei apresenta-se como um esporte inserido nessas novas práticas difundidas nos clubes sociais. Agremiações da cidade tidas como glamorosas investiam nas novas referências esportivas como forma de integração de seus associados e de dar publicidade ao próprio clube, uma vez que criaria novos espaços de divulgação nos jornais. Além das páginas sociais, as agremiações que fomentavam vôlei, basquete, tênis e natação ganhavam destaque nas páginas esportivas dos periódicos.

O próprio Náutico Atlético Cearense, uma das associações mais distintas da cidade, despendia investimentos nesses esportes identificados com o contexto de modernização. No que se refere à natação, em 1959 inaugura o seu parque aquático, que contava com três piscinas, sendo uma nos padrões olímpicos; o basquete tem investimentos desde 1942, chegando a criar uma liga interna do próprio grêmio; quanto ao vôlei, a equipe masculina do Náutico chega a ser tricampeão cearense em 1962; no que se refere ao tênis, desde 1950 o Náutico tinha em suas dependências duas quadras para a prática desse esporte (PONTES, 2002).

Tomemos os paralelos que podem ser traçados entre vôlei e futebol, esportes fomentados pela Siqueira Gurgel. Diferentemente do futebol, que é um esporte que pode ser jogado apropriando-se de espaços e equipamentos que não foram feitos para a sua realização; como praças, ruas pouco movimentadas ou praias, chinelos ou gravetos para construir as traves e meias e sacos plásticos para fabricar a bola; o vôlei precisa de locais e equipamentos bem definidos, como quadra, rede, tênis e uma bola adequada. Ou seja, a prática do vôlei requer investimentos em equipamentos e estruturas, mesmo que sua prática se dê de maneira amadora. Assim, ter seu clube associado à prática do vôlei traria um

ganho simbólico, não só para os que praticam, mas para os que estimulam seu desenvolvimento. Personificados como desportistas, os dirigentes da fábrica Siqueira Gurgel recebem os créditos desta empreitada.

A matéria finda afirmando que “A coleção de lindos troféus e taças, é a maior recompensa ao idealismo dos que fazem o querido clube de Otávio Bonfim, uma contribuição prestimosa para o progresso daquele populoso bairro” (**O Crack**, Fortaleza, ago. 1961). Cabem, aqui, alguns questionamentos.

Como visto anteriormente, a fábrica Siqueira Gurgel via no futebol uma forma de divulgação de sua marca e produtos. Sua empreitada de fomento ao voleibol tem intenções semelhantes, tendo em vista que, mais do que uma coleção de lindos troféus, a recompensa por essa iniciativa viria na medida em que o clube social da fábrica estaria no hall das agremiações que praticam os novos esportes, o que geraria um ganho simbólico entre os associados, as pessoas da comunidade e uma maior aceitação entre os sujeitos das instituições associativas mais glamorosas, uma vez que as equipes de voleibol do Usina Ceará iriam circular por essas instituições para disputarem partidas amistosas ou campeonatos, assim como o contrário também acontecia.

O “orgulho e o progresso” advindo do voleibol se limitariam aqueles grupos sociais que se inserem nas teias traçadas a partir do clube social – atletas, associados ou dirigentes. Provavelmente, por não terem condições de arcar com as mensalidades associativas, a comunidade do bairro mais carente, os operários e seus filhos não estariam inseridos nesse “progresso”.

“Quanto aos pobres, as opções encolhiam, restando apenas participação em festas religiosas ou algumas atividades singelas” (JUCÁ, 2000, p.150). Uma opção de lazer para esses sujeitos consistia na prática do futebol. Quando falamos em prática, não estamos limitando-a ao simples fato de jogar, uma vez que entendemos que esse esporte pode ser praticado de várias maneiras, desde os mais abastados que o praticam na forma de fomento e patrocínio; passando pelo atleta em si; até os torcedores, aqueles que para o esporte lhes faltam habilidade, mas lhes sobram interesses em acompanhar, muitas vezes escolhendo um clube do coração para torcer.

Assim como os jogadores, mas sem tanto esforço físico, esse torcedor também dedicava seu tempo livre a uma atividade não produtiva e que lhe tirava o tempo de descanso. Como falamos anteriormente, o Usina tinha sua torcida composta principalmente por funcionários da fábrica Siqueira Gurgel e pessoas que moravam no entorno do Morro do Ouro e nas cercanias do estádio fabril (DAMASCENO, 2003, p. 199).

Ao ser questionado sobre os componentes da torcida do Usina Ceará, Edmar Gurgel nos conta que: “Era o pessoal do Otávio Bonfim e aquelas adjacências, pegando o mercado São Sebastião, Vila Gurgel, São Gerardo. Era um pessoal que gostava muito do Usina” (COELHO, Fortaleza, 24 out. 2015).

Para a acomodação de sua torcida, os empresários da Siqueira Gurgel tomam a iniciativa de construir um estádio de futebol dentro de seus terrenos, nas proximidades da fábrica. No dia 13 de junho de 1952 “inaugura-se o Estádio Coronel Teófilo Gurgel, na esquina da Avenida José Bastos e Avenida Duque de Caxias, no Otávio Bonfim, pertencente ao Usina Ceará Atlético Clube, da Siqueira Gurgel & Cia” (NIREZ, 2001).

A praça esportiva do bairro de Otávio Bonfim fora inaugurada após o título obtido pelo Usina Ceará no Campeonato da Segunda Divisão de Futebol promovido pela FCD. O Estádio Coronel Teófilo Gurgel foi palco das partidas – amistosas ou oficiais – e treinamentos realizados pelo “clubes proletário” durante sua existência.

Antes do Usina Ceará integrar a elite do futebol cearense, amistosos eram realizados em seus domínios. Esses embates se davam, também, entre equipes da Primeira Divisão da FCD. As partidas disputadas contra as equipes profissionais ganham destaque nas páginas esportivas, enquanto os amistosos contra equipes suburbanas relegavam ao “clubes proletário” um pequeno espaço entre os jogos realizados nos subúrbios de Fortaleza.

Os jogos amistosos contra as equipes profissionais geravam boa repercussão nos jornais. Tais confrontos são anunciados com entusiasmo nas páginas esportivas. Ao reportar um amistoso que seria realizado entre Usina Ceará e Ferroviário o jornal “Unitário” revela que “O choque entre os dois esquadrões gera interesse entre os aficionados fortalezenses” (**Unitário**, Fortaleza, 01 ago. 1952). Para essa partida, os ingressos variavam entre Cr\$ 10,00 (dez cruzeiros) para a arquibancada e Cr\$ 5,00 (cinco cruzeiros) para a geral do estádio. Podemos trabalhar algumas questões importantes dessa informação.

Por mais que fossem amistosos realizados dentro do campo próprio do Usina, tais partidas não eram gratuitas para os torcedores. Interessante perceber que o estádio contava com espaços determinados e específicos que variam de acordo com o poder aquisitivo dos torcedores. Mesmo que os preços dos ingressos cobrados no “estádio proletário” fossem considerados como de preço popular³⁶, havia lugares específicos que delimitavam espaços de sociabilidade.

³⁶ Em partida realizada entre Fortaleza e Ceará no Presidente Vargas em comemoração ao dia do trabalhador, os ingressos foram anunciados como preço popular por se tratar de um jogo festivo. Os valores desses ingressos, a preço popular, tinham preços ainda maiores do que os cobrados no Estádio Teófilo Gurgel. Cr\$ 15,00 (quinze cruzeiros) arquibancada e Cr\$ 10,00 (dez cruzeiros) geral.

Na partida em questão, a renda adquirida fora de quase Cr\$ 8.000 (oito mil cruzeiros). Se compararmos esse valor com rendas adquiridas em jogos válidos pela Primeira Divisão disputadas no Estádio Presidente Vargas³⁷ veremos que as partidas realizadas no Teófilo Gurgel concebiam valores consideráveis. As rendas conseguidas nessas partidas geravam uma boa arrecadação para a fábrica patrocinadora da equipe.

É importante atentar que o Estádio Teófilo Gurgel não inicia suas atividades já pronto e acabado. Cinco meses depois de sua inauguração, devido aos públicos presentes, cada vez em maior quantidade em suas dependências, os dirigentes da fábrica Siqueira Gurgel irão ampliar as acomodações para a torcida. A inauguração do novo lance de arquibancada acontece no dia da partida intermunicipal entre Usina Ceará e Cariri Sport Clube, da cidade do Crato.

O Estádio Cel. Teófilo Gurgel vem prosperando dia a dia dado o trabalho incansável do Dr. Jociê Orcine e de seus auxiliares que primam em ofertar boas acomodações ao público que já está acostumado aquela praça de esportes e, sendo assim, está marcada para à tarde de domingo próximo a inauguração de mais um lance de Arquibancadas, capaz de colher um bom número de espectadores. De parabéns estão, portanto, os esportistas alencarinos por mais este magnífico feito dos dirigentes do Usina Ceará em prol do progresso do nosso futebol (**Unitário**, Fortaleza, 05 nov. 1952).

A iniciativa de se construir um estádio de futebol foi bastante aceita pelos operários e moradores do entorno da fábrica, que aumentavam a cada partida do Usina Ceará realizada nos fins de semana.

Outra questão interessante que podemos apreender desta matéria vai ao encontro do que já discutimos sobre os ganhos simbólicos que são conseguidos por meio do futebol. O próprio nome do estádio, Coronel Teófilo Gurgel, nos dá subsídios para trabalhar tal questão. Esse nome foi dado em homenagem a Teófilo Gurgel Valente, fundador da Usina Gurgel, falecido em 1926, e progenitor dos atuais sócios da fábrica. Sobre os discursos de poder celebrados pelos estádios, o historiador Flávio de Campos nos revela que “por mais evidente que possa parecer, é imperativo lembrar que a arquitetura produz discursos que, por sua vez, constroem significados e estabelecem conteúdos resultantes de relações sociais historicamente definidas e variáveis ao longo do tempo” (CAMPOS, 2014, p.p. 350- 351).

Os eventos que eram realizados no estádio, quando anunciados, levavam o nome do fundador da fábrica e patriarca da família pelos mais diversos meios de comunicação,

³⁷ Partidas válidas pelo Primeiro Turno do Campeonato Cearense de 1953: Ceará x Nacional (Renda de Cr\$ 3.505,00), Fortaleza x América (Renda de Cr\$ 4.028,00), América x Ferroviário (Renda de Cr\$ 5. 693,00) (**Unitário**, Fortaleza, jun. 1953).

reforçando na memória coletiva local a noção de importância que a fábrica e os Gurgel teriam para a comunidade.

Os estádios são espaços de expressão de poder e uma dada forma de realização do poder (GAFFNEY; MASCARENHAS, 2004, p. 3). Além do mais, possuir um equipamento urbano de tão vultuosa monta, significava dizer o que o Usina Ceará tem o que os outros clubes não têm. Entre as sete equipes que compunham o quadro da elite do futebol cearense à época, apenas Fortaleza e Ceará possuíam estádios próprios. Nem mesmo o Ferroviário, fundado em 1933, patrocinado pela RVC e detentor de uma das maiores torcidas do estado, não tinha seu próprio estádio. E como diz Franco Júnior: “Não se deve, contudo, minimizar a importância simbólica do estádio” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p.272).

Ter um equipamento esportivo desta grandiosidade contribuía para os destacados resultados que o Usina foi obtendo durante o período em que não participava dos quadros da Primeira Divisão do Campeonato da FCD, durante o ano de 1952 e início de 1953. As equipes visitantes sempre encontravam problemas quando jogavam nas dependências do “estádio proletário”, mesmo as profissionais e federadas. As partidas contra essas equipes ganhavam destaque nos periódicos.

Pela quarta vez consecutiva vai o Fortaleza tentar derrotar o Usina Ceará dentro do famoso alçapão de Otávio Bonfim. Apesar de não ter alcançado algo de positivo nas vezes anteriores em que se exibiu no Estádio Teófilo Gurgel, a não ser um empate em 0 x 0, o esquadrão de aço voltará à cancha a fim de medir forças novamente com a guapa representação proletária que, quando prelia nos seus próprios domínios sempre consegue triunfos espetaculares (**Unitário**, Fortaleza, 04 jun. 1953).

Ao analisar esse excerto do periódico “Unitário”, inferimos que mesmo o Fortaleza Esporte Clube – um dos clubes mais tradicionais do futebol cearense e detentor de quatorze títulos de campeonatos federados até o início da década de 1950 – encontrava obstáculos para sair do Teófilo Gurgel com um resultado positivo. Isso se daria pelas vantagens que o Usina tinha ao jogar nos seus domínios.

Noutra matéria do Unitário, anterior à supracitada, temos a reportagem de uma partida realizada no “alçapão de Otávio Bonfim” entre Ferroviário e Usina. Essa disputa fora vencida com muita dificuldade pelo Ferroviário por 1 x 0. “(...) o campeão cearense de futebol de 52 teve que colocar em ação todo o poderio, pois encontrou pela frente um adversário respeitável que atuou com os ‘handicaps’ da torcida e do estádio” (**Unitário**, Fortaleza, 19 abr. 1953). Expressão comumente usada na imprensa esportiva, “handicap”, popularmente, significa ter alguma espécie de vantagem sobre outrem. Em que outra ocasião um clube

formado por operários que alternavam seus treinamentos com o trabalho na fábrica teriam alguma vantagem sobre uma equipe profissional e que compunha a elite do futebol do estado? Esses “handicaps” se materializam no estádio e na torcida.

Por mais que houvesse a tentativa de melhoramentos na estrutura de seu estádio, este não deixaria de ser um campo suburbano e situado nos fundos dos terrenos da fábrica. De acordo com Viana a diferença básica entre os estádios Presidente Vargas e Teófilo Gurgel se dava no próprio campo de futebol e que dificultavam a prática esportiva.

O tamanho era o mesmo. Agora, era mais duro. A diferença é que o piso lá era mais duro, porque o barro era gramado, mas o aterro era do barro. Não é como hoje, que tem aquele tapete mesmo que chamam. (...) Por que eu no meu tempo, eu cansei de terminar o jogo e tava ralado os dois joelhos. Ralado, ferido e feito curativo (MELO, Fortaleza, 18 mai. 2015).

Essa diferença está atribuída de acordo com o ponto de vista de um ex-jogador. O entrevistado irá elencar o que é importante de ser revelado a partir do que lhe é mais sensível. Não por acaso, ele lista o “piso” (campo) como a principal diferença entre o Teófilo Gurgel e o Presidente Vargas. Justamente o lugar onde táticas e estratégias vão se desenrolar, mas não lograriam êxito se não levasse em consideração o terreno da “batalha”.

“Rústico, duro e aterrado com barro” são as características atribuídas ao campo por Eduardo Gurgel e Viana. Os jogadores que vinham de fora, principalmente os profissionais, acostumados a jogar no Presidente Vargas, tinham bastante dificuldade se comparado com os atletas do Usina, uma vez que, nesse mesmo campo, “os proletários” realizavam seus treinamentos físicos e táticos semanais. Esse conhecimento prático os ajudava a conhecer os atalhos que podiam percorrer para fugir de buracos, evitar o lugar onde tinha mais barro do que grama ou até mesmo os lugares onde o sol mais castigava. Por mais que os “proletários” nem sempre saíssem ilesos das partidas, os resultados eram, na maioria das vezes, positivos para a equipe³⁸.

Voltando à questão da publicidade positiva obtida por meio do desporto, percebemos que, os dirigentes da fábrica Siqueira Gurgel, por fomentarem a prática do futebol, são tratados como verdadeiros “esportistas alencarinos”. Vale lembrar que esse esporte era praticado em espaços outros que não os estádios, mas o “progresso de nosso futebol” só viria à medida que esse esporte fosse praticado nos padrões institucionalizados e

³⁸ O estádio é inaugurado em junho de 1952. Dentre os resultados por nós catalogados – agosto a dezembro de 1952 e abril e junho de 1953 – o Usina realizou quinze partidas. Ganhou onze, empatou duas e perdeu duas.

de maneira disciplinada. Daí a importância de se ter praças esportivas adequadas, principalmente para aquele que se pretendia profissional.

Mas a construção de um estádio traria outros ganhos para os “mecenas” do futebol daquela localidade. Para a historiadora Denise Sant’Anna é importante que haja espaços institucionais destinados ao lazer, assim haverá um maior controle para evitar o contato com determinados problemas sociais no tempo livre dos trabalhadores.

Além disso, investe-se numa arquitetura voltada aos espetáculos e às competições esportivas organizadas institucionalmente: com o intuito de mobilizar adolescentes do bairro, de promover os times esportivos em detrimento de gangues aparecem propostas que, em grande medida, implicam novas concepções urbanísticas e arquitetônicas (SANT’ANNA, 1994, p.p.60-61).

Questionado sobre os frequentadores do estádio, o operário-jogador José Viana de Melo nos afirma que “Só na firma era quinhentos operários. E esses operários tinham família. Você imagina como é. Quando tinha jogo lá no nosso campo, enchia só do pessoal dali. Ia pouca gente de fora. Eram os trabalhadores da firma e o pessoal que morava por perto” (MELO, Fortaleza, 18 mai. 2015).

O expediente de ir ao estádio torcer para o clube do bairro consistia numa opção de entretenimento mais acessível à comunidade que morava nas cercanias da Siqueira Gurgel, além dos próprios trabalhadores da fábrica. O futebol compunha uma das principais atividades de lazer dos trabalhadores. Seja jogando ou torcendo, o desempenho deste esporte é uma importante forma de interação da classe trabalhadora. Ao abordar a questão do futebol como um esporte para espectadores, o historiador inglês Eric J. Hobsbawm nos revela que o esporte bretão é cada vez mais apropriado pelos trabalhadores, já que o “operário se identificava com seu time contra o resto do mundo” (HOBSBAWM, 1987, p. 285).

Desde sua inauguração, podemos perceber, para além do espaço geográfico, qual é o lugar social ocupado pelo Estádio Teófilo Gurgel no imaginário coletivo da cidade de Fortaleza. O surgimento de um estádio de futebol costuma passar por ritos de inauguração (FRANCO JÚNIOR, 2007, p.277). No caso do estádio do Usina, sua inauguração aconteceu com “um grande Torneio suburbano vencido pelo Estrelinha” (**O Crack**, Fortaleza, set. 1961). Esse evento demarca, a partir de seus participantes, o espaço ocupado pela “canha de Otávio Bonfim” no cenário esportivo da cidade, em estádio suburbano.

Além de estádio que abrigaria equipes suburbanas, o Teófilo Gurgel também comportaria jogos disputados entre equipes de indústrias da cidade. No dia 02 de setembro de 1953, foi anunciado no “Correio do Ceará” a tabela com equipes e partidas a serem disputadas

pelo II Campeonato das indústrias. Congregando equipes de futebol formadas por operários de doze fábricas diferentes, tal torneio se estenderia por todo o domingo (**Correio do Ceará**, Fortaleza, 02 set. 1953). Os campeonatos interfábricas que aconteciam na cidade de Fortaleza, passam a ser organizados a partir de 1952 pelo SESI (Serviço Social da Indústria) e tem a sua realização no “estádio proletário”. Ao ceder seu campo para a realização do Campeonato das Indústrias, percebemos que a identidade proletária da qual fala Hobsbawm também se materializa no próprio estádio do Usina Ceará.

As comemorações do dia do trabalhador também nos mostram que havia a associação entre a praça esportiva do Otávio Bonfim e a identidade proletária. Em homenagem aos trabalhadores da cidade eram realizadas partidas de futebol entre clubes importantes da cidade no “estádio proletário”.

No feriado do dia 1º de maio de 1953, a Delegacia Regional do Trabalho patrocinou uma partida de futebol entre as equipes do Usina Ceará e o Ferroviário. “Melhor espetáculo futebolístico não poderia oferecer a Delegacia Regional do Trabalho aos operários”. Por se tratar de uma homenagem prestada aos “trabalhadores da terra da luz”, o evento será realizado no Estádio Teófilo Gurgel com os portões abertos.

Na mesma página esportiva, outro amistoso é anunciado como forma de homenagear os trabalhadores cearenses. Tratava-se da disputa entre Fortaleza e Ceará realizada no Estádio Presidente Vargas. Para esse evento seriam cobrados preços populares nos ingressos – Cr\$ 15,00 (quinze cruzeiros) para arquibancada e Cr\$ 10,00 (dez cruzeiros) para estudantes, militares, senhoras e geral (**Unitário**, Fortaleza, 30 abr. 1953).

Nesse caso, temos a realização de duas partidas de futebol a serem disputadas no mesmo dia e com os auspícios de homenagear os trabalhadores. Um jogo realizado entre as equipes mais tradicionais do Estado – Fortaleza e Ceará – e outro entre equipes com forte identidade operária, uma vez que o Ferroviário Atlético Clube tem em suas formações iniciais, na década de 1930, integrantes da RVC.

Para que tais eventos esportivos pudessem ocorrer simultaneamente, seriam necessárias praças esportivas adequadas para acomodar o grande número de aficionados. Enquanto a partida amistosa entre Fortaleza e Ceará seria realizada no principal estádio – Presidente Vargas – a outra entre Usina e Ferroviário transcorreria num estádio fabril dos subúrbios de Fortaleza – Coronel Teófilo Gurgel – com portões abertos à comunidade. Deste modo, podemos apreender que a “canha proletária” teria um lugar bem definido nessas comemorações e nas práticas esportivas urbanas.

A ação de frequentar uma partida de futebol disputada entre clubes ditos operários numa praça esportiva de um subúrbio fabril não teria o mesmo valor de ir ao Benfica, um dos bairros mais nobres da cidade, acompanhar um duelo entre equipes tradicionais na melhor cancha de Fortaleza. Destarte, percebemos que o estádio do Usina Ceará seria uma espécie de materialização das distinções sociais, presentes no espaço urbano capitalista industrial, que reverberavam no mundo do futebol.

Os equipamentos de lazer erigidos no bairro Otávio Bonfim, ambos na década de 1950, estão inseridos no contexto de uma Fortaleza que se pretendia moderna e cada vez mais urbana em seus espaços e práticas. Contudo, a modernidade pleiteada não atenderia a toda comunidade do bairro, assim como acontecia em nível de cidade, inclusive quando se trata do lazer. Nas palavras de Gisafran Nazareno Jucá:

A implantação das melhorias urbanas em Fortaleza atendia precariamente a um percentual restrito da população. Por outro lado, os segmentos mais pobres, quando atendidos, o eram de forma restrita e irregular. A mesma realidade se estende à questão da moradia – mansões x favelas – e às respectivas áreas de lazer (JUCÁ, 2000, p.17).

Como conclusão de nosso pensamento, reafirmamos que os equipamentos de lazer fomentados pelos empresários da Siqueira Gurgel tinham representações simbólicas bem definidas na esfera do próprio bairro e no âmbito da cidade. Tais representações também eram sentidas na distinção dos indivíduos que frequentavam esses espaços.

3 PROFISSIONAIS NO GRAMADO E NO CHÃO DA FÁBRICA

3.1 O processo de profissionalização no futebol cearense entre as décadas de 1950 e 1960.

“(...) o nosso futebol aciona uma visão do mundo na qual o fraco vira forte, o oprimido torna-se expressivamente dominante e o socialmente inferior transforma-se em herói. Estão aí os nossos Pelés e Romários que não nos deixam mentir”³⁹.

Quando tomamos o futebol como objeto de estudo nas ciências sociais, não podemos analisá-lo apartado da sociedade em que está inserido. Dessa forma, ao estudarmos o futebol praticado por clubes filiados à Federação Cearense de Desportos (FCD), durante as décadas de 1950 e 1960, não podemos deixar de levar em consideração que essa prática esportiva se desenvolvia num contexto de expansão urbana e capitalista, pelo qual passava a cidade de Fortaleza.

Já na década de 1950, o futebol praticado pelas equipes da Primeira Divisão da FCD torna-se um produto a ser explorado pela sociedade de mercado. Seja nos espaços destinados à divulgação desse esporte – era comum a exposição de propagandas e promoções nos ambientes destinados à imprensa esportiva: programas de rádio, páginas esportivas dos jornais e revistas especializadas –, seja nos locais designados a sua prática – a principal praça esportiva da cidade à época, o Estádio Presidente Vargas, exibia letreiros publicitários com diversas marcas, a saber: Guaraná Wilson, Brahma Chopp, Martini, Cerveja e Guaraná Antártica, Alfaiataria Omnia, Rádios e Lâmpadas Phillips, entre outros. Além disso, o fato dos jogadores agora serem remunerados e terem seus pagamentos firmados por meio de contratos com clubes contribui para que um sentido mercantil fosse atribuído à prática esportiva.

Nesse contexto, a profissionalização do jogador de futebol vai contribuir bastante para o processo de espetacularização desse esporte, uma vez que aumentava a vendagem de jornais e revistas esportivas para que os aficionados acompanhassem as novidades dos clubes e seus jogadores⁴⁰, além de uma maior procura por ingressos para ver de perto os craques que

³⁹ DAMATTA, 2006, p.60.

⁴⁰ Era comum os jornais à época trazerem nas suas páginas esportivas entrevistas ou matérias biográficas dos jogadores que atuavam nas equipes da Primeira Divisão da FCD. No Jornal “O Povo” tinha-se a coluna “O Craque da Semana”; as páginas esportivas do “Correio do Ceará” tinham a coluna “Bate Bola”. Essa espetacularização em torno dos jogadores de clubes da Primeira Divisão da FCD pode ser exemplificada pelas matérias exibidas no “Gazeta de Notícias” às vésperas da eleição presidencial do ano de 1961. Durante uma semana do mês de setembro de 1960, foram publicadas, a cada dia, matérias com as intenções de votos dos jogadores de cada clube da Primeira Divisão da FCD.

jogavam nos clubes da Primeira Divisão da FCD em campo. Em contrapartida, não podemos entender a automatização da profissão de jogador, sem levar em consideração a expansão do futebol como espetáculo (DAMO, 2007, p.75).

No futebol apropriado pela sociedade de mercado, os jogadores são produtores e produtos do espetáculo. Aqui, a dialética entre jogo e capital entra em campo. O futebol que é um jogo dotado de caráter lúdico quando jogado por diversão, ganha sentido de trabalho e seriedade quando se torna profissão. Para a antropóloga Simoni Guedes, há, neste momento, uma ressignificação da prática esportiva que:

(...) permite que alguns indivíduos particularmente habilidosos ampliem seu campo de possibilidades e tentem ascender por esse caminho. O futebol é vivido de uma maneira mais dramática, na medida em que a atividade oscila do divertimento à seriedade, da liberdade ao compromisso (GUEDES, 1982, p.74).

Há uma especificidade no ofício dos atletas profissionais que vale a pena ser discutida. Não só dos jogadores de futebol, mas todos os indivíduos que encaram o desporto como meio de vida. Tal particularidade reside no fato de que, antes do atleta ver o desporto como possibilidade de atividade profissional remunerada, ele inicia a prática esportiva como uma atividade lúdica para obtenção de prazer⁴¹.

Para muitos profissionais, a prática do futebol se apresenta como um lazer que se torna trabalho, uma vez que os primeiros contatos que esses atletas têm com o jogo, ainda na infância, se dão pela diversão e prazer de jogar. Como é o caso do craque profissional do Usina Ceará, Luís Veras.

Veras, como qualquer menino traquinas, começou também sua vida de jogador nas calçadas, na escola e nos campos do subúrbio. Lá pelos idos de 41, um garoto de calças curtas, baixinho, gazeava as aulas para jogar uma “pelada”, com os companheiros da infância. Seu futebol, entretanto, crescia a olhos vistos e, aos 14 anos, convidado por um amigo, foi defender o Sport Clube Vitória, um time da sua rua. Não durou muito e aquele jovem foi levado, para fazer testes no Central de Caruaru, clube da primeira divisão que lhe conduziria à celebridade, o que proporcionou ao Esporte Clube do Recife exigir-lhe a assinatura de contrato (O Nordeste, Fortaleza, 10 jul. 1959).

Destarte, os primeiros passos no futebol são dados em “peladas” nos mais diversos espaços da cidade – “calçadas, escola e campos do subúrbio” – não precisando de um

⁴¹ Para Johan Huizinga, é justamente o prazer proporcionado pelo jogo que o torna necessário na sociedade. “Seja como for, para o indivíduo adulto e responsável o jogo é uma função que facilmente poderia ser dispensada, é algo supérfluo. Só se torna uma necessidade urgente na medida em que o prazer por ele provocado o transforma numa necessidade. É possível, em qualquer momento, adiar ou suspender o jogo. Jamais é imposto pela necessidade física ou pelo dever moral, e nunca constitui uma tarefa, sendo sempre praticado nas ‘horas de ócio’.” (HUIZINGA, 2000, p. 10).

campo com medidas oficiais e equipamentos esportivos, como chuteiras e uniformes para se jogar bola. Como na situação de Veras que, ainda criança, o jogo de futebol é praticado por diversão e traquinagem, o que em nada tem a ver com o espírito profissional, onde falta espaço para a espontaneidade e a despreocupação (HUIZINGA, 2000, p.141). Já na adolescência, o ingresso em equipes de subúrbio apresenta-se como uma vitrine para aqueles jogadores de talento mais apurado mostrarem seu futebol para equipes profissionais, que constantemente observavam os times dos subúrbios em busca de novos valores.

Assim, ao ingressarem em equipes profissionais, o jogo de bola, que antes só divertia, toma ares mais sérios de uma prática profissional remunerada, apresentando-se como uma possível profissão. Para tanto, era necessário que existisse entre os clubes a profissionalização do jogador de futebol. Em regras gerais, a profissionalização se daria por meio da remuneração dos atletas firmada em contrato e a criação de instituições que formalizassem burocraticamente a prática esportiva.

Um dos fatores que caracterizam o processo da profissionalização do desporto advém da formação de instituições regulamentadoras e da organização burocrática do esporte. Assim, na década de 1950 já existiam Federações e Confederações, que normatizavam a prática esportiva do futebol desde as primeiras décadas do século XX – a nível internacional já existia a *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA); nacionalmente, esse papel era exercido pela Confederação Brasileira de Desporto (CBD), já no estado do Ceará, quem desempenhava essa função era a Federação Cearense de Desportos (FCD)⁴². Tais instituições tinham o papel de organizar a realização de eventos esportivos; tabelas dos campeonatos nacionais e estaduais, bem como as premiações; os contratos dos jogadores; além das punições para clubes ou atletas que descumprissem cláusulas firmadas entre ambos⁴³.

⁴² Criada em 1904 por sete países europeus – Bélgica, Dinamarca, Espanha, França, Holanda, Suécia e Suíça –, a *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA) tinha por finalidade organizar as disputas entre nações sobre a autoridade de federações ou associações e a organização de competições internacionais. A partir de 1914 federações de país de outros continentes passam a compor os quadros da FIFA lhe dando dimensão mundial. (MURRAY, 2000, p.60). Já a Confederação Brasileira de Desporto surge em 1916, a partir da unificação entre Federação Brasileira de Sports – carioca – e Federação Brasileira de Football – paulista – com a missão de representar o futebol brasileiro em competições internacionais, campeonatos Sul-Americanos (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 74). Enquanto que a Federação Cearense de Desporto (FCD) tem seu início em 1920, ainda sob a denominação de Associação de Desporto Cearense (ADC), passando a ser FCD em 1941 sob regime estadonovista de controle do futebol pelo estado.

⁴³ Havia uma hierarquia entre essas entidades. Para os clubes cearenses poderem manter disputas em competições interestaduais, o pagamento de taxas a CBD era necessário. Como mostra a nota lançada na página esportiva do jornal “Unitário”, acusando o débito que a FCD mantinha com a CBD. “Chegou finalmente à Secretaria da FCD, a notificação da Confederação Brasileira de Desporto informando que a entidade efecedeana está em débito com os cofres da Mentora nacional, impossibilitando portanto de solicitar permissão para realizar quaisquer competições de caráter interestadual” (**Unitário**, Fortaleza, 17 ago. 1952).

De acordo com Johan Huizinga, o processo de criação dessas instituições aprofundam as diferenças entre o amadorismo e o profissionalismo no esporte.

Ora essa sistematização e regulamentação cada vez maior do esporte implica a perda de uma parte das características lúdicas mais puras. Isto se manifesta nitidamente na distinção oficial entre amadores e profissionais (ou “cavalheiros e jogadores”, como já foi hábito dizer-se), que implica uma separação entre aqueles para quem o jogo já não é jogo e os outros, os quais por sua vez são considerados superiores apesar de sua competência inferior. O espírito profissional não é mais o espírito lúdico, pois lhe falta a espontaneidade, a despreocupação. Isto afeta também os amadores, que começam a sofrer com um complexo de inferioridade (HUIZINGA, 2000, p.141).

Para Huizinga, as regulamentações dotam o desporto de seriedade e preocupação que caracterizam as atividades profissionais, tirando do esporte o seu caráter lúdico. Os indivíduos que se inserem nestas organizações esportivas – Confederações e Federações – têm que ir ao encontro dos modelos normativos estabelecidos, o que os distanciaria, cada vez mais, do amadorismo.

Além das instituições normativas, a aparição de especialidades e especialistas⁴⁴ colabora para uma delimitação cada vez maior do futebol praticado em nível profissional do futebol amador. No que se refere ao campo da especialidade do jornalismo esportivo, temos a fundação da APCDEC (Associação Profissional dos Cronistas Desportivos do Estado do Ceará) – instituição criada em 1950 sucedendo a antiga ACD (Associação dos Cronistas Desportivos) – que era a instituição responsável por regulamentar a atuação dos cronistas esportivos no estado. Tais especialistas atuavam no rádio e no meio impresso transmitindo para os aficionados as notícias das atividades desportivas que aconteciam no estado, dando maior ênfase aos clubes filiados à Federação Cearense de Desportos.

Outra especialidade que se configura como um campo de saber que caracteriza o profissionalismo é a medicina desportiva. A preocupação da constituição de um campo de saber específico estava presente no desporto cearense já na década de 1960. Em 1961, o médico George Benevides, escrevendo para a revista esportiva “O Crack”, destaca, em matéria de uma página completa, a importância que a medicina desportiva deve ter para que haja um melhor desempenho dos atletas que atuam nos meios esportivos profissionais:

Atualmente, ao médico é entregue a maior parcela de responsabilidade no preparo físico e moral do atleta. Daí a necessidade imperiosa de sua presença onde quer que

⁴⁴ Arlei Sander Damo (2007) estabelece algumas características do futebol espetacularizado. São elas: a organização de forma monopolista, globalizada e centralizada através da FIFA-IB – a FIFA e suas filiadas organizam eventos, estabelecem normas e controlam o mercado –; divisão social do trabalho dentro e fora de campo – surgimento de especialidades e especialistas que produzem lutas em relação a competências – e a busca por uma excelência performática dos praticantes.

haja esporte. Quase sempre a manutenção do “estado de forma” do atleta não depende somente do lado técnico, mas, principalmente, de uma assistência bem orientada e especializada. Poderemos observar o contraditório, isto é, a irregularidade ou a queda vertical de produção, quando ele não recebe aquele padrão de assistência que ora acabamos de mencionar (**O Crack**, Fortaleza, ago. 1961).

Os escritos de George Benevides alertam para o papel que os médicos têm no meio esportivo profissional. Esse especialista teria por função manter o atleta sempre em seu “estado de forma”; além do físico, o aspecto moral também estava a cargo dos médicos que atuavam no meio do desporto. Toda essa preocupação se dá para que a produção dos atletas se mantenha sempre no seu melhor nível e não apresente uma “queda vertical de produção”. Tal apreciação deixa transparecer o modelo de processo produtivo em que os profissionais estavam inseridos, modelo este que tem por objetivo manter o jogador permanentemente em seu mais alto rendimento.

Se levarmos em consideração que dirigentes firmavam contratos com jogadores, geralmente pela temporada de um ano, seria preciso que os atletas estivessem sempre em condições para desempenhar seu máximo produtivo em campo. Assim, caberia aos departamentos médicos dos clubes tomarem os devidos cuidados para que isso ocorresse.

Muitas vezes, dependia desse departamento a contratação ou não de algum profissional. No caso do Usina Ceará, o responsável por esse departamento era o médico da própria fábrica Siqueira Gurgel, o doutor Edmar Fujita. Em 1957, antes do atacante paraibano Natanael ser contratado teve que passar por uma “revisão médica” para que, em caso de aprovação, firmasse contrato com o “clube proletário”.

Após o novo teste que se submeterá hoje, por ocasião do coletivo do Usina Ceará, o atacante Natanael, deverá comparecer ao gabinete do Dr. Edmar Fugita, para um rigoroso exame de suas condições físicas. Depois dessa revisão médica é que o atleta será chamado para discutir as bases do contrato com o clube da Siqueira Gurgel (**Gazeta de Notícias**, Fortaleza, 07 fev. 1957).

Ao tomarmos o caso de Natanael como exemplo, percebemos como o jogador de futebol inserido entre os clubes profissionais da FCD, já durante o período pesquisado, estava submetido a um processo de profissionalização que lhe cobra exigência máxima do corpo para que este viesse a valer o investimento monetário empregado pelos dirigentes do clube. Aqueles atletas que não mais produzissem de acordo com o valor monetário recebido, deveriam ser descartados para dar lugar a novas peças que fizessem as engrenagens da equipe funcionar novamente. Como mostra a matéria escrita pelo cronista esportivo Sílvia Carlos no “Gazeta de Notícias”. Nesta reportagem ele aponta a grande quantidade de jogadores velhos

no elenco do Ferroviário como uma das causas da má campanha que a equipe da RVC vem enfrentando nas últimas temporadas.

Assim é que autênticos “bondes” do futebol alencarino foram estacinoar no grêmio erreveceano, encontrando ali uma espécie de “aposentadoria”. Pouca gente sabe que um Manoelsinho, com toda sua velhice, recebe pouquíssimo ordenado no quadro “coral”. Macaúba I, Lolô, Nozinho e Eurico são atletas francamente dispensáveis, mas que o Ferroviário ainda conserva em seu quadro, pagando-lhes grandes quantias (**Gazeta de Notícias**, Fortaleza, 16 dez. 1959).

Percebemos que os atletas que já não estão mais em plenas condições físicas são considerados descartáveis no meio profissional. Para Silvio Carlos, o jogador de futebol inserido na dinâmica profissional, também está inserido na lógica da produtividade da sociedade de mercado onde rendimento e produção estão atrelados ao salário do trabalhador, uma vez que é inaceitável que atletas recebam “grandes quantias” e não tenham a capacidade produtiva correspondente ao valor que lhes é empregado.

Vale destacar o termo “bondes” que o cronista usa para caracterizar os atletas mais antigos do FAC. A matéria foi escrita em 1959, doze anos após os bondes deixarem de ser usados como transporte público em Fortaleza. Assim, atribuir o epíteto de bonde aos atletas mais antigos do FAC é querer dizer que estes estão tão obsoletos no meio profissional quanto o sistema de transporte que há muito não se usa e devem ser trocados por outros atletas mais novos, assim como os meios de transporte o foram no contexto urbano. Para um clube ter êxito no meio profissional, a renovação de atletas “dispensáveis” deve ser necessária.

Além da questão da juventude, outro fator que contribui para o bom desempenho de um clube profissional é o comportamento de seus desportistas. Para que os clubes não deixassem de ganhar o que investiam em material humano e nem deixar o nível dos espetáculos caírem por conta de atletas que não renderiam em campo devido ao comportamento indisciplinado, prima-se na imprensa em exaltar modelos ideais de jogador profissional. Modelos exemplares que sirvam para orientar o comportamento dos atletas dentro de campo e principalmente fora dele.

Um desses modelos exemplares exaltados no futebol cearense foi Gildo, atacante pernambucano que defendeu o Ceará Sporting Clube e a seleção cearense. Em agosto de 1961, a revista esportiva “O Crack” publica matéria intitulada “Gildo, um exemplo de profissional”. Nesta matéria, as qualidades de Gildo são elencadas pelo treinador do CSC à época, o húngaro Janos Tratravay. Após falar sobre o desejo constante de vitória de Gildo, Janos afirma que:

Quanto à sua honestidade, como profissional, sabemos que Gildo é um rapaz comedido e sem vícios. Não bebe e nem fuma. Outra coisa importante: o jovem recifense gosta de chegar cedo para dormir e nunca se descuida da saúde. Grangeou a simpatia da torcida do “mais querido” e é hoje um dos mais discutidos ídolos da “hinchada” alvinegra, disputando com Alexandre a preferência dos fans do “Ceará Sporting” (**O Crack**, Fortaleza, ago. 1961).

Através de profissionais exemplares vai se forjando o modelo de profissional que se buscava. Para que o atleta fosse um bom profissional e conseguisse conquistar a simpatia da torcida do clube que defendia não bastava apenas jogar bem e ser decisivo dentro de campo, mas se manter afastado de vícios – como bebidas alcoólicas e cigarro – o que causaria prejuízo as condições biológicas ao atleta. Dormir cedo, além de dar mais tempo de recuperação aos músculos desgastados durante jogos e treinamentos, também garantia o afastamento dos craques das noites em boates e cabarés, que se encontravam, cada vez mais, dispersos pela cidade.

No início da década de 1950, o general Cordeiro Neto, Secretário de Polícia de Fortaleza, anuncia medida saneadora que promete limpar do centro da cidade das “pensões alegres”. Tal medida dispersa o meretrício para zonas periféricas da cidade, como: Antônio Bezerra, Praia de Iracema, Jardim América, Porangabuçu, Moura Brasil e Mucuripe (JUCÁ, 1996, p. 16-17). Assim, devido à descentralização de boates e cabarés durante as décadas de 1950 e 1960, as opções para desfrutar de uma noite regada a bebidas alcoólicas, danças e sexo fácil aumentava para aqueles afeitos aos prazeres noturnos, muitos destes jogadores de futebol. Saraiva Júnior, autor da biografia de Mozart, um dos craques do futebol cearense das décadas de 1950 e 1960, arrola alguns dos cabarés freqüentados pelos boleiros neste período, a saber: Bar da Alegria, de madame Neuza; Buenos Aires; Pensão Avenida, da Joanelinha; Casa da Negra Isaura; Pensão da Dona Olímpia; “80” e Cabaré da Santa (NOGUEIRA JÚNIOR, 2013, p. 85).

O disciplinamento do corpo do jogador profissional se estende dos treinamentos táticos e físicos para um regramento de atitudes e comportamento fora dos gramados. Mas, muitos eram aqueles que não seguiam a fórmula do profissional exemplar⁴⁵. Ao trabalhar com as objeções com que muitos jogadores tinham frente a esse disciplinamento, José Sérgio Leite traz Garrincha como exemplo da dificuldade de conciliação entre hedonismo – originário das

⁴⁵ O jornal “Gazeta de Notícias”, em sua página esportiva, reproduz matéria do Rio de Janeiro onde o médico com curso especializado em medicina esportiva, Dr. Marozzi, dá algumas indicações sobre a importância do tratamento psicológico que os desportistas devem ter. Tais apontamentos dão ênfase ao comportamento dos jogadores fora dos gramados. Sobre os cuidados que os atletas devem ter fora de campo, Marozzi declara: “que a maioria dos jogadores de futebol não sabe ainda realmente o que o prejudica ou o que beneficia e se expõem a fatos que por um lado ou por outro podem levá-lo a estafa. Uns se dão às farras, outros não, mas se alimentam com deficiência (o que dá no mesmo) (...)” (**Gazeta de Notícias**, Fortaleza, 10 jan. 1962).

classes populares – e disciplina característica do regime profissional. Para ele, Garrincha ilustra todo o enorme grupo de jogadores afeitos aos pequenos prazeres das classes populares, do consumo do álcool, do sexo e da boemia (LEITE LOPES, 2004, p. 153-4).

Muitos eram os jogadores que, inseridos no profissionalismo da FCD, ainda relutavam em seguir o modelo do jogador exemplar fora dos gramados. Para estes, restavam as críticas dos jornalistas esportivos. Como no caso do atleta do Usina Ceará, José Maria de Araújo, mais conhecido como Macaco. De acordo com matéria escrita no “Correio do Ceará”, Macaco gozava de boa vida proporcionada pelo futebol.

E, mesmo sem ser ídolo, vivia sempre rodeado de fans, tinha comumente bom dinheiro no bolso e, pensando ser o dono do mundo, se deixava arrastar para as brincadeiras. As farras foram desgraçando Macaco, que aos poucos ia perdendo a sua grande forma, vendo-se então sem maiores chances no Ferroviário, clube que o trouxe de Parnaíba no ano de 1952. Teve que ai tentar a sorte noutro time, o Usina em 1959, então os fans já eram poucos, o dinheiro no bolso escasseava, e o desgosto de ver-se quase só o conduzia às mesas dos bares, procurando afagar as tristezas (**Correio do Ceará**, Fortaleza, 12 dez. 1961).

Não bastava o jogador ser um bom profissional dentro de campo, uma vez que durante as partidas, Macaco parecia corresponder às expectativas de torcedores e dirigentes⁴⁶. Para aqueles jogadores que não se enquadravam na disciplina e sacrifícios do profissional exemplar, restava a decadência ou a não ascensão profissional. Devido às, “brincadeiras, farras e mesas de bares”, os atletas que não estendiam a observância profissional para fora dos gramados tinham como fim a perda da forma física e o desperdício das chances de ascender para clubes maiores.

Em entrevista, senhor Viana nos conta que os atletas que tinham problemas com bebidas alcoólicas dificilmente tinham oportunidades nos grandes clubes da capital. Para tanto, cita o exemplo de Miro, atleta do Usina que tinha o desejo de jogar no CSC: “Esse cara bebia pra chuchu. Mas era um jogador bom. Conversava muito com ele: ‘Miro, se tu deixar essa bebida, tu vai pro Ceará num instante’. Ele era doido pra jogar no Ceará. Mas a turma sabia que ele bebia e não queria (...). O time do Ceará sempre zelou pelos atletas dele” (MELO, Fortaleza, 02 nov. 2016).

Além da regulamentação normativa consolidada em instituições, a constituição de campos de saber específicos e os comportamentos condicionantes dos profissionais, firmar um salário por meio de um contrato para jogar futebol por um clube, também é tido como

⁴⁶ Na mesma matéria as qualidades técnicas de Macaco são ressaltadas “(...) ovações que recebia quando assinalava seus goals sensacionais, tirando proveito de sua característica de excelente cabeceador” (**Correio do Ceará**, Fortaleza, 12 dez. 1961).

característica distintiva do amadorismo. Para os memorialistas do futebol cearense, a aquisição de jogadores de outros estados para atuarem nos clubes de Fortaleza, recebendo salário instituído em contratos, é o marco inicial do profissionalismo no futebol local. Assim, nos anos finais da década de 1930, coube ao Ferroviário dar início ao profissionalismo em terras alencarinhas.

Um dos memorialistas que aborda essa questão é Alberto Damasceno. Em sua obra “Futebol Cearense: a história”, ele afirma que:

Podemos dizer também, que, liderados pelo Ferroviário, os clubes haviam entrado no profissionalismo para valer, e poucos eram os jogadores amadores. No caso do Ferrim, havia a vantagem do emprego oferecido na Rede de Viação Cearense, o que facilitava o trabalho coral na busca por reforços (DAMASCENO, 2011, p.126).

Complementando a afirmação proposta por Damasceno, temos a declaração de outro memorialista que traz o Ferroviário como pioneiro do profissionalismo do futebol local. O memorialista Airton Fontenele – pesquisador do futebol local e que tem diversas publicações sobre a seleção brasileira nos mundiais –, em entrevista concedida ao historiador Caio Lucas Pinheiro, Fontenele, fala sobre os reforços profissionais que o Ferroviário trouxe de outros estados:

Recordamos, então, as contratações (profissionalismo) pelo Ferroviário logo no primeiro ano de sua participação no campeonato cearense, em 1938 (fundado em 1933) trazendo de Pernambuco três excelentes valores: Popó (o “Pingo de Ouro”), Zuza e Lourival, e logo em 1939, o extraordinário ponta-direita piauiense, Pepê, o primeiro a chegar de avião, numa campanha de Valdemar Caracas (um dos fundadores) (AIRTON FONTENELE, In: PINHEIRO, 2013, p.49).

Para esses memorialistas, a aquisição de jogadores profissionais de outros estados dá início ao processo de profissionalização do futebol cearense, mas não podemos afirmar que após essa iniciativa “poucos eram os jogadores amadores”, como afirma Damasceno.

Durante as décadas seguintes – 1940, 1950 e 1960 – o profissionalismo vai se consolidando nos clubes vinculados à FCD, mas ainda haviam muitos amadores em seus elencos. Por meio de contratos distintos, atletas amadores e profissionais coexistiam na mesma instituição normativa, no mesmo campeonato e até no mesmo clube. Em 1952, o cronista esportivo Luiz Carlos Aguiar escreve matéria no jornal “Unitário” enfatizando a coexistência das categorias de amadores e profissionais nos clubes federados à FCD. Intitulada “Profissionalismo ou Amadorismo”, tal matéria discorre acerca da indefinição que

existe entre os clubes cearenses federados em adotar um modelo único, assim como feito nos clubes cariocas, que há muito se profissionalizavam.

Analizando-se, ainda que de modo sucinto, a situação isolada dos nossos grandes clubes dificilmente chegaríamos a conclusões exatas sobre o regime que cada um adota. Ou melhor, aqui e acolá divisaríamos resquícios de profissionalismo em uns, e de amadorismo em outros. Há não resta dúvida, gremios que são considerados profissionais. É o caso, por exemplo, do “Ceará”. E há também os que se dizem amadores, e entre os quais situamos o “Gentilândia”. (...) Daí porque não se deve estranhar a dificuldade em definir o regime que se adota no futebol alencarino. Profissionalismo? Amadorismo? Ou um mistura adocicada de ambas as coisas? (Unitário, Fortaleza, 19 ago. 1952).

Vale lembrar que o jogador de futebol amador que se inseria nos quadros de clubes federados entre as décadas de 1940 e 1960, pouco tem a ver com o ideal amador das primeiras décadas do século XX, onde a prática esportiva estava mais associada ao lazer e a prática de exercícios físicos – *mens sana in corpore sano*⁴⁷ – do que aos ganhos econômicos que poderiam advir do futebol. O amadorismo de outrora via no profissionalismo uma forma de desvirtuar o esporte, uma vez que, para os saudosistas dos primórdios do futebol amador, o profissional seria movido pelo dinheiro⁴⁸ e pelos contratos, deixando de lado o aspecto propriamente esportivo do futebol⁴⁹.

Os amadores que firmavam contratos com clubes federados à FCD também viam na prática esportiva um meio de ganho econômico, mesmo que não fosse a sua atividade profissional principal. Numa espécie de sobrevivência do amadorismo marrom⁵⁰, eles recebiam para jogar. Para José Sergio Leite Lopes, mesmo após a implantação do

⁴⁷ A formação das primeiras equipes de futebol se dá sob a orientação do cavalheirismo e do fairplay, característicos do amadorismo. Para Hilário Franco Júnior, o futebol que era praticado no seio dos grupos dominantes do país no início do século XX tinha objetivos bem definidos: “Harmonia dos músculos, higienização dos corpos, etiqueta, coordenação dos movimentos e controle da violência seriam elementos a contribuir para o fortalecimento moral e solidário dos futuros dirigentes do país” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 64).

⁴⁸ Percebemos a relação entre profissionalismo e a monetarização do esporte na fala de Nagib, atleta do FEC no ano de 1961. Em entrevista a revista “O Crack”, Nagib assevera que é profissional atuar pelo clube que o pagar melhor: “Sou profissional e não tenho segundo clube. O que me pagar mais derramarei ‘sangue, suor e lágrimas...’.” (Crack, Fortaleza, set. 1961).

⁴⁹ Essa imagem do amador que pratica futebol pelo status de fazer parte de um grupo seleto de jovens elegantes e saldáveis se materializa na figura do ex-goleiro do Fluminense e da seleção brasileira, Marcos Mendonça. O jovem *goalkeeper* decide largar o futebol em 1919, aos 24 anos, justamente pela inserção de jogadores que corrompiam o esporte, uma vez que não viam no futebol uma prática de lazer e sociabilidade, mas sim o seu meio de sobrevivência (PEREIRA, 1997).

⁵⁰ Antes da profissionalização do jogador de futebol, chamava-se amadorismo marrom a prática de um clube pagar atletas para que exibissem suas qualidades em campo. Tal prática era ilegal, uma vez que a remuneração de indivíduos por meio do futebol só passaria a ser legal depois da regulamentação da profissão de jogador de futebol em 1931, quando no governo Vargas o jogador de futebol foi incluído entre as profissões que deveriam ser regulamentadas pela legislação trabalhista (FRANCO JÚNIOR, 2007, p.76).

profissionalismo, o amadorismo marrom continua fazendo parte do cotidiano dos clubes de futebol no Brasil.

Com efeito, muito tempo após a implantação do profissionalismo, até os anos 1960, há uma certa continuação, no profissionalismo, do padrão de vida de subsistência resultante da composição entre renda monetária e não-monetária característicos do “amadorismo marrom”, assim como uma grande dependência dos jogadores relativamente aos dirigentes dos clubes (LEITE LOPES, 2004, p.153).

Manter atletas como amadores era vantajoso para os clubes, uma vez que estes sustentavam uma relação mais frouxa com seu atleta a partir de contratos menos rigorosos, tendo em vista que o contrato de amador não dava garantia de salário fixo ao atleta, restando ao jogador receber apenas gratificações por resultados conseguidos, além de não ter a segurança contratual obedecida pelos clubes como acontecia com os profissionais. Ao falar sobre as punições impostas pelos clubes aos jogadores penalizados pelo TJD, o senhor Viana nos conta sobre a diferença que havia entre amadores e profissionais. “Os jogadores que eram expulsos, eram condenados pelo TJD, aí o clube punia. Tirava uma parte do ordenado como profissional, quem era profissional. E a maior parte que era amador, muitos deles fazia era dispensar, se fosse jogador indisciplinado” (MELO, Fortaleza, 02 nov. 2016).

Portanto, para aqueles atletas que buscavam ganhos financeiros por meio do futebol, o vínculo de profissional era bem mais atraente do que o amadorismo marrom. Em 1953, o cronista Afranio Peixoto afirma que a não oficialização do profissionalismo entre os clubes federados à FCD era a causa da migração de diversos atletas para outros clubes de outros estados. Em nota na página esportiva do “Unitário”, o cronista cobra uma atitude das equipes federadas no sentido de interromper as saídas de craques cearenses para times da Bahia e Pernambuco, como: Antonino, Purunga, Maciel, Pedro Matos e Babá.

Vamos exigir dos nossos clubes uma reação imediata e objetiva, já que eles assistem de braços cruzados a infiltração no nosso setor futebolístico dos que fazem mercado de além fronteiras. Vamos também dar um fim no chamado “amadorismo marrom”, regime que só males tem trazido ao nosso futebol. (...) Vamos valer os nossos direitos, oficializando o profissionalismo no nosso futebol (**Unitário**, Fortaleza, 09 mai. 1953).

Clubes de fora vinham buscar atletas amadores nas equipes federadas à FCD devido à menor rigidez contratual estabelecida entre as partes – clube/atleta. Destarte, esse tipo de transação era benéfica para contratantes e contratados. Enquanto os clubes contratavam atletas amadores sem precisar ter o ônus de pesadas multas de transferência, ou esperar o contrato de profissional acabar para adquirir um novo valor para seu elenco; os

desportistas amadores viam na saída para outro clube como profissional a oportunidade de alcançar benesses de um salário melhor e uma maior segurança contratual.

Em vista disso, para não perder seus craques, os clubes eram obrigados a profissionalizá-los. Podemos perceber essa situação, analisando o caso do ponteiro Josias, do Ceará Sporting Club – clube tido como “profissionalista”⁵¹. Por ser jovem e ter demonstrado um bom futebol durante o Campeonato Cearense, sendo apontado como revelação do ano em 1959, desperta o interesse dos adversários.

O eficiente ponta esquerda do Ceará, Josias, está sendo pretendido por dois clubes da entidade máxima. Como amador do Ceará, o jovem e futuro atacante, tem possibilidades de se transferir, deixando o alvinegro. Segundo soubemos, Josias está sendo pretendido por Fortaleza e Ferroviário (**Gazeta de Notícias**, Fortaleza, 10 dez. 1959).

É bem verdade que os clubes levam em consideração habilidade e idade dos jogadores como fatores que despertam interesse para uma possível contratação. Mas neste caso, talvez, o fato de Josias ser amador tenha sido o atrativo para que outras equipes demonstrassem pretensão em contratá-lo. O caso é que, após 10 dias da publicação da notícia acima, o “Gazeta de Notícias” publica nota informando que Josias assinara “contrato de profissional com o Ceará por um ano, o jovem atleta receberá 6mil cruzeiros de luvas e ordenados também de seis mil cruzeiros” (**Gazeta de Notícias**, Fortaleza, 20 dez. 1959). Temendo perder o “jovem e futuro atacante”, o CSC trata logo de firmar contrato profissional com Josias, dificultando as investidas de Fortaleza e Ferroviário para retirar seu atleta⁵².

O caso de Josias pode apresentar um fluxo natural no meio futebolístico para aqueles jogadores mais talentosos, quando o atleta ingressa numa equipe federada como amador, mostra suas qualidades, tornando-se, logo em seguida, profissional, seja no clube

⁵¹ **Unitário**, Fortaleza, 19 ago. 1952.

⁵² Profissionalizar o atleta seria a forma encontrada pelo clube para não perder seu talento para outro clube. Esse foi o motivo que fez com que nas décadas de 1930 as federações de Argentina e Uruguai profissionalizassem seus clubes, já que haviam perdido vários craques para o futebol italiano. José Sérgio Leite Lopes nos conta que: “Logo após a primeira Copa do Mundo ganha pelo Uruguai, e tendo em vista a organização da segunda copa na Itália, Mussolini passa a estimular o futebol italiano com a promessa de construir um estádio para o campeão nacional. A emulação entre os clubes acabou desencadeando uma corrida entre os jogadores considerados bons da América do Sul, o que significa no contexto da Itália de Mussolini, os bons jogadores de ascendência italiana na Argentina, Uruguai e Brasil, especialmente em São Paulo. O futebol mais ameaçado pelo recrutamento é o argentino: a solução encontrada pelos clubes de Buenos Aires foi a adoção do profissionalismo, seguidos pelos de Montevidéu” (LEITE LOPES, 1994, p. 71). É por conta da não adoção do profissionalismo que o futebol brasileiro vai perder muitos atletas qualificados para clubes de outros países, como: “Fausto (1931, Barcelona), Leônidas (1931, Peñarol), Tupi, Vani, Ramon, Teixeira e Petronilho (1931, San Lorenzo de Almagro), Del Debbio e De Maria (1931, Lazio), Ministrinho (1931, Juventus), Rato e Filó (1931, Lazio) – este último se tornaria campeão mundial jogando pela Itália na Copa de 1934 – e Domingos da Guia (1933, Nacional do Uruguai)” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p.p. 75-76).

onde é amador ou noutra clube que queira contar com seu futebol. Mas, nem sempre, inserir-se no profissionalismo seria a melhor opção para atletas talentosos, tendo em vista que o regime profissional, por meio de contratos e obrigações, exige maior dedicação do atleta ao seu ofício.

Pensando nas incertezas da carreira de jogador de futebol, para alguns atletas que não precisavam trabalhar no tempo livre que tinham dos treinamentos táticos e físicos, investir nos estudos apresenta-se como uma possibilidade para obter a segurança em uma carreira que o futebol não daria.

Pedrinho Simões, goleiro titular do Fortaleza Esporte Clube durante a campanha do vice-campeonato da Taça Brasil de 1960 – em âmbito nacional, o melhor resultado do futebol cearense até então –, abandona o futebol para dedicar-se apenas aos estudos. Em entrevista cedida ao repórter César Coelho para o “Gazeta de Notícias”, Simões afirma que:

Vivemos atualmente, na época caracterizada pelo predomínio total do profissionalismo. Nos dias de hoje, não se pode fazer amadorismo em nosso futebol, como seria o ideal para mim. Sou estudante profissional, quero meus futuros nos livros e naturalmente tenho que dedicar meu tempo em grande parte, ou melhor na maior parte, aos estudos o que vem de encontro às responsabilidades do profissionalismo. Essa razão por que estou disposto a deixar de uma vez o futebol. (**Gazeta de Notícias**, Fortaleza, 12 mar. 1961).

A fala de Pedrinho Simões revela-nos alguns elementos importantes no que diz respeito ao ofício de jogador de futebol durante a década de 1950 e 1960 no que tange ao profissionalismo no futebol.

Como dito antes, a questão da profissionalização do jogador de futebol na cidade de Fortaleza ainda não está muito bem definida. Por mais que os clubes que participavam da primeira divisão da FCD já adotassem o profissionalismo em seus quadros, percebemos que os profissionais compartilhavam espaços dentro dos próprios clubes com amadores – atletas que não conseguiram alcançar a condição de profissional, ou que não viam no esporte sua principal atividade monetária. No caso de Pedrinho Simões, devido a sua dedicação aos estudos, o regime profissional não atenderia suas necessidades.

Por viver na “época caracterizada pelo predomínio total do profissionalismo”, Pedrinho, que “vê que neles (livros), mais que na bola que chutam contra seu arco, está o seu futuro⁵³”, não pode dedicar-se unicamente a sua carreira nos gramados. Enquanto a

⁵³ Os trechos marcados fazem parte da entrevista cedida ao “Gazeta de Notícias” em 12 de março de 1961.

profissionalização do futebol não se asseverava tanto, era possível, como amador, articular ofício em campo e outras ocupações⁵⁴.

Para Pedrinho, o ideal seria o amadorismo, uma vez que não atrapalharia tanto seus estudos. Mas, devido ao profissionalismo, tal modalidade vai perdendo força. A modalidade de contrato amador, entre as equipes filiadas à FCD, não se finda no ano de 1960. O amadorismo marrom continua a existir nos quadros dessas equipes. Então, por que o arqueiro da equipe tricolor não continuou articulando seus estudos com a prática amadorística do futebol?

A entrevista supracitada fora feita com tons de esclarecimento para os aficionados que provavelmente cobravam uma maior participação de Pedrinho nas atividades do clube. Na introdução da matéria, antes de seguir as palavras do atleta, mostra que havia insatisfação da torcida com o jogador:

Muitos ignoram a razão porque Pedrinho surge como refratário aos gramados, vez por outra ausente de partidas sérias do Fortaleza, o que parece a torcedores fora do drama do atleta, desamor ao Fortaleza, pouco interesse, ou mesmo irresponsabilidade. Mas não! Pedrinho tem as suas razões, tem a sua história para contar e disse para GN (**Gazeta de Notícias**, Fortaleza, 12 mar. 1961).

Atuar num clube profissional demanda, cada vez mais, uma dedicação exclusiva ao futebol. Com o profissionalismo, novas exigências passam a ser feitas aos jogadores que atuavam nos clubes federados da primeira divisão, a saber: treinamentos diários, concentração antes dos jogos, viagens para disputar partidas ou campeonatos em outras cidades, além dos tratamentos médicos os quais eram frequentemente submetidos. Para esses atletas, muitas vezes, o rigor do profissionalismo impedia a prática de uma atividade fora do futebol⁵⁵. No caso de Pedrinho, pensando na insegurança da carreira de jogador profissional, sua escolha pela vida acadêmica o fez enfrentar severas críticas, até mesmo de irresponsável.

⁵⁴ João Saldanha – treinador do Botafogo durante os anos 1957-1970 e da seleção brasileira – em seu livro de memórias “Os subterrâneos do futebol”, aborda, dentre outras coisas, questões relativas às complicações enfrentadas pelos profissionais da bola no período em que fora treinador da equipe do Botafogo. Entre essas dificuldades, Saldanha aborda o jogador que ao enveredar para os caminhos do estudo teria que abandonar o futebol. “Os do segundo caso, os estudantes, geralmente, não vão muito longe. Nosso profissionalismo ainda não é tão suficiente para que eles se integrem perfeitamente nele. É comum o fato de o jogador estudante abandonar o futebol para dedicar-se à sua nova profissão” (SALDANHA, 1980, p. 122).

⁵⁵ Durante a campanha da Taça Brasil de 1960, Pedrinho Simões precisa se ausentar da cidade várias vezes para poder acompanhar a equipe do Fortaleza nas partidas interestaduais. Como mostra a notícia a seguir: “E Pedrinho do Fortaleza, agora fez uma pausa nos estudos. A Copa Brasil fez com que o moço trocasse os livros pela bola por uns dias. [Ilegível] terminado tudo, ele estará na casa dos amigos, dando duro nas matérias do vestibular de agronomia. Pedrinho é um moço estudioso e adora estudar em conjunto, com os colegas” (**Gazeta de Notícias**, Fortaleza, 14 set. 1960).

Entretanto, outros atletas viam no profissionalismo uma oportunidade de ganho de vida, profissão ou, até mesmo, ascensão social para indivíduos oriundos de camadas sociais menos abastadas. Essa nova significação dada à prática do futebol começa a tomar forma em Fortaleza a partir das décadas de 1950 e 1960 devido às transformações que a Federação Cearense de Desportos (FCD) sofrera a partir da década de 1940, desde a implementação do profissionalismo em seus quadros. Desta forma, veremos como os clubes fabris inseridos na dinâmica profissional têm papel importante nesse contexto.

3.2- Particularidades de clubes fabris na dinâmica do profissionalismo.

Seguindo determinações da FIFA e da CBD sobre as regulamentação da prática em campo – dimensões do campo, tamanho das traves e da bola e material esportivo – e do comportamento de jogadores, juízes e diretores de clubes, a FCD passa a profissionalizar suas regras agora consolidadas no Código Disciplinar do Tribunal de Penas, que padronizava as penalidades e multas para jogadores e clubes que não cumprissem os contratos (PINHEIRO, 2013, p.82).

É nesse contexto de garantias da profissão de jogador de futebol trazidas pelas normatizações da FCD que atletas bons de bola buscam deixar o amadorismo para se profissionalizar num grande clube. Indivíduos que, provavelmente, devido à camada social a qual pertenciam ou ao baixo nível de instrução que possuíam, encontrariam o seu sustento em algum emprego como operário numa fábrica, no mercado de trabalho informal, ou até sofreriam as agruras do desemprego, veem a possibilidade de obter ganhos financeiros ou, até mesmo, ascensão social por meio do futebol⁵⁶.

Os clubes fabris terão importante papel nesse processo de profissionalização do futebol ainda no período abordado em nossa pesquisa. Durante as décadas de 1950 e 1960, temos apenas dois clubes com características fabris – cuja única fonte de renda vinha de uma empresa patrocinadora e que operários da fábrica atuavam pelo clube – participando do campeonato da Primeira Divisão da FCD, a saber: Ferroviário, vinculado a RVC e Usina Ceará, sujeito à Siqueira Gurgel. O futebol desempenhado por equipes oriundas de fábrica guarda particularidades perante o profissionalismo, que ainda está em processo de consolidação. Ateremo-nos à análise das especificidades das equipes fabris – dando ênfase ao Usina Ceará – quando inseridas na dinâmica do profissionalismo.

A forma de recrutamento de talentos para ingressar em seus quadros, caracteriza uma particularidade do “clube proletário” perante os outros times do campeonato da divisão de elite da FCD. Além de operários-jogadores – aqueles que jogavam no time e trabalhavam na fábrica –, o clube da fábrica Siqueira Gurgel contava ainda com atletas que vinham das categorias de base e muitos desses jogadores eram adolescentes que moravam nas redondezas da fábrica bem como na Vila Gurgel. Em nossa entrevista, Viana de Melo discorreu sobre a

⁵⁶ No ensaio “Como é possível ser esportivo”, Bourdieu afirma que a carreira esportiva surge como alternativa para sujeitos de classes menos abastadas. Mas essa possibilidade não se concretizaria no amadorismo. De acordo com Bourdieu, para que possamos entender as características tão distantes entre a gratuidade e o fair play presentes nas práticas esportivas originais (amadoras) e a prática do desporto profissional, “é preciso ter em mente, entre outras coisas, o fato de que a carreira esportiva, que é praticamente excluída do campo das trajetórias admissíveis para uma criança da burguesia – tênis ou golfe a parte –, representa uma das únicas vias de ascensão social para as crianças dominadas” (BOURDIEU, 1978, p.13).

vila que ficava nas proximidades da fábrica: “A vila era em frente ao campo. A vila que ele mandou fazer, Eduardo, pra quem trabalhava na oficina. Praqueles operários que trabalhavam no escritório aí fazia umas casas boas. Chamava Vila Gurgel, era em frente ao campo” (MELO, Fortaleza, 18 mai. 2015).

Pensando no entorno da fábrica Siqueira Gurgel como uma *company town* – onde muitos equipamentos urbanos erigidos pertenciam à fábrica, inclusive a vila de casas para os operários – podemos perceber que o paternalismo estabelecido nesse local guarda relação com a prática esportiva. Para a fábrica que patrocinava uma equipe de futebol entre os ditos clubes profissionais da FCD, o fato de ter uma vila operária, um campo de futebol e uma quadra de futebol de salão ajudaria na composição de sua equipe. Valeremo-nos do exemplo estabelecido por Leite Lopes no caso da fábrica Bangu e seu clube de futebol:

“No seu contexto de *company town* isolado, a fábrica Bangu formava sua equipe a partir de times infantis e juvenis como o Esperança, pelo qual passaram grandes jogadores como Domingos da Guia. Os jovens que se destacavam nessas equipes podiam ter esperança de ser contratados como operários-jogadores da fábrica e assegurarem-se, assim, de um emprego estável, podendo alcançar um período maior que a idade em que o futebol competitivo pode ser praticado (LEITE LOPES, 2004, p.132).

Além da equipe principal que participava do campeonato da Primeira Divisão da FCD, a Siqueira Gurgel também mantinha equipes juvenis em seus quadros⁵⁷. Essas equipes de base apresentavam-se como uma oportunidade para jovens jogadores ascenderem à equipe principal, além da possibilidade de assegurar emprego na fábrica.

As equipes formadas por moradores do bairro Otávio Bonfim também surgiam para o “clube proletário” como alternativa para a aquisição de novos valores. O ex-morador do bairro Otávio Bonfim, Vicente Moraes, dedica um capítulo do seu livro de memórias, “Anos dourados em Otávio Bonfim”, aos times de futebol que existiram no bairro durante as décadas de 1950 e 1960, a saber: Montese, Osório Futebol Clube, Espadone, Treze, Tamandaré, Estrelinha, Agapito dos Santos, Mororó, Torino, Montreal, Tigre, Caju, São Tarcísio, Tuna, Penarol e Usina. Dentre essas equipes, Vicente Moraes destaca o Tamandaré pela sua qualidade. “Talvez um dos melhores times suburbanos. Seus jogadores eram

⁵⁷ O fato de o Usina Ceará investir nas categorias de base rendia-lhe elogios na imprensa. Em 24 de abril de 1960, o “Gazeta de Notícias” lança nota alertando os clubes sobre a importância de se investir nas categorias infanto-juvenil de seus quadros. Para tanto cita o Usina Ceará como equipe que dá importância a categoria de base. O Usina Ceará, como o Fluminense do Rio, enxerga muito alto esse setor, reservando um lugar de destaque aos seus departamentos amadores. Não só o futebol como no basquete, voleibol, futebol de salão, como em outros especializados, o grêmio da Siqueira Gurgel sempre revelou prestígio (**Gazeta de Notícias**, Fortaleza, 24 abr. 1960).

excelentes, e muitos deles foram chamados para jogar no Usina Ceará, onde se tornaram profissionais” (MORAES, 1998, p.139).

Algumas dessas equipes eram organizadas pelos párocos da Igreja do bairro – Nossa Senhora das Dores – e eram ordenadas por faixa etária. Sobre os times de futebol do bairro Otávio Bonfim, Edmar Gurgel nos conta que:

E a própria Igreja, que congregava aqueles jovens com o esporte. Eles faziam, muito assim, essa irmandade funcionar bem. É tanto que veja aí: Otávio Bonfim, no tempo do frei Teodoro, desde eu menino velho, criancinha, já tinha um timezinho do São Tarcísio, quando aumentava a idade passava para o time Montese, quando já ficava adulto era o Montreal. E essa turma já jogava também no Usina, havia um intercâmbio (COELHO, Fortaleza, 24 out. 2015).

Ao cruzarmos o depoimento de Edmar Gurgel com os escritos memorialísticos de Vicente Moraes, percebemos que jogadores que se destacavam nas equipes do bairro ganhavam espaço na equipe profissional da região. Assim como no caso de Bronzeado. Engraxate do bairro Otávio Bonfim, Bronzeado passa a integrar a equipe do Usina Ceará no ano de 1952, após se destacar na equipe do Estrelinha. É importante frisar que nem só o “clubes fabril” se valia dessa relação estabelecida com os times do bairro. Os jovens jogadores também usufruíam da oportunidade de ter um clube federado à FCD nas proximidades para tentar a profissionalização, seja pelo Usina, seja por outro clube. O próprio Bronzeado, após atuar pelo “clubes proletário”, consegue a profissionalização pelo Fortaleza.

Assim, outra particularidade encontrada na relação entre futebol fabril e o futebol profissional manifesta-se no papel que uma equipe de fábrica ocupa nas pretensões de atletas que buscavam alcançar o status de jogador profissional, uma vez que iniciar a carreira nessas equipes apresentava-se como um possível caminho para se alcançar o objetivo da profissionalização num grande clube⁵⁸.

Além de operários, profissionais, jogadores da base e de equipes amadoras do bairro, o grêmio da Siqueira Gurgel, assim como as outras equipes que disputavam a Primeira

⁵⁸ Ainda hoje temos casos de jogadores profissionais que iniciam sua carreira em times de fábrica. Como é o caso do atleta Francisco Everton Almeida de Andrade. Everton disputava a Liga Amadora de Indústrias de Maranguape – cidade que integra a Região Metropolitana de Fortaleza. Após apresentar bom futebol atuando pelo time da fábrica em que trabalhava, em 2003, Everton foi contratado pelo Santana Têxtil, equipe da Terceira Divisão do Campeonato Cearense. Após passar pelo Ferroviário, ele passa atuar por clubes do sul e sudeste brasileiro. Dentre outros títulos, Everton, que atualmente defende o Fortaleza Esporte Clube, campeão do Campeonato Brasileiro da Série A pelo Cruzeiro em 2013 e da Série B em 2014 pelo Joinville. Em entrevista concedida à rádio ESPN (2015), Everton fala que: "Trabalhei dois anos na fábrica. Ao mesmo tempo, jogava o campeonato de futebol das indústrias, e me destaquei atuando como volante. Estava com 20 anos e tinha um olheiro da terceira divisão do Cearense que me viu e fui chamado para jogar profissionalmente. Falei com a minha esposa e fui me aventurar. Ainda bem que deu tudo certo!". Entrevista disponível em: http://espn.uol.com.br/noticia/472161_campeao-brasileiro-por-flu-e-cruzeiro-fazia-ventiladores-e-foi-vizinho-de-chico-anyisio Data de acesso: 13 de abril de 2017.

Divisão do campeonato da FCD, se valia do artifício de ir buscar jogadores que praticavam o futebol amadoristicamente em equipes dos subúrbios da cidade de Fortaleza para atuarem pelos seus quadros⁵⁹. Funcionários da fábrica Siqueira Gurgel que faziam parte da diretoria do clube iam aos campos de futebol suburbanos em busca de jovens valores para integrar seu elenco. Temos no caso do ex-jogador José Gerardo da Cruz um exemplo dessa forma de aquisição. Em entrevista, o senhor Zé Gerardo nos conta como foi que chegou ao Usina Ceará:

Jogava lá no time do meu bairro, o Bangu. Aí, lá o diretor do Usina foi assistir um jogo lá, me viu jogando e me convidou, pra ir treinar lá no juvenil. Fui e, graças a Deus, fiquei. Fiquei e foi logo, subi no time, porque eu fui titular no time do Usina com dezesseis anos de idade, dezesseis anos (CRUZ, Fortaleza, 18 nov. 2015).

O senhor José Gerardo, ingressa em 1953 na equipe juvenil do Usina Ceará, tendo jogado no quadro principal da equipe só a partir de 1958⁶⁰. Atua como amador entre os anos de 1958 e 1960. Após apresentar boas atuações durante os três campeonatos cearenses que participou, Zé Gerardo consegue assinar contrato de profissional pelo Usina Ceará, sendo contratado pelo CSC em 1963. Patrocinado por casas comerciais, o alvinegro de Porangabussu era considerado, à época, o clube que pagava os melhores salários no estado.

A transferência para o Ceará atendia as pretensões de Zé Gerardo, tendo em vista que, para ele, o futebol se apresentava como uma oportunidade de ascensão social. Ao discorrer sobre o ofício de jogador profissional durante as décadas de 1950 e 1960, “seu” Zé nos conta: “O cara diz assim: ‘ah, naquela época jogava por amor’. Eu digo: ‘só se for os outros, porque eu só joguei por dinheiro’. Claro, eu era profissional. Eu tinha que jogar pra ganhar o meu dinheiro. Eu tinha uma família pra sustentar” (CRUZ, Fortaleza, 18 nov. 2015).

⁵⁹ Equipes profissionais realizavam treinamentos em campos dos subúrbios da cidade. Tal iniciativa facilitava na descoberta de novos valores para a montagem de seu elenco, uma vez que era dada oportunidade para jogadores das equipes suburbanas da capital realizarem testes durante os treinamentos. O FEC é um desses clubes que adotam essa prática no final da década de 1950. “Os atletas do campeão da cidade, treinaram coletivamente ontem à tarde no campo da Messejana. Na oportunidade foram testados alguns jogadores de quadros dos nossos subúrbios” (**Gazeta de Notícias**, Fortaleza, 14 set. 1960).

⁶⁰ O período em que José Gerardo atua no juvenil do Usina, entre 1953 e 1957, corresponde ao tempo em que passou alistado no exército. Durante esse período, Zé Gerardo continuou atuando pelo Usina e recebendo gratificações por partidas disputadas. Mas quando a equipe de futebol do quartel do 23º Batalhão de Comando jogava, ele tinha que atuar pelo Duque de Caxias. “Eu jogava no Usina Ceará, quando o time do quartel tinha eu jogar, eu tinha que jogar pelo quartel, o Duque de Caxias”. Equipe onde atuavam vários atletas do futebol profissional da cidade. “Eu continuei jogando no Usina Ceará. Eu jogava no Usina Ceará. Quando o time do quartel tinha que jogar, eu tinha que jogar pelo quartel, Duque de Caxias. Agora o time era: Aloísio I; pra você ver era goleiro do Fortaleza, titular; era Willamy, que era do Ceará; Barbosa, jogava no Gentilândia; Rebouças, que jogava no time de Maranguape e Aloísio III, lateral esquerdo que era do Fortaleza. Meio de campo já era Zé Gerado e Lucena” (CRUZ, Fortaleza, 18 nov. 2015).

Pela fala de nosso entrevistado, percebe-se que ele tem um objetivo bem definido com a prática do futebol em nível profissional: jogar com fins lucrativos. No entanto, essa ascensão não viria dentro de um clube fabril, onde o jogador teria a estabilidade no salário, mas não receberia altos proventos. Desta forma, José Gerardo da Cruz afirma em entrevista ao “Correio do Ceará” que após sua transferência para o CSC passa a ganhar gratificações muito maiores do que no Usina.

Sempre tive vontade de jogar por um clube grande. E quando no passado surgiu a oportunidade oferecida pelo Ceará, aproveitei-a de imediato (...). No que tange a gratificações, durante êstes nove meses em que joguei pelo Ceará ganhei mais dinheiro do que nos nove anos que atuei pelo Usina Ceará. Neste período, jogamos 32 vezes e em apenas uma delas quando perdemos para o Confiança não fomos gratificados. Nos demais jogos em que tomamos parte fomos gratificados, e com importâncias “gordas” (**Correio do Ceará**, Fortaleza, 01 nov. 1964).

No caso de Zé Gerado, o profissionalismo – mesmo não dando garantia de retorno financeiro e estabilidade econômica – proporcionou-lhe, enquanto estava inserido no meio do futebol profissional⁶¹, uma ascensão social a partir da conquista de bens materiais e simbólicos: “Meus filhos nunca estudou em colégio de Estado, tudo foi em colégio pago. ‘Eu não estudei em colégio pago, mas vocês vão estudar em colégio pago. Tem que aproveitar’”.(CRUZ, Fortaleza, 18 nov. 2015).

Ser um profissional da bola apresenta-se para Zé Gerardo como uma oportunidade de dar a seus filhos a chance de estudar em colégios particulares, oportunidade que o próprio Zé Gerardo não teve. O fato de poder colocar seus filhos para estudarem em escolas privadas é um ganho, além de material, simbólico. Tal ascensão só foi possível devido as portas para o profissionalismo abertas pelo seu início no Usina Ceará⁶².

⁶¹ Mesmo após “pendurar as chuteiras”, as relações conseguidas por meio do futebol o ajudaram a conseguir outras colocações profissionais. Ele nos conta que após encerrar a carreira de jogador de futebol foi convidado para trabalhar como treinador do ICASA, da cidade de Juazeiro do Norte. Após três anos longe da família, pede demissão do cargo e volta para Fortaleza. Após um período desempregado as redes de sociabilidade desenvolvidas no/por meio futebol o fizeram conseguir o emprego cujo qual iria conseguir sua aposentadoria. Nas palavras de Zé Gerardo: “Aí, quando chegou aqui eu fui trabalhar mais um advogado, que tinha jogado comigo, o Evandro Carvalho Fernandes. Jogamos no Usina. Ele foi pro Fortaleza e eu fui pro Ceará. Aí, quando eu cheguei aqui ele: ‘Zé, o que é que tu tá fazendo?’ – ‘Eu não tô fazendo nada’. – ‘Vamo lá no escritório pra trabalhar comigo?’ Aí, eu ia pro Fórum mais ele, aprendendo os macetes, né. Como trabalhar com processos. Aí, comecei a fazer serviço de despachante. Aí, continuei. Ele morreu. O Evandro morreu. Morreu novo, quarenta e poucos anos. Eu já tinha escritório. Quando ele se afastou, né, eu fiquei trabalhando no cartório Martins. Dando expediente no cartório Martins e ele já tinha me dado as coordenadas tudo que era preciso eu fazer. Aí, eu continuei, graças a Deus, até me aposentar. Hoje em dia já sou aposentado” (CRUZ, Fortaleza, 18 nov. 2015).

⁶² Um dos casos mais conhecidos de jogadores profissionais que conseguem a profissionalização após um início em clubes de fábrica é o de Garrincha. Ele atuou, desde 1949, no Sport Clube Pau Grande, equipe financiada pela fábrica Cia. América Fabril de Pau Grande-RJ, onde Garrincha trabalhava desde menino. Apesar de seu comportamento, que ia de encontro à ética do trabalho, Garrincha conseguia manter vínculo com a empresa devido a sua importância para o time de futebol da fábrica. Após algumas tentativas frustradas de ingressar em

Enquanto alguns juvenis conseguiam profissionalizar-se nos quadros do Usina, poucos eram os operários-jogadores que almejavam esse objetivo. Tendo um vínculo empregatício com a fábrica, a escolha de trocar um clube fabril por um profissional não seria tão fácil assim. Ao se profissionalizar, o operário-jogador obteria melhores vencimentos, mas enfrentaria a incerteza de futuros contratos. Permanecendo no clube da empresa, ele não receberia grandes gratificações, mas teria a segurança do seu salário como operário na fábrica. Dessa forma, os clubes de fábrica ganham qualidades específicas no cenário do futebol profissional de meados do século passado.

Analisando o desempenho do operário-jogador, percebemos um contraponto a partir do ponto de vista da produção capitalista, nos âmbitos da fábrica e do campo. É certo que esse indivíduo enfrentava a pressão da corrida contra o tempo em seu ofício, já que seu trabalho na fábrica e nos gramados lhe exigia máxima eficiência num determinado tempo. Mas, enquanto esse mesmo indivíduo terá sua produção reconhecida em campo – gols, desarmes ou assistências –, aquilo que produz dentro dos muros da fábrica não terá o mesmo reconhecimento. Assim, não adiantaria produzir muito na fábrica, uma vez que seu salário, provavelmente, continuaria o mesmo e o reconhecimento iria para a fábrica e não para aquele que produz. Já por aquilo que produz em campo, o operário-jogador poderia alcançar certa autonomia e reconhecimento, além de despertar interesse de outras equipes.

No que concerne aos operários-jogadores do Usina Ceará, também existia, para alguns, o desejo de ascensão social por meio do futebol profissional. Entretanto, de acordo com o senhor Edmar Gurgel Coelho, poucos eram os que tinham sonho de investir no profissionalismo.

Olha, é claro que muitos atletas do Usina aspiravam ir para um time de mais nome. Nós tínhamos um, que eu não vou citar o nome, que quando ele saiu do Usina Ceará, como profissional já, ele foi contratado pelo Ceará. Ele disse que era um grande passo que ele tava dando pra ir jogar no Vasco. Que era o sonho dele ir jogar no Vasco. Então, aspirava a isso. (...) A pessoa se tornar um grande atleta aqui era muito difícil. Não podia ter esse sonho, não. Sabia que depois de poucos anos ele estaria não mais rendendo como jogador e desempregado. Isso acontecia muito. Era sempre uma preocupação. (COELHO, Fortaleza, 24 out. 2015).

equipes profissionais cariocas – Vasco, Fluminense e São Cristóvão – Garrincha consegue se profissionalizar como jogador de futebol pelo Botafogo de Futebol e Regatas, chegando a ser bi-campeão mundial pela seleção brasileira nos anos de 1958 e 1962. Ao atingir fama e conseguir viver apenas dos proventos do esporte, Garrincha torna-se exemplo e fortalece o sonho da ascensão social por meio do futebol (ANTUNES, 1994, p. 109).

O sonho de viver exclusivamente do futebol existia para alguns jogadores. Mas, nas palavras de Edmar Gurgel, essa ascensão não viria num time da cidade de Fortaleza e sim nos grandes centros à época – Rio de Janeiro e São Paulo – onde se encontravam os clubes com maiores recursos. Tal proposição pode ser afirmada a partir da entrevista que o jogador Carlito, do Ceará Sporting Club, concede à revista “O Crack”. Perguntado sobre qual seria o seu segundo clube, Carlito responde: “Desejo sempre continuar no Ceará. No entanto, alimento a esperança de ainda vestir a camisa do Flamengo do Rio, time que tôrço desde garoto e pode possibilitar ao atleta uma independência financeira para o resto da vida” (**O Crack**, Fortaleza, set. 1961)⁶³.

Por mais que Carlito integrasse o plantel do CSC, um dos clubes que pagavam os melhores salários à época na cidade de Fortaleza, ele acredita que em terras cearenses não atingiria sua independência financeira através do futebol profissional. Para que isso viesse a acontecer, precisaria ir atuar numa grande equipe de um grande centro nacional. De acordo com Anatol Rosenfeld, os salários de jogadores profissionais que atuavam nos grandes clubes do futebol paulista e carioca podiam variar entre oito e quinze mil Cruzeiros durante a década de 1950, “mais do que o salário de um professor em ginásios oficiais” (ROSENFELD, 1993, p.93)⁶⁴. Tal fato pode ser explicado pelo processo de profissionalização do futebol já estar melhor consolidado nos estados do Sudeste do Brasil, principalmente São Paulo e Rio de Janeiro, desde 1933⁶⁵.

⁶³ Muitos jogadores cearenses deixam sua terra natal para atuar em equipes do sul do país, principalmente dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, a saber: Mozart deixa o For, após passagem por Pernambuco e Pará, onde atuou, respectivamente, pelo Náutico e Remo sai do Fortaleza para ir atuar no Fluminense; Fernando Sátiro sai do Gentilândia para defender o São Paulo em 1958; Canhoto, que apesar de ser maranhense, deixa o América da capital cearense, seu primeiro clube profissional, para ir para o São Paulo em 1954; Pacoti sai do Ferroviário para o clube carioca Vasco da Gama em 1958 – após passagem pelo Sport Club do Recife no mesmo ano. Pacoti também tenta a sorte no futebol internacional indo atuar pelo Sporting de Lisboa. Além de Pacoti, outros atletas cearenses tentam a sorte no futebol português, como Zé de Melo do Ferroviário, Expedito do Ceará e Cícero do Usina.

⁶⁴ A título de exemplo de como o futebol profissional desenvolvido em São Paulo e no Rio de Janeiro progredia em altas cifras, elencaremos o atestado liberatório do goleiro Gilmar do Vasco da Gama no ano de 1961 – mesmo ano da entrevista de Carlito – foi de Cr\$ 15.000.000 (Quinze milhões de Cruzeiros) (**Correio do Ceará**, Fortaleza 17 nov. 1961). Ou seja, para se conseguir a transferência de um jogador de um grande clube do Rio de Janeiro, teria que desembolsar mais de 1000 salários mínimos, que à época valia Cr\$ 13.440 (Treze mil e quatrocentos e quarenta Cruzeiros).

⁶⁵ Esse aumento do salário pago pelos clubes cariocas e paulista frente aos de Fortaleza, também pode ser sentido quando comparamos os salários mínimos estabelecidos para essas capitais. Se tomarmos o valor do salário mínimo pago no final da década de 1950 veremos que há um aumento considerável quando comparamos os valores da cidade de Fortaleza com os grandes centros urbanos do Brasil à época. De acordo com o Anuário Estatístico do Brasil. I – Salários B) Salário mínimo estabelecido para os Municípios das Capitais - 1943/63, enquanto o salário mínimo da cidade de Fortaleza entre julho de 1956 e dezembro de 1958 é de Cr\$ 2.500 (dois mil e quinhentos cruzeiros), na cidade do Rio de Janeiro e de São Paulo o valor sobe para Cr\$ 3.800 (três mil e oitocentos cruzeiros) e Cr\$ 3.700 (Três mil e setecentos cruzeiros) respectivamente.

A própria condição econômica dos estados do Sudeste contribui para a marcha da mercantilização do futebol andar a passos largos, uma vez que esse desenvolvimento urbano e industrial, sentido principalmente nas capitais de São Paulo e do Rio de Janeiro, cria novas oportunidades de vida, de investimento e de trabalho (MELLO; NOVAIS, 1998, p.581). O futebol, como possibilidade de rendimento financeiro, se apresenta como uma dessas novas oportunidades, seja como investimento – patrocinadores e donos dos clubes – seja como trabalho – jogadores, técnicos e outros que estão inseridos na prática esportiva de maneira informal. Assim, essa “sociedade em movimento”⁶⁶ também se manifesta no meio futebolístico. Ao falar sobre a migração de atletas em busca da profissionalização, Hilário Franco Júnior afirma que “jogadores que despontavam no interior do Brasil eram contratados pelos grandes clubes do eixo Rio–São Paulo, à semelhança do que ocorria com a mão-de-obra de imigrantes que se deslocava das áreas rurais e das regiões Norte e Nordeste para o Sul–Sudeste em vias de industrialização” (FRANCO JÚNIOR, 2014, p. 82).

Podemos constatar que poucos operários-jogadores tinham o sonho de se profissionalizar e viver exclusivamente do futebol devido ao desemprego certo que, provavelmente, os aguardaria após uma curta carreira. Assim, era muito mais seguro permanecer como operário-jogador e ter a estabilidade do emprego, do que arriscar viver exclusivamente do futebol⁶⁷.

Ao ser questionado sobre sua trajetória no futebol, o “zagueiro proletário” Viana de Melo fala que o emprego na fábrica Siqueira Gurgel era o que lhe vinculava ao Usina Ceará.

Ah, minha trajetória no futebol foi pouca. Porque foi só num time né? Eu saía pra terminar um contrato e já emendava noutro, porque eu trabalhava na firma. Às vezes recebia até convite para outros time de fora. Mas eu não queria perder o emprego e eu gostava muito do trabalho e a firma era boa, pagava bem. E o que eu gostava mais, o que me prendia mais no Usina era a pontualidade do pagamento. Porque a

⁶⁶ De acordo com João Manuel Cardoso de Mello e Fernando A. Novais, os anos compreendidos entre 1950 e 1980 são caracterizados pelo intenso movimento de deslocamento de pessoas entre as regiões do país em busca de um destino melhor em São Paulo e no Rio de Janeiro (MELLO e NOVAIS, 1998, p.585).

⁶⁷ Até mesmo o “divino” Domingos da Guia, operário-jogador do Bangu Athletic Club e da seleção brasileira no início da década de 1930, preferia jogar em clubes que lhe oferecessem empregos. Ao discorrer sobre a trajetória de Domingos da Guia no cenário futebolístico brasileiro antes da profissionalização, Leite Lopes nos revela que: “Domingos nasceu em Bangu e é um produto do talento que pode se constituir no contexto desse clube-vila operária. Depois de um período como operário-jogador, o clube consegue para ele um pequeno emprego na saúde pública de subúrbio (como “mata-mosquito”), e mesmo depois de ganhar notoriedade na Copa Rio Branco de 1932, quando o Brasil ganha do Uruguai, ele recusa ofertas de outros clubes em nome desse seu emprego: ele tem o realismo do futuro objetivo possível para um jogador de clube de empresa sob o amadorismo”. (LEITE LOPES, 1994, p. 74). É bem verdade que nesse momento o profissionalismo ainda não havia sido implantado no futebol brasileiro, mas já se remuneravam atletas para que estes pudessem se dedicar exclusivamente ao futebol – amadorismo marrom –, como no caso do Vasco da Gama.

gente recebia de quinze em quinze dias. Todos os dias quinze a gente tinha dinheiro na mão (MELO, Fortaleza, 18 mai. 2015).

Para o jogador que não almejava ascensão social por meio do futebol, jogar num time de fábrica lhe garantia uma segurança financeira obtida por meio do seu emprego como operário da fábrica que patrocina o time, além de lhe garantir gratificações pelo seu desempenho em campo. Por mais que a equipe deixasse de existir ou fosse dispensado e não conseguisse ingressar noutro clube, este indivíduo teria seu salário assegurado pelo emprego na firma. Assim, a certeza do “dinheiro na mão”, recebido pontualmente, contrastava com a incerteza financeira que se avizinha para a maioria dos jogadores profissionais aos términos dos contratos⁶⁸.

Para nosso entrevistado, essa indefinição se materializa na falta de um emprego fora do futebol. Viana nos conta que o Fortaleza Esporte Clube, na figura do presidente à época, Coronel Mozart, “pelejou” para levá-lo para o clube tricolor sem lograr êxito. “Porque não me deram emprego. Aí, a Siqueira Gurgel me deu o emprego e eu fui para lá. Eu não confiava no ordenado só do futebol. Nesse tempo era pouquinho. Era muito pouco. Aí, eu só confiava no trabalho. Era acostumado a trabalhar” (MELO, Fortaleza, 18 mai. 2015).

Cabe aqui fazer uma análise da fala de Viana no que tange a questão do trabalho. Mesmo as propostas de clubes profissionais considerados grandes e que pagam melhor são recusadas por não apresentarem a segurança que um emprego formal podia proporcionar. Além do que, quando diz que “só confiava no trabalho”, Viana nos passa a impressão de que não encara o futebol como atividade que lhe desse segurança financeira. Muito devido às incertezas da carreira de jogador de futebol – carreira curta, contratos não vantajosos e falta de clubes para jogar – apenas com um ofício remunerado fora dos gramados ele teria segurança para exercer seus compromissos em campo.

Desta forma, surge outra particularidade dos clubes fabris presentes no profissionalismo da Federação Cearense de Desportos. Devido à incerteza que vem a reboque de ser um profissional da bola, a garantia de um emprego fora dos gramados fazia a diferença na hora de um jogador assinar contrato de profissional com um clube.

⁶⁸ Essa incerteza também se materializa nos problemas físicos. Após contusões, que são comuns no futebol de alta intensidade, o destino de muitos atletas é incerto. A situação do atleta Marreta ilustra bem essa situação. Após uma contusão, Marreta foi dispensado do elenco do FAC. “Marreta foi revelação do Intermunicipal. Foi contratado, então, pelo Ferroviário. Contundiu-se, porém. Recuperado fisicamente, vinha lutando pela posição há muito tempo. Os ‘técnicos corais’, no entanto, acharam que Marreta não servia mais. O problema tinha que ser sanado. E deram ao craque seu ‘bilhete azul’ [demissão]. Marreta, desse modo, vai procurar outro clube que acredite em seu futebol” (**Gazeta de Notícias**, Fortaleza, 19 jul. 1961).

Em nota publicada na página esportiva do “Gazeta de Notícias”, podemos perceber como a oferta de um emprego formal, além dos gramados, fazia diferença na escolha de um atleta. “(...) o arqueiro Ubiratan que fez vários testes no Ferroviário não conseguindo aprovar, irá tentar sua sorte mais uma vez no futebol citadino desta feita no esquadrão alvi-negro. A única exigência do atleta para permanecer nesta capital é que lhe seja conseguido um emprego” (**Gazeta de Notícias**, Fortaleza, 17 fev. 1957). Percebe-se que Ubiratan tenta ingressar nos quadros de uma equipe federada, mas só o fará se a equipe que o contratar conseguir um emprego. Por isso, primeiramente, tenta a sorte no Ferroviário, por conta de um possível emprego na RVC⁶⁹.

Assim como os dirigentes do clube da estrada de ferro, os mandatários do Usina Ceará também se valem deste artifício para atrair novos valores para seu clube. Muitos jogadores viam no emprego oferecido na fábrica um bom motivo para assinarem contrato com o clube da Siqueira Gurgel. Durante entrevista, Viana de Melo fala sobre essa situação. Primeiramente, lembra do exemplo do goleiro Adir, em seguida do caso de Hélio:

A primeira coisa que ele falou pro Popó foi: “chegar lá vocês arrumam emprego na fábrica”? Popó perguntou pro doutor: “se for pelo emprego, chegar lá tem”. Aí ele foi trabalhar comigo lá na tecelagem. (...) Hélio jogava no Fortaleza. Aí, convidou o Hélio. O Hélio era escriturário. Aí teve uma vaga no escritório e o doutor convidou: “Hélio, quer ir lá pro Usina? Tu se dá muito com o Adir. Tem um emprego lá no escritório”. “Ah, pelo emprego”! Aí veio (MELO, Fortaleza, 02 nov. 2016).

Destarte, os clubes de fábrica não tinham seu lugar definido no cenário profissional apenas como uma vitrine para jovens talentos que se destacavam e pretendiam ir para as equipes mais tradicionais da FCD. “Havia também os jogadores que percorriam o caminho inverso: profissionais dos grandes clubes, eles se aproveitavam de seu trânsito no meio esportivo para tentar obter um segundo emprego na fábrica” (ANTUNES, 1994, p.109). A proposição da socióloga Fátima Antunes vai ao encontro do caso de Hélio, que abandona o Fortaleza – clube considerado grande – para ser atleta do Usina – clube de fábrica –, muito pelo emprego de escriturário que lhe fora oferecido.

Diferentemente de um trabalhador que cumpria uma carga-horária que preenchia seu dia, o jogador de futebol dedicaria apenas um período do dia para as atividades de treinamento e preparação para os jogos. De acordo com José Gerado da Cruz, que foi

⁶⁹ Muitos eram os jogadores do Ferroviário que trabalhavam nas dependências da RVC. Entre eles Aldo, atacante do clube da estrada de ferro e operário no Depósito de Diesel da RVC. Aldo declara, a revista “O Crack”, que “joga pelo Ferroviário desde 1954 e ter ganho no futebol apenas o emprego para o sustento da família, já que sempre foi amador do pelo time da estrada, percebendo apenas gratificações mensais” (**Crack**, Fortaleza, set. 1961).

profissional no Usina Ceará e no CSC, esse tempo livre que os jogadores profissionais tinham era confundido com ócio improdutivo que poderia resultar em ações desprestigiadas.

Naquela época você jogava, treinava de manhã. Hoje em dia, você bate dois expedientes. Na minha época era pela manhã ou à tarde. Aí, você tinha uma manhã livre, ou uma tarde livre. Quem queria estudar estudava, quem não queria estudar... Aí, ia fazer outras besteiras que não dava certo (CRUZ, Fortaleza, 18 nov. 2015).

Interessante perceber o conflito de idéias entre os dois personagens. Enquanto que para Viana, que articulava trabalho na fábrica e o ofício nos gramados, o jogador de futebol era mal visto pela sociedade por não ter uma profissão – “Jogador de futebol era tido como vagabundo, malandro, gente que não gostava de trabalhar. Tinha muito malandro nos subúrbios que jogavam bola. Então, por causa desses que não queriam trabalhar, só jogar bola, era tido como malandro” (MELO, Fortaleza, 18 mai. 2015) – o que não o atingiria, uma vez que tinha sua profissão fora dos gramados; para o senhor Zé Gerado, o tempo livre associado mais ao ócio improdutivo e menos à questão do não trabalho é que os deixariam mal vistos pela sociedade. Por ser profissional e não ter outra ocupação fora do futebol, Zé Gerardo encara o futebol como trabalho e sua atividade profissional.

Muitas vezes, os jogadores, mesmo os profissionais, são tomados como vagabundos e associados a uma vida de vícios e libertinagem. Mas, é importante lembrar que no período pesquisado eles já se inseriam numa rotina de treinamentos diários, concentração nas vésperas dos jogos e tratamentos médicos, inclusive com fármacos injetáveis. Medidas institucionais que visam disciplinar os corpos desses indivíduos, inclusive no seu tempo livre⁷⁰.

Devido às incertezas da carreira de jogador de futebol, muitos profissionais articulavam esse tempo livre com outra profissão. Nem mesmo aqueles considerados craques da época não viam o futebol profissional como uma atividade monetária segura para seus interesses futuros após a aposentadoria dos gramados. Como é o caso do atacante do FEC Moésio. Aos 27 anos, em entrevista para a revista “O Crack”, ele revela quais são seus projetos para o futuro: “Sinto-me ainda com disposição para atuar por muitos anos. E sei que deixando de jogar poderei ser um bom treinador. Entretanto, sempre pensei no futuro e por isso há muito que me preparo. Além de funcionário do Tribunal de Contas do Município, magistralmente presidido pelo Dr. Nilo Sampaio, sou agente de publicidade de O POVO. São

⁷⁰ Para ver a questão da tentativa e criação de um modelo ideal de jogador de futebol ver tópico 3.1.

preparativos que todo o atleta deve ter para se prevenir porque nossa carreira é muito ingrata” (**O Crack**, Fortaleza, set. 1961).

Mesmo Moésio que foi artilheiro do Campeonato Cearense por três anos consecutivos (1952, 1953 e 1954); atuou em clubes tradicionais do norte e nordeste, como: Náutico e Remo; além de compor a seleção cearense por diversas vezes; não tem segurança com a falta de perspectivas da “carreira ingrata” de jogador de futebol. Então, ele articula seu ofício de jogador do Fortaleza com outras atividades profissionais como forma de prevenir os dissabores que poderão vir após seu afastamento dos gramados.

Ao falar sobre Moésio, Saraiva Nogueira Júnior – na biografia que escreve sobre Mozart, irmão mais novo de Moésio – afirma que ele arquitetava planos além do futebol, para quando encerrasse sua carreira: “Moésio sabia que muitos atletas, no final da carreira, passavam por grandes dificuldades financeiras, uma vez que pareciam não saber fazer mais absolutamente nada. Poucos eram os ex-jogadores de sua época que dispunham de condições dignas para sobreviver” (NOGUEIRA JÚNIOR, 2013, p. 60).

Por mais que a profissão de jogador já fosse regulamentada com o estabelecimento de obrigações e deveres entre clubes e atletas, muitos jogadores profissionais se dobravam noutro emprego como forma de complementar renda e precaução para quando o momento de “pendurar as chuteiras” chegasse.

Essa situação também era sentida entre os atletas do Usina. Nem todos os atletas do “clubes proletário”, eram proletários da fábrica. Já no início da década de 1960, com o processo de profissionalização do Usina, a maioria dos atletas do clube da Siqueira Gurgel eram profissionais. Mas nem todos conseguiam viver só do futebol. Mesmo com a profissão de jogador regulamentada e o estabelecimento de obrigações e deveres entre clubes e atletas, muitos jogadores profissionais se dobravam noutro emprego como forma de complementar renda ou acumular capital.

O meia armador Omar Barbosa de Lucena e o defensor José Edilson Siebra configuram exemplos de profissionais do Usina Ceará que exerciam outras atividades remuneradas fora dos gramados para complementar suas rendas. Em entrevista à revista “O Crack” – coluna “Focalizando O Crack” – eles revelam seus ofícios além do futebol. Enquanto Lucena fala que “fora do futebol exerce a profissão de relojoeiro” (**O Crack**, Fortaleza, ago. 1961), Edilson afirma que “fora do futebol exerce as funções de bombeiro”, além de encerrar declarando que o “Futebol nunca lhe rendeu nada. E censura nossos clubes porque pagam mal aos jogadores” (**O Crack**, Fortaleza, set. 1961).

Analisando a fala de Edilson, percebemos que ele não conseguiu acumular capital por meio do futebol e, muito por estar inserido num clube fabril, considera os proventos oferecidos pelos clubes aos atletas como baixos salários – vale lembrar da declaração de Zé Gerardo ao “Correio do Ceará”: “Em nove meses no Ceará ganhei mais dinheiro que em nove anos no Usina Ceará” (**Correio do Ceará**, Fortaleza, 01 nov. 1964). Assim, Edilson assevera que o “Futebol nunca lhe rendeu nada”. Mas os atletas profissionais dos clubes federados também teriam outros ganhos que não só o econômico. A popularidade e o prestígio conseguidos em alguns meios sociais configuram ganhos imateriais dos jogadores profissionais.

Como exemplo dessa questão, podemos citar o caso de Ernane, jogador do CSC que nas horas vagas trabalhava como representante de tecidos. À medida que o profissionalismo ia se consolidando, entre os clubes federados à FCD, a cobrança sobre os jogadores profissionais por resultados se intensificava. Assim, o fato de um jogador profissional de um grande clube da capital ter outro emprego, além do seu ofício em campo, poderia provocar a desconfiança de torcedores e dirigentes do CSC quanto ao comprometimento que esse atleta teria com o clube o qual defende as cores.

Sobre esse caso, a revista “O Crack” publica matéria de página inteira esclarecendo essa situação. Como forma de tranquilizar a torcida, Ernane fala que sua atividade como representante de tecidos não prejudicará seu desempenho em campo pelo Ceará⁷¹. “Tenho recebido o apoio integral das pessoas amigas e me rende a profissão aproximadamente 15 mil cruzeiros mensais, sem prejuízos como já disse, das minhas atividades no ‘vovô’.” (**O Crack**, Fortaleza, set. 1961).

Contrastando com o que o defensor do Usina declarou – “nossos clubes pagam mal aos jogadores” – percebe-se que, para alguns desportistas, ser um jogador profissional tinha certa vantagem. Por mais que Ernane, camisa 10 do Ceará, receba Cr\$ 15.000 (quinze mil cruzeiros) – quase três vezes o valor do salário mínimo estabelecido para a cidade de Fortaleza que à época era de Cr\$ 5.920 (cinco mil novecentos e vinte cruzeiros) – como representante de tecidos, ele não abandona o futebol e afirma que “No momento o melhor

⁷¹ Intitulada “As duas faces de Ernane”, a matéria ocupa uma página inteira da revista e divide-a em duas colunas verticais. Na metade vertical à esquerda está o conteúdo escrito. Tal conteúdo consiste na entrevista. A outra metade da página em que a matéria está inserida é composta por duas imagens do entrevistado. A imagem que encontra-se no canto superior direito traz Ernane trajando terno, gravata, óculos escuros e empunhando uma pasta de couro, trajes de representante comercial. Já a segunda imagem, um pouco maior que a primeira, situa-se no canto inferior direito e mostra Ernane alongando-se com o uniforme do Ceará em campo. Assim como traz no título da matéria, a intenção do editor da matéria foi mostrar as duas ocupações econômicas do entrevistado por meio de fotografias. De acordo com Ana Luiza Martins, a revista como fonte tem sua valia a partir do registro múltiplo onde o leitor irá obter a informação por meio do textual e do iconográfico (MARTINS, 2008, p. 28).

mesmo é ‘chutar a bola’. Futuramente espero dedicar-me inteiramente a minha nova profissão” (**O Crack**, Fortaleza, set. 1961). No caso de Ernani, o seu ofício em campo não dificultava seu trabalho de representante. Pelo contrário, o ajudava.

Acrescenta aí na reportagem que estou a disposição dos meus amigos que queiram comprar tecidos. Bastam me telefonar para 1-35-66 (campo do Ceará) que terei o máximo prazer em servir a todos, não importando tratar-se de torcedor do Ceará. Absolutamente. Fora do gramado não tenho clube e sou o cidadão Ernane Bezerra de Melo (**O Crack**, Fortaleza, set. 1961).

Para Anatol Rosenfeld, as possibilidades econômicas do jogador de futebol não se restringem apenas aos vencimentos, uma vez que este adquire prestígio pessoal em amplos círculos (1993). Ernane, por exemplo, se vale da sua popularidade e prestígio – ganhos imateriais – obtidos como jogador de futebol em uma equipe tradicional da capital para obter êxito no ramo da representação de tecidos. Mas para que tal aconteça, a rivalidade entre as torcidas não deve interferir em sua nova profissão.

E para aqueles que articulavam ofícios no chão da fábrica e nos gramados? Qual prestígio existia em ser um operário-jogador num clube de fábrica inserido no processo de profissionalização da FCD nas décadas de 1950 e 1960?

3.3 Operário-jogador entre dominações e resistências

Em alguns momentos deste trabalho, principalmente para definir a figura de um dos nossos entrevistados, o senhor José Viana de Melo, citamos o termo operário-jogador. Esse termo é utilizado por nós para caracterizar o indivíduo que trabalha na fábrica e joga pelo clube de futebol da mesma. Esses sujeitos estarão presentes nos quadros do “clube proletário” até sua profissionalização por completo, por volta dos campeonatos de 1961 e 1962.

O processo de montagem da equipe de futebol Usina Ceará Atlético Clube, num primeiro momento, se apresenta como uma opção de lazer para os operários da fábrica Siqueira Gurgel que tinham afinidade com o futebol. A organização de um clube de futebol de fábrica pode estar associada ao próprio interesse que os trabalhadores tinham em jogar futebol, ou se alinhar à ideia de controle do tempo livre dos trabalhadores por parte dos dirigentes da fábrica, como forma de manter seus empregados sob um lazer regrado e disciplinado que não lhes causariam maiores problemas⁷².

Analisando a criação do Usina Ceará sob a perspectiva patronal, podemos perceber aí uma tentativa de controle da ação individual dos operários por parte dos empresários, já que o futebol, por meio de suas regras e punições, é uma atividade que educa e disciplina pelo lazer.

Mas, aos poucos, a tentativa de controle do tempo livre dos operários vai dando lugar ao poder de agência que é inerente ao ser humano, tendo em vista que essa prática esportiva vai sendo apropriada de diversas formas pelos operários: seja buscando um melhor cargo – apresentando um bom futebol e propagandeando o nome da fábrica –, seja buscando sair da fábrica – apresentando um bom futebol para ser contratado por um clube profissional –, ou até mesmo buscando melhorar suas condições de trabalho – ao ocupar o quadro do time principal, o operário-jogador teria suas horas de trabalho reduzidas, um segundo salário e gratificações pelas vitórias, popularmente chamado de bicho.

O operário-jogador apresenta-se como um subsistema com qualidades e características próprias que os diferem dos demais operários na constituição da dinâmica

⁷² José Sérgio Leite Lopes, valendo-se das idéias de Pierre Bourdieu em “Comment peut-on être sportif”, afirma que o futebol fora adotado como técnica pedagógica e disciplinar “inventada nos internatos das escolas de elite inglesas, mas aplicável à disciplinarização dos jovens das classes populares por diversas instituições de enquadramento moral e simbólico dessas classes. Assim, não só as escolas (voltadas para as elites em um país de baixa escolarização da população), mas principalmente as empresas fazem a difusão da prática e do acesso mais direto ao futebol entre as classes populares” (LEITE LOPES, 2004, p.131).

fabril. O futebol abre novas oportunidades para os trabalhadores da fábrica, além da mera diversão. Segundo Fátima Antunes:

Os operários que integravam o time conquistaram benefícios em sua atividade profissional regular, como dispensas para os treinamentos, trabalho mais leve, possibilidade de promoção mais rápida: “gerações de jovens foram admitidas não só porque trabalhavam bem, mas também porque jogavam bem (ANTUNES, 1994, p. 106).

Para além da questão do operário que jogava na equipe principal receber privilégios por conta do futebol, o que poderia configurá-lo como um aristocrata do trabalho⁷³ (HOBBSAWM, 1981), analisaremos como esse esporte configura-se como forma de agência dos operários-jogadores e resistência frente aos desmandos patronais em comparação com o operário comum.

O futebol dava novas significações às práticas laborais estabelecidas e executadas no chão da fábrica para aquele que pertencia à equipe principal. Tomando as formas de reverberação desse esporte dentro do mundo do trabalho, podemos analisá-lo como uma ferramenta de agência do operário-jogador em oposição ou negociação com as regras e normas da fábrica, já que, como um jogador profissional, também precisa treinar e estar a par dos esquemas táticos estabelecidos pelo seu treinador. Para esse operário-jogador haverá toda uma nova significação das suas práticas de trabalho no interior da fábrica.

Esse contexto será examinado a partir da análise do operário-jogador frente aos demais trabalhadores que não pertenciam a essa categoria. Para tanto, utilizaremos, como análise comparativa, exemplos de trabalhadores do setor têxtil da fábrica Siqueira Gurgel. Essa escolha não é aleatória. Tal seleção parte do ofício exercido por José Viana de Melo, nosso operário-jogador entrevistado. Por se tratar de um tecelão, buscaremos mostrar como o futebol se apresentava como uma forma de resistência aos excessos de fiscais e dirigentes para com os outros trabalhadores do setor têxtil da Siqueira Gurgel.

As formas de resistência dos trabalhadores aos desmandos dos dominantes não se encontram apenas nas instituições sindicais ou partidárias. Há, entre a elite dominante e os

⁷³ Por conta de sua habilidade e importância em campo, esses operários-jogadores gozavam de privilégios dentro da fábrica. Assim, poderíamos considerar o operário-jogador como um aristocrata do trabalho. ERIC J. Hobsbawm (1981) define assim a aristocracia do trabalho: “A expressão aristocracia do trabalho parece ter sido usada desde o meio do século dezenove pelo menos para descrever certa camada superior distinta da classe trabalhadora, mais bem paga, mais bem tratada e geralmente considerada mais respeitável e politicamente mais moderada do que a massa do proletariado” (HOBBSAWM, 1981, p. 276). Amoldando a descrição do historiador inglês para o contexto por nós pesquisado, o futebol seria uma forma de distinção que o operário-jogador teria dos demais trabalhadores ao conseguir certos privilégios durante seu expediente de trabalho ou obter vencimentos, além do salário na fábrica, para complementar sua renda.

subordinados, uma luta material discreta que acontece no cotidiano fabril e para além dos muros das fábricas. É importante reconhecer formas ativas de luta contra uma determinada forma de dominação. Essas formas de luta dos trabalhadores não estão presentes apenas dentro de organizações institucionais, guiadas por sindicatos ou partidos (CASTORIADIS, 1985).

Nem só de greves, paralisações e reclamações formais sobrevivem as formas de resistência daqueles trabalhadores insatisfeitos com baixos salários e com os abusos sofridos em seu ambiente de trabalho. Para o cientista político norte americano James Scott (2013), aqueles que são subordinados adotam mecanismos triviais de defesa para obter uma resistência prática à opressão sofrida. Tais mecanismos podem variar de acordo com as necessidades dos subordinados, mas nunca acabam.

A própria fábrica, durante o expediente, pode se tornar esse espaço de criação de uma cultura dissidente. Pensando em penetrar e controlar esse espaço, dirigentes da Siqueira Gurgel adotam a prática, comum à época, de inserir fiscais para inspecionar a produção, controlar horários de entrada e saída e as horas extras de seus operários. Em agosto de 1950, o jornal “O Democrata”⁷⁴ denuncia a “Criminosa dispensa de trabalhadores na fábrica Siqueira Gurgel por motivos banais”. Tais demissões vão desde uma simples reclamação até uma denúncia dos mestres aos gerentes. Mas parece que tais motivos não são tão banais assim:

No entanto, o que parece certo é que os proprietários da Siqueira Gurgel querem é realmente dispensar um grande número de operários, efetuando os cortes aos poucos, afim de evitar que surjam movimentos de protestos por parte dos trabalhadores (**O Democrata**, Fortaleza, 12 ago. 1950).

Tentando fazer com que a fábrica não se torne um espaço de difusão de comportamentos conflituosos, os dirigentes da fábrica colocam informantes no meio dos trabalhadores com o objetivo de mantê-los controlados. Isso não acontecendo, as demissões se apresentam, para além da figura exemplar, como forma de isolar efetivamente os operários mais “ardilosos”. Mas, o que nos interessa é entender que na fábrica Siqueira Gurgel existiam elementos instituídos para exercer o controle e disciplina dos trabalhadores que se personificavam nas figuras de fiscais e mestres.

⁷⁴ Escolhemos o jornal “O Democrata”, jornal elaborado pelos comunistas do estado, como fonte para obter informações sobre os desmandos patronais cometidos nas fábricas de Fortaleza, por entender que este periódico, por meio das denúncias e depoimentos de operários publicados em suas páginas. De acordo com Gisafran Jucá, “O Democrata”, tem sua validade como fonte na pesquisa histórica, “pois, através da valorização de assuntos relativos à pobreza e do combate à exploração capitalista, aspectos do cotidiano dos bairros pobres são apresentados através de análises significativas sobre a realidade urbana” (JUCÁ, 2011, p.16).

Outro modo de expressão do controle patronal se apresenta na forma de injúrias recebidas pelos subordinados por parte de seus dominantes. Aquele que tem sua atenção chamada em público tem sua dignidade individual ofendida e isso gera um constrangimento pessoal que reverbera em seu grupo de relacionamento mais próximo e família. Enquanto o subordinado que recebe as recomendações em privado no gabinete do patrão sofre bem menos que o primeiro (SCOTT, 2013, p. 166).

Em 26 de agosto de 1950, o jornal “O Democrata” publica matéria de um trabalhador da fábrica Siqueira Gurgel que procurou a redação do jornal para denunciar a suspensão que levou de três dias por ter saído de seu posto para tomar um copo d’água. Tal trabalhador, não identificado, aproveita para avisar que ele e outros trabalhadores de seu setor estão sendo oprimidos e sofrendo perseguições do mestre João Costa (**O Democrata**, Fortaleza, 26 ago. 1950).

Seguia-se o ano de 1953, seria mais uma tarde de treinamento normal do quadro principal do Usina Ceará, não fosse o chamado do dirigente da Siqueira Gurgel e presidente da equipe de futebol da fábrica, senhor Otacílio Amaral. O chamado fora direcionado a um dos craques da “equipe proletária”, o atacante Novíssimo⁷⁵. Otacílio do Amaral manda avisar que Novíssimo compareça às dependências de seu escritório e aguarde a reunião acabar. Tal encontro se deu para que se tratasse de um ato de indisciplina do atacante no último jogo do Usina. Novíssimo fora repreendido por ter desferido uma cusparada no rosto de um atleta da equipe adversária (DAMASCENO, 2003, p. 77).

Percebemos que os dirigentes da Siqueira Gurgel adotavam a repreensão como forma de controle de seus trabalhadores. Mas, enquanto os operários tinham sua atenção chamada e suas punições decretadas em público, os jogadores de futebol, que também eram subordinados aos patrões da Siqueira Gurgel, tinham o privilégio de receber repreensões de forma privada e bem menos ofensiva. Podemos depreender que há distinção entre os indivíduos subordinados aos dirigentes da Siqueira Gurgel.

Retomando a ideia de que o clube de futebol serviria como uma forma de publicidade da empresa que o patrocina, é importante lembrar que, para os dirigentes da fábrica que tomam conta do clube de futebol, seus jogadores deveriam manter a disciplina e o comportamento empregados tanto dentro dos muros da fábrica quanto dentro dos gramados. Ao analisar o caso do The Bangu Athletic Club, equipe fabril da cidade do Rio de Janeiro

⁷⁵ Viana descreve um pouco do comportamento de Novíssimo dentro do clube: “O Novíssimo era muito brincalhão. Novíssimo dava trabalho a nós, viu. Mas era obediente, viu. Ele fazia aquela estripulia dele, mas quando dizia: ‘êpa’, para aí [Risos]” (Melo, Fortaleza, 14 jan. 2016).

pertencente à fábrica Cia. Progresso, o sociólogo Waldenyr Caldas afirma que: “Os operários-jogadores já não eram apenas alguns jogadores a mais. Pelas circunstâncias e em face da crescente popularidade do futebol, eles seriam transformados também em eficiente veículo de divulgação da empresa” (CALDAS, 1994, p.43).

Assim, o futebol mostra-se como uma ferramenta para conseguir certos bens simbólicos que não são acessíveis a todos trabalhadores da fábrica. Nesse caso, foi por conta de sua importância em campo que Novíssimo não precisou sofrer as mesmas humilhações que os outros subordinados no momento de ser repreendido.

Os operários-jogadores seguiam o ritmo de conciliar o trabalho na fábrica pela manhã e os treinamentos no campo de futebol pelo período da tarde durante alguns dias na semana. O zagueiro e tecelão José Viana de Melo nos conta que: “O dia do treinamento a gente só trabalhava meio expediente. O outro expediente era do treino” (MELO, Fortaleza, 18 mai. 2015). Assim, essa parcela de trabalhadores subordinados à fábrica Siqueira Gurgel tinha certos privilégios na hora do expediente. Um trabalho mais leve, uma ronda pela fábrica, ou mesmo um nada fazer nos dias de treinamento os deixariam com mais disposição e energia para um melhor desempenho em campo⁷⁶.

Em entrevista, José Viana de Melo, ao ser perguntado que cargo ocupava na fábrica, nos conta:

Minha função era tecelagem. Eu era contramestre da seção de tecelagem, auxiliar do mestre. Agora, o mestre era muito torcedor do Usina e não deixava eu fazer nada. Mestre era torcedor mesmo, não queria que eu fizesse esforço nenhum (MELO, Fortaleza, 18 mai. 2015).

Se por um lado, temos um operário que dividia suas funções entre o chão da fábrica e os gramados do campo de futebol e por isso tinha sua carga horária reduzida por ordem de seu mestre, por outro temos operários que precisam estender o horário além do normal para poder complementar sua renda, além de sofrer coação de mestres e fiscais. Como é o caso do tecelão Luciano, que fora demitido após protesto formulado de roubo de suas horas extraordinárias por parte do fiscal da Siqueira Gurgel, Valdemir de Souza (**O Democrata**, Fortaleza, 12 ago. 1950).

⁷⁶ O ex-jogador José Gerardo da Cruz, que fora profissional do Usina Ceará, fala como se dava a dinâmica dos treinamentos para os operários-jogadores na “equipe proletária”: “Eles faziam o mesmo trabalho que o profissional fazia eles faziam também. Tinha a hora pra trabalhar e a hora pro futebol. Na hora que era pra treinar era pra treinar. Quando eles iam trabalhar... Trabalhavam nada, passavam o dia conversando dentro da fábrica [RISOS]” (CRUZ, Fortaleza, 18 nov. 2015).

Outra forma de favorecimento que os operários-jogadores usufruíam se materializava em forma de um segundo salário. Isto se dava porque tinham a carteira assinada na sua função exercida na fábrica e assinavam um contrato pelo clube de futebol como não-amador, já que não podiam ter contrato como jogador profissional, tendo em vista a impossibilidade de ter, simultaneamente, duas assinaturas de contrato na carteira de trabalho⁷⁷. Viana nos conta um pouco sobre essa modalidade de contrato:

Era não-amador. Não podia ser profissional, porque a gente era registrado no INSS. Nesse tempo, jogador não pagava INSS, como hoje paga (...). É que o profissional não era registrado no INSS. Era registrado só na Federação (...). Tinha o ordenado da firma e tinha o do clube. Era duas folha que eu assinava por mês (MELO, Fortaleza, 18 mai. 2015).

Além do salário, o “bicho” era outro benefício pecuniário do qual os jogadores do Usina usufruíam, inclusive os operários-jogadores. O bicho era uma espécie de gratificação segundo o desempenho na partida⁷⁸. De acordo com o senhor Viana, a gratificação ao final das partidas era o que fazia os jogadores se esforçarem. Os atletas recebiam Cr\$ 100 (cem cruzeiros) por cada vitória e Cr\$ 50 (cinquenta cruzeiros) pelas partidas empatadas. Na primeira partida da final do campeonato cearense de 1957, após o Usina derrotar o Ceará, os jogadores receberam Cr\$ 500 (quinhentos cruzeiros) de bonificação (MELO, Fortaleza, 18 mai. 2015). Assim, baseado no novo salário mínimo estabelecido em 1956 para a capital cearense que era de Cr\$ 2.250 (dois mil duzentos e cinquenta cruzeiros), os “proletários” do Usina Ceará receberam 22% do valor do salário mínimo pago à época por uma vitória. Diferente dos salários, os bichos tinham o mesmo valor para profissionais do futebol e operários que atuavam na equipe principal.

Há de se levar em consideração que vivia-se um período de instabilidade econômica, tendo em vista a crise no setor têxtil, provocada pela superprodução no país, que gerou desemprego em massa, além do aumento do custo de vida a nível nacional – para a Fundação Getúlio Vargas subira 38% entre abril de 1956 e julho de 1957 (JUCÁ, 2000, p.

⁷⁷ A opção de ter a carteira assinada com o ofício da fábrica e não como profissional se dava pela instabilidade profissional enfrentada por jogadores profissionais naquele período. Assim, o emprego na fábrica traria maior segurança.

⁷⁸ O antropólogo José Sérgio Leite Lopes, ao abordar as formas de pagamento de jogadores de futebol que disputavam o campeonato carioca em fins da década de 1920, em especial o Vasco, fala sobre o bicho. Em nota, José Sérgio explica que a origem desse termo. “A designação de ‘bicho’ para as gratificações dadas aos jogadores, variáveis segundo os resultados favoráveis alcançados, refere-se à quantidade de dinheiro dada, associada ao número correspondente na loteria clandestina do jogo do bicho, em que cada número é associado a um animal. A linguagem semiclandestina do jogo do bicho prestava-se, assim, à designação metafórica e codificada da prática semiclandestina da gratificação de atletas amadores”. (LEITE LOPES, 2004, p.157).

67). Segundo o historiador Gisafran Nazareno Mota Jucá, o alto custo de vida também foi sentido severamente na cidade de Fortaleza.

De acordo com um memorial enviado ao Ministério de Trabalho, o custo de vida no período 1954-1956 já subira em mais de cem por cento. Com o quilo de carne a Cr\$ 40,00 (quarenta cruzeiros), o restante ficava para a aquisição dos demais gêneros e satisfação de outras necessidades básicas de moradia, água, luz, vestimenta, lazer etc. Mesmo com um salário de Cr\$ 3.000 (três mil cruzeiros) não se poderia adquirir nem os gêneros alimentícios (JUCÁ, 2000, p.66).

As informações colocadas acima foram extraídas por Jucá do jornal “O Democrata” e revelam o alto custo de vida enfrentado pela população de Fortaleza, que contribuía para a diminuição do poder aquisitivo e o aumento da pauperização da classe trabalhadora. Portanto, num momento de tão grande carestia, para um operário que, muitas vezes, nem o salário mínimo recebia em sua integralidade, as gratificações que os operários ganhavam pelas vitórias seriam de grande ajuda para complementar sua renda familiar.

Premiar seus atletas com gratificações após vitórias era prática comum dos dirigentes da Siqueira Gurgel. Assim como mostra matéria do jornal “Gazeta de Notícias” do dia 02 de setembro de 1960, que trata dos preparativos para partida que envolvia o Usina Ceará e a equipe do Gentilândia. Partida esta que poderia deixar o Usina como “sério candidato ao título do segundo turno”. Desta maneira prossegue a matéria:

E partindo do princípio havendo vitória há satisfação, a diretoria do Usina Ceará deseja gratificar seus jogadores com uma cota extra em caso de novo triunfo diante do Gentilândia. (...) Portanto, o Usina Ceará vai a campo na noite de amanhã, com uma vontade louca de vencer seu adversário (**Gazeta de Notícias**,. Fortaleza, 02 set. 1960).

As gratificações correspondem à importância do jogo. Jogos que valem título, classificações ou liderança são melhores gratificados. Já nas décadas de 1950 e 1960 o futebol praticado por clubes federados à FCD pouco guardara do amadorismo em que se jogava por puro hedonismo sem interesses monetários, uma vez que já se iniciara o processo de mercantilização do futebol⁷⁹. Para o jornalista do Gazeta de Notícias a “vontade louca de vencer o adversário” não vem pelo amor ao time ou esporte, mas da possibilidade de receber uma cota extra em caso de vitória. As palavras de senhor Viana reforçam essa proposição:

⁷⁹ Com a mercantilização do futebol, podemos observar que outro cost/ume do mundo do trabalho se fazia sentir no exercício esportivo, uma vez que a premiação por parte dos empresários aos bons resultados é prática comum e que se apresenta até hoje por meio das comissões e acréscimo salarial ao bater metas de vendas estabelecidas pela empresa.

“Ah, a gratificação era pelo que a gente mais se esforçava. É porque naquele tempo cem cruzeiro era dinheiro viu!” (MELO, Fortaleza, 18 mai. 2015).

A fala do senhor Viana ganha força se levarmos em consideração que muitos tecelões ganhavam por produção e recebiam Cr\$ 10,00 (dez cruzeiros) a cada dez redes produzidas na fábrica Siqueira Gurgel⁸⁰. A situação dos trabalhadores têxteis não era diferente nas outras fábricas do setor que atuavam em Fortaleza. Na fábrica de produtos têxteis Santa Cecília, uma operária que ganhava por produção de redes, consegue fazer pouco mais do que Cr\$ 80,00 (oitenta cruzeiros) em quatro dias (**O Democrata**, Fortaleza, 04 jul. 1957). Se comparado ao preço do quilo da carne, Cr\$ 35,00 (trinta e cinco cruzeiros)⁸¹, à época, por exemplo, vemos como o poder aquisitivo de um tecelão que ganhava por produção era baixíssimo.

No que tange à questão do desemprego, os operários-jogadores tinham uma posição privilegiada dentro da fábrica, se levarmos em consideração a situação do operário médio em Fortaleza. Enquanto estivesse correspondendo às expectativas em campo, dificilmente seria demitido da fábrica⁸². O industrial Eduardo Gurgel, ao falar dos componentes do clube de futebol, que, segundo o próprio empresário, era mantido como encargo social da fábrica para os operários, chama os operários-jogadores de mercenários. “Tinha alguns operários. Mas é a mesma coisa, mercenário. Pagava um tanto por mês para cada jogador” (GURGEL, Fortaleza, 1984).

Ao chamar o operário que integrava a equipe de futebol de “mercenário”, o industrial deixa transparecer que haviam conflitos em relação ao salário, uma vez que o indivíduo que é tratado como mercenário age apenas por interesse financeiro ou algo que represente benefícios materiais. Tomemos o exemplo de Viana, que nos conta que para

⁸⁰ Informação retirada da entrevista feita com o industrial e ex-sócio da Siqueira Gurgel Eduardo Gurgel. GURGEL, Eduardo. 1984, em entrevista gravada e arquivada no NUDOC-UFC, Programa de História Oral.

⁸¹ Para analisar o preço de outros produtos de primeira necessidade ver tabela na página 109.

⁸² O caso de Garrincha, enquanto jogador do Sport Clube Pau Grande – clube patrocinado pela fábrica Cia. América Fabril de Pau Grande-RJ, cuja Garrincha era funcionário –, demonstra bem como o desempenho de um operário-jogador em campo pode ajudar a manter o emprego na fábrica. “Contratado aos quatorze anos para trabalhar na fábrica de tecidos de Pau Grande, sua terra natal, logo revelou-se um péssimo funcionário, ‘candidato ao título de pior operário que passara pela América Fabril’: faltava demais, chegava atrasado e, muitas vezes, deixava o seu serviço de varredor na seção de algodão para tirar sonecas dentro das enormes caixas armazenadas no porão. Mesmo assim, no ano seguinte, foi promovido a carregador de equipamento na seção de fio. Suas indisciplinas eram motivos mais do que justos para culminar em demissão. Isso só não acontecia devido à proteção dada por seu Boboco, um dos chefes de seção da fábrica e presidente do S.C. Pau Grande. Entretanto, seus constantes deslizes, tornaram a situação insustentável, e Garrincha acabou sendo demitido. Porém, não tardou para que seu talento como jogador falasse mais alto e ele fosse recontratado. Depois de algum tempo, lá estava ele na famosa seção de pano, onde seu trabalho limitava-se apenas a entregar os tecidos para a revisão. Isso tudo com a concordância da diretoria e dos funcionários da fábrica que não podiam ficar sem o seu jogador mais importante” (FERREIRA, 2005).

conseguir aumento ia tratar diretamente com um dos donos da firma e presidente de honra do Usina Ceará, o doutor Eduardo Gurgel, em seu gabinete. “Quando eu pedia cinquenta cruzeiro ele dava vinte. Mas dava, né! (...) Era porque eu ameaçava deixar. Ele não queria que eu saísse de lá” (MELO, Fortaleza, 18 mai. 2015).

Analizando a fala do senhor Viana, vemos que existiam formas de negociação entre patrões e operários-jogadores. Nesse caso, para satisfazer seu subordinado, o patrão concede seu aumento, mesmo não sendo a quantia que lhe foi pedida. Tais benefícios podem ser influenciados pelo desempenho e importância que Viana apresentava ao defender o clube da Siqueira Gurgel nos gramados.

Mas nem todos operários recebiam os mesmo benefícios. Pelo contrário, muitos tinham seus direitos desrespeitados e eram relegados ao desemprego. Como vemos na matéria denúncia publicada pelo jornal “O Democrata”.

Esta semana foi demitida da fábrica Siqueira Gurgel a operária da Secção de passador, Tereza de Tal. A referida operária estava no sexto mês de gravidez, sendo este o motivo alegado pelos patrões para a sua dispensa daquela Empresa. Como se sabe a lei determina que as operárias no oitavo mês de gravidêz têm o direito a receber ordenados integrais. Para livrar-se desta obrigação legal, os patrões demitem as gestantes antes desta atingir o período em que fazem jus ao recebimento dos 2 mēzes de ordenado. A operária Tereza, por exemplo recebeu Cr\$ 200,00 de indenização, quando daqui a 2 mēzes teria direito a receber mais de Cr\$ 800,00. Além disso, esta medida injusta e deshumana leva as operárias atingidas por ela a fome mais negra, pois ficam por um longo periodo [longe] do seu ganha pão (**O Democrata**, Fortaleza, 29 jul. 1950).

Para não ter que arcar com os encargos trabalhistas das operárias que engravidavam e tinham que se afastar da fábrica, os dirigentes da Siqueira Gurgel, se valem da estratégia de demitir as subordinadas que engravidam antes do período em que passariam a receber os ordenados integrais⁸³. Tais demissões vão de encontro às normas estabelecidas pela Consolidação das Leis Trabalhistas, que determina que “Não constitui justo motivo para a rescisão do contrato de trabalho da mulher o fato de haver contraído matrimônio ou de encontrar-se em estado de gravidez⁸⁴”(BRASIL, 1943).

⁸³ Perseguições aos trabalhadores mais antigos também eram usados como estratégia dos dirigentes para que os operários pedissem demissão e não recebessem seus direitos integralmente. Assim como na situação exposta a seguir: “Palestrando com alguns trabalhadores das oficinas fomos cientificados de que naquela secção existe agora um perseguidor de nome Cabral que vive desacatando trabalhadores. Esse indivíduo há poucos dias desacatou um operário de nome Antônio Félix, pessoa bem relacionada na empresa e que consta com mais de 28 anos de serviço. Convém ainda salientar que o tal Cabral que está respondendo pela Chefiada Secção apesar de ser novato, não permite que os trabalhadores tomem banho sinão depois do expediente e ainda assim com atraso de 10 e 15 minutos” (**O Democrata**, Fortaleza, 20 set. 1952).

⁸⁴ Seção V, Da proteção à maternidade. Art. 391. **Decreto-Lei N.º 5.452, de 1º de Maio De 1943.**

Ao cruzarmos as duas fontes acima – depoimento de Viana e matéria do “O Democrata”, percebemos que existiam diferenças nas relações estabelecidas entre patrões e empregados da Siqueira Gurgel. Por um lado, temos o operário-jogador, que, valendo-se de sua importância para o clube que representa a fábrica no Campeonato Cearense de Futebol, tem suas reivindicações atendidas, mesmo que parcialmente. Por outro, ao demitir operárias por estarem grávidas, vemos os direitos trabalhistas serem desrespeitados e sem possibilidade de reivindicação.

Tendo em vista as informações apresentadas, podemos perceber que o futebol se mostrava para os subordinados que estavam inseridos na prática esportiva que partia de dentro da fábrica Siqueira Gurgel como uma ferramenta ativa na luta contra os desmandos patronais. Por meio do futebol, o ofício dentro da fábrica ganha novas significações para os operários-jogadores, tornando-se, assim, numa forma de luta implícita e informal⁸⁵ (CASTORIADIS, 1985, p. 62).

Mas a grande maioria dos operários não conseguia alcançar tais privilégios, seja por não ter aptidão física, técnica ou até mesmo não gostarem do esporte e lhes faltar o interesse. Mesmo assim, muitos se arriscavam ao subverter a ordem da lógica do trabalho com as mãos na fábrica Siqueira Gurgel pela incerteza do jogo com os pés no campo de futebol do Usina Ceará, onde aconteciam os treinamentos e as seleções para conseguir uma vaga na equipe principal. Após ser questionado sobre os operários que buscavam uma vaga no primeiro quadro da “equipe proletária”, senhor Viana nos responde: “Muitos iam treinar. Muito operário ia treinar. Aí, o doutor ficava só olhando. O que dava ele deixava treinar. O que não dava, ele: ‘não, quinta feira não venha mais, não’” (MELO, Fortaleza, 14 jan. 2016).

Assim, esses operários médios procuram outros meios de resistir às arbitrariedades patronais. É bem provável que os operários-jogadores não compartilhassem das mesmas práticas de resistência cotidiana dos demais operários, uma vez que não passaram por situações idênticas e não sofreram os mesmos abusos. Até seus ganhos simbólicos no mundo do trabalho, conseguidos por meio da prática esportiva, devem soar como privilégios para o operário médio.

A partir desse ponto de vista, podemos entender porque a fala do senhor Viana, quando perguntado o que os outros trabalhadores achavam do fato de apenas os operários-

⁸⁵ Ao dar mais importância, dentro da teoria marxista, à luta de classes, do que o materialismo histórico, Castoriadis leva em consideração a possibilidade real de agência humana que reverbera e se faz sentir dentro da fábrica, já que o cotidiano de uma empresa capitalista é formado, também, pelos conflitos diários dos trabalhadores.

jogadores terem folga durante o trabalho, vem carregada de sentimento classista quando se fala do clube da fábrica.

A folga do expediente era só pra quem jogava. Quem não jogava não tinha folga não. Era direto. A firma era muito grande, mas a turma era muito unida. O povo gostava do time. O time era bom, o time era vitorioso. Era muito difícil se perder um jogo fácil. O time era aguerrido (MELO, Fortaleza, 18 mai. 2015).

Ao falar que o povo gostava do time, Viana está falando dos trabalhadores da fábrica Siqueira Gurgel. Para o operário-jogador era necessário ser vitorioso e aguerrido para conquistar a simpatia do grupo. Mas, pelas suas palavras, podemos apreender que talvez os operários-jogadores não participassem das mesmas formas de resistência cotidiana do operário médio, pois enquanto uns são perseguidos e denunciados aos gerentes por mestres e fiscais, o mestre da tecelagem faz vista grossa e não permite que Viana faça esforços para obter bom rendimento nos treinamentos e nos jogos. Ou seja, por sua fala estar carregada de significados que vêm de outras formas de resistência, estas referentes ao futebol, talvez a “turma não fosse tão unida” assim.

Por estar inserido na dinâmica de um time fabril, o operário-jogador também era peça importante na engrenagem do clube de futebol patrocinado pela empresa, trazendo, muitas vezes, mais rentabilidade no gramado do que no chão da fábrica. Portanto, ser um operário-jogador significava obter benefícios materiais diferentes dos demais operários.

Mas, tais benefícios não se estendem das relações de trabalho fabril para dentro dos gramados, quando analisamos o envolvimento entre operários-jogadores e jogadores profissionais dentro do mesmo clube, principalmente no que tange à questão salarial. Viana faz questão de enfatizar que seu salário como jogador “não era igual aos profissionais” (MELO, Fortaleza, 14 jan. 2016).

Para que conseguisse alcançar o status de clube profissional, competitivo e chegar a ser um dos grandes da capital, era preciso profissionalizar o elenco do Usina Ceará. Não dava para competir com equipes compostas por profissionais que dedicavam seu tempo apenas ao futebol. Essa era a desvantagem do operário-jogador ao se inserir nos campeonatos profissionais.

Já no início da década de 1960, o processo de profissionalização dos jogadores de futebol começava a se consolidar entre as equipes da FCD. Quanto mais atletas que se dedicavam exclusivamente ao futebol estavam presentes no Campeonato Cearense de Futebol, menos espaço os operários-jogadores teriam neste contexto. Os profissionais tinham

vantagens sobre os operários-jogadores que embora em seções de trabalho mais “leve”, tinham ainda assim que subordinar o futebol às necessidades da produção fabril (LEITE LOPES, 2004, p.133).

A título de exemplo dessa situação, podemos citar o caso do operário-jogador Aldo. Atacante do Ferroviário e operário do depósito de Diesel da RVC, ele, em entrevista a revista “O Crack”, declara que seu futuro no futebol era incerto, uma vez que: “Acha que ainda poderá jogar futebol por mais dois anos, desde que se submeta a um regime de trabalho mais leve, já que seus afazeres requerem muito esforço físico, prejudicando seu preparo técnico” (**O Crack**, Fortaleza, set. 1961).

A partir da declaração de Aldo, apreendemos que, com o processo de consolidação do profissionalismo cada vez mais forte entre os clubes da FCD, os operários-jogadores não conseguem acompanhar o ritmo daqueles que tinham no futebol seu ofício principal e tentam negociar formas de não perder espaço no cenário profissional. No caso de Aldo, talvez se tivesse afazeres mais leves conseguiria obter um melhor desempenho em campo.

Como dito anteriormente, no Usina Ceará, a substituição dos operários-jogadores por profissionais acontece de forma gradual e as peças vão sendo trocadas aos poucos. Muitos dos operários-jogadores que atuavam pelo Usina compunham a equipe desde seus primeiros anos, como é o caso de Viana, que ingressa na equipe em 1952, tendo disputado todos os Campeonatos Cearenses da primeira divisão pela “equipe proletária” até sua saída em 1961. Com a contratação de profissionais da bola e a profissionalização de outros⁸⁶, os operários vão perdendo espaço no clube e deixando de ganhar benefícios contratuais que agora eram destinados apenas aos profissionais. Para Viana, a implementação do profissionalismo foi a ruína do clube da Siqueira Gurgel: “O Usina foi caindo quando começou a entrar o profissionalismo. Começou a sair mais verba do que entrar. A tendência foi cair”⁸⁷ (MELO, Fortaleza, 14 jan. 2016).

⁸⁶ Muitos jogadores começavam como amadores na modalidade de aspirantes. Dependendo de seus desempenhos em campo, alguns chegavam a profissionalizar-se. Como é o caso de nosso entrevistado, José Gerardo da Cruz.

⁸⁷ Percebemos certo ressentimento nesta fala de Viana. Talvez as diferenças entre operários-jogadores e profissionais, e os privilégios concedidos a estes, o fizeram afirmar que a implementação de profissionais nos quadros do Usina foi a causa para o declínio do clube. Realmente, quando o há o afastamento dos quadros da FCD, em 1965, o clube era composto, em sua maioria, por profissionais. Mas seu declínio não aconteceu por conta da implantação do profissionalismo, uma vez que os melhores resultados que a equipe teve no campeonato cearense – os vice-campeonatos nos anos de 1957, 1958, 1961 e 1962 – foi com profissionais no elenco.

A inserção de profissionais na “equipe proletária” não se deu de maneira tranquila. O confronto entre categorias diferentes de jogadores dentro do cotidiano de um clube trazem à tona tensões microscópicas do social (CHALHOUB, 2001, p.86). Inquietações que, geralmente, se manifestavam aos términos de contratos dos operários-jogadores, tendo em vista que, no momento das renovações contratuais, não lhes eram oferecidas as mesmas condições financeiras que eram disponibilizadas aos profissionais.

O tecelão Viana de Melo, insatisfeito com essa distinção, foi um dos que buscou negociar ganhos materiais com a direção. “Quando terminei um contrato meu eu exigi luva, porque eles davam para os outros. (...) Ele dava pros profissionais que chegava, né! Aí, eu fui um dos que procurei exigir” (MELO, Fortaleza, 14 jan. 2016).

Quanto maior a qualidade técnica e eficiência nos gramados, maiores seriam as possibilidades de negociação do jogador com dirigentes. Tomemos o caso do atacante Luís Martins e sua experiência de negociação com os dirigentes da Siqueira Gurgel. Luís era atleta do Usina Ceará inserido na categoria de não-amador, portanto com salário menor do que o de um profissional. Após Luís sagrar-se artilheiro do Campeonato Cearense de 1956, com dez gols, outros clubes demonstram interesse por seus talentos em campo. Para permanecer no Usina, Luís Martins “apresentou as condições para renovar compromisso com o ‘grêmio proletário’. Exigiu o artilheiro do certame do ano passado a importância de 5 mil cruzeiros de ‘luvas’ e ordenados mensais de 2.500 cruzeiros por um ajuste de ‘não-amador’, com um ano de vigência” (**Gazeta de Notícias**, Fortaleza, 14 mar. 1957).

Devido ao destaque de ter sido o artilheiro do campeonato anterior, Luís tenta obter um contrato mais vantajoso com os dirigentes do clube. Ele passa a pedir o mesmo salário que um profissional recebia no Usina. O salário exigido por Luís é o mesmo que recebe profissional paraibano Natanael, que vem para o Usina Ceará com contrato de profissional e com salário de Cr\$ 2.500 (dois mil e quinhentos cruzeiros) mensais⁸⁸ (**Gazeta de Notícias**, Fortaleza, 13 fev. 1957). Desta forma, percebemos que dependendo de suas habilidades e competência em campo, os jogadores de futebol que atuam em clubes federados às instituições que adotam o profissionalismo em seus quadros conseguem estabelecer formas de negociação com os dirigentes dos clubes.

Os profissionais que ingressavam no “clube proletário” traçavam estratégias em campo bem diferentes das propostas pelo técnico da equipe, para se sobressaírem frente aos

⁸⁸ A quantia de Cr\$ 2.500 (dois mil e quinhentos cruzeiros) nada mais era do que o valor do salário mínimo estabelecido para a capital cearense no ano de 1957 (IBGE, 1963). Portanto, a ideia de que os jogadores dos clubes fabris em Fortaleza não teriam tanto poder aquisitivo toma forma nos exemplos de Natanael e Luís Martins.

indivíduos que integravam há mais tempo os quadros do Usina. Senhor Edmar Gurgel Coelho, que fora atleta aspirante do “clube proletário” e contínuo da Siqueira Gurgel, nos relata como era essa relação entre essas categorias.

Olha, é claro que eu sentia que as pessoas como profissionais, não podiam, assim, se achar bem entre um elemento simplesmente amador. Como no meu caso, um amador. E pessoalmente quando se joga com uma certa determinação, eles se sentem assim: “o cara é amador, não tá ganhando e tá correndo mais do que eu? Como é que fica”? Aí, fica sendo uma situação meio constrangedora e eu sentia isso. Até boicote, a gente sofria. Por exemplo, você se deslocar pra receber a bola livre eles não davam. Mas na hora que você tava arrodado de adversários ele te entregava, “toma, te vira”. E ainda saia de perto pra não receber. É isso acontecia⁸⁹. (COELHO, Fortaleza, 24 out. 2015).

Com a intenção de completar dois times para realizar treinamentos coletivos, muitas vezes eram convocados jogadores amadores da equipe aspirante para completar os quadros. Segundo senhor Edmar Gurgel, “eles” – os profissionais – boicotavam os amadores, que jogavam com determinação mesmo sem nada receber, para evitar concorrência, uma vez que estes viam nessas oportunidades a chance de mostrar serviço e quem sabe conseguir uma vaga no quadro principal, que era almejada por muitos. Portanto, o boicote em campo ao qual se refere o senhor Edmar pode ser encarado como uma forma que os profissionais encontravam de se perpetuarem no elenco em detrimento das outras categorias, inclusive os operários-jogadores.

Os privilégios e benefícios que operários-jogadores encontravam frente aos dirigentes dentro da fábrica não se repetiam quando ele assumia a figura de operário de fábrica que dividia espaço com jogadores profissionais no clube federado à uma instituição que adotava o profissionalismo em seus quadros, como era a FCD.

Entretanto, operários-jogadores não estavam inseridos apenas no meio do futebol profissional do estado. Contemporâneo aos casos específicos aqui discutidos, fora do contexto do futebol praticado por clubes federados à FCD, muitos operários dedicavam parte de seu tempo livre ao futebol, principalmente aos domingos, dia da semana em que eram disputadas partidas do Campeonato das Indústrias de Fortaleza, que acontecia sob a tutela do Serviço Social da Indústria (SESI).

⁸⁹ Importante lembrar que senhor Edmar era atleta prioritariamente dos quadros de aspirante do Usina Ceará, mas chegou a integrar algumas vezes o primeiro quadro da “equipe proletária”, principalmente nos treinamentos. Segundo senhor Edmar, para ele, o futebol era encarado como uma atividade amadora sem fins lucrativos.

4 FUTEBOL PROLETÁRIO EM FORTALEZA: ENTRE O CAMPEONATO DAS INDÚSTRIAS E CAMPEONATO CEARENSE.

4.1 O Serviço Social da Indústria e os programas de desporto e lazer em Fortaleza.

A cidade de Fortaleza detém uma tradição considerável no que diz respeito a clubes fabris de futebol. Como exemplo dessa tradição, podemos citar o Ferroviário Atlético Clube (FAC), que se apresenta como um dos últimos clubes de origem proletária que ainda disputam campeonatos organizados por federação subsidiada à Confederação Brasileira de Futebol (CBF), entidade mais importante do futebol nacional⁹⁰.

Em 1933, o FAC surge oficialmente entre as equipes suburbanas tendo na sua formação inicial jogadores que trabalhavam na oficina do Urubu, de propriedade da Rede de Viação Cearense⁹¹. Em 1938, o Ferroviário consegue adentrar ao quadro principal da Associação Desportiva Cearense (ADC), chegando ao seu primeiro título de campeão cearense sete anos depois.

Mas nem só do “clube da estrada de ferro” sobrevive a memória do futebol de classe fortalezense. A seguir, arrolaremos os clubes gestados a partir de categorias de ofícios na primeira metade do século XX. Começamos pelo Sem Rival Futebol Clube, equipe fundada pelos sócios da Phoenix Caixeiral, associação que congregava os caixeiros cearenses (PINTO, 2007, p.84). O Sem Rival participa do Campeonato Cearense do ano de 1931, extinguindo-se em 1932. Os trabalhadores do cais do porto também tiveram um clube de futebol associado à ADC, era o Estrela do Mar Foot-ball Club. Com cores verde e amarela, o time dos marítimos disputa os campeonatos de 1937 e 1938 e encerra suas atividades após o campeonato de 1939 (*Ibid.*, p.132).

Tanto Sem Rival quanto Estrela do Mar não conseguiram conquistar nenhum título nos campeonatos que participaram⁹². Mas, em 1940, o Tramway Sport Club, time formado por funcionários da Ceará Tramway Light Co., empresa responsável por fornecer

⁹⁰ Além do Ferroviário, outros clubes de origem fabril ainda se mantêm em atividade hoje e filiados a CBF, a saber: Bangu, da cidade do Rio de Janeiro; Confiança, da cidade de Aracajú; Operário Ferroviário da cidade de Ponta Grossa -PR; Operário, da cidade de Campo Grande; Ferroviária, da cidade de Araraquara e Paulista, da cidade de Jundiá.

⁹¹ De acordo com Alberto Damasceno, o Ferroviário surge a partir da junção de dois clubes formados por funcionários da RVC – Jurubeba e Mata-Pastos – que se reuniam depois do expediente para disputarem partidas amistosas (DAMASCENO, p.102, 2002).

⁹² Enquanto o Sem Rival consegue apenas o sétimo lugar no campeonato de 1931, o Estrela do Mar conquista a segunda colocação no campeonato de 1939, depois de ter conseguido dois sextos lugares nos campeonatos de 1937 e 1938.

eletricidade e manter bondes e ônibus em Fortaleza, sagra-se campeão, tornando-se o primeiro clube organizado a partir de operários a ser campeão cearense de futebol (PINTO, p. 84). Mas o Tramway não terá destino diferente dos clubes citados anteriormente. Em 1941, por falta de condições de pagamento a seus jogadores, irá fechar as portas com pouco tempo de existência.

Provavelmente, muitos outros clubes formados por trabalhadores exibiram seu futebol pelas canchas suburbanas da capital cearense, durante as décadas iniciais do século XX. Mas, infelizmente, não deixaram vestígios de suas atuações registradas para as gerações futuras. Resta-nos apenas o conhecimento daquelas equipes que tiveram sua existência inscrita nas fontes hemerográficas, devido à participação nos campeonatos organizados pela ADC.

No que tange ao futebol fabril praticado em Fortaleza durante as décadas de 1950 e 1960 a situação é diferente. Muitas foram as equipes compostas por trabalhadores de indústrias da cidade a ter seus nomes registrados nas páginas esportivas dos jornais da época sem precisar ter participado dos campeonatos da FCD, a saber: Alumínio Ironte, Baturité, Brasil Oiticica, Ceará Industrial, Cerâmica Santa Terezinha, Cibrasol, Cotonifício Leite Barbosa, Fábrica de Tecidos São José, Fábrica Progresso, Gasparin, Guaraná Wilson, IMAP, Indústria de Vidros, Metalúrgica, Molas Nordeste, Santa Cecília, Santa Maria, São Judas Tadeu, Siqueira Gurgel, Usina Everest e Usina Parangaba.

Mas por que equipes que carregam nomes de fábricas foram noticiadas na imprensa esportiva da cidade? Acima temos elencados times que disputaram, pelo menos uma vez, o Campeonato das Indústrias da cidade de Fortaleza entre os anos de 1952 e 1962. O vencedor de cada campeonato levaria para sua fábrica o “Troféu SESI”, nome que homenageava a instituição que organizava e patrocinava esses campeonatos, o Serviço Social da Indústria (SESI).

Partidas e torneios interfábricas que eram realizados sem a regulamentação de uma instituição, a partir de 1952, passarão a ser organizado pelo SESI-CE (Serviço Social da Indústria - Departamento Regional do Ceará) e ganharão destaque na imprensa. Para entendermos o porquê da institucionalização do futebol fabril em Fortaleza a partir da década de 1950, precisamos conhecer o contexto sócio-histórico de criação do SESI-CE e sua relação com a cidade. Antes disso, é importante que tenhamos conhecimento sobre o SESI a nível nacional.

Criado em 1946, o SESI representa a culminação de antigas aspirações dos membros da burguesia industrial de reestruturar o processo de trabalho e organização

industrial, assim como as relações de trabalho no Brasil (WEINSTEIN, 2000, p.28). Instituído pelo Decreto-Lei nº 9.403/46, o SESI seria uma instituição paraestatal – entidade de caráter privado que atua ao lado do Estado no desempenho de atividades de interesse público – que teria como uma de suas finalidades:

(...) estudar, planejar e executar direta ou indiretamente, medidas que contribuam para o bem estar social dos trabalhadores na indústria e nas atividades assemelhadas, concorrendo para a melhoria do padrão geral de vida no país, e, bem assim, para o aperfeiçoamento moral e cívico e o desenvolvimento do espírito de solidariedade entre as classes (BRASIL, 1946).

De acordo com o Decreto-Lei nº 9.403/46, devido às dificuldades econômicas e sociais encontradas no Brasil pós-Segunda Guerra Mundial, atribuía-se a Confederação Nacional da Indústria (CNI) o encargo de promover o bem estar dos trabalhadores e de suas famílias, no que tange à defesa do salário, habitação, nutrição, higiene, a assistência em relação aos problemas de vida, as pesquisas sociais, econômicas e atividades educativas e culturais, visando a valorização do homem e os incentivos à atividade produtora (BRASIL, 1946).

Ao tomarmos conhecimento das atribuições do SESI, percebemos que as preocupações dos industriários com seus empregados estão para além daquelas de ordem salarial ou que representem melhorias nas condições de trabalho dentro das fábricas. Os dirigentes do SESI entendiam que era necessário assistir aos trabalhadores além dos muros das fábricas com serviços que também fomentassem a atividade produtiva dos trabalhadores. Mais do que promover o bem estar dos operários, os programas e serviços oferecidos pelo SESI refletem as estratégias dos industriais para reconstruir o trabalhador brasileiro e garantir a paz social (WEINSTEIN, 2000, p.28).

Para que essas atribuições fossem postas em prática no território nacional, a capilarização do SESI pelo país seria fundamental. Assim, vão sendo erigidas unidades pelos estados brasileiros, desde 1946.

No caso do Ceará, a unidade do SESI foi instalada na cidade de Fortaleza em 1948, sob os cuidados do empresário José do Nascimento. O jornal “O Estado” anuncia em tons entusiásticos a solenidade de inauguração do Serviço Social da Indústria no estado: “Será, finalmente, hoje a instalação da Delegacia Regional do SESI no Ceará – órgão que, sem dúvida, irá prestar uma assistência concreta ao operariado cearense” (**O Estado**, Fortaleza, 08 jul. 1948). O jornal lista personalidades importantes que estiveram presentes na cerimônia de inauguração – representante do governador do Estado, comandante da 10ª

Região Militar, deputados, secretário de segurança pública, representantes da indústria e do comércio, inclusive um representante da Igreja Católica – para mostrar a importância daquilo que seria o “órgão que desempenha patriótica ação junto às classes patronais e operárias, evitando ou solucionando atritos entre capital e trabalho (...)” (**O Estado**, Fortaleza, 08 jul. 1948).

De acordo com a matéria escrita no periódico “O Estado”, o SESI-CE, além de “prestar assistência ao operariado cearense”, teria uma incumbência patriótica⁹³. Esse patriotismo pode se configurar no trabalho junto a patrões e operários no sentido de dar fim aos “atritos entre capital e trabalho”. Tal discurso vai ao encontro do que pretendiam os dirigentes do SESI no decreto que estabelecia sua criação, uma vez que buscavam o “desenvolvimento do espírito de solidariedade entre as classes” (BRASIL, 1946).

É importante abordar o contexto social dos trabalhadores urbanos da cidade de Fortaleza no início da década de 1950, para podermos entender “os atritos entre capital e trabalho”. Durante a década de 1950, devido à migração interna, Fortaleza viveu um período de intenso crescimento de sua população. Tal migração não ocorre devido às oportunidades geradas pela industrialização. Muito pelo contrário, a industrialização – que à época representava apenas 12% da renda interna do estado (JUCÁ, 2000, p.63) –, ao não suprir as demandas sociais, irá contribuir para a formação de uma camada de desfavorecidos pelo desemprego, ou empregados com condições precárias de trabalho, tais como: instalações desapropriadas para o desenvolvimento salubre do trabalho, extensão da carga horária com a feitura de horas extras para complementar a renda, trabalho infantil com remunerações baixíssimas, coação dos operários por parte dos fiscais de fábrica, o descumprimento das leis trabalhistas por parte dos patrões, além de salários que mal davam para suprir os produtos de primeira necessidade⁹⁴.

As más condições sociais as quais estão sujeitos trabalhadores e trabalhadoras das fábricas de Fortaleza no contexto histórico da criação do SESI se dão enquanto o empresariado industrial, principalmente no ramo têxtil, passa a ter vultuosos lucros em seus investimentos. Se tomarmos a produção deste setor no ano de 1951, veremos que ocorreu

⁹³ É interessante atentar para a “patriótica ação” a qual o excerto da matéria trata. O patriotismo era exaltado em diversos eventos do SESI. Mas um patriotismo bem distante do que se refere ao nacionalismo populista. A ideia de pátria exultada pelo SESI se aproximava da valorização das instituições tradicionais, como: Igreja, Família e Forças Armadas (WEINSTEIN, 2000, p.255). Os dirigentes do SESI viam os feriados e datas cívicas nacionais – Dia da Independência, Dia da Proclamação da República, Dia da Bandeira, Dia do Soldado e Dia da Abolição da Escravidão – como oportunidades de manifestar esse patriotismo. Muitas vezes essas datas comemorativas eram celebradas com exposições esportivas.

⁹⁴ As privações e infortúnios os quais os operários de Fortaleza enfrentavam e que foram listadas acima foram encontradas em diversas matérias do jornal “O Democrata”.entre os anos de 1950 e 1958.

uma das maiores exportações para o exterior até então – quatrocentas toneladas de algodão para o Japão, além de embarques menores para Alemanha, Inglaterra e França. Neste ano, a arrecadação do Estado foi de Cr\$ 120.000,00 (cento e vinte mil cruzeiros) apenas com a transação feita com o Japão (JUCÁ, 2000, p.57). Este ganho material do setor têxtil no Ceará não será sentido pelos operários que trabalham no mesmo setor – área que concentrava o maior número de trabalhadores da indústria do estado.

Durante as décadas de 1950, a expansão capitalista sentida na cidade de Fortaleza irá resultar num crescimento econômico de viés modernizador dos espaços e equipamentos urbanos. As melhorias infraestruturais atendiam apenas uma parcela da população, deixando os menos abastados à margem desse processo. Essa situação pode ser entendida como uma das características que vem a reboque do processo de consolidação da economia de mercado em Fortaleza nesse período. À medida que a economia de mercado crescia, aumentava a pobreza na cidade. Para Karl Polanyi, um dos surpreendentes paradoxos ao qual o homem moderno é confrontado reside justamente no fato de que a pobreza acompanha a abundância (POLANYI, 2000, p.107). Podemos perceber esse paradoxo por meio da reportagem do jornal “O Democrata”, publicada em outubro de 1951:

Enquanto se vai agravando a situação de miséria dos trabalhadores, para falarmos apenas no setor têxtil, os lucros das empresas industriais de tecidos aumentam de ano para ano. Basta, como exemplo, que se diga que a Cia. Têxtil José Pinto do Carmo, uma das menores do Estado, obteve, no ano passado, um lucro líquido de dois milhões e quatrocentos e doze mil cruzeiros (Cr\$ 2.412.000,00), equivalente a 20,3% do seu capital (**O Democrata**, Fortaleza, 13 out.1951)⁹⁵.

A “miséria dos trabalhadores” abordada na matéria se materializa no congelamento dos salários e na falta de pagamento dos abonos aos operários, onde seu poder aquisitivo não acompanha o encarecimento dos preços dos produtos de primeira necessidade, como feijão, arroz, farinha, carne etc. A alimentação era precária e tornara-se comum a banana com pão substituir o almoço (JUCÁ, 2000, p. 57).

O pouco poder aquisitivo dos trabalhadores frente à carestia do custo de vida permanece com poucas alterações no decorrer na década de 1950. Em setembro de 1958, “O

⁹⁵ Intitulada: “Decai de dia para dia o poder aquisitivo dos operários”, essa matéria apresenta, a partir dos valores de produtos, como o salário mínimo pago em 1951 – Cr\$ 14,90 por dia – mal dava para comprar artigos básicos consumidos pela classe trabalhadora, a saber: ½ Feijão (Cr\$ 3,00), ½ Arroz (Cr\$ 3,00), ½ Farinha (Cr\$ 2,50), ½ Pão (3,00) e ½ Açúcar (Cr\$ 2,90). A matéria segue denunciando as estratégias usadas nas fábricas para explorar os operários, inclusive a Siqueira Gurgel. “Por outro lado se agravam as formas brutais de exploração: multas, horas extraordinárias de trabalho, demissão em massa (Siqueira Gurgel e Fábrica Baturité)” (**O Democrata**, Fortaleza, 13 out.1951).

Democrata” publica texto alertando para a defasagem do atual salário mínimo, que vigora desde 1956, em relação aos preços dos produtos básicos para a manutenção do lar.

“Classe Operária Passa Fome Com o Atual Salário Mínimo”. Estampado dessa maneira em seu título, a matéria de “O Democrata” denunciava a alta “vertiginosa dos preços de primeira necessidade” e a impossibilidade de manter família apenas com o salário mínimo. Para tanto, foi elaborada uma tabela com os preços dos produtos “indispensáveis que qualquer família proletária está obrigada a fazer sob pena de passar necessidades” (**O Democrata**, Fortaleza, 10 set.1958). Nesta tabela foram comparados os preços atuais (1958) com os valores de 1956, ano do último reajuste do salário mínimo.

	Julho de 1956	Hoje
Arroz – 500 gramas	Cr\$ 6,00	Cr\$ 10,00
Farinha – 500 gramas	Cr\$ 3,00	Cr\$ 7,00
Feijão de corda – 500g	Cr\$ 6,50	Cr\$ 10,00
Carne um quilo	Cr\$ 35,00	Cr\$ 50,00
Banha	Cr\$ 3,00	Cr\$ 18,00
Verdura	Cr\$ 3,00	Cr\$ 15,00
Tempero	Cr\$ 2,00	Cr\$ 10,00
Pão	Cr\$ 6,00	Cr\$ 12,00
Sabão (uma barra)	Cr\$ 7,00	Cr\$ 8,00
Café (50 gramas)	Cr\$ 5,50	Cr\$ 15,00
Açúcar 500 gramas	Cr\$ 6,00	Cr\$ 7,50
Querosene	Cr\$ 2,00	Cr\$ 5,00
Aluguel de casa	Cr\$ 6,00	Cr\$ 66,50
Água (duas latas)	Cr\$ 2,00	Cr\$ 5,00
Transporte do chefe de família	Cr\$ 6,00	Cr\$ 10,00
TOTAL	Cr\$ 116,00	Cr\$ 363,00

(**O Democrata**, Fortaleza, 10 set.1958).

Pela comparação dos preços, percebemos que houve uma alta inflacionária significativa em diversos artigos essenciais para o sustento familiar. Dois anos haviam passado e o salário mínimo permanecera inalterado, enquanto os valores dos produtos básicos de alimentação e manutenção do lar tiveram aumentos consideráveis, atingindo um aumento de mais de 300% em relação ao ano de 1956, o que contribuía para a diminuição do poder aquisitivo e o aumento da pauperização da classe trabalhadora⁹⁶.

Devido aos desmandos patronais e às precárias condições de vida e trabalho, os trabalhadores urbanos tentavam mobilizar formas de resistência. Comícios nas portas das fábricas na hora do almoço, quando eram expostas as reivindicações dos operários; organização de comissões de fábrica, que tentavam organizar os trabalhadores em seus locais

⁹⁶A relação entre o empobrecimento da classe trabalhadora e a falta de acesso a produtos de primeira necessidade vai ao encontro do que propõe Bronislaw Geremek, para quem o movimento dos preços é um fator determinante do nível de vida das massas e um dos responsáveis pela sua pauperização. Para o historiador polonês o preço dos artigos de “pobre”, ou seja, dos produtos de primeira necessidade, sobretudo alimentares, sobe muito mais rapidamente que os artigos menos indispensáveis (GEREMEK, 1986, p. 271).

de trabalho e greves davam corpo aos “atritos entre capital e trabalho” na cidade de Fortaleza durante a década de 1950⁹⁷.

Tais movimentações de resistência do operariado geram tensões e prejuízos no andamento do processo produtivo das fábricas. Para os dirigentes do SESI-CE, que também eram empresários do ramo fabril, essas tensões seriam solucionadas não só por meio da assistência aos operários no ambiente de trabalho e melhorias salariais, mas pelo disciplinamento dos mesmos para além dos muros das fábricas onde trabalhavam. Segundo Bárbara Weinstein (2000), tanto o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), criado em 1942, como o SESI teriam o papel de reconstruir o operário brasileiro. Esta reconstrução, pretendida pelo empresariado industrial, seria atingida a partir de novos valores que o operariado deveria adotar dentro e fora das fábricas, a saber: autodisciplina, trabalho concentrado, bem administrar o orçamento, hábitos racionais de consumo, recreação sadia, melhor higiene e boa nutrição. Uma verdadeira racionalização da vida fora da fábrica⁹⁸.

Essa preocupação dos industriários que dirigiam o SESI em atender os operários fora dos muros das fábricas deve ser analisada conjuntamente à legislação trabalhista vigente à época. Em fins da década de 1940 a CLT (Consolidação das Leis Trabalhistas) já era o dispositivo legal que regulamentava as relações de trabalho entre patrões e empregados. Dentre as regulamentações que deveriam ser obedecidas pelos empregadores estavam aquelas referentes à jornada de trabalho – estabelecida em até oito horas diárias – e ao descanso por semana – que versa sobre a folga semanal de vinte e quatro horas consecutivas sendo prioritariamente aos domingos (BRASIL, 1943). Dessa maneira, o contexto histórico de criação do SESI e o planejamento de suas ações estão inseridos num momento em que trabalhadores formais tinham assegurado o direito de usufruir mais tempo fora das dependências das empresas para o descanso ou dedicar às mais diversas atividades.

No entanto, o tempo diário e semanal que empregados têm longe de seus empregos e que foi conquistado num longo processo de lutas e resistências, passa a ser

⁹⁷ As formas de resistência do proletariado urbano fortalezense elencadas acima foram encontradas por nós em matérias do jornal “O Democrata” entre os anos de 1950 e 1958.

⁹⁸ A respeito dos anseios dos diretores do SESI-CE em racionalizar hábitos e costumes do operariado fortalezense, tomemos a questão da importância que os industriários davam a uma alimentação nutritiva na vida de seus empregados. Em matéria do periódico “O Nordeste”, intitulada “Educação Alimentar do Trabalhador”, o jornalista Clóvis de Barros alerta para a má alimentação dos operários da cidade e destaca o SESI-CE como agente transformador dessa realidade. “As nossas indústrias, as nossas atividades, precisam de homens saudáveis, e isso só se poderá conseguir com uma alimentação racionalmente dirigida e suficientemente nutritiva. A elaboração de um plano de educação alimentar do trabalhador, promovido pela Delegacia Regional do SESI do Ceará está se tornando imperiosa” (**O Nordeste**, Fortaleza, 10 abr. 1957). A solução dessa questão seria urgente para atender a demanda de mão-de-obra saudável e disposta a desempenhar com vigor os ofícios fabris. Para tanto, a atuação do SESI-CE para além do espaço fabril é “imperiosa” e exemplar.

encarado como um motivo de preocupação para diversos setores sociais devido ao seguinte questionamento: como seria usado o tempo do livre que os trabalhadores têm fora de seus empregos? Sant’Anna (1994) aponta para essa questão da seguinte maneira:

Nesse sentido, concomitante à produção do tempo livre percebe-se o desenvolvimento de uma série de preocupações em relação aos seus usos por parte de vários setores sociais. A divisão do tempo de trabalho e tempo livre, por menor que seja este último, aponta a necessidade da aplicação de técnica para investigá-lo na tentativa de mantê-lo circunscrito nos limites da lei e das normas morais estabelecidas socialmente (SANT’ANNA, 1994, p.19).

Empresários donos de indústrias, polícia, justiça e Igreja irão se enquadrar nos setores sociais que terão cuidado com o tempo livre que os indivíduos têm longe de seus empregos. Destarte, o SESI configura-se como a instituição responsável por atender os anseios dos industriários no que tange aos cuidados de tentar disciplinar racionalmente o tempo livre dos operários.

Em consonância com as diretrizes nacionais, uma das principais preocupações dos industriários responsáveis pelo SESI-CE encontra-se na busca por um operário disciplinado e comedido em suas atitudes fora da fábrica, uma vez que enxerga “nos mais variados problemas sociais uma essência: ‘a incapacidade temporária do homem em ser o agente de sua própria recuperação’” (SESI-CE, 1956).

Ao estabelecer que a essência dos problemas sociais está na incapacidade do homem ser agente de sua recuperação, os diretores do SESI deixam transparecer seu pensamento de que o modo de vida do operário não se encaixaria nos padrões propostos pelos industriários e que seria preciso a intervenção racional de uma instituição para ser a agente transformadora desse “trabalhador incapaz” num “operário reconstruído”.

O planejamento das ações sociais que alcançam o operário nas suas horas livres deve ser orientado por práticas que o afaste de atividades descomedidas que pudessem atrapalhar a recuperação de sua força de trabalho. Para tanto, são necessárias intervenções junto aos “círculos gregários onde o operário se encontra, naturalmente, incorporado para atingi-lo por meio de trabalho educativo inicial” (SESI-CE, 1956).

Desta forma, o SESI-CE, em sua estrutura interna, tem setores organizados de maneira a privilegiar o trabalho educativo que alcança os operários de Fortaleza fora das fábricas, buscando-os nos bairros proletários⁹⁹. Os serviços realizados pelo SESI-CE ocorriam

⁹⁹O SESI-CE tinha sua estrutura organizacional dividida em setores que atuavam em funções bem determinadas. Adequando seus serviços de acordo com as necessidades e características dos operários do estado – uma vez que ao pesquisarmos os Relatórios Anuais do SESI-CE, percebemos que os setores em que se dividia o SESI-CE, os

em cooperação com outras entidades da cidade, como: Círculos Operários, Sindicatos, Entidades Paroquiais e Indústrias¹⁰⁰ (SESI-CE, 1954).

É por meio do setor de “Atividades de Educação Social e Recreação” que o SESI-CE irá desenvolver programas de caráter pedagógico nos “círculos gregários” dos operários. Diversas são as atividades de educação social e recreação que o SESI-CE desenvolve durante a década de 1950, a saber: Clube de Mães, Teatro Operário, Discoteca, Jogos de Salão, Equipe de Cinematografia, Biblioteca Circulante, Clube do Sesinho e Assistência ao Desporto¹⁰¹. Percebamos que as atividades esportivas estão inseridas no quadro das ações voltadas para a educação social de seus operários filiados.

Para entender porque práticas desportivas estão entre as atividades de educação social oferecidas pelo SESI-CE, nos valeremos das ideias de Norbert Elias e Erick Dunning contidas na obra “A busca da excitação”. Ao analisarem o desporto inserido entre as práticas de lazer urbano – entendendo que o lazer tem uma função social para além da questão do não-trabalho e imbricado nas diversas teias sociais em que os indivíduos estão envolvidos –, os autores apontam para o desporto como uma forma de “contrabalancear as tensões, normalmente desagradáveis, das pressões derivadas do stress inerente às sociedades, proporcionando uma forma de restauração de energias” (ELIAS; DUNNING, 1992, p.73).

Por entenderem que a prática do desporto traria benefícios físicos e comportamentais para os operários filiados, os diretores do setor de Assistência ao Desporto do SESI-CE oferecem algumas opções de prática esportiva a seus operários, tais como: Campeonato de Futebol da Indústria (anual), Campeonato de Futebol de Salão (Semestral), Olimpíadas Operárias (Semestral), Competições de voleibol e basquetebol, Torneio Início dos campeonatos e excursões dos campeões de futebol da indústria a cidades do interior (SESI-CE, 1958).

Os serviços de desporto ofertados pelo SESI-CE vão sendo ampliados com o passar do tempo. Já em fins da década de 1950, esportes como futebol de salão, voleibol e basquete fazem parte das possibilidades esportivas as quais os operários poderiam usufruir. Já

quais são intitulados de “Atividades”, vão sendo incorporados ou retirados com os anos –, essa divisão se dava da seguinte forma: Atividades de Serviço Social, Atividades de Educação Social, Atividades de Estudos, Atividades Assistenciais – médicas e odontológicas –, Atividades de Assistência Econômica, Atividades de Estudo e Pesquisas Econômicas, Atividades de Divulgação e Propaganda e Atividades Administrativas.

¹⁰⁰ A seguir, listaremos algumas entidades que prestavam auxílio ao SESI-CE na realização de suas atividades, a saber: Círculos Operários dos bairros Amadeu Furtado, Floresta Pirambú, dos Navegantes, Padre Andrade, La Salette; Paróquia de Santa Lidiúna em Porangabussú; Sindicatos dos Empregados em Indústrias Gráficas, dos Empregados em Indústrias de Fiação e Tecelagem; e Indústrias Cotonifício Leite Barbosa S/A Fábrica Progresso, Guaraná Wilson, Siqueira Gurgel & Cia. e Usina Parangaba.

¹⁰¹ De acordo com os relatórios anuais do SESI-CE pesquisados – entre os anos de 1953 e 1962 –, tais atividades vão sendo incorporadas no decorrer dos anos.

o futebol está nesse quadro desde 1952, quando se dá o primeiro Campeonato das Indústrias de Fortaleza¹⁰².

¹⁰²No relatório anual do SESI-CE de 1953, o quadro 13 (Atividades de Educação Social – Esporte e Educação Física) ao mostrar o movimento esportivo durante o ano de 1953 traz apenas o Segundo Campeonato das Indústrias que ocorreu neste ano. Campeonato este que ocorreu com 200 atletas distribuídos em 12 equipes, disputando um total de 58 partidas.

4.2 O Campeonato das Indústrias de Fortaleza e a sociabilidade operária.

Iniciaremos nossa discussão com a seguinte indagação: por que o futebol foi o escolhido pelo SESI-CE como esporte responsável por iniciar o processo de educação social por meio do desporto?

Primeiramente, devemos lembrar que, já na década de 1950, o futebol apresentava-se como esporte mais popular no país, logo sua prática pelas camadas populares era mais difundida do que os demais esportes. No entanto, mesmo que contribua para dar um norte explicativo, esse assunto não se elucida unicamente pela popularidade do esporte. Recorremos, novamente, às ideias de Elias e Dunning para elucidar essa questão. Segundo estes autores, para entendermos o porquê de uma modalidade de desporto ter maior aceitação e ser mais praticada do que outras devemos analisá-la relacionando as características específicas daqueles que a praticam com a fisionomia própria de cada desporto (ELIAS; DUNNING, 1992, p.67).

Ao relacionarmos trabalhadores fabris, que na sua grande maioria pertenciam às camadas populares da cidade, com o futebol no início da década de 1950, veremos que esta será uma modalidade de desporto coletivo muito mais acessível aos menos abastados do que as novas modalidades desportivas. Tais esportes começavam a ser desempenhados com maior frequência em Fortaleza pós-Segunda Guerra – basquetebol, voleibol e tênis, por exemplo –, tendo em vista que estes tinham nos clubes sociais os equipamentos específicos para sua atividade, limitando e selecionando aqueles que poderiam praticá-los. Já o futebol foi mais difundido entre as camadas populares da cidade. Muitos operários fortalezenses já jogavam futebol antes do SESI tomar à frente no que tange à institucionalização do esporte bretão jogado por operários.

Pensando nos espaços dedicados à prática do futebol, o fato de fábricas como Baturité, Ceará Industrial, Santa Cecília, Siqueira Gurgel, Usina Everest e Usina Parangaba terem em suas dependências campos de futebol mostra que este esporte tinha grande apelo entre os operários da cidade. Além destes, campos dos subúrbios de Fortaleza eram povoados por trabalhadores que dedicavam parte do seu tempo livre às “peladas” com seus times de bairro¹⁰³.

¹⁰³Durante nossa pesquisa, as fontes hemerográficas nos mostraram alguns bairros de Fortaleza como detentores de campos de futebol, a saber: Porangabussú (Campo do João César), Aldeota (Américo Picancio), Messejana, Joaquim Távora (Praça de Esportes do Joaquim Távora), Benfica, Damas, São Gerardo, Itaoca, Aerolândia, Otávio Bonfim, São João do Tauápe, Coqueirinho, Pici, Modubim, Vila Brasil, Antônio Bezerra e Campo do Pio. Tais campos de futebol nos foram revelados nas colunas esportivas intituladas “Esporte Menor”. Estas colunas noticiavam os jogos que aconteciam pelos subúrbios de Fortaleza. Suas informações limitam-se a

Várias foram as equipes amadoras de futebol na cidade de Fortaleza na década de 1950. Tivemos o cuidado de listar equipes montadas antes da realização dos Campeonatos das Indústrias para revelar como o futebol se configurava como um lazer dos trabalhadores na cidade bem antes do Sesi-CE tomar as rédeas organizadoras¹⁰⁴. Dentre as 46 equipes listadas, apenas três têm no nome características que nos fazem supor uma origem fabril, a saber: “Industriários”, “Metaluzina” e “Olaria”. Mas não significa que as outras não fossem compostas por trabalhadores que têm no futebol amador seu lazer¹⁰⁵.

Como exemplo de uma dessas equipes, podemos citar o Atlético Cearense. Formado por moradores do bairro Montese, os integrantes do Atlético Cearense se reuniam para jogar partidas amistosas e torneios pelas canchas suburbanas da cidade. As informações sobre essa equipe nos chegam por meio da fala do senhor José Viana, que nos conta que antes de integrar os quadros da equipe de futebol profissional do Usina Ceará, jogou pelas canchas suburbanas pelo Atlético Cearense. “Nosso time lá do Atlético tudo era trabalhador. (...). O time que nós jogava, o Atlético Cearense, era manobrado só por operário, alfaiate, pedreiro, tecelão. Tudo trabalhava” (MELO, Fortaleza, 14 jan. 2016).

Enxergando as partidas de futebol como uma forma de sociabilidade da classe trabalhadora, o Sesi-CE traz para si a missão de organizar esses jogos em forma de campeonatos que agregassem os operários em equipes das empresas nas quais eram funcionários. Mas essa não é uma característica exclusiva da Delegacia do Sesi no Ceará. Tal prática era comum nos centros urbanos do país onde o Serviço Social da Indústria se fazia presente e tinham objetivos bem definidos com as “peladas”. Como nos fala Bárbara Weinstein: “Os serviços desportivos do Sesi também pretendiam trazer ‘disciplina’ para o futebol amador nos centros urbanos, organizando e ‘legalizando’ clubes de futebol ligados a fábricas ou a bairros operários” (WEINSTEIN, 2000, p.258).

Para entendermos o ponto de vista institucional presente nas intenções do Sesi em promover campeonatos entre equipes formadas por operários de diferentes fábricas

divulgar as equipes, o placar e o local das peijas. Assim, poucas informações puderam ser retiradas dessas colunas como fonte. Mas podemos concluir que se praticava futebol de maneira muito intensa nos subúrbios de Fortaleza.

¹⁰⁴ Equipes suburbanas presentes na coluna “Placard Esportivo” do jornal “Unitário” no ano de 1952, a saber: 3 de Setembro, Atlético Cearense, Aviação, Brasil, Botafogo, Confiança, Canto do Rio, Dragão do Mar, Estrela do Oriente, Estrelinha, Fênix, Fluminense, Glória, Humaitá, Ideal, Industriários Jabaquara, Juventus, Luso, Maguari, Messejana, Metaluzina, Mineiro, Mororó, Movado, Natal, Noroeste, Novo Ideal, Novo Uruguai, Olaria, Onze Alencarinos, Onze Cearense, Panamá, Rio Branco, Rui Barbosa, São Sebastião, Spadoni, Sport Paulista, Terra e Mar, Tamandaré, Treze, Trindade, Vasco, Venturoso, União e Vila Iracema.

¹⁰⁵ Tomamos aqui o conceito de lazer trazido por Elias e Dunning em A busca pela excitação – “uma ocupação livremente escolhida, antes de tudo, porque é agradável para si mesmo” (ELIAS; DUNNING, 1992: 107).

dialogaremos com as ideias de Joffre Dumazedier¹⁰⁶ (1973), onde aponta para a importância que os esportes tinham quando se tratava da questão associativa de trabalhadores urbanos.

Do mesmo modo, o esporte impôs aos poucos seus modelos às atividades da vida moderna. Assim, as empresas organizavam-se recorrendo aos métodos da emulação, cooperação e competição, próprios do esporte. Sabe-se do sucesso crescente das partidas esportivas interfábricas ou interempresas, sobretudo as de futebol. (...) Esses tipos de encontro e seu modo de preparo determinam frequentemente um certo estilo no trabalho de produção e na formação dos operários (DUMAZEDIER, 1973, p.100).

Segundo Dumazedier, o intento das empresas em organizar competições interfábricas reside no fato de que os industriários veem na prática esportiva, com destaque para o futebol, uma pedagogia que inspira métodos de aperfeiçoamento profissional. A concepção de que por meio do esporte praticado sob os cuidados de uma instituição podia-se moldar o caráter profissional e pessoal do indivíduo, também esteve presente na imprensa fortalezense da época: “O Sesi do Ceará concede assim o maior estímulo à prática dos esportes no meio industriário, tendo em vista a importância que eles representam no aprimoramento físico e na própria formação da personalidade” (**Gazeta de Notícias**, Fortaleza, 21 out. 1959).

Mas, além da tentativa de trazer disciplina para o futebol evitando possíveis excessos que ocorriam nas canchas suburbanas¹⁰⁷, ajudando no aprimoramento do corpo e mente de seus operários, os dirigentes do Sesi-CE viam nos Campeonatos das Indústrias um caminho para incutir uma civilidade patriótica nesses indivíduos. Tanto para aqueles que iam jogar quanto os que iam torcer.

Tomemos como exemplo o Torneio Início do II Campeonato das Indústrias de Fortaleza. Consta no Relatório Anual do Sesi-CE, na seção do Departamento de Esportes,

¹⁰⁶ Além de sua pesquisa ter uma proximidade temporal do contexto histórico pesquisado – décadas de 1950, 1960 e 1970 –, o que nos ajuda a entender como se pensava a questão do lazer institucionalizado à época, o sociólogo francês preocupa-se em dotar de cientificidade os estudos da sociologia do lazer, dedicando-se aos estudos deste relacionado com família, política e trabalho na França pós-Segunda Guerra. Além disso, Dumazedier tem grande importância na produção de pesquisas e nos estudos sobre o lazer produzidos no Brasil a partir da década de 1960, principalmente no que se refere ao Serviço Social do Comércio (SESC). Sobre essa relação, Sant’Anna (1994) nos fala que: “(...) o SESC passou a elaborar seus estudos segundo os pressupostos teóricos básicos da sociologia do lazer que, nos trabalhos de Joffre Dumazedier, encontram, em grande medida os parâmetros necessários para o seu desenvolvimento” (Sant’Anna, 1994, p.49).

¹⁰⁷ Trabalhadores que, na maioria das vezes, não recebiam por jogar nos clubes de subúrbio despendiam seu tempo livre em partidas amistosas de futebol puramente pelo lazer. Entretanto, nem sempre essas partidas se davam de maneira amistosa entre os jogadores. Como nos revela Viana de Melo sobre sua experiência atuando pelas canchas suburbanas da cidade: “A gente conhecia os jogadores que faziam isso. Aí, evitava de correr na frente dele, porque sabia que ele fazia e a gente media o temperamento da gente. Toda hora, a gente não tava pra tolerar né. Tem vez que a gente aceita uma tapa no rosto, mas tem vez que um empurrão. Por isso que a gente deve controlar” (MELO, Fortaleza, 14 jan. 2016).

Educação Física e Recreação de 1953, que “No setor de Esportes, conseguimos promover um Campeonato de Futebol entre equipes de nossas fábricas, estando em pleno desenvolvimento o IIº Campeonato que teve seu início a 7 de setembro, com participação de 12 quadros” (SESI-CE, 1953).

Assim como o Campeonato Cearense de Futebol promovido pela FCD tinha um Torneio Início antes de começar o campeonato propriamente dito, o SESI-CE também organizava o Torneio Início do Campeonato das Indústrias. Esses torneios eram disputados de forma eliminatória e tinham duração de um dia. O Torneio Início, tanto profissional quanto das indústrias, servia para apresentação dos elencos e entrega de premiações – medalhas e troféus aos campeões do ano anterior.

As edições do Torneio Início do Campeonato das Indústrias geralmente aconteciam em dias de comemorações cívicas. Por serem feriados nacionais, os trabalhadores teriam a possibilidade de presenciar a cerimônia de abertura e as partidas do certame. Mas a escolha dessas datas está para além da questão unicamente do dia livre proporcionado pelo feriado. Nestes dias, são realizados festejos que materializam o sentimento patriótico na população que, muitas vezes, não teria porque sentir orgulho de sua nação.

O próprio relatório do SESI-CE destaca a importância dos eventos realizados nas datas de valores cívicos e nacionalistas¹⁰⁸. “O SESI não quis deixar passar sem condignas comemorações as grandes datas cívicas da nacionalidade. Visando despertar entre os seus beneficiários um sentimento mais pronunciado de amor à pátria e o culto aos grandes feitos dos antepassados” (SESI-CE, 1955).

De acordo como o antropólogo Roberto DaMatta, o futebol se configura numa ferramenta que dá corpo ao comportamento patriótico entre as camadas populares: “Foi o futebol que juntou hino e povo, que consorciou camisa e bandeira, que popularizou a ideia de pátria e nação como algo ao alcance do homem comum e não apenas do ‘doutor’ e do mandão” (DAMATTA, 2006, p.111). Desta forma, ganha sentido o Torneio Início do Campeonato das Indústrias estar entre os eventos de celebração do Dia da Independência do Brasil organizados pelo SESI-CE¹⁰⁹.

¹⁰⁸Dentre as datas elencadas com esse valor cívico e nacionalista estavam: 21 de abril (Tiradentes), 07 de setembro (Independência do Brasil), 15 de agosto (dia do soldado), 15 de novembro (Proclamação da República) e 19 de novembro (dia da bandeira).

¹⁰⁹A Olimpíada Operária era outro evento esportivo patrocinado pelo SESI-CE realizada no Núcleo Social de Parangaba nas datas comemorativas da nação – Dia do Trabalhador e na semana da pátria. Realizadas semestralmente, os jogos contavam com os seguintes esportes: corrida de 100 metros, corrida de 400 metros, arremesso de peso, salto em altura, salto em extensão e pingue-pongue.

Reunindo doze times de fábricas da cidade de Fortaleza, o Torneio Início do II Campeonato das Indústrias realizou-se no estádio do Usina Ceará, Coronel Teófilo Gurgel, como parte dos festejos comemorativos da semana da independência do ano de 1953. Após um momento cívico de abertura, as disputas iniciariam por volta de 07:30 da manhã, com duração de 30 minutos cada jogo, alongando-se por todo o dia. Para além da questão técnica e tática, esse certame ganha destaque na imprensa esportiva da capital.

Foi realmente uma festa de gala o que presenciamos no Estádio proletário. Nada menos de dez (10) partidas foram disputadas, num ambiente de franca cordialidade, não havendo uma só interrupção ou mesmo qualquer cena de indisciplina por parte dos litigantes (**Correio do Ceará**, Fortaleza, 09 set. 1953).

O periódico “Correio do Ceará”, em sua página esportiva, ressalta as qualidades do torneio. Ao salientar que o ambiente era de cordialidade e sem casos de indisciplina durante as partidas, percebe-se que o discurso da imprensa caminha de mãos dadas com anseios do SESI quando busca atingir a paz e a educação social de seus filiados por meio de seus programas e serviços (WEINSTEIN, 2000 p.28), que neste caso se configura no patrocínio de um campeonato de futebol. Além do corpo do texto, podemos perceber tais intenções pela fotografia que o “Correio do Ceará” usa para ilustrar a matéria sobre o Torneio Início do II Campeonato das Indústrias no “Correio do Ceará”.

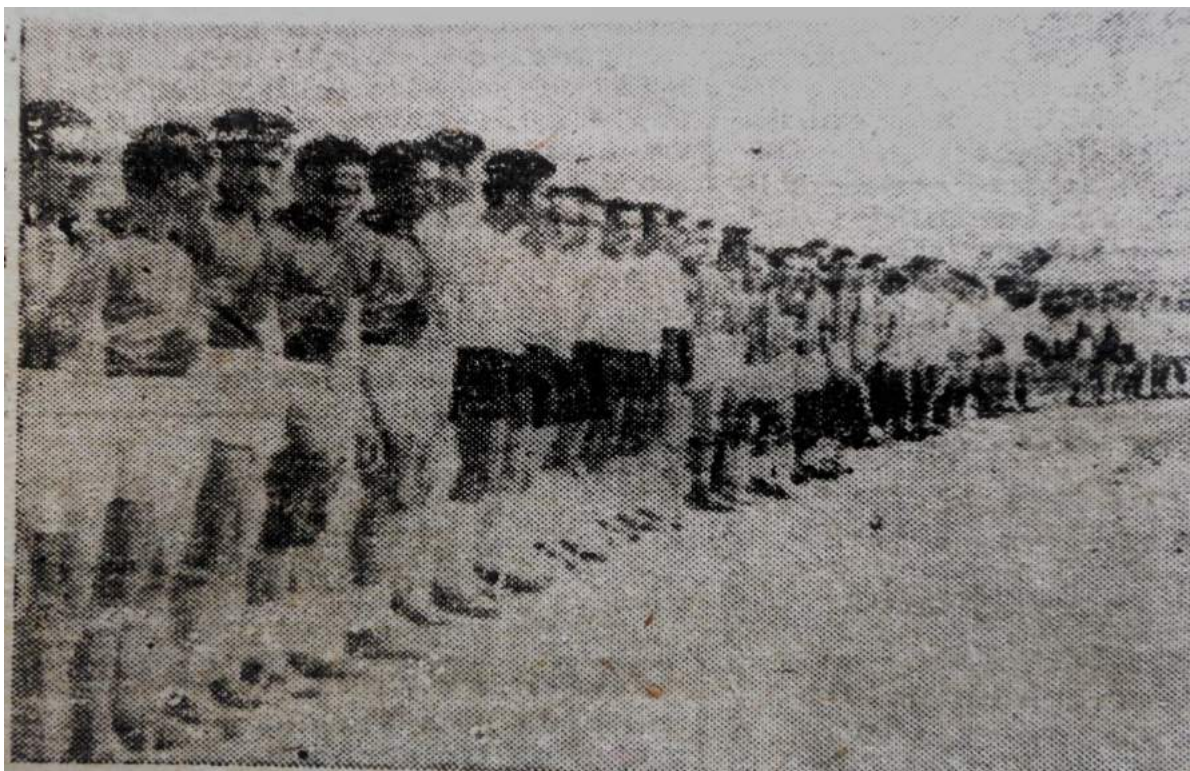


FIGURA 4 – Doze equipes de futebol de fábricas da cidade de Fortaleza perfiladas como parte da cerimônia de abertura do II Campeonato das Indústrias de Fortaleza (**Correio do Ceará**, Fortaleza 09 set. 1953).

A escolha da fotografia acima não se dá por acaso. Por meio desta, percebemos que o jornal tem a intenção de passar uma ideia de uniformidade na apresentação das equipes, onde não há distinção entre fábricas ou atletas, pois todos os jogadores se apresentam na mesma linha. Além disso, a forma como estão postados nos passa a ideia de disciplina e cordialidade entre os operários.

A ligação entre SESI e os jornais da cidade durante a década de 1950 pode ser explicada pelo historiador e jornalista Geraldo Nobre. De acordo com Nobre, “para suprir a deficiência de pessoal de redação e assegurar a circulação de edições mais alentadas”, instituições locais redigiam noticiários de seu interesse. A primeira a sistematizar esta atividade foi o SESI-CE (NOBRE, 2006, p,154). Desta maneira, ressaltar o bom comportamento e a disciplina com que acontecem as partidas realizadas pelo Campeonato das Indústrias é prática recorrente entre as matérias sobre o torneio.

Ao escrever sobre o segundo confronto válido pelas partidas finais do campeonato de 1956, entre os times das fábricas Santa Cecília e Guaraná Wilson, o “Gazeta de Notícias” destaca que por mais que tenha sido “um jogo disputadíssimo” o ânimo dos atletas não se alterou e a partida transcorreu sem maiores problemas: “É de se salientar o alto índice disciplinar dos atletas que tomaram parte na contenda, a par da apurada técnica e elan com que se conduziram, agradando plenamente a ‘hinchada’ presente no gramado do Usina Ceará” (**Gazeta de Notícias**, Fortaleza, 16 jan. 1957).

Os atletas em questão são trabalhadores fabris que devotam seu domingo ao futebol como forma de lazer, que, além da questão técnica, ganham destaque e motivo de agrado devido à disciplina¹¹⁰. No entanto, talvez, essas partidas não ocorressem de forma tão amistosa e disciplinada quanto os patrocinadores queriam ou como o discurso da imprensa tenta mostrar.

O futebol põe à prova força e virilidade dos operários-jogadores que não queriam voltar derrotados para suas fábricas. Mesmo que os jogos acontecessem como forma de

¹¹⁰Tentamos encontrar casos de indisciplina ou descontentamento dos operários-jogadores durante as partidas do Campeonato das Indústrias registrados nas páginas esportivas dos periódicos pesquisados, mas não conseguimos. Talvez isso ocorra por não haver interesses conflitantes entre jornais e patrocinadores do evento, uma vez que muitas das fábricas que disputavam o Campeonato das Indústrias tinham seus produtos anunciados nos jornais. No que tange à indisciplina e desacordo com as ordens em campo, máximo que conseguimos encontrar foi o caso dos jogadores da fábrica Ceará Industrial que retiram-se de campo após não concordarem com decisões do árbitro da partida. “Não conformada com a igualdade no marcador e com a expulsão de um elemento [de] sua equipe, o Ceará Industrial retirou-se de campo perdendo assim mais dois pontos”. (**Unitário**, Fortaleza abr. 1953).

promover a união entre os operários das fábricas de Fortaleza, movimentos mais truculentos vêm a reboque da vontade de sair vencedor das pelepas¹¹¹.

Assim, surge uma preocupação dos industriários: como fazer dos campeonatos de futebol um espaço de sociabilidade operária, onde seus empregados pudessem praticar o esporte, mas de maneira ordenada? Tal questão vai ao encontro do que Dunning e Elias apontam como sendo “um dos principais problemas de muitos desportos”:

Como conciliar, por meio dos objectivos do desporto, duas funções contraditórias – por um lado, o prazer de desencadear sentimentos humanos, a evocação plena de uma excitação agradável, e, por outro, a conservação de um conjunto de dispositivos de vigilância para manter o agradável descontrolo de emoções sob controlo (ELIAS; DUNNING, 1992 p. 80).

Um dos argumentos lançados por nós para embasar a afirmação de que as partidas dos Campeonatos das Indústrias não se davam apenas como a imprensa esportiva costumava reportar reside no fato de que o SESI-CE contratava trios de arbitragem filiados à FCD para tomarem conta do bom andamento das partidas¹¹². Portanto, é do meio profissional, onde os jogos se dão com um índice de competitividade altamente elevado, que vêm os experientes árbitros que têm a responsabilidade de ser o indivíduo vigilante que mantém o controle dos operários dentro de campo.

Aqueles que, aos domingos, apresentam-se como jogadores de futebol, durante o resto da semana assumiam o papel de trabalhadores nas fábricas que representam no campeonato. Caso houvesse desavenças entre os jogadores durante as partidas, que provavelmente poderiam se estender para fora dos gramados, a ideia de promover um torneio esportivo que gerasse um ambiente cordial entre os operários, tão elogiado pela imprensa local, deixaria de existir. Além do mais, não seria interessante para os patrões que seus funcionários não estivessem em plenas condições físicas em seu ofício, devido às possíveis contusões sofridas em partidas de futebol, não rendendo o máximo de eficiência produtiva.

Desta forma, a indisciplina e a violência, que muitas vezes se manifestam durante jogos de futebol, iam de encontro às intenções do Serviço Social da Indústria – aumento da produtividade e paz social entre operários. Tomemos a fala de um diretor da Divisão de

¹¹¹ Ao analisar o futebol como prática esportiva cada vez mais inserida na lógica capitalista, o historiador Hilário Franco Júnior revela que a violência no esporte se apresenta como parte do espírito de concorrência presente nos desportos: “Porque violência é parte integrante de qualquer concorrência, econômica ou esportiva. É verdade que o esporte desenvolveu-se na sociedade moderna justamente para disciplinar a violência inata no ser humano, porém muitas vezes gera o inverso”. (FRANCO JÚNIOR, 2007, p.198-9).

¹¹² A seguir nomes de árbitros dos quadros da FCD que eram escalados para “apitar” as partidas do certame do SESI: João Bezerra, Fernando Coimbra, Alzir Brillante, Jaime Paiva e Valdizar Reis.

Esportes do SESI, que ressalta que a importância dos jogos entre times de fábrica reside na criação, entre os operários, de “um sentimento de participação e orgulho, tão necessário para manter, no ambiente de trabalho e fora dele, um clima de companheirismo e amizade e boas relações com a direção da empresa”. Ao mesmo tempo, tomava-se o cuidado de evitar o “entusiasmo excessivo”, o que os dirigentes do SESI consideravam um aspecto negativo do esporte amador (WEISNTEIN, 2000, p.259).

Daí a importância de ter figuras experientes no comando das regras das partidas. Destarte, o mais apropriado seria a contratação de árbitros filiados à FCD. Dentre os gastos anuais orçamentados pela seção de Assistência ao Desporto do SESI-CE, estavam os “Pagamentos dos juizes da F.C.D., com os respectivos auxiliares nas laterais (Bandeirinhas)” (SESI-CE, 1956). Neste mesmo ano em que temos esse registro do quadro de arbitragem entre os dispêndios do setor de Atividades de Educação Social, os gastos com arbitragem durante o Torneio Início foi de Cr\$ 1.150,00 (Um mil cento e cinquenta cruzeiros), Cr\$ 579,50 (Quinhentos e setenta e nove cruzeiro e cinquenta centavos) a mais do que foi gasto com os materiais de recreação e Cr\$ 742,50 (Setecentos e quarenta e dois cruzeiros e cinquenta centavos) a mais do que as despesas com materiais para o Teatro Operário, que também eram serviços oferecidos pelo setor de “Atividades de Educação Social e Recreação” (SESI-CE, 1956).

Para dirigentes do SESI-CE era preferível desembolsar considerável monta com os responsáveis pela disciplina e a ordem durante as partidas dos Campeonatos das Indústrias a ter prejuízos no cotidiano de seus empreendimentos com trabalhadores que não estavam em plenas condições de trabalho devido a prováveis contusões. Além de que, a presença de um trio de arbitragem federado à FCD em campo daria maior confiabilidade ao torneio.

No entanto, não era só a instituição fomentadora que gastava com a realização do Campeonato dos Industriários. Os dirigentes das fábricas despendiam parte do lucro de suas empresas para a manutenção de seus times de futebol, por exemplo: compra de equipamentos esportivos, transporte para os dias de jogos e manutenção dos campos de futebol, para aquelas fábricas que os tinham.

Além desses dispêndios, a busca por bons valores para qualificar seu elenco também configura gasto dos dirigentes dos clubes fabris. Indivíduos que já não tinham mais espaço no meio do futebol profissional do estado encontravam lugar nas equipes que participavam do certame das indústrias. Assim como Popó, ex-jogador profissional do Ferroviário e ex-treinador do “clubes da estrada de ferro” e do Usina Ceará, que é contratado, em 1957 para disputar o Campeonato das Indústrias como treinador do time da Indústria de

Vidros. Além de levar conhecimentos táticos desenvolvidos e praticados entre os profissionais, ter um elemento que transita do meio futebolístico profissional para o industrial se apresenta como um elemento distintivo dos demais times fabris.

Empregos eram oferecidos para aqueles trabalhadores que desempenhavam bom futebol nas canchas suburbanas da cidade. Como no caso do senhor Zé do Mário¹¹³, que foi contratado pela fábrica Usina Parangaba por conta de suas atuações pelo Cerâmica, equipe formada por trabalhadores de uma cerâmica situada do bairro João XIII. Em entrevista, o senhor Zé do Mário nos conta o motivo que o levou a ingressar nos quadros de uma equipe que participava do Campeonato das Indústrias de Fortaleza:

Cheguei a trabalhar na cerâmica e jogando no time. Agora jogando no time, foi que eu sai pra ir jogar no Usina Parangaba, porque lá era melhor. Era carteira assinada e tudo. Mas eu sai do Cerâmica pra ir jogar no Usina Parangaba por causa do emprego (SOUZA, Fortaleza, 04 abr. 2017).

Segundo Zé do Mário, o fato de ter sido contratado pela fábrica Usina Parangaba está diretamente relacionado ao futebol. Para ele, o interesse dos dirigentes da fábrica em contratá-lo está mais associado às suas atuações em campo do que à qualidade do ofício que iria desempenhar na empresa¹¹⁴. Mas, para que isso acontecesse, a fábrica contratante deveria oferecer algum elemento distintivo que configurasse num ganho material para o operário-jogador. Neste caso, assinar a carteira de trabalho representa a segurança de conseguir um emprego com maior estabilidade do que os ofícios desenvolvidos na informalidade como fator diferencial que fizeram Zé do Mário se transferir para o Usina Parangaba.

Os investimentos feitos tanto pelo SESI-CE quanto pelas fábricas, nos levam a acreditar que, para além das questões pretendidas pela instituição patrocinadora – educação social dos operários de Fortaleza –, os torneios de futebol entre trabalhadores fabris da cidade foram se transformando em espaços de competitividade e sociabilidade entre operários que gostavam de futebol.

¹¹³José Alves de Souza, 74 anos, defendeu a equipe do Usina Parangaba no Campeonato das Indústrias de Fortaleza, no período em que foi funcionário da fábrica Usina Parangaba, além de ter se profissionalizado pela equipe do Ferroviário Atlético Clube.

¹¹⁴A prática de se contratar um operário vislumbrando suas habilidades em campo mais do que sua capacidade produtiva na fábrica era comum entre as equipes fabris gestadas nos centros urbano-industriais desde o começo do século. Sobre esse processo nos clubes de fábrica cariocas, Fátima Antunes afirma que: “(...) a concorrência entre os clubes envolvidos na disputa de campeonatos levou a direção de muitas fábricas a montar equipes mais competitivas, melhor preparadas e com jogadores de boas qualidades técnicas. Passou-se a valorizar o ‘capital esportivo’ dos operários no mercado de trabalho, preferindo-se contratar um bom futebolista a um bom operário” (ANTUNES, 1994, p.106).

Essa forma de sociabilidade apresentava-se, para aqueles pouco afeitos aos sindicatos e às associações, como uma oportunidade para o encontro coletivo de operários além dos muros de suas fábricas para compartilhar experiências, seja sobre conflitos do cotidiano fabril, seja sobre assuntos rotineiros. Desta maneira, os torneios promovidos pelo SESI-CE poderiam se tornar um espaço de solidariedade entre os operários. Portanto, para os operários-jogadores tais eventos se apresentam como um espaço de percepção de pertencimento à classe operária.

Essa percepção de classe também será divulgada pelos jornais da cidade. Mesmo que os escritos sobre os Campeonatos das Indústrias de Fortaleza nos jornais atendessem os anseios institucionais pretendidos pelos diretores do SESI-CE, eles servirão para dar materialidade as mais diversas categorias de trabalhadores fabris da cidade. Quanto mais o Campeonato das Indústrias de Fortaleza se consolidava como um espaço de sociabilidade operária, maior era a frequência com que esse evento apareceria nas páginas esportivas dos jornais da capital. Sob títulos: “Campeonato das Indústrias” – “O Povo” –, “Campeonato Cearense da Indústria” – “Correio do Ceará” – “Esporte no SESI em Marcha” – “Gazeta de Notícias” – e “O Esporte no SESI” – “O Nordeste” –; os periódicos anunciavam, na maioria das vezes, em notas curtas, placares, um breve resumo das partidas e, algumas vezes, a escalação das equipes operárias.

Leitores que compravam os jornais para acompanhar o desempenho de seu clube no campeonato da FCD passavam a tomar conhecimento de equipes formadas por operários que disputavam um campeonato de classe. Operários como: Barrigudo, Bezouro, Cabeção, Cavaquinho, Chimbau, Duó, Fobica, Gogó, Gordinho, Pontaria, Rolinha, Zé da Marinha, Zé da Rita, entre outros, ganhavam evidência num espaço que talvez não teriam se não fosse o futebol. Como nos fala o historiador Hilário Franco Júnior, “o futebol dos grupos subalternos torna-se um modo de representação da existência negada em outros campos sociais” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p.64).

Para Hobsbawm, a classe operária existe, mas de certo modo se torna invisível socialmente (HOBBSAWM, 1987, p.274). Mesmo que a forma com que a imprensa dê visibilidade ao operariado que disputa o Campeonato das Indústrias seja nos moldes do que era pretendido e idealizado pelos dirigentes do SESI-CE – disciplinado e que tem no desporto uma prática sadia de lazer –, ter um torneio de futebol que reunisse equipes formadas por operários das indústrias de Fortaleza e esse evento estar estampado nas páginas esportivas dos jornais era uma forma de dar visibilidade social a classe operária da cidade.

Outra forma destes operários ganharem visibilidade por meio do futebol encontra-se na transitividade de elementos dos Campeonatos das Indústrias nos espaços do futebol praticado por equipes federadas à FCD. Como quando equipes fabris são convidadas para realizar partidas preliminares das equipes profissionais.

Na preliminar do jogo Ceará e Calouros, defrontar-se-ão as equipes do Santa Cecília e Guaraná Wilson, atualmente ocupando a liderança do certame industrial promovido pelo SESI. (...) as torcidas se movimentam, para comparecer em massa ao Presidente Vargas, afim de incentivar os jogadores (**Tribuna do Ceará**, Fortaleza, fev. 1958).

O confronto acima mencionado, por ser uma preliminar, aconteceria antes do jogo principal – neste caso, um amistoso entre equipes do quadro principal da FCD. Operários das fábricas Santa Cecília e Guaraná Wilson teriam chance de disputar uma peleja no principal estádio da cidade, o Presidente Vargas. Assim, indivíduos pertencentes à classe trabalhadora, acostumados a ocupar as arquibancadas do Presidente Vargas como torcedores que observam a partida, têm a oportunidade de serem observados enquanto são protagonistas do espetáculo.

Operários-jogadores que trabalhavam em fábricas que patrocinavam equipes nos circuitos do futebol fabril da cidade, também se apropriavam da transitividade que o futebol interfábricas tinha com o profissional. Para aqueles que apresentavam bom desempenho nos times industriais, havia a possibilidade de serem contratados por equipes profissionais. Assim como o sucedido com Zé do Mário, que após demonstrar bom desempenho durante uma partida realizada pelo Ferroviário dentro do campo de futebol da fábrica Usina Parangaba consegue ingressar no plantel principal do clube da RVC ¹¹⁵. Sobre essa partida, Zé do Mário revela que: “Nesse dia eu fui marcando o melhor jogador da cidade, Edilson Araújo (...). E eu me saí bem. Ganhamo o jogo e tudo. No outro dia, segunda-feira saiu na Resenha da Rádio Assunção: ‘Jogador Zé do Mário, Ferroviário ta interessado nele’” (SOUZA, Fortaleza, 04 abr. 2017).

Essa transitividade resultava em ganhos materiais e melhores condições de vida para aqueles que conseguiam ascender ao profissionalismo. Um desses ganhos se concretiza na aquisição de melhores salários. Ao ingressar no profissionalismo, operários que não recebiam salário para jogar pelo Campeonato das Indústrias passam a ser remunerados pelo seu trabalho nos gramados. Zé do Mário nos conta sobre a diferença salarial entre quando era funcionário da Usina Parangaba e jogador de futebol do Ferroviário: “No Usina Parangaba eu

¹¹⁵ Zé do Mário ingressa na modalidade contratual de amador no quadro principal do FAC em 1964 e se profissionaliza no ano seguinte.

ganhava lá um salário de 260 por mês, 260 mil réis por mês. E no Ferroviário eu já fui ganhando 10 conto. Era uma vantagem muito grande”¹¹⁶ (SOUZA, Fortaleza, 04 abr. 2017).

Destarte, mesmo que o futebol tenha sido usado por dirigentes de fábricas como um programa para educação social e uma recreação ordenada para seus funcionários, podemos concluir que os operários-jogadores que dele participavam tinham interesses distintos dos da classe patronal, alguns chegando a se apropriar da transitividade entre elementos de clubes fabris e de clubes profissionais para alcançarem seu espaço no profissionalismo.

Por mais que houvesse a transitividade entre elementos do futebol praticado pelas equipes fabris de Fortaleza e elementos dos clubes profissionais da FCD, vale ressaltar que nenhum dos times gestados por trabalhadores fabris consegue integrar o quadro principal das equipes da Federação Cearense de Desportos, exceto o Usina Ceará Atlético Clube. Aqui encontramos uma distinção do nosso objeto de pesquisa, uma vez que o clube de futebol formado por operários da Siqueira Gurgel inicia suas atividades a partir do cenário das disputas interfábricas em 1949, filia-se ao quadro secundário da FCD em 1951 e ingressa na primeira divisão do futebol profissional do estado no seu terceiro ano de existência.

¹¹⁶ A moeda vigente no Brasil durante a década de 1960, época sobre a qual nos fala Zé do Mário, é o Cruzeiro. No entanto, na entrevista, ele se refere a réis e conto de réis, moedas que deixam de ser usadas em 1942. Quando ele nos fala que recebia 260 mil réis e passa a ganhar 10 contos – onde 1 conto de réis equivale a mil réis, portanto deixaria de ganhar 2.600 réis para ganhar 10.000 réis – talvez ele estivesse nos dizendo que deixou de ganhar Cr\$ 2.600 (dois mil e seiscentos cruzeiros) para ganhar Cr\$ 10.000 (dez mil cruzeiros). Mas o que realmente nos interessa nessa declaração é o fato de que sua transferência para um clube profissional representou um ganho financeiro para ele: “Era uma vantagem muito grande” (SOUZA, Fortaleza, 04 abr. 2017).

4.3 A experiência de um “clube proletário” entre os profissionais.

A reboque das práticas desportivas encontramos elementos que trazem à tona os conflitos de classe presentes na cidade de Fortaleza durante as décadas de 1950 e 1960. Como nos debruçamos sobre as questões inerentes ao futebol praticado por clubes filiados à Federação Cearense de Desportos, pudemos encontrar tais elementos nos discursos jornalísticos e nos relatos de ex-jogadores que atuaram nesse contexto histórico.

Articulando com o pensamento de E. P. Thompson para quem a consciência de classe se molda em vivências para além do chão da fábrica, sindicatos e movimentos grevistas; entendemos que o desporto pode se apresentar como um espaço de disputa simbólica entre classes. Partindo deste ponto de vista, o que mais vai aparecer não é a classe – que não deve ser entendida como coisa, mas sim como relação –, mas as disputas de classe (THOMPSON, 1987). Tais conflitos não se mostram apenas no campo econômico, mas nos campos cultural, intelectual, midiático e, também, no esportivo. Dessa forma, podemos perceber o futebol como um espaço de conflito de significados a partir da criação ou consolidação de redes de sociabilidade de diferentes classes sociais¹¹⁷.

Essa experiência será sentida na cidade de Fortaleza, através da criação de ligas de futebol amador, bem como os clubes que a integravam. Se por um lado temos os Campeonatos das Indústrias – onde os clubes integrantes são formados por operários de diversas fábricas da cidade –, por outro temos o Campeonato Acadêmico – cujas equipes integrantes eram compostas por alunos dos cursos de nível superior da cidade¹¹⁸. Se os campos suburbanos tinham atividade intensa nos fins de semana, nos campos da Aldeota, o “bairro chic”¹¹⁹ de Fortaleza, realizam-se torneios de futebol como a Copa da Aldeota – disputada entre equipes do próprio bairro, como: Canto do Rio, Ideal, Onze Cearense, Onze da Vila, São Francisco, União Esportiva da Aldeota, Vargas Filho, entre outros. Deste modo, apreendemos como a formação de ligas independentes proporciona espaços de convivência

¹¹⁷ Para o antropólogo Roberto DaMatta, o futebol da materialidade às experiências humanas que muitas vezes estão na esfera simbólica das sociedades. “Pois no futebol (e nos eventos esportivos em geral), temos a oportunidade clara e concreta de passar de um código ideológico para um código visual, auditivo, tátil, corporal, e de odores, totalizando a própria experiência humana. Daí a importância de se estudar os aspectos simbólicos, ideológicos e ritualísticos do futebol, tal como esse esporte é praticado no Brasil” (DAMATTA, 1982, p.14).

¹¹⁸ Alunos dos cursos de Direito, Medicina, Ciências Econômicas, Odontologia, Filosofia e Agronomia formavam equipes para disputar o Campeonato Acadêmico de Futebol nos primeiros anos da década de 1950. Tais torneios eram disputados no campo do CSC no bairro de Porangabussú.

¹¹⁹ O termo bairro chic foi usado pelo Gazeta de Notícias em matéria sobre a agremiação esportiva daquele bairro, a União Esportiva de Aldeota. “Agora chegou a vez da União Esportiva de Aldeota arregimentar todas as forças para realizar mais uma ‘Copa da Aldeota’ que por certo irá reiniciar com muita movimentação de esportes no bairro ‘chic’ da cidade” (**Gazeta de Notícias**, Fortaleza, 19 nov. 1959).

entre seus participantes, além de delimitar quem poderia participar destes eventos. Uma equipe que disputa o Campeonato das Indústrias não participaria do Campeonato Acadêmico, por exemplo.

Mas, a partir do momento que dirigentes e jogadores de equipes amadoras nutrem o interesse em integrar os quadros da FCD, por meio de um processo de profissionalização, o Campeonato Cearense de Futebol torna-se um espaço onde equipes de origens totalmente diferentes podem se confrontar¹²⁰.

Neste ponto, perceber como a experiência de um clube de origem proletária é sentida entre aqueles que compõem o Campeonato Cearense de Futebol é o que nos interessa. Para tanto, nos valeremos do Usina Ceará Atlético Clube durante o tempo em que esteve filiado à instituição máxima do futebol cearense. Tal escolha se dá na medida em que o Usina, além de ser uma equipe gestada a partir do circuito de futebol interfábricas de Fortaleza, tem operários da fábrica patrocinadora – Siqueira Gurgel – integrando seu plantel no campeonato profissional.

Mesmo as disputas deste certame acontecendo sob a tutela da mesma instituição, havia distinção de tratamento entre as equipes por parte de jornalistas, de indivíduos ligados à FCD e dos jogadores. A respeito desse assunto, começemos pela análise dos escritos da imprensa esportiva local.

Por meio dos discursos jornalísticos, percebe-se que existia certa diferença ao falar sobre os clubes que participavam do Campeonato Cearense de Futebol. Durante os primeiros anos da década de 1950, as reportagens elaboradas para tratar das partidas que envolviam o Usina contra os “grandes clubes”¹²¹ da capital à época (Fortaleza, Ferroviário e Ceará), dão diferentes características às formas de jogar das equipes. Enquanto para o Usina,

¹²⁰ A possibilidade de pessoas de diferentes níveis sociais compartilharem os mesmos espaços de jogo deve-se ao processo de consolidação do profissionalismo no futebol brasileiro. A partir da década de 1920, por meio de um profissionalismo que começava a tomar corpo, atletas de origens mais pobres têm a oportunidade de mostrar suas habilidades nos campos antes limitados ao futebol amador, de uso exclusivo dos mais abastados. O processo de popularização do futebol desagrada os *sportmens* – indivíduos da elite econômica das grandes cidades que praticavam esportes como forma de distinção social –, uma vez que os novos “jogadores não tinham a mesma posição social dos primeiros tempos do jogo” (PEREIRA, 1997, p.10).

¹²¹ Não é nosso interesse fazer uma discussão aprofundada sobre a questão do que é ser ou não um “time grande”. Mas é importante salientar que a caracterização de equipe “grande” é estabelecida pela imprensa local e entre os clubes do estado, já que se tomarmos essas mesmas equipes a nível nacional, veremos que não lhes é dado o atributo de “time grande”. Muito pelo contrário, se comparadas às equipes tradicionais da região sudeste do Brasil, CSC, FAC e FEC, veremos que os “grandes” cearenses não terão tanta representatividade no cenário das competições nacionais. Em nível local, segundo o memorialista do futebol cearense Alberto Damasceno, um dos fatores que contribuem para que as equipes federadas fossem tidas como pequenas pela imprensa e aficionados vai ao encontro da questão da torcida. Por não possuírem muitos torcedores, as rendas que são proporcionadas ao se enfrentar um “clube pequeno” deixam a desejar, quando comparada a partidas contra Fortaleza, Ferroviário ou Ceará que tornam campeonato lucrativo (DAMASCENO, 2002, p. 171).

um time de fábrica no meio profissional, são atribuídas peculiaridades como força, entusiasmo e valentia; para os ditos “grandes” temos: categoria, técnica e classe.

É importante lembrar que em meados da década de 1950 o Usina ainda contava com um número considerável de operários-jogadores no seu plantel, principalmente na sua linha de zagueiros, a saber: Viana – tecelão – Franciné – mecânico – e Lobinho – bombeiro hidráulico. Como salientou José Viana de Melo sobre a linha de zagueiros do Usina Ceará em meados da década de 1950: “A gente fazia a linha de três zagueiros, que nesse tempo jogava eu, Franciné e o Lobinho, na linha” (MELO, Fortaleza, 18 mai. 2015). Além da linha de zaga, a “equipe proletária” contava com Dodô – almoxarife –, Pereira e Caiçara – mecânicos – e Adir – contínuo – como funcionários da Siqueira Gurgel que integravam o elenco principal do Usina¹²².

O caráter de time que joga com virilidade é bastante atribuído à “equipe proletária” nos comentários sobre os jogos. Como exemplo, podemos citar duas matérias do jornal “O Povo”, escritas no ano de 1955, que abordam partidas em que o Usina enfrentaria Ferroviário e Ceará em busca de uma vaga no triangular final do campeonato daquele ano. A derrota sofrida pelo Usina por 4 a 2 frente à equipe do Ferroviário foi registrada desta maneira:

O Usina apresentou uma equipe valente, que lutou com o entusiasmo que lhe é característico, mas que pecou muito e não teve consistência técnica para fazer frente ao seu adversário. (...) A melhor categoria técnica do Ferroviário, venceu o entusiasmo do Usina (**O Povo**, Fortaleza, 18 jul. 1955).

Na outra matéria temos: “O Ceará impôs sua melhor classe frente à valentia do Usina”. Esta era a chamada da matéria que iria tratar da partida entre Usina e Ceará, pelo mesmo campeonato. A “equipe proletária” estava cotada para surpreender o alvinegro com uma vitória, uma vez que estreava Cosmo, atleta profissional trazido por uma quantia elevada do América de Natal, equipe tradicional do futebol potiguar. Mas, confirmando os prognósticos, o Ceará vence o Usina por 3 a 1 e o jornal “O Povo” reporta dessa maneira o desenrolar da partida:

Tecnicamente superior, o alvi-negro obteve uma vitória bonita e tranquila – Os “proletários” abriram o escores, mas renderam-se ante a maior classe do adversário. (...) É fato que não houve domínio territorial do vencido sobre o vencedor, porque este soube lutar sempre com valentia e foi um adversário que correu bastante,

¹²² Os nomes, as posições em campo e as funções na fábrica dos operários-jogadores citados nos foram passados por meio das entrevistas realizadas com senhor José Viana de Melo.

obrigando vez por outra a defesa do Ceará um esforço maior (**O Povo**, Fortaleza, 01 ago. 1955).

Assim como essas duas matérias, outras tantas seguiam essa mesma linha de qualificações acerca de uma equipe de futebol que se encontrava participando da elite do futebol profissional cearense e que tinha em sua composição, até então, uma mescla de jogadores profissionais e operários. As reportagens sobre as partidas conferem ao clube características valorosas, mas que podem ser mais identificadas com bons operários do que com atletas profissionais categorizados.

Enquanto o semiprofissionalismo do Usina perdura, com operários-jogadores dividindo espaço com atletas profissionais, o estigma de time de fábrica que se estende para a forma de jogar será recorrente nas páginas esportivas dos periódicos¹²³. Essa questão também será sentida pelos operários da Siqueira Gurgel que integravam o time principal. Ao ser perguntado sobre as condições que os atletas do Usina tinham frente aos atletas de outros clubes, o operário-jogador Viana de Melo nos conta que: “Nós era tido como amador. Eu num to dizendo que era time de fábrica. Agora, dentro de campo os fabricantes davam trabalho” (MELO, Fortaleza, 18 mai. 2015).

Além da atribuição de qualidades específicas de jogo às equipes, outros elementos citados nas páginas esportivas dos impressos da cidade irão contribuir com a consolidação de estereótipos dos clubes que disputavam o Campeonato Cearense de Futebol. Alcinhas e mascotes presentes nos jornais firmavam, no imaginário dos aficionados, identidades para os clubes.

A atribuição de epítetos às equipes de futebol, tão comum hoje, já era utilizada por jornalistas que cobriam os eventos esportivos da cidade entre as décadas de 1950 e 1960. Denominações eram atribuídas para todas as equipes da Primeira Divisão do certame. Entre os anos de 1953 e 1964 – período em que Usina Ceará participa do quadro principal da FCD – o Campeonato Cearense foi disputado por oito equipes, a saber: América, Calouros do Ar,

¹²³ Os indivíduos que integram uma equipe de futebol dão características particulares à forma de jogar. Ao falar sobre a popularização que o futebol passa a ter na Inglaterra no início do século XX, o historiador Hilário Franco Júnior analisa a mudança da forma de jogo da seleção inglesa que vem a reboque desse processo. “Lá [Inglaterra], depois da fase inicial de supremacia das escolas e universidades do Sul, ele [futebol] se tornou domínio das cidades industriais do Centro-Norte do país. Passou a ser esporte operário, o que definiu a própria maneira de jogar, baseada na força física e no sentido de equipe. Por isso as grandes individualidades nunca foram valorizadas na seleção nacional” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p.100). Outro historiador que aborda essa questão é Leonardo Soares Santos. Ao falar sobre as características do estilo de jogo argentino Santos fala que: “A influência européia – trazida por jogadores operários, que trabalhavam em frigoríficos e tecelagens – deu aos argentinos uma noção maior de futebol compactado e coletivo. Em síntese, um futebol de mais marcação e, portanto, mais solidário e competitivo” (SANTOS, 2014, p.17). Interessante perceber que ambos atribuem ao estilo de jogo que deriva do operariado características como força física e coletividade, assim como os adjetivos usados pela imprensa para caracterizar o Usina Ceará.

Ceará, Ferroviário, Fortaleza, Gentilândia, Nacional e Usina. Na maioria das vezes, essas identidades eram fomentadas a partir dos lugares de formação, ou pelas cores dos clubes. A seguir, arrolaremos cada uma das oito equipes com seus respectivos apelidos.

Por ter como cor predominante em seu escudo o vermelho, a equipe do América recebia a alcunha de “Grêmio Rubro”. O Calouros do Ar, criado por oficiais da Aeronáutica da cidade de Fortaleza, é identificado como “Equipe da Base Aérea”. A equipe do CSC, por ser a equipe mais antiga a disputar o campeonato de futebol profissional no estado, é chamada de “Vovô”. Tendo suas origens ligadas aos trabalhadores da RVC, empresa responsável pela construção da estrada de ferro, o FAC recebe o epíteto de “Clube da Estrada de Ferro”. Advém das cores o apelido de “Tricolor de Aço”, atribuído ao FEC, uma vez que seu escudo ostenta o vermelho, o azul e o branco. O Gentilândia era qualificado como “Clube Acadêmico”, uma vez que muitos sócios do clube eram estudantes ou já graduados em cursos superiores, além de sua sede estar instalada no mesmo bairro da Universidade Federal do Ceará. O Nacional, clube que tem sua formação inicial trabalhadores da ECT (Empresa de Correios e Telégrafos) em Fortaleza era denominado como “Time dos Correios e Telégrafos”. Por fim, para o Usina Ceará cabia a alcunha de “Clube Proletário”, uma vez que, mesmo depois de ingressar no quadro principal da FCD, contava com jogadores que trabalhavam na fábrica Siqueira Gurgel.

Além da mera adjetivação, o ato de dar nomes às instituições esportivas, por parte da imprensa, acaba por delimitar os espaços de convivência entre os aficionados. Esses espaços vão além dos lugares ocupados nas arquibancadas dos estádios de futebol, mas nos equipamentos dos clubes que serviam para socializar seus associados. Como vimos no tópico 2.3, a partir da década de 1950, alguns clubes de futebol da cidade têm em seus clubes sociais espaços de sociabilidade que surgem por meio do futebol. Analisemos como os eventos realizados pelo “clube acadêmico” e pelo “clube proletário” vão estar presentes na escrita jornalística.

“HOJE À NOITE NO GENTILÂNDIA A. CLUBE, A “FESTA DOS ANÉIS”” (**O Povo**, Fortaleza, abr. 1951). Em nota central na página esportiva do jornal “O Povo”, o Gentilândia Atlético Clube convidava seus associados para uma “soirée dançante”. O evento intitulava-se festa dos anéis, pois se tratava de uma comemoração em homenagem aos sócios que colaram grau nas diversas faculdades de nossa capital.

“O ‘USINA CEARÁ’ VAI FESTEJAR A CONQUISTA DO TÍTULO DE CAMPEÃO” (**O Povo**, Fortaleza, fev. 1952). Assim era noticiada em pequena nota no canto esquerdo da página esportiva do “O Povo”, a grande festa que seria dada na sede do clube que

ficava na vila operária da fábrica Siqueira Gurgel. Para comemorar o “honroso cetro”, no final da nota, está escrito em destaque: “convite ao povo”.

A partir da análise das notas acima, percebemos propostas distintas de sociabilidade provenientes do futebol. Diferente da “soirée dançante” do “clube acadêmico”, realizada em sua sede no bairro Benfica, que em nenhum momento abre para a participação popular limitando o convite aos seus associados, os dirigentes do “clube operário” convidam a população para a “reunião festiva” que ocorrerá na vila operária em Otávio Bonfim.

Além disso, outro evento que distingue os dois clubes e ajuda a consolidar a ideia do Usina como “clube proletário” é o Campeonato das Indústrias de Fortaleza – evento dedicado aos operários da cidade –, realizado sob patrocínio do Serviço Social das Indústrias nas dependências da fábrica Siqueira Gurgel, Estádio Teófilo Gurgel, “cancha proletária”.

Ao cruzarmos essas informações, veremos nas entrelinhas que espaços distintos de sociabilidade vão sendo constituídos entre instituições que promovem e patrocinam o futebol, uma vez que participar de festas de formatura, bailes de debutantes, competição de misses, matinês dançantes e tertúlias na sede social do “clube acadêmico” apenas para os sócios, tinha muito mais prestígio do que freqüentar os eventos realizados pelo “clube proletário”¹²⁴, sediado num bairro proletário. Assim, podemos apreender que o futebol cria e consolida espaços de sociabilidade de diferentes camadas sociais da cidade.

Retomando aos conteúdos das páginas esportivas, conseguimos enxergar que o mesmo acontecia com os mascotes que eram atribuídos aos clubes. Em meados da década de 1950, o jornal “O Povo” exibia a tabela de classificação do Campeonato Cearense de Futebol ilustrada com os mascotes de cada equipe. Um mascote era atribuído para cada uma. As origens dos clubes e o modelo de seus uniformes dão base para os ilustradores do periódico elaborarem os mascotes das equipes do grupo principal da FCD. Assim como fizemos com as alcunhas dos times, a seguir listaremos os clubes e seus mascotes.

Inspirado nos seus homônimos carioca e potiguar, o América tinha como mascote um diabo. O Calouros do Ar, por ser o “Clube da Base Aérea”, era representado em mascote por um jogador de futebol vestido de aviador. A equipe do Ceará tinha por mascote um homem de barba e cabelos brancos trajando uniforme com listras alvinegras que representava o “vovô”. Já Ferroviário e Fortaleza, tinham mascotes diferentes dos que tem hoje, tubarão e leão, respectivamente. Enquanto o “clube da estrada” era representado por um homem alado trajando uniforme do Ferroviário – blusa branca com três listras horizontais – sobre a roda de

¹²⁴ Sobre a questão de como o clube social do Usina Ceará se inseria no cenários dos clubes sociais da cidade nas décadas de 1950-60 ver o tópico 2.3.

um trem, o “tricolor de aço” tinha um homem com aspecto metálico usando o uniforme tricolor do Fortaleza. Um garoto trajando uniforme do Gentilândia, usando um capelo e segurando um canudo de formatura era o mascote do “clube acadêmico”. Para o “time dos Correios e Telégrafos”, o mascote era um carteiro trajando o uniforme do Nacional – camisa azul com uma listra diagonal branca – portando uma bolsa e segurando uma carta na mão. Por último o mascote do “clube proletário” era um homem vestido de jogador de futebol e que traz uma espécie de chapéu em forma de chaminés em pleno vapor – uma verdadeira antropomorfização do escudo do time, uma vez que este continha uma fábrica com três chaminés em funcionamento.



FIGURA 5 – Tabela de classificação do Campeonato Cearense de Futebol do ano de 1955 publicada nas páginas esportivas do jornal “O Povo”. (*O Povo*, Fortaleza, 04 ago. 1955).

Ao tomarmos o epíteto e o mascote atribuídos ao Usina Ceará pela imprensa local, perceberemos que mesmo o clube já estando em processo de profissionalização, deixando de contar apenas com os operários-jogadores, a caracterização de time de fábrica não o abandona. Mas por que isso acontece? Franco Júnior nos ajuda a entender esse questionamento: “(...), tais rotulações são fotografias de certos momentos históricos, geralmente da formação ou dos primeiros tempos dos clubes, e não realidades presentes. São rótulos que desconsidera a dinâmica histórica”¹²⁵ (FRANCO JÚNIOR, 2007, p.p.322-3).

¹²⁵ De acordo com Franco Júnior, muitas equipes pelo mundo ainda carregam as rotulações de “time dos menos abastados” ou “dos trabalhadores” da cidade devido a sua formação histórica, mesmo que hoje estejam totalmente inseridos no contexto mercantil do esporte. Entre eles estão: Tottenham em Londres, Manchester United em Manchester, Benfica em Lisboa, F.C. Barcelona em Barcelona, Milan em Milão, A.S. Roma em

É importante lembrar que, no meio profissional, ser caracterizada como uma “equipe de fábrica” acaba por qualificá-la negativamente. Mesmo o Ferroviário – que foi pioneiro na aquisição de atletas profissionais no estado, ganhador de três títulos até então (1945, 1950 e 1952) e considerado como um dos “grandes” do futebol local – algumas vezes, tem sua imagem desqualificada devido sua origem proletária. Ao reportar a má campanha do Ferroviário no campeonato da FCD de 1961, o jornalista César Coelho, do “Gazeta de Notícias”, deixa clara a relação existente entre torcer para um time de origem fabril e a classe social a qual pertence: “O Ferroviário que é time de proletário. O seu torcedor é, na sua maioria, o chamado ‘Zé povinho’ que vai ao Presidente Vargas não assistir futebol, mas ver o seu time estimado” (**Gazeta de Notícias**, Fortaleza, 14 jun. 1961). A partir dessa reportagem, podemos perceber o preconceito contra os “proletários” de Fortaleza e que este se estendia para o cenário esportivo. Os aficionados do FAC. não eram chamados de “Zé Povinho” apenas por torcer pelo Ferroviário, mas sim por pertencer ao proletariado da cidade, tendo em vista que a grande maioria de sua torcida era composta por trabalhadores da RVC.

Destarte, os indivíduos que estabelecem algum vínculo com o “clube proletário” acabam por receber essa carga pejorativa. Vejamos como a experiência de participar do Campeonato Cearense de Futebol atuando por um clube de origem fabril é sentida entre jogadores do Usina Ceará. Para tanto, analisaremos o caso do senhor José Viana de Mello – operário-jogador – e José Gerardo da Cruz – profissional pelo Usina e CSC.

“Só o que a gente ouvia era: ‘já viu time de fábrica ganhar campeonato?’” (MELO, Fortaleza, 18 mai. 2015). Percebemos na fala do senhor Viana que as dificuldades e preconceitos sociais enfrentados pela classe operária se estendiam para além das relações de produção fabril e alcançam os gramados, ainda mais quando falamos na prática esportiva que se dava de maneira institucionalizada numa federação, que há muito era controlada por dirigentes dos ditos “times grandes” da capital cearense. Dos 49 campeonatos disputados desde o início em 1915 até o último campeonato em que o Usina foi participante, 1964, apenas 9 títulos não foram conquistados por Fortaleza, Ferroviário ou Ceará, os “grandes do futebol cearense”¹²⁶.

Roma, Real Betis em Sevilha, Alianza em Lima e Cerro Portenho em Assunção (FRANCO JÚNIOR, 2007, p.p.322-3).

¹²⁶ Os nove títulos que não foram conquistados pelos grandes do futebol cearense entre os anos de 1915 e 1964 tiveram os seguintes campeões: Maguari Esporte Clube: 1929, 1936, 1943 e 1944; Orion Futebol Clube: 1930; América Fotball Club: 1935; Tramways Sport Club: 1940; Calouros do Ar Futebol Clube: 1955; Gentilândia Atlético Clube: 1956. Informações retiradas do site da Federação Cearense de Futebol. <http://www.futebolcearense.com.br/2011/campeoes.asp>. Data de acesso: 20 de abril de 2016.

Tomemos as partidas finais do certame de 1957, como exemplo da experiência de ser uma “equipe proletária” no meio profissional. O campeonato deste ano teve um desfecho bastante polêmico, muito devido ao clima de apreensão que rondava a cidade. “Grassava em Fortaleza uma epidemia de gripe apelidada de asiática, que aos poucos ia atacando vários setores como colégios, quartéis etc.” (NIREZ, 2005). Tratava-se de uma pandemia causada pelo vírus H2N2 que matara cerca de quatro milhões de pessoas em todo o mundo. O meio futebolístico não ficou de fora das contaminações da “asiática”. No período que seria realizada a decisão do Campeonato Cearense de Futebol, entre Ceará e Usina, um episódio inusitado foi proporcionado devido a essa doença.

Neste ano, a decisão do campeonato foi disputada em três partidas entre os campeões do primeiro e segundo turno, respectivamente Ceará e Usina (AZEVEDO, 2002). A primeira partida teve a equipe do CSC como vencedora. Já na segunda, a “equipe proletária” logra êxito. Esta última realizou-se mesmo sob reclamações do CSC. A equipe alvinegra pediu o adiamento da segunda partida alegando que alguns de seus jogadores estavam com a gripe asiática e não poderiam jogar. Para o zagueiro alvinegro Alexandre Nepomuceno, os atletas infectados não teriam condições físicas de disputar uma partida de futebol.

“Estávamos gripados mesmo. A asiática era tão forte que tínhamos febre altíssima, dores no corpo todo, moleza. Eu mesmo tentei sair a rua, mas me senti tão mole e a solução foi voltar para os alojamentos onde morava na época” (DAMASCENO, 2002, p.177).

Entendendo que o pedido de adiamento da partida feito pelos dirigentes do CSC tinha relação com a recuperação de dois atletas machucados e não com a gripe asiática, a Federação negou o adiamento da partida e não permitiu que o CSC escalasse aqueles ditos infectados (DAMASCENO, 2002). Na terceira e decisiva disputa, o Ceará leva a melhor sagrando-se campeão cearense em 1957. O gol decisivo da partida foi marcado de maneira irregular pelo atacante Honorato. Segundo Alberto Damasceno, “o Ceará ganhou a primeira, perdeu a segunda e ganhou a “negra” por 1 x 0, o famoso gol de mão de Honorato, que foi expulso de campo, junto com Filgueiras, do Usina, nos minutos finais da partida” (DAMASCENO, 2002, p. 177).

Operários da Siqueira Gurgel ainda compunham o quadro de jogadores titulares do Usina em 1957, como o goleiro Adir – contínuo – e os zagueiros Franciné – mecânico – e Viana – tecelão. De certa forma, a pecha de time de fábrica associada ao clube prejudicava os anseios de obter resultados mais expressivos nos campeonatos da FCD. Ao lembrar do

desfecho do campeonato de 1957, o “zagueiro-proletário”, José Viana nos conta suas impressões:

Porque não podia manter um time pra disputar com o Ceará, como nós tivemos em 57. Nós disputamo a melhor de três com o Ceará. Mas ninguém pôde ganhar, porque time pequeno eles diziam logo: “olha, time de fábrica não pode ser campeão”. Mas eles ganharam o primeiro turno e nós ganhamo o segundo. (...) O gol do Honorato. Ele media um metro e sessenta. A bola foi disputar comigo, na cabeça. (...) Foi. Foi comigo. E ele ganhava? Nunca! Eu pulei e ele botou a mão no meu ombro e colocou com a mão a bola pra dentro do gol. E o juiz apontou pro meio do campo. (...) Time de fábrica? Ah, time de fábrica não pode ganhar jogo não. O juiz mesmo, o Pierre Neto, mesmo dizia. (MELO, Fortaleza, 18 mai. 2015).

De acordo com José Viana, o fato de uma equipe ser associada a uma fábrica a prejudicava quando enfrentavam clubes tradicionais. Tal associação resultava num desfavorecimento frente aos “clubes grandes”, principalmente em partidas decisivas. Nesse caso específico, o favorecimento vem justamente do indivíduo que está no campo para regulamentar e dar ordem à partida, o árbitro. No desenvolvimento de suas funções em campo, o árbitro tem a obrigação de ser imparcial em seus juízos. É bem verdade que o equívoco faz parte de sua profissão, uma vez que decisões devem ser tomadas de maneira quase que simultânea ao acontecimento. Mas, em caso de dúvida, dificilmente a arbitragem viria a favorecer as equipes ditas pequenas e de fábrica.

Em entrevista, o ex-jogador do Usina Ceará e do Ceará Sporting Club, José Gerardo da Cruz, nos revela que havia diferença no tratamento dos juízes com os atletas que pertenciam às equipes grandes. Zé Gerardo inicia sua carreira no Usina Ceará ainda adolescente, depois transferindo-se para o Ceará Sporting Club. Ao ser perguntado se ele sentiu alguma diferença de tratamento dos árbitros ao ser contratado por uma equipe dita grande, ele nos responde:

Aí, você entrou numa seara que é meia diferente. Porque ninguém entendia. Só vai entender, depois que você for pra um time grande. Quando você chega num time grande é que você vê a diferença. A conversa do juiz com você é diferente. (...) Eu conheço juiz que era torcedor do Ceará. De ele chegar pra você e dizer: “calma, calma que essa daí tá ganha”. Isso é maneira do juiz chegar [Risos]? “Calma Zé, calma Zé, que essa tá ganha”. Aí, isso aconteceu várias vezes, depois que eu fui pro Ceará (CRUZ, Fortaleza, 18 nov. 2015).

Ao cruzarmos os depoimentos dos ex-jogadores Viana e Zé Gerardo, podemos ver que os dois relatam a experiência dos favorecimentos aos “times grandes”, mas que a mesma vivência os afeta de maneiras diferentes. Enquanto Zé Gerardo trata essa questão como se as decisões que beneficiam as grandes equipes estivessem carregadas de subjetividade pessoal

do ato de torcer, Viana associa os desfavorecimentos enfrentados por sua equipe a questões extracampo, que estão vinculadas ao fato dos preconceitos sofridos por um time de fábrica que estava inserido entre profissionais.

Além das fontes orais, os “auxílios” da arbitragem às equipes mais tradicionais da FCD também estão registradas nas fontes hemerográficas. Em nota intitulada “A sorte dos pequenos”, o jornalista César Coelho escreve em tons de ironia sobre a dificuldade que as equipes ditas pequenas tinham quando enfrentavam “os grandes” do futebol profissional:

“Como é triste ser pequeno. Um América vencer a um Fortaleza, só se for a pau e isso mesmo se o Bonadies estiver excursionando como o Ceará. E o Usina enfrentar o Ceará sem a pressão de um árbitro, só se o Tosta estiver dormindo em casa e com muita febre. Puxa como é revoltante o predomínio dos primos ricos sobre os primos pobres. Isso devia acabar se houvesse jeito” (**Gazeta de Notícias**, Fortaleza, 16 mai. 1961)¹²⁷.

Se analisarmos esses acontecimentos a partir do insight que Thompson usa para estudar os motins na Inglaterra no séc. XVIII, o que ele chamou de “normas surdas”, podemos perceber em episódios e situações atípicas as normas que estão inseridas nesta temporalidade: quando as disputas no vilarejo eram subitamente deflagradas, os fatos normalmente escondidos emergiam na superfície (THOMPSON, 2001). A partir das situações conflitantes é que os favorecimentos às equipes que controlavam as ações da FCD irão emergir.

O fato é que benefícios às equipes mais tradicionais aconteciam. Tomemos a estrutura na qual os campeonatos eram montados durante a década de 1950. Sua organização era fabricada de modo a privilegiar as equipes tradicionais da cidade. A disputa pelo título se dava em dois ou três turnos, onde todas as equipes se enfrentavam. Os vencedores de cada turno confrontavam-se em disputas diretas – três partidas, chamadas de melhor de três, quando o campeonato se desenrolava em dois turnos ou quando haviam apenas dois vencedores. Já quando o campeonato era disputado em três turnos e havia três vencedores diferentes, estes iriam disputar o título em confrontos diretos entre si, chamados de triangular.

Esses formatos desfavoreciam as equipes de menor orçamento e de elencos menos qualificados, tendo em vista que a repetição de confrontos dava a possibilidade de recuperação das “grandes equipes” que porventura tivessem sido surpreendidas por um “clubes pequeno”. Tomando apenas o período de nosso recorte temporal – 1949 a 1965 – observamos que nos dezessete Campeonatos da Primeira Divisão, disputados durante esse espaço de tempo, apenas cinco contam com um clube considerado pequeno na segunda colocação, sendo

¹²⁷ Citados na matéria, Ricardo Bonadies e José Tosta, foram árbitros da FCD durante as décadas de 1950 e 1960.

quatro conquistados pelo Usina Ceará – 1956, 1957, 1961 e 1962 – e um pelo América – 1954. A situação complica para os pequenos quando analisamos apenas a primeira colocação, já que, nesses mesmos dezessete torneios, somente dois não foram conquistados por Fortaleza, Ferroviário ou Ceará. Calouros do Ar vence em 1955 e Gentilândia ganha em 1956¹²⁸.

É bem verdade que existem os favorecimentos no mundo do futebol. Tais benefícios são praticados e recebidos por indivíduos que ocupam espaços conflitantes nesse cenário. Sejam árbitros, que ao tomar decisões duvidosas conseguem influenciar no resultado final da partida; sejam dirigentes, que ao oferecer a “mala branca”¹²⁹ para uma equipe interferem no posicionamento e desempenho dos atletas que a recebem; ou até mesmo a torcida, que consegue motivar seu time de coração ou amedrontar o rival. Mas, mesmo que tais favorecimentos existam e contribuam diretamente nos resultados dos confrontos, não tomaremos aqui o posicionamento que vitimiza sempre a menor equipe, uma vez que no esporte, principalmente o futebol, o fator da imprevisibilidade está presente. Ou seja, por mais que as pré-condições determinantes – jogar em casa ao lado de sua torcida, ser favorecido por decisões dos árbitros, garantia de recebimento de gratificação ao fim do jogo e melhor preparo técnico e físico – sejam favoráveis, o êxito nem sempre é garantido.

Ao tomarmos as ideias da filósofa alemã Hanna Arendt (1992) sobre a importância de perceber as minúcias presentes na ação do sujeito histórico – entenda-se sujeito histórico aqui como: indivíduo, grupo ou classe –, uma vez que o próprio sujeito também é resultante de sua ação, devemos perceber, para além de antecipações superficiais, como as ações individuais, que tem certo teor de imprevisibilidade, se inserem numa teia social complexa de interesses conflitantes que estão se desenvolvendo e se concretizando mutuamente.

¹²⁸ Federação Cearense de Futebol. <http://www.futebolcearense.com.br/2011/campeoes.asp>. Data de acesso: 10 de maio de 2016.

¹²⁹ “Mala branca” é uma expressão usada no meio futebolístico muito ouvida, principalmente às vésperas de jogos decisivos. Tal termo significa um incentivo financeiro oferecido por representantes de um clube para que outro time vença em benefício do clube que forneceu o incentivo. Ainda hoje, os casos de “mala branca” no futebol ainda geram muita polêmica e são notícia na imprensa esportiva. O último caso envolvendo “mala branca” na Primeira Divisão do Campeonato Cearense de Futebol foi em 2012 e teve Ferroviário e Itapipoca como protagonistas. “O vice-presidente do Ferroviário, Tomaz Holanda, em entrevista ao programa Trem Bala da Rádio O POVO/CBN desta quarta-feira (11), reafirmou o empenho da diretoria coral para livrar o Tubarão da Barra do rebaixamento. Dependendo de outro resultado para atingir o objetivo, o dirigente admitiu que o Ferrão pretende oferecer mala branca ao Itapipoca”. Disponível em: <http://esportes.opovo.com.br/app/esportes/clubes/ferroviario/2012/04/11/noticiasferroviario,2315621/vice-presidente-do-ferroviario-admite-oferecer-mala-branca-ao-itapipoca-ouca-entrevista.shtml>. Data de acesso: 13 de fevereiro de 2017.

É importante que tenhamos em mente que, mesmo que haja condições determinantes, os indivíduos históricos têm poder de agência. Analisando a prática do futebol sob essa perspectiva percebemos que, por mais que haja uma fabricação, por meio de um planejamento racional, no esporte, a ação, muitas vezes, se sobrepõe, uma vez que há no jogo o fator da imprevisibilidade. O clube maior e melhor preparado nem sempre vence o menor¹³⁰. Diversos são os exemplos que são sentidos nessa perspectiva no mundo do futebol. Como amostra dessa situação em nosso recorte histórico, como dito acima, tomemos os títulos do Campeonato Cearense de Futebol dos anos de 1955 e 1956, conquistados respectivamente por Calouros do Ar Futebol Clube e Gentilândia Atlético Clube. Ambas as equipes são consideradas clubes pequenos, por não proporcionarem grandes rendas como Fortaleza e Ceará, tornando o Campeonato Cearense deficitário¹³¹ (DAMASCENO, 2002, p. 171).

Retomando a questão da identidade pejorativa que um clube de origem fabril detinha entre os profissionais, vejamos o posicionamento dos dirigentes do “clube proletário” quanto a isso.

Percebendo que a associação de seu clube a uma identidade operária seria prejudicial às pretensões do Usina Ceará no meio profissional, os próprios dirigentes da Siqueira Gurgel tentam desvinculá-lo desta identificação. A mudança do escudo que o clube estampa nas camisas dos jogadores é um indício dessa tentativa.

“O escudo é praticamente a síntese material do clube, sua corporificação, daí a atenção e tensão de que é cercado” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p.216). Composto por uma fábrica com três chaminés em funcionamento e o nome Usina abaixo da fábrica em forma de semi-arco, o “clube proletário” já assumia sua identidade de fábrica no primeiro brasão estampado no uniforme de seus jogadores, como podemos observar na fotografia a seguir.

¹³⁰ O antropólogo Roberto DaMatta aponta para o futebol como sendo o esporte que mais se aproxima com o jogo, no sentido da incerteza que é posta durante as partidas, mesmo depois de sua mercantilização. “Quer dizer, de todas as atividades lúdicas que se transformaram em esporte e ganharam moldura racional, plenamente integrada ao universo do capitalismo e do espetáculo de massa, destinado a produzir dinheiro, o futebol foi o que mais preservou a dimensão de uma incerteza que irradia o drama e a excitação que todos pagamos para ver” (DAMATTA, 2006, p.60).

¹³¹ Ao analisarmos os números de algumas rodadas do Campeonato Cearense de Futebol, percebemos que a questão do valor da renda obtida nas partidas, consequentemente o número de torcedores que vão ao estádio, está mais ligada à questão da campanha que o clube faz, do que propriamente sua tradição no futebol. Como experiência dessa situação, tomemos o próprio Calouros do Ar juntamente com o Usina Ceará. Na decisão do terceiro turno do campeonato de 1961, a renda conseguida naquela partida disputada entre as equipes da base aérea e os proletários, tidas como pequenas, chega à cifra de Cr\$ 215. 775,00 (duzentos e quinze mil setecentos e setenta e cinco cruzeiros) (**Gazeta de Notícias**, Fortaleza, 18 dez. 1961). Se considerarmos que, neste mesmo ano, as rendas das partidas que o Usina disputa com os três grandes da Capital somadas chegam ao valor de Cr\$ 58.335,00 (cinquenta e oito mil trezentos e trinta e cinco cruzeiros), veremos que a presença ou não de torcida nos estádios, vai além da questão de ser um time grande. Ela está, também, relacionada aos desempenhos que os clubes desempenham naquele momento.



FIGURA 6 – Elenco e escudo do Usina Ceará em 1952. Nela podemos ver a equipe do Usina Ceará integrante do quadro de 1952, responsável pelo acesso ao quadro principal da FCD. Arquivo pessoal do senhor Viana. À direita da fotografia temos o escudo estampado nos uniformes dos atletas da foto, o primeiro escudo usado pelo Usina Ceará.

Na segunda metade da década de 1950, conjuntamente ao processo de profissionalização ao qual passava o Usina Ceará - aquisição de novos espaços e equipamentos esportivos como sede social e contratação de atletas profissionais –, o escudo estampado na blusa de seus atletas foi substituído por um novo que em nada remetia à corporificação proletária do clube, como o escudo anterior.



FIGURA 7 – Elenco e escudo do Usina Ceará em fins da década de 1950. Nela podemos ver a equipe do Usina com o novo brasão estampado no uniforme de seus atletas. À direita da fotografia, temos o novo escudo melhor detalhado.

Como podemos ver na fotografia da página anterior, o Usina deixa de ter a fábrica como componente do escudo que os atletas estampam no peito e toma novo formato, agora com um brasão mais moderno – com listras verticais nas cores azul e branca e o nome da equipe na parte superior interna¹³². Para o operário-jogador José Viana de Melo, a mudança de escudo tem uma explicação: “Achavam que a gente era jogador de “time proletário”, não tinha valor. Ai, o seu Eduardo tramou mais o doutor “Zé Alci” que era por causa da chaminé da fábrica. ‘Vamo fazer outro escudo’. Aí mudaram pra esse aí”¹³³ (MELO, Fortaleza, 02 nov. 2016).

Ao ser questionado sobre a mudança do escudo do Usina, senhor Viana nos revela que a associação que o escudo anterior da equipe poderia ter com uma identidade proletária prejudicaria a imagem do clube e de seus jogadores. O fato de nosso entrevistado ter feito a associação entre proletário e não ter valor, nos mostra como ele tenta dar sentido entre o fato e o contexto histórico dos operários fortalezenses em meados da década de 1950. Tal fala vem carregada de sentimento de quem foi operário na cidade de Fortaleza durante a década de 1950 e 1960 e provavelmente sentiu os preconceitos e qualificações pejorativas as quais as classes não preeminentes suportavam. Portanto, para que se conseguisse melhores resultados, seria interessante que os dirigentes do Usina desvinculassem seu brasão dos símbolos fabris¹³⁴.

O escudo é modificado, mas as cores permanecem as mesmas. O azul e o branco vão ajudar a formar a identidade do Usina Ceará até a sua desfiliação da FCD¹³⁵. Se estabelecermos uma relação entre as cores do “clube proletário” e as cores dos demais clubes formados por operários no Brasil e noutros países veremos que as cores azul e branca pouco tem identificação com os clubes historicamente ligados ao proletariado. Tais equipes terão suas cores mais associadas com o vermelho e preto. Como é o caso do FAC. no futebol

¹³² Interessante atentar para a forma como os atletas se postam nas fotografias. Enquanto na primeira, os jogadores do Usina adotam uma postura mais à vontade, onde a maioria se encontram sentados; na segunda imagem vemos os atletas numa postura totalmente diferente, onde tomam forma das fotografias clássicas de equipes profissionais, onde a equipe fica dividida entre atletas de pé e outros de cócoras.

¹³³ Essa resposta nos foi dada na terceira entrevista realizada com José Viana de Melo. Nesta entrevista, foram apresentadas ao entrevistado algumas fotografias do Usina Ceará Atlético Clube que foram conseguidas no decorrer da pesquisa. Desta forma, nosso entrevistado conseguiu visualizar os diferentes escudos do Usina Ceará.

¹³⁴ Mesmo havendo a mudança do escudo na tentativa de dissociação da identidade fabril, o primeiro escudo que ficou no imaginário daqueles que vivenciaram o futebol no período de existência do Usina. Edmar Gurgel, ex-atleta do Usina, nos revela suas lembranças do escudo do “clube proletário”: “Se e a memória não me falha, era uma espécie de um desenho de fábrica com chaminés saindo fumaça. É uma das estampas mais conhecidas, né!” (COELHO, Fortaleza, 24 out. 2015). Ao ser questionado sobre como era o distintivo do Usina, senhor Edmar dá detalhes do primeiro emblema e nem menciona o escudo com traços mais modernos.

¹³⁵ Outro epíteto o qual o Usina era tratado tinha a ver com suas cores, “azulino de Otávio Bonfim”. Este era usado bem menos do que “clube proletário”.

cearense; noutros estados temos o Ferroviário do Paraná – uma das equipes que originou o Paraná Futebol Clube – e o Paulista de Jundiaí – SP, ambos adotam o vermelho entre suas cores e são oriundos de funcionários de ferrovias (PINTO: 2008, p.22). Já na Itália, nas cidades de Milão e Roma, enquanto Milan e Roma se apresentam, respectivamente, como equipes gestadas entre o proletariado urbano e que adotam o vermelho como uma de suas cores, seus rivais, Internazionale e Lazio – que guardam relações com a burguesia urbana e aristocracia rural – usam o azul entre suas cores (FRANCO JUNIOR, 2007, p.218).

Destarte, por mais que o Usina Ceará fosse taxado de “clube proletário”, no que se refere às cores e, por que não dizer, ao nome¹³⁶ – que divulga o nome de uma empresa e não o nome de um ofício – podemos perceber que pouco o “clube proletário” se aproxima das características dos clubes historicamente formados por trabalhadores urbanos. Como vimos no primeiro capítulo, os dirigentes da Siqueira Gurgel viam no Usina Ceará uma ferramenta de divulgação da marca e de seus produtos.

¹³⁶ Sobre a relação do nome do clube e a divulgação do nome da empresa ver tópico 2.1 desta dissertação.

5 CONCLUSÃO

Em cinco de dezembro de 1964, o Usina Ceará Atlético Clube faz sua última partida pelo Campeonato Cearense de Futebol, vencendo o Calouros do Ar por 1 x 0 (SMAPAIO, 2007, p. 74). Com o fim do apoio financeiro de sua instituição financiadora, a fábrica Siqueira Gurgel & Cia. Ltda., a permanência do “clube proletário” nos quadros da elite das equipes da FCD fica praticamente impossível. A falta de apoio financeiro da Siqueira Gurgel ao seu clube de futebol tem ligação direta com o golpe civil-militar de 1964 (FARIAS; FARIAS, 2005, p.59).

No ano de 1965, período de desfiliação do Usina da FCD, a fábrica Siqueira Gurgel tinha como diretor executivo e acionista majoritário o Deputado Federal Moisés Santiago Pimentel, que teve seu mandato e direitos políticos cassados por dez anos, acusado de simpatizar com ideias comunistas¹³⁷. Devido às dificuldades econômicas enfrentadas pela sua principal fonte de renda, o clube encerra suas atividades profissionais, não chegando a participar do certame de 1965.

Não foi nosso intento fazer uma história do “clube proletário”. Por mais que este tenha sido nosso objeto de pesquisa, nossa análise não teve a intenção de se pautar numa narração histórica cronológica da existência do Usina Ceará. Além disso, não desejamos apresentá-lo como uma instituição de identificação de todo o proletariado fortalezense, até porque aqueles que torciam e se identificavam com o “clube proletário” eram, na sua grande maioria, os operários da Siqueira Gurgel ou moradores das cercanias do bairro Otávio Bonfim. Nem tão pouco, tivemos a intenção de mostrá-lo como uma ferramenta agregadora de classe na luta contra o patronato da cidade.

Entretanto, por meio do “clube proletário”, pudemos observar como se dava a prática do futebol fabril que transita entre os circuitos interfábrica e o profissional, uma vez que a particularidade do Usina Ceará, quando comparado às outras equipes fabris, reside no fato do “clube proletário” ser o único time de futebol gestado em meio fabril a conseguir integrar a elite das equipes da FCD entre os anos de 1953 e 1965.

No entanto, para entendermos o porquê dessa especificidade do Usina Ceará, precisamos lembrar que durante a década de 1950, a prática do futebol, que se dava entre as equipes inscritas nas federações subsidiadas à Confederação Brasileira de Desporto (CBD),

¹³⁷ Todas as informações contidas nesse parágrafo sobre Moisés Pimentel foram retiradas do acervo biográfico do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV). Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/moisessantiago-pimentel>. Data de acesso: 28 de abril de 2017.

estava passando por um processo de profissionalização, com a obrigatoriedade dos clubes terem atletas profissionais compondo seus elencos, como condição de manterem-se filiados à instituição máxima do desporto brasileiro. Desta forma, compreendemos, também, como se deu o processo de profissionalização do “clube proletário”.

A partir desse fato, abordamos os significados que permeavam as relações entre imprensa, atletas e FCD, no sentido de entender as nuances, para além dos gramados, de um clube fabril entre profissionais, onde os desfavorecimentos e preconceitos sofridos pelos operários da cidade se estendiam para os gramados.

No Usina Ceará, durante boa parte dos anos em que esteve inserido nos quadros da FCD, jogadores profissionais dividiam espaços com operários-jogadores, trabalhadores da fábrica Siqueira Gurgel que jogavam no “clube proletário”. Analisamos as tensões existentes entre as categorias de profissionais e operários-jogadores dentro do clube, onde, principalmente nas questões contratuais, a relação entre essas categorias não se deram de forma tranquila.

As questões pertinentes aos operários-jogadores também foram discutidas sob outras perspectivas que vão além dos gramados e se estendem para o chão da fábrica. Para além de um lazer da classe operária – segundo Hobsbawm (1987), o futebol está para o proletariado como uma religião leiga – o futebol se apresenta para os operários-jogadores, como uma forma de resistência aos desmandos patronais.

Procuramos nos afastar do lugar comum, o qual considera o futebol alienante, sendo usado como ferramenta de domesticação dos operários pelos patrões. É bem verdade que essa intenção existe e, muitas vezes, nos fica claro quais são os objetivos patronais – observância das horas livres do trabalhador, por meio da montagem de times e campeonatos interfábricas, para que, principalmente, os domingos não sejam investidos num ócio degenerativo, podendo causar prejuízo na capacidade produtiva de seus empregados. Tomemos como exemplo os Campeonatos das Indústrias de Fortaleza. Patrocinados pelo Serviço Social da Indústria (SESI), esses torneios tinham por objetivo disciplinar o futebol praticado por operários nos subúrbios de Fortaleza, trazendo para a tutela dos dirigentes fabris a organização dos clubes.

Mas, no decorrer da pesquisa, a partir do contato com as fontes, percebemos o futebol como uma forma de sociabilidade daqueles operários que gostavam ou praticavam esse esporte. Além de enxergar o esporte bretão como um meio de agência e resistência individual entre os muros da fábrica para aqueles operários que exibem boas qualidades físicas, táticas e técnicas no time de futebol. O bom desempenho no clube lhe garantiria

privilégios no trabalho fabril – menor carga-horária de trabalho, trabalhos mais leves, bonificações no salário e possibilidade de ascensão funcional na empresa – e perspectivas como jogador de futebol – possibilidade de profissionalização ou transferência para outros clubes com melhores remunerações.

Para tanto, nos foi de grande valia o material levantado através das entrevistas realizadas com os ex-craques da bola de nossa cidade, uma vez que nos deu oportunidade de ampliar os sentidos de nossa análise histórica, muitas vezes, limitados pelo material fornecido pelas fontes escritas (GISAFRAN, 2011). Não buscamos tomar as entrevistas como verdades absolutas, mas compreender como se produzem e explicar as diferentes versões que os diversos atores sociais envolvidos apresentam para cada caso (CHALOUB, 2001, p.40). Destarte, foi fundamental a realização de entrevistas com diversos atores presentes no mesmo sistema social, a saber: jogador profissional, aspirante, empresário e operário-jogador.

Ainda sobre as entrevistas, vale ressaltar a importância daquelas feitas com o senhor José Viana de Melo, último operário-jogador do Usina Ceará vivo, uma vez que sem ele não seria possível obter a perspectiva do operário-jogador que está inserido entre a dinâmica fabril e o futebol profissional, já que pouco material encontramos nas fontes hemerográficas.

Muitas vezes, os desportos, principalmente o futebol, foram mote para abordarmos as transformações do espaço geográfico provocadas pelo processo de urbanização da capital cearense. Tivemos a oportunidade de refletir sobre equipamentos de lazer da cidade, bem como aqueles fomentados pelos empresários da fábrica Siqueira Gurgel. Identificamos as representações social e simbólica que o clube social do Usina Ceará e o estádio de futebol Coronel Teófilo Gurgel tinham na esfera do bairro Otávio Bonfim, onde foram erigidos, bem como no âmbito da cidade. Tais representações também eram sentidas na distinção dos indivíduos que freqüentavam esses espaços.

Outro aspecto social que tivemos oportunidade de discutir nesta pesquisa através do futebol foi as más condições de vida e de trabalho as quais a grande maioria dos operários estavam sujeitos, devido ao processo de industrialização que se deu de maneira desigual na cidade de Fortaleza. Para tanto, a pesquisa nas páginas do jornal “O Democrata” foi de fundamental importância, uma vez que pudemos obter informações do cotidiano fabril – no nosso caso demos ênfase aos trabalhadores têxteis –, bem como dos aspectos da situação urbana em que esses trabalhadores estavam inseridos, como: a infraestrutura dos bairros operários, as condições dos transportes públicos, o abuso de autoridade que sofriam por parte de guardas civis, além do valor dos preços de produtos de primeira necessidade. Portanto, ter

noção de toda essa dinâmica urbana dos menos abastados, muitas vezes silenciados nos demais periódicos, nos deu subsídios para entender o contexto social daqueles que escrevemos sobre.

Encerramos este trabalho com a confiança de que os “gramados do futebol” revelam-se como um campo fértil para o estudo dos conflitos de classe presentes numa sociedade e o Usina Ceará, por ser um clube gestado nas disputas interfábricas da cidade e que chega a participar do grupo seletivo de equipes profissionais filiadas à FCD se apresenta como um oportuno objeto de estudo para perceber como esses conflitos reverberam no meio esportivo.

REFERÊNCIAS

INSTITUIÇÕES DE PESQUISA

Arquivo do Serviço Social da Indústria (Núcleo Parangaba) – Fortaleza;

Biblioteca de Ciências e Tecnologia, Universidade Federal do Ceará (BCT-UFC) –Fortaleza;

Biblioteca do Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará (BCH-UFC) – Fortaleza;

Biblioteca do Museu da Indústria – Fortaleza;

Biblioteca do Plebeu Gabinete de Leitura – Fortaleza;

Biblioteca Liberal de Castro, Universidade Federal do Ceará (Arquitetura e Urbanismo) – Fortaleza;

Hemeroteca da Associação Cearense de Imprensa – Fortaleza;

Hemeroteca do Instituto Histórico do Ceará – Fortaleza.

ENTREVISTAS

Edmar Gurgel Coelho foi ex-jogador do time de aspirantes do Usina Ceará, chegando a atuar algumas vezes no quadro principal da equipe do Usina Ceará, durante os anos de 1955 a 1959, além de ter trabalhado na fábrica Siqueira Gurgel, de início como contínuo e chegando até chefe de almoxarifado. Reside na Rua Fonseca Lobo, nº 1528, apartamento 603, Aldeota, Fortaleza/CE. Entrevista realiza por Pedro Paulo da Silva Martins na residência do entrevistado no dia 24 de outubro de 2015, com duração de 60 minutos e 14 segundos.

Eduardo Gurgel foi ex-sócio da Siqueira Gurgel e presidente de honra do Usina Ceará.

Entrevista gravada e arquivada e disponível no acervo do Núcleo de Documentação Cultural da Universidade Federal do Ceará (NUDOC-UFC), Programa de História Oral.

José Alves de Souza, mais conhecido como Zé do Mário, disputou Campeonatos das Indústrias de Fortaleza pelo Usina Parangaba em fins da década de 1950, além de ter jogado como profissional pelo Ferroviário entre os anos de 1964 e 1966. Reside na Rua Guarani, nº 1781, João XIII, Fortaleza/CE. Entrevista realizada por Pedro Paulo da Silva Martins na residência do entrevistado no dia 04 de abril de 2017, com duração de 75 minutos e 30 segundos.

José Gerardo da Cruz, mais conhecido como Zé Gerardo, foi jogador profissional nos anos de 1958 a 1974, jogando pelo Usina Ceará entre 1953 a 1963. Reside na Rua Ribeiro da Silva, nº 64, Monte Castelo, Fortaleza/CE. Entrevista realizada por Pedro Paulo da Silva Martins na Associação Cearense de Imprensa (Rua Floriano Peixoto, nº735, 4º Andar, Centro), no dia 18 de novembro de 2015, com duração de 82 minutos e 27 segundos.

José Viana Melo foi ex-jogador do Usina Ceará da fábrica Siqueira Gurgel entre dos anos de 1952 a 1961, tendo trabalhado como tecelão da fábrica Siqueira Gurgel. Reside na Rua Viçosa, nº 86, Jardim América, Fortaleza/CE. Foram três entrevistas realizadas por Pedro Paulo da Silva Martins todas na residência do entrevistado. A primeira foi realizada em 18 de maio de 2015, com duração de 68 minutos e 37 segundos. A segunda foi realizada em 14 de janeiro de 2016, com duração de 74 minutos e 34 segundos. A terceira entrevista foi realizada em 02 de novembro de 2016, com duração de 81 minutos e 15 segundos.

LEIS

BRASIL. **Decreto-Lei n.º 5.452/1943**, (01 de maio de 1943). Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del5452.htm

BRASIL. **Decreto-Lei n.º 9.403/46** (25 de junho de 1946). Criação do Serviço Social da Indústria. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del9403.htm

MEMORIALISTAS

AZEVEDO, Nirez de. **História do Campeonato Cearense de Futebol** Fortaleza: Equatorial Produções, 2002.

DAMASCENO, Alberto. **Futebol Cearense: a história**. Fortaleza, 2011.

_____. **Presepadas no mundo da bola**. Fortaleza, Governo do Estado do Ceará, 2003.

_____. **Futebol Cearense: um século de história**. Fortaleza: Arte Gráfica, 2002.

LIMA, Ivan Cezar. **O apito que não trila mais**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1998.

MORAES, Vicente de Pula Falcão. **Anos dourados em Otávio Bonfim: à memória de Frei Lauro**. Fortaleza: IURIS, 1998.

SALDANHA, João. **Os subterrâneos do futebol**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

SAMPAIO, Alfredo. **Futebol cearense:retalhos históricos**. Fortaleza, Impreco, 2007

JORNAIS

“Correio do Ceará”. Fortaleza – 1950, 1953, 1957 1958, 1961, 1964, 1965;
 “Gazeta de Notícias”. Fortaleza – 1957, 1959, 1960, 1961, 1962;
 “O Democrata”. Fortaleza – 1950, 1951, 1952, 1956 1957, 1958;
 “O Estado”. Fortaleza – 1948;
 “O Nordeste”. Fortaleza – 1959;
 “O Povo”. Fortaleza – 1951, 1952, 1955;
 “Tribuna do Ceará”. Fortaleza – 1958;
 “Unitário”. Fortaleza – 1952, 1953.

REVISTAS

“Canha”. Fortaleza – 1949.
 “Esporte Ilustrado”. Rio de Janeiro – 1952.
 “O Crack”. Fortaleza – Agosto e Setembro de 1961.

PESQUISAS

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia Estatística). **População nos Censos Demográficos, segundo municípios das capitais, 1872/2010**. Disponível em:
<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=6&uf=00> Data de acesso:
 14.04.2014.

_____. **Anuário estatístico do Brasil**.
 I-B) Salário mínimo estabelecido para os Municípios das Capitais, 1943/1963. Disponível em:
http://seculoxx.ibge.gov.br/images/seculoxx/arquivos_download/trabalho/1963/trabalho1963aeb_099.pdf Data de acesso: 23.05.2016.
 SESI-CE (Serviço Social da Indústria - Departamento Regional do Ceará). **Relatórios Anuais**, 1953 a 1962.

FGV (Fundação Getúlio Vargas). **Acervo Biográfico do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil**. Disponível em:
<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/moises-santiago-pimentel>
 Data de acesso: 28.04.2017.

SESI (Serviço Social da Indústria) Departamento Regional do Ceará. **Relatório das Atividades Anuais** – 1953, 1954, 1955, 1956, 1958, 1959 e 1961.

BIBLIOGRAFIA

- ALBERTI, Verena. **Histórias dentro da História**. In: PINSK, Carla Bassanezi (Org.). Fontes Históricas. 3ªEd. São Paulo: Contexto, 2011, p.p 155-189.
- ALMEIDA, Maria Iselda Rocha. **A história da indústria de óleos vegetais no Ceará: 1900 – 1960**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1989.
- ANTUNES, Fátima Martim Rodrigues Ferreira. **O futebol nas fábricas**. Revista USP: dossiê Futebol. São Paulo, n. 22, jun-ago, 1994. p.p.102-109.
- ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- ARÓSTEGUI, Julio. **A Pesquisa Histórica: teoria e método**. Bauru/SP: EDUSC, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. **Como é Possível ser Esportivo?** In. BOURDIEU, Pierre. Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1983.
- CALDAS, Waldenyr. **Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro**. Revista USP: dossiê Futebol. São Paulo, n. 22, jun-ago, 1994. p.p.41-49.
- CAMPOS, Flávio de. **Arquitetura da exclusão**:Apontamentos para a inquietação com o confronto. In: Flávio de Campos & Daniela Alfonsi (Org.). Futebol objeto das ciências humanas. São Paulo: Leya, 2014. (pags.350-363)
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço e indústria**. São Paulo: Contexto, 1992.
- CASTORIADIS, C. **A Experiência do Movimento Operário**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque. 2.ed. São Paulo: UNICAMP, 2001.
- DAMATTA, Roberto. **A bola corre mais que os homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- _____. Introdução. In: DaMATTA, Roberto e outros. **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1982. (pags.59 -74).
- DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão**: formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed., 2007.
- _____. **O espetáculo das identidades e alteridade** – As lutas pelo reconhecimento do espectro do clubismo brasileiro. In. Flávio de Campos & Daniela Alfonsi (Org.). Futebol objeto das ciências humanas. São Paulo: Leya, 2014. (pag.24-55).
- DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1973. p.20
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.
- FARIAS, Airton de e FARIAS, Vagner. **Fortaleza**: história, glória e tradição. Fortaleza: Livro Técnico, 2005.

FERREIRA, Fernando da Costa. **Futebol de classe**: a importância dos times de fábrica nos primeiros anos do século XX. Revista Digital, Buenos Aires, nº 90, novembro, 2005.

FRANCO JÚNIOR. **A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **Futebol**: sociedade e cultura. In: Flávio de Campos & Daniela Alfonsi (Org.). Futebol objeto das ciências humanas. São Paulo: Leya, 2014. (pag.366 -383).

GAFFNEY, Christopher. & MASCARENHAS, Gilmar. **O estádio de futebol como espaço disciplinar**. Seminário Internacional Michel Foucault – Perspectivas: Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&PM POCKET, 2012.

GEREMEK, Bronislaw. **A piedade e a força**: história da miséria e da caridade na Europa. Lisboa: Terramar, 1986.

GIULIANOTI, Richard. **Sociologia do futebol**: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2002.

GUEDES, Simoni Lahud. **Subúrbio**: celeiro de craques. In: DaMATTA, Roberto e outros. Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982, (pags.59 -74).

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil**: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2010.

HOBBSAWM, Eric J. **Mundos do trabalho**: novos estudos sobre a história operária. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Os Trabalhadores**: estudos sobre a história do operariado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**: o jogo como complemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 4ª. Edição, 2000.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **A oralidade dos velhos na polifonia urbana**. Fortaleza: Premius, 2011.

_____. **O lazer em Fortaleza (1945 – 1960)**. Fortaleza: UFC/NUDOC, 1996.

_____. **Verso e reverso do perfil urbano de Fortaleza (1945-1960)**. São Paulo: Annablume, 2000.

LOPES, José S. Leite. **A vitória do futebol que incorporou a pelada**. Revista USP: dossiê Futebol. São Paulo, n. 22, jun-ago, 1994. p.p. 64-83.

- _____. **Classe, Etnicidade e Cor na Formação do Futebol Brasileiro**. In: C.H.M. Batalha, F. Teixeira da Silva, A. Fortes. (Org.). *Cultura de Classe*. Campinas: Ed. UNICAMP, 2004. (pags.121-163).
- MARTINS, Ana Luiz. **Revistas em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República, São Paulo (1890-1922)**. São Paulo: FAPESP, 2008.
- MASCARENHAS, Gilmar. **Várzea, operários e futebol: uma outra geografia**. In: *GEOgraphia*, Vol. 4, Nº 8 (2002).
- MELLO, João Manuel Cardoso de; NOVAIS, Fernando A. **Capitalismo e sociabilidade moderna**. In: Fernando A. NOVAIS (coordenador geral da coleção). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- MURRAY, Bill. **Uma história do Futebol**. São Paulo: HEDRA, 2000.
- NEVES, Frederico de Castro. **Para Futuros Historiadores: Teoria e História na Música de Chico Buarque de Holanda**. In: Antônio Germano Magalhães Júnior; José Gerardo Vasconcelos. (Org.). *Linguagens da História*. Fortaleza: imprece, 2003.
- NIREZ. **Cronologia ilustrada de Fortaleza: roteiro para um turismo histórico e cultural**. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2001.
- NOBRE, Geraldo da Silva. **Introdução à história do jornalismo cearense**. Fortaleza: NUDOC / Secretaria da Cultura do Estado do Ceará – Arquivo Público, 2006.
- NOGUEIRA JÚNIOR, José Saraiva. **Mozart: uma trajetória inquieta no futebol**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2013.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footbalmania: uma história Social do Futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)**. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 2000.
- _____. **Pelos campos da nação: um goal-keeper nos primeiros anos do futebol brasileiro**. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 23-40, jul. 1997.
- PINHEIRO, Caio Lucas Moraes. **O jogo como meio de vida e para satisfazer a platéia: o processo de profissionalização do futebol cearense (1938-1960)**. Monografia de Licenciatura em História – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013.
- PINTO, Rodrigo Márcio Souza. **Do passeio público à ferrovia: o futebol proletário em Fortaleza (1904-1945)**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Departamento de História, Fortaleza-CE, 2008.
- POLANYI, Karl. **A grande transformação: as origens de nossa época**. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
- PONTES, Albertina Mirtes de Freitas. **A cidade dos clubes: modernidade e “glamour” na Fortaleza de 1950/1970**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005

- PORTELLI, Alessandro. O que Faz a História Oral Diferente. **Projeto História**. São Paulo, v 14, p. 25-38, fevereiro, 1997a.
- _____. Tentando Aprender um Pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. **Projeto História**, São Paulo, v 15, p. 13-33. abril, 1997b.
- RAMOS, Roberto. **Futebol: ideologia do poder**. Petrópolis: Vozes, 1988.
- ROSENFELD, Anatol. Negro, macumba e futebol. São Paulo: Editora Perspectiva, 1993.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. **O prazer justificado**. História e lazer (São Paulo, 1969 – 1979) SÃO PAULO: MARCO ZERO, 1994.
- SANTOS, Lídia Noêmia. **Brotinhos e seus problemas: juventude e gênero na imprensa fortalezense da década de 1950**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2011.
- SANTOS, L. S. **Notas sobre o futebol operário: esporte, identidade e trabalho fabril no Brasil, Argentina e Uruguai**. Campos; NEPETS/UFF, 2014.
- SEVCENKO, Nicolau. “**Futebol: Metrôpoles e Desatinos**”. dossiê Futebol: Revista USP, n.22, jun., jul., ago. 1994, p.30-37.
- SCOTT, James. **A dominação e a Arte da Resistência: discursos ocultos**. Lisboa: Letra Livre, 2013.
- SOARES, Antônio Jorge. História e a invenção das tradições. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 23, p. 119-146, jul. 1999.
- THOMPSON, E.P. **A Formação da Classe Operária Inglesa: a árvore da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.
- _____. **A Miséria da Teoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- _____. **Folclore, antropologia e história social**. In: A. L. Negro; S. Silva (orgs.). As peculiaridades dos ingleses e outros artigos. Campinas: Editora UNICAMP, 2001, p. 203-281.
- WEINSTEIN, Bárbara. **(Re) Formação da Classe Trabalhadora no Brasil (1920-1964)**. Tradução: Luciano Vieira Machado. São Paulo: Cortez: CDAPH – IFAN – Universidade São Francisco, 2000.
- ZICMAN, Renée Barata. **História através da imprensa: algumas considerações metodológicas**. In. Revista Projeto História. São Paulo. Editora da NPUC/SP, Vol. 4, 1985, p.p 89-102.